

JOÃO CARLOS ALMEIDA

**Léon Dehon: Educação Integral
ideário pedagógico e missão institucional**

Tese apresentada à Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo para a obtenção do título de Doutor em Educação.

Área de Concentração: Educação
Orientador: Prof. Dr. Luiz Jean Lauand

São Paulo
2007

AUTORIZO A REPRODUÇÃO E DIVULGAÇÃO TOTAL OU PARCIAL DESTE TRABALHO, POR QUALQUER MEIO CONVENCIONAL OU ELETRÔNICO, PARA FINS DE ESTUDO E PESQUISA, DESDE QUE CITADA A FONTE.

Catálogo na Publicação
Serviço de Biblioteca e Documentação
Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo

37.01 Almeida , João Carlos.

A447L Léon Dehon : Educação Integral : ideário pedagógico e missão institucional / João Carlos Almeida ; orientação Luiz Jean Lauand. São Paulo, SP ; s.n., 2007. 226p.

Tese (Doutorado) - - Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo.

1. Filosofia da educação 2. Educação integral 3. Dehon, Léon, 1843-1925
I. – Lauand, Luiz Jean, orient.

FOLHA DE APROVAÇÃO

João Carlos Almeida

Léon Dehon: Educação Integral
ideário pedagógico e missão institucional

Tese apresentada à Faculdade de Educação da
Universidade de São Paulo para obtenção do título de
Doutor.
Área de Concentração: Educação

Aprovado em:

Banca Examinadora

Prof. Dr. _____

Instituição _____ Assinatura _____

Prof. Dr. _____

Instituição _____ Assinatura _____

Prof. Dr. _____

Instituição _____ Assinatura _____

Prof. Dr. _____

Instituição _____ Assinatura _____

Prof. Dr. _____

Instituição _____ Assinatura _____

DEDICATÓRIA

Dedico esta tese à minha mãe, Maria da Glória Almeida, educadora incansável, que sabe na prática o que significa a Educação Integral. Professora já aos quinze anos, venceu as diversas etapas acadêmicas alcançando a pós-graduação; venceu também a tentação de aposentar-se da sagrada missão de educar. Permanece indo de escola em escola, como presidente do Conselho Municipal Antidrogas, de Brusque-SC (COMAD). A vida desta mulher é um dos principais livros da biblioteca que trago no coração e que ilumina minha pesquisa. Mesmo sem estar nas notas de rodapé, está nas entrelinhas!

AGRADECIMENTOS

Ao Prof. Dr. Luiz Jean Lauand, amigo e orientador incansável que soube me conduzir pelo bom caminho.

À Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo pela acolhida cordial e eficiente. Não faltaram sorrisos nem competência. Jamais esquecerei as aulas, os encontros... tudo. Levarei a referência de qualidade da USP aonde chegarem meus passos de educador.

Aos companheiros da Congregação dos Padres do Sagrado Coração de Jesus, especialmente o pessoal do Colégio Internacional e do Centro de Estudos, em Roma, pela acolhida cordial que tive durante minhas pesquisas nos Arquivos Dehonianos, nos anos de 2005-2006.

Aos companheiros e companheiras da Faculdade Dehoniana, em Taubaté, que mais uma vez souberam entender minha “pedagogia da ausência”. Volto com fôlego total após este recuo acadêmico.

À CAPES, pela bolsa de estudos que tornou possível boa parte de minhas pesquisas.

*Elever un chrétien, c'est encore former un
homme de cœur, un homme de sacrifice e
de dévouement, un homme qui ait secoué le
joug de l'égoïsme.*

OSC IV, p. 278

LÉON DEHON - 1877

2007

130 anos da fundação do Colégio São João, por Léon Dehon – 1877

120 anos do primeiro livro de Léon Dehon, sobre Educação – 1887

Último ano da Década da Educação, prevista pela LDB – 1997-2007

RESUMO

ALMEIDA, J.C. *Léon Dehon: Educação Integral: ideário pedagógico e missão institucional*. 2007. 226p. Tese (Doutorado) - Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo 2007.

O *objetivo* desta pesquisa foi identificar o modo como a perspectiva de uma Educação Integral orientou as idéias pedagógicas de Léon Dehon e como seria possível traduzir e atualizar esta “visão” sob a forma de “missão”, que expresse a identidade de uma Instituição de Educação Superior (IES), inspirada no ideário pedagógico dehoniano. Esta também é a *contribuição* principal que pretendemos dar às IES que buscam caminhos para a elaboração formal de sua identidade institucional. A *natureza* do trabalho é, portanto, de uma *pesquisa teórica*, com fontes basicamente bibliográficas. A *contextualização* é feita na primeira parte da tese em que situamos o autor na França do século 19, que assistiu o nascimento da escola laica e seu conflito com a escola confessional. Revisitamos os principais debates em torno desta questão. A *fundamentação teórica* é buscada nos discursos educacionais pronunciados por Léon Dehon a partir de 1877, nos quais ele defende a educação segundo o ideal cristão. Merece destaque a descoberta e análise de um discurso pronunciado em 1888 e até agora não publicado. Utilizando o gênero das fábulas de La Fontaine, Dehon contrasta as características dos bons e dos maus educadores. Nossa *metodologia* foi a leitura contextualizada de alguns escritos deste autor, com pesquisa nos originais preservados nos Arquivos Dehonianos, em Roma. Portanto, na seleção das *fontes* privilegiamos os escritos do próprio Dehon. O *resultado* de nossa pesquisa pode ser verificado no último capítulo, em que procuramos elaborar uma síntese das principais idéias pedagógicas de Dehon, que apontam para a noção de Educação Integral, que é atualmente um conceito em reconstrução, indicado inclusive no artigo 87 da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB). Um segundo resultado, que julgamos relevante, está expresso em nossas *conclusões*, nas quais ensaiamos a passagem da “visão educacional” dehoniana para a “missão institucional”, que indica a identidade de uma IES inspirada naquela visão. Em toda esta trajetória o conceito de Educação Integral é uma linha transversal que dá coerência e atualidade ao pensamento pedagógico de Dehon sendo, assim, sua principal contribuição para os educadores de nossos dias.

Palavras-chave: Educação Integral. Pedagogia. Filosofia da educação.

ABSTRACT

ALMEIDA, J.C. *Léon Dehon: Integral Education: pedagogical ideas and institutional mission*. 2007. 226p. Thesis (Doctoral) - Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo 2007.

The objective of this research was to identify the way how the perspective of an Integral Education has orientated the pedagogic ideal of Léon Dehon and how would it be possibly translated and focused on this “vision” under the form of “mission” which expresses the identity of an Institution of Superior Teaching inspired on the dehonian pedagogic ideal. This is also the main *contribution* which we pretend to give to the Institution of Superior Teaching searching the ways for the formal building of their institutional identity. The nature of this work is, then, a theoretical research, basically with bibliographical sources. The context is done at the first part of the Thesis which tries to picture the author in the France of the 19th century, attending to the origins of the secular school and its conflict with the confessional school. We have been returning to the main debates about this question. We looked for the *theoretical fundamentals* in the educational speeches pronounced by Léon Dehon since 1877, in which he stands for the education according to the Christian ideal. We must remark the discovery of a speech pronounced at 1888 and till now not yet published. Using the style of La Fontaine's fables, Dehon makes the contrast between the good and the bad educators. Our *methodology* has been the lecture of some writings of the author in its context, researching on the originals conserved in the Dehonian Archives, in Rome. Therefore, selecting the *sources*, we privileged Dehon's own writings. The *result* of our research can be verified in the last chapter where we tried to make a synthesis of the main Dehon's pedagogical ideas, pointing to the notion of Integral Education, a concept that has been rebuilt nowadays, and just appointed at the 87th art. of the Brazilian Law of Directing and Basis of Education (LDB). A second result which we think as remarkable is expressed in our *conclusions*, in which we tried to pass from the dehonian “educational view” to the “institutional mission” that indicates the identity of an Institution of Superior Teaching inspired in that view. During this entire trajectory, the concept of Integral Education has been a transversal line giving consistency and topicality to Dehon's pedagogical thought, being then his main contribution for our contemporary educators.

Keywords: Integral Education. Pedagogy. Philosophy of education.

LISTA DE SIGLAS

Referentes à Obra de Léon Dehon:

<i>NHV</i>	<i>Notes sur l’Histoire de ma vie</i> – Memórias
<i>NQT</i>	<i>Notes Quotidiennes</i> – Diário (indicaremos sempre o ano)
<i>OSC</i>	<i>Œuvres Sociales</i> – Obras Sociais
<i>OSP</i>	<i>Œuvres Spirituelles</i> – Obras Espirituais
<i>CFL</i>	<i>Cahiers Falleur</i> – Registros do aluno Falleur

Outras siglas:

AD	Arquivos Dehonianos
B	<i>Boîte</i> (onde o Arquivo Dehoniano preserva os documentos originais)
<i>CST</i>	Constituições SCJ
<i>EnchEnc</i>	LORA, E. (ed.). <i>Enchiridion delle Encicliche 1831-1922</i> . Bolonha: EDB, 1995-1998.
<i>EnchVat</i>	LORA, E. (ed.). <i>Enchiridion Vaticanum</i> , Bolonha: EDB, 1962-2004.
ASS	<i>Acta Sanctæ Sedis</i> , Roma 1865-1908.
AAS	<i>Acta Apostolicæ Sedis</i> , Roma 1909ss.
IES	Instituição de Educação Superior
SINAES	Sistema Nacional de Avaliação do Ensino Superior
LDB	Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – Lei nº 9.394 de 20 de dezembro de 1996.
inv.	Inventário das Obras e documentos referentes a Léon Dehon.
GS	CONCÍLIO VATICANO II. “Gaudium et spes, Constituição pastoral sobre a Igreja no mundo contemporâneo”. In <i>EnchVat</i> , I, pp. 772-965.
CONAES	Comissão Nacional de Avaliação da Educação Superior
PDI	Plano de Desenvolvimento Institucional
PPI	Projeto Pedagógico Institucional
MEC	Ministério da Educação
INEP	Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	21
1 Relevância atual do tema e motivação pessoal.....	21
2 Objeto e problema da pesquisa.....	25
3 Método, fontes e procedimentos.....	25
4 Quadro teórico.....	28
5 Originalidade do estudo.....	28
6 Itinerário da tese	29

PRIMEIRA PARTE OS CONTEXTOS DE LÉON DEHON

CAPÍTULO I: O contexto histórico.....	33
1 Um século de muitos contrastes.....	33
2 Clericalismo X anti-clericalismo.....	36
3 A consolidação do Estado laico na educação.....	38
4 “Coisas novas” na virada do século.....	43
CAPÍTULO II: O contexto vital – Dehon aprendiz.....	47
1 Origens, infância e estudos iniciais.....	48
2 Estudante universitário em Paris.....	50
3 Estudos eclesiais em Roma.....	52
4 Primeiros projetos educacionais.....	55
CAPÍTULO III: O contexto prático e teórico – Dehon educador.....	59
1 Primeiros desafios e fundações.....	59
1.1 <i>O Patronato São José</i>	60
1.2 <i>Convite para ser professor universitário</i>	61
1.3 <i>A atração por uma vida mais contemplativa</i>	62
1.4 <i>O Colégio São João</i>	65
2 Léon Dehon escritor.....	67

SEGUNDA PARTE
OS TEXTOS EDUCACIONAIS DE LÉON DEHON

CAPITULO IV: Análise de um discurso programático.....	77
1 Considerações preliminares.....	78
1.1 <i>Contexto em que os discursos foram pronunciados e publicados.....</i>	78
1.2 <i>Estrutura do texto e gênero literário dos discursos.....</i>	83
2 O discurso programático “Sobre a Educação Cristã” (1877).....	87
2.1 <i>O objetivo da educação e ensino.....</i>	88
2.2 <i>Os instrumentos pedagógicos.....</i>	91
2.2.1 <i>Os professores.....</i>	91
2.2.2 <i>Os livros.....</i>	93
2.3 <i>O método educacional.....</i>	95
2.4 <i>Os frutos de uma educação cristã.....</i>	99
CAPITULO V: Outros discursos educacionais.....	101
1 Discurso “Sobre as Letras Cristãs” (1878).....	101
1.1 <i>O valor literário da Bíblia.....</i>	102
1.2 <i>A patrologia grega e latina.....</i>	103
1.3 <i>A literatura cristã francesa.....</i>	104
1.4 <i>A fé como chave da história.....</i>	104
2 Discurso “Sobre o Patriotismo Cristão” (1879).....	105
2.1 <i>Contexto político-ecclesial.....</i>	106
2.2 <i>Apologia do patriotismo cristão.....</i>	107
3 Discurso “Sobre as Virtudes da infância” (1880).....	109
4 Discurso “Sobre a harmonia entre a ciência e a fé” (1882).....	112
5 Discurso “Sobre o estudo da história” (1885).....	114
6 Discurso “Sobre o estudo da geografia” (1886).....	115
7 Sermão sobre “A devoção ao Sagrado Coração” (1885).....	117
8 Discurso “Sobre a história local de Saint-Quentin” (1887).....	119
9 Discurso “Sobre a educação do caráter” (1891).....	120
10 Discurso “Sobre o Departamento de L’Aisne” (1893).....	124
CAPITULO VI: Discursos aos antigos alunos.....	129
1 A “criação” da Associação dos Antigos Alunos (1884-1896).....	130
2 O “cultivo” do ideal educacional (1897-1913).....	135
3 A “resistência” durante a guerra (1914-1918).....	140
4 Um “novo começo” (1819-1824).....	142
CAPITULO VII: Um discurso inédito “Sobre a Educação”.....	145
1 Contexto e relevância.....	146
2 O tema, a tese e a justificativa do discurso.....	147
2.1 <i>O tema.....</i>	147
2.2 <i>A tese de fundo.....</i>	149
2.3 <i>A justificativa do discurso.....</i>	150
3 Exemplos de maus educadores.....	151
3.1 <i>Aves de rapina.....</i>	151
3.2 <i>Pássaros da noite.....</i>	153
3.3 <i>O avestruz preguiçoso.....</i>	154

3.4	<i>O pavão vaidoso</i>	155
4	Exemplos de bons educadores.....	156
4.1	<i>Nobres e valorosos</i>	156
4.2	<i>Suaves e bondosos</i>	158
4.3	<i>Dinâmicos e previdentes</i>	159
4.4	<i>Amáveis e amigos</i>	160
4.5	<i>Artistas, delicados, místicos e sentimentais</i>	161
5	Aplicação prática.....	167
CAPITULO VIII: O conceito de Educação Integral em Léon Dehon		171
1	O ideário pedagógico dehoniano.....	172
1.1	<i>A visão de um ex-aluno e sucessor</i>	172
1.2	<i>Ensaio de síntese</i>	175
1.2.1	<i>A Educação Integral e a abertura para o transcendente</i>	176
1.2.2	<i>Pedagogia da Dádiva</i>	177
1.2.3	<i>Pedagogia da Cordialidade</i>	178
1.2.4	<i>Pedagogia da Restauração</i>	180
1.2.5	<i>Pedagogia da Presença</i>	181
1.2.6	<i>Pedagogia da Ausência</i>	181
1.2.7	<i>A síntese entre ternura e vigor</i>	182
1.2.8	<i>Pedagogia do Concreto</i>	182
1.2.9	<i>Educar a partir do compromisso</i>	183
1.2.10	<i>A centralidade do educando</i>	183
1.2.11	<i>Atenção ao local e ao universal</i>	184
1.2.12	<i>A (m)paternidade “espiritual” do professor</i>	184
1.2.13	<i>Reencantar a educação</i>	183
1.2.14	<i>Pedagogia do amor e do humor</i>	184
1.2.15	<i>A síntese entre contemplação e ação</i>	184
2	Alguns referenciais teóricos.....	187
3	Uma possível releitura de Dehon.....	196
ENSAIO CONCLUSIVO: Da visão educacional para a missão institucional		201
1	Marco legal.....	201
2	Duas formulações da missão institucional.....	203
3	Pressupostos e parâmetros para a verbalização da missão.....	205
4	Proposta de enunciado para a missão institucional dehoniana.....	207
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS		209
1	Obras de Léon Dehon.....	209
1.1	<i>Escritos autobiográficos</i>	209
1.2	<i>Cartas</i>	209
1.3	<i>Obras Sociais</i>	210
1.4	<i>Obras Espirituais</i>	211
1.5	<i>Escritos para a Congregação</i>	212
1.6	<i>Outros escritos</i>	213
1.7	<i>Alguns manuscritos inéditos</i>	214
1.8	<i>Escritos de Dehon registrados por secretários</i>	214
2	Obras sobre Léon Dehon.....	215
3	Obras de apoio.....	218
4	Endereços na Internet.....	226

INTRODUÇÃO

1 Relevância atual do tema e motivação pessoal

Aparentemente estão superados os ventos da funcionalização e da fragmentação da educação, típicas da modernidade. Não há mais quem defenda convictamente o avanço das especializações ao custo da perda da visão do todo. Palavras como inter ou transdisciplinaridade aparecem como ideais que habitam a maioria dos artigos científicos sobre educação e cada sala de aula do país¹. Quem lê com lucidez a história, percebe que já começou um novo tempo em que educar será mais do que simplesmente preparar alguém para o mercado de trabalho. Já aprendemos que é muito mais do que apenas “treinar” ou “instruir”. O reencantamento da educação passa pelo ideal de desenvolver o ser humano como um todo. É isso que muitos, desde Pestalozzi, passando por Dewey², chamaram de Educação Integral.

No Brasil, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB - Lei nº 9.394), em seu artigo 87 instituiu uma “Década da Educação” a partir de sua publicação, em 1996. O mesmo artigo, no parágrafo 5º, determinava “a progressão das redes escolares públicas urbanas de ensino fundamental para o regime de escolas de tempo integral”³. Com isso o velho tema da *Educação Integral* foi colocado novamente no centro do cenário educacional brasileiro. O ano de 2007, que escolhemos para a defesa de nossa tese de doutorado, é o último da “Década da Educação” anunciada pela LDB. Porém, o conceito de Educação Integral ainda está em construção. Certamente não se resume no aumento da carga-horária que os alunos passam na escola. É evidente a relevância deste debate para os que querem pensar os fundamentos de

¹ Cf. M. GADOTTI, “Interdisciplinaridade: Atitude e método”, in IDEM, *Perspectivas atuais da educação*, pp. 221-226.

² A relação da Educação Integral com a Escola Nova, a partir de Dewey, ficou demonstrada na tese de doutorado de Ana Maria Cavaliere, na UFRJ: *Escola de educação integral*. As idéias principais podem ser consultadas em: A.M. CAVALIERI, “Educação integral: uma nova identidade para a escola brasileira?”

³ É certo que o conceito de Educação Integral insinuado pela LDB, principalmente nos artigos 34 e 87, ainda estão basicamente focados sobre o aumento gradativo do tempo que o aluno deveria passar na escola. Fala-se, neste contexto, de “Escola de Tempo Integral”. Mas existe também outra perspectiva na lei, que é o estímulo para a parceria da escola com outras instituições voltadas para a educação (art. 3º, item 10). Uma boa análise da questão: A.S. GONÇALVES, “Reflexões sobre educação integral e escola de tempo integral”. pp. 129-135.

uma educação para todos (quantitativa) que eduque a pessoa como um todo (qualitativa). Apenas para ilustrar a atualidade do tema, entre os dias 15 e 17 de agosto de 2006, a Fundação Itaú Social, o Fundo das Nações Unidas para a Infância (Unicef) e o Centro de Estudos e Pesquisas em Educação, Cultura e Ação Comunitária (CENPEC), realizaram no Memorial da América Latina, em São Paulo, um Seminário, em nível nacional, com o tema: “Tecendo Redes para a Educação Integral”. Projetos pedagógicos, políticas públicas e propostas avaliativas, foram colocados abertamente em debate⁴. Portanto, vemos que o tema é relevante, atual e vasto.

A construção coletiva deste conceito central e “gerador” exige um recuo acadêmico e a revisão da obra de tantos autores que com a vida e as palavras contribuíram para indicar caminhos. Nesta tese pretendemos simplesmente entender de que modo a perspectiva de uma Educação Integral orientou as idéias pedagógicas de Léon Dehon (1843-1925). Educador francês do século 19, esteve intensamente envolvido no drama histórico que viu nascer o Estado e a escola laicos. Sacerdote católico e fundador de um colégio ao norte da França, suas idéias permanecem vivas nas obras dos “Dehonianos”, Congregação religiosa que fundou e que mantém inúmeros colégios e universidades em todo o mundo⁵.

A análise de sua vida e do contexto histórico em que viveu nos ajudam a entender o ambiente onde foi gestado o mundo moderno e a atual organização do universo educacional, inclusive no Brasil⁶. Seus discursos educacionais, esquecidos pelo tempo, registram a memória do debate entre profissionalidade e educação laica. A Educação Integral pode ser hoje um “ponto de encontro” para educadores das mais diversas tendências e convicções, em benefício de uma educação, onde a recuperação do encanto e da solidariedade ajude a superar

⁴ As contribuições deste Seminário foram reunidas na publicação comemorativa: A.C. ARRUDA – S. DIAS, (org.), *Tecendo Redes para Educação Integral*. O número 2 dos CADERNOS CENPEC (2006) traz o tema “Educação Integral” com artigos e estudos de caso elaborados por pesquisadores do CENPEC e convidados.

⁵ Hoje a Congregação dos Sacerdotes do Sagrado Coração de Jesus conta com 2.197 membros, espalhados por quarenta países. Além de outras obras, possui 24 colégios e 10 instituições de nível universitário. Estatística de 31.12.2005. CONGREGATIONIS SACERDOTUM A SACRO CORDE JESU, *Informationum Nuntius*. Suplemento ao nº 2, Roma 2005, p. 1. O site oficial é www.dehon.it <acesso em 30.12.2006>.

⁶ A partir da segunda metade do século 19, França e Estados Unidos começam a ser uma forte referência para a educação pública no Brasil, através da leitura pela elite ilustrada brasileira de obras como: C. HIPPEAU, *L'instruction publique aux États-Unis: écoles publiques, collèges, universités, écoles spéciales*. As principais propostas da reforma educacional da Terceira República francesa assimiladas no Brasil eram: a descentralização da educação atingindo a todos, gratuidade, obrigatoriedade, formulação de um sistema nacional de educação, garantia da formação de professores, mecanismos de financiamento da educação, liberdade do ensino, educação popular, instrução pública, defesa da laicidade no ensino.

miopias ideológicas e estabeleça as bases para um mundo de paz. Mais do que no clima apologético do debate, estamos interessados em identificar os fundamentos de uma concepção educacional que considere o humano em sua totalidade. Esta perspectiva integral está presente tanto nos argumentos dos defensores da escola laica como nos ideais dos adeptos da educação confessional. Revisitando o debate intenso do século 19, principalmente na França, poderemos descobrir aspectos que ajudem a explicitar os fundamentos filosóficos da Educação Integral em nossos dias.

O Colégio São João, que Dehon fundou, em 1877, existe até hoje⁷. No Brasil, entre outros, poderíamos citar a UNISUL, que surgiu a partir do Colégio Dehon, em Tubarão, Santa Catarina, fundado pelos dehonianos há sessenta anos. O Colégio e a missão institucional são mantidos pela universidade até os dias de hoje, ainda que não existam mais os vínculos institucionais de origem⁸. Outra Instituição de Educação Superior (IES) com raiz em Dehon é a Faculdade Dehoniana, em Taubaté-SP. Sua origem, em 1924, é ligada ao estudo da Teologia. Hoje, é uma faculdade credenciada pelo MEC, que oferece diversos cursos em nível de graduação e pós-graduação⁹. Mantém o vínculo institucional com os dehonianos.

Ao assumirmos a direção geral da Faculdade Dehoniana, em 2001, nos encontramos diante do desafio de explicitar a “Missão Institucional” desta Instituição de Ensino Superior, radicada na visão educacional de Dehon. Esta motivação pessoal adquiriu especial relevância com a consolidação da nova legislação referente ao ensino superior¹⁰. A tese de doutorado em educação foi o espaço qualificado para colocar luzes sobre a obra pouco conhecida de Dehon,

⁷ Hoje o nome do Colégio é *St-Jean – La Croix*, pois se uniu a outro colégio confessional da cidade. Sua realidade atual pode ser conferida no site oficial do colégio: <http://www.st-jean02.org/html/cadre.htm>. <Acesso em 10.01.2007>. Possui atualmente 2.440 alunos, que representam 1.800 famílias; 140 professores; 70 funcionários. O diretor é leigo e chama-se François Colin. Apesar de manter o nome e o ideal dehoniano, não encontramos nenhuma referência a Léon Dehon no site do colégio.

⁸ Cf. <http://www.unisul.br/content/site/Cursos/colégiodehon/> <acesso em 26.12.2006>.

⁹ A FACULDADE DEHONIANA foi credenciada em 2001, através da Portaria do MEC nº 2.358 de 05.11.2001, publicada no Diário Oficial da União no dia seguinte. Maiores informações estão disponíveis em www.dehoniana.org.br <acesso em 26.12.2006>.

¹⁰ Com a promulgação do Decreto nº 3.860, em 09 de julho de 2001, que dispõe sobre a organização do ensino superior, a avaliação de cursos e instituições, e dá outras providências, ficou instituída formalmente na organização das Instituições de Educação Superior (IES) a exigência de um Plano de Desenvolvimento Institucional (PDI) (cf. Art 17, II, a). A necessidade de elaborar este PDI ficou consolidada pela recente Lei nº 10.861, de 14 de abril de 2004, que instituiu o Sistema Nacional de Avaliação da Educação Superior (SINAES). Segundo esta normatização as IES deverão ser avaliadas em relação à “Missão Institucional” expressa em seu PDI (cf. Art 3º, I). Esta lei foi aperfeiçoada pelo chamado “Decreto-Ponte”: Decreto nº 5.773, de 9 de maio de 2006.

identificar seu ideário pedagógico e seu impacto sobre a Missão de uma IES inspirada nesta “visão”. Encontramos muitos textos ainda inéditos, preservados nos arquivos dehonianos, em Roma. Percebemos que a memória de Léon Dehon, como educador, foi esquecida, mesmo entre seus seguidores. No Brasil não consta nenhum trabalho acadêmico sobre este tema. Estes elementos nos motivaram a enfrentar o desafio de situar as idéias deste educador francês no complexo século 19. Mais do que simplesmente entender o pensamento de um autor, identificamos as raízes de nossos debates educacionais mais recentes¹¹.

Outra motivação se refere à relevância já indicada do tema “Educação Integral”. No entanto, a polissemia do termo “integral” exige um recuo teórico que pense esta categoria com um pouco mais de cuidado e precisão. Josef Pieper, por exemplo, adverte que a “Abertura para o Todo” é a “Chance da Universidade”¹². Evocando os ideais da academia de Platão, este autor lembra que a *universitas* “está relacionada com a totalidade do real, com o mundo como um todo”¹³, baseada na essência da própria realidade do homem como ser espiritual. Toda essa articulação foi estudada por Lauand em sua obra – uma tese de doutoramento sobre Pieper e a educação integral - *O que é uma universidade*. Esses estudos apontam para o fato de que, compreender a realidade em sua totalidade está no cerne da noção de filosofar que, desta maneira, naturalmente, ocupa o “centro da universidade”. Ela dá coerência ao mosaico das ciências. Somente esta breve pontuação já abre inúmeras perspectivas, de modo que é possível prever a relevância desta pesquisa sobre Educação Integral para o próprio debate sobre o significado da Educação Superior, hoje, em nosso país. Isto nos motiva a seguir em frente. É necessário superar a visão da Educação Integral apenas quantitativa, ou seja, aumentar o tempo que os educandos passam na escola, e encontrar um viés mais qualitativo, que indique formas de educar a pessoa em suas múltiplas dimensões.

¹¹ O “esquecimento” da visão integral de educação de alguns filósofos-educadores do século 19, principalmente Pestalozzi, foi claramente demonstrada por Dora INCONTI, *Pestalozzi, Educação e Ética*. Breve artigo da autora sobre o mesmo argumento está disponível em <http://www.hottopos.com/rih6/dora2.htm> <acesso em 26.12.2006>.

¹² Cf. J. PIEPER, *Abertura para o todo – a chance da universidade*.

¹³ *Ibidem*.

2 Objeto e problema da pesquisa

O enfoque e a extensão do tema desta tese de doutorado foram amadurecidos aos poucos no diálogo com o orientador. O contato com as fontes diretas do autor ajudou a estabelecer um mapa de relevância que obrigou a fazer algumas escolhas para não cair no equívoco de dizer quase nada sobre tudo e quase tudo sobre nada. Percebemos, na Educação Integral, um eixo coerente de leitura das obras e da vida deste educador, que merecem ser explicitados. As idéias educacionais de Dehon permanecem com uma atualidade que, às vezes, surpreende. Julgamos pertinente concentrar nossos esforços na leitura de seus discursos educacionais.

Estamos convencidos de que uma tese de doutorado não é mais do que uma boa e original resposta, para uma ótima e relevante pergunta. Nosso objeto de pesquisa poderia ser problematizado nas seguintes questões:

- De que modo a perspectiva de uma Educação Integral orientou as idéias pedagógicas de Léon Dehon?
- Como esta visão educacional pode ser expressa sob a forma de missão institucional?”

Podemos identificar, portanto, três elementos que compõem este problema: as idéias pedagógicas de Léon Dehon, a Educação Integral e a Missão Institucional. O primeiro é o campo de nossa pesquisa, o segundo é o eixo transversal que procuraremos explicitar em sua obra e o terceiro é a atualização prática de sua visão.

3 Método, fontes e procedimentos

Como procedimento metodológico fizemos a leitura de *fontes principais*, diretas e indiretas, situando-as no seu contexto histórico e vital por meio da leitura de *fontes secundárias*¹⁴. As mais importantes *fontes diretas* são seus escritos autobiográficos: *Notes sur*

¹⁴ Consideramos “fontes principais” os escritos de Léon Dehon. São “diretas” quando temos evidências de que a autoria é de Dehon. Há, porém, escritos dehonianos que foram registrados por algum secretário, mas a antiguidade e outras evidências históricas permitem admitir que são registros autênticos e confiáveis das suas idéias. Neste caso consideramos fontes principais indiretas. As fontes secundárias são compostas de biografias, monografias, e outros textos que se referem a Dehon ou à sua época.

l'Histoire de ma vie, que cobrem o período 1843 a 1888, e que são conhecidos como *Memórias*¹⁵; e *Notes Quotidiennes*, que é o seu *Diário*, escrito de 1867 a 1870 e, depois, de 1886 a 1925¹⁶. Sua visão educacional está concentrada no livro *L'Éducation et L'Enseignement selon l'idéal chrétien*¹⁷. Analisamos também outros discursos educacionais posteriores, pronunciados na cerimônia anual de “Distribuição de Prêmios” do Colégio São João, porém, não incluídos nesse livro. Trouxemos à luz um discurso de Léon Dehon, jamais publicado e, de autoria comprovada, que encontramos em nossas pesquisas nos Arquivos Dehonianos, em Roma. Utilizando o gênero literário de *La Fontaine*, ele utiliza o exemplo de pássaros para exprimir, com simplicidade, sua visão sobre educação.

Consideramos *fontes indiretas* aqueles escritos que, pelo seu gênero ou antiguidade, revelam uma face importante de Dehon, porém não têm com ele um vínculo autoral absoluto. Nesta categoria, analisamos os registros dos discursos que Dehon teria feito nas assembleias anuais da Associação dos Antigos Alunos do Colégio São João. Para isso foi necessário fazer uma busca nas atas destas reuniões, preservadas nos Arquivos Dehonianos. Apesar de a autoria desses textos ser de algum secretário *ad hoc*, sua importância é fundamental pelo conteúdo e por revelar, de modo único, a face de Dehon, educador¹⁸. Portanto, nossa pesquisa é basicamente bibliográfica.

Na primeira parte desta tese, focalizaremos nosso olhar sobre o contexto histórico, teórico, prático e vital. Na segunda parte, focalizaremos diretamente os escritos educacionais de Dehon. Nestas duas aproximações complementares teremos o cuidado fenomenológico de enfrentar o maior número possível de perspectivas e angulaturas, de modo a formar uma idéia mais completa do “objeto de pesquisa”. A redação da tese seguirá o método descritivo nos primeiros sete capítulos e hermenêutico no oitavo capítulo e no ensaio conclusivo. É

¹⁵ L. DEHON, *Notes sur l'histoire de ma vie* (1843-1888), 8 Volumes, Centro Generale Studi SCJ: Roma, 1975-1979. Publicação aos cuidados de G. MANZONI. São 15 cadernos negros (formato 25 x 19). Cobre o período que vai do seu nascimento em 14.03.1843 ao dia 06.09.1888.

¹⁶ L. DEHON, *Notes Quotidiennes* (1867-1870 e 1886-1925), 5 Volumes, Centro Generale Studi SCJ: Roma, 1985-1998. É uma obra conhecida também como *Diário*, dividido em duas partes, a primeira começa em 13.12.1867 e termina em 20.02.1870. A segunda parte começa em 28.01.1886 e termina em julho de 1925. São 45 cadernos de cor marrom.

¹⁷ L. DEHON, “L'Éducation et L'Enseignement selon l'idéal chrétien”, in *OSC IV*, pp. 265-394, Edizioni Dehoniane: Roma, 1985. O original foi publicado por: Retaux-Bray: Paris, 1887.

¹⁸ O inventário completo dos escritos e documentos dehonianos encontra-se disponível em <http://www.knowhowsphere.net> <acesso em 26.12.2006>.

importante destacar nosso esforço em manter certa isenção típica do olhar filosófico. Esta é a categoria epistemológica adotada em nossa leitura e também em nosso discurso. Porém, não acreditamos que seja possível um olhar totalmente neutro. Nosso compromisso existencial com a tradição pedagógica dehoniana, longe de distorcer, ajuda a compreensão e, mais que isso, estimula ao conhecimento prático, orgânico, que nasce do compromisso e volta para a realidade com potencial transformador.

Para realizar esta pesquisa nosso primeiro passo concreto foi o levantamento completo das obras do autor e dos melhores comentaristas de seus escritos. Para tanto, tivemos que nos deslocar para Roma, de agosto de 2005 a julho de 2006. Encontramos cerca de 35.000 documentos originais nos Arquivos Dehonianos. Tivemos a oportunidade de entrevistar especialistas em Dehon e ler grande parte da obra publicada deste autor no original, em francês. Investimos algum tempo procurando documentos originais, ainda não publicados, como atas, cartas e registros autobiográficos.

Neste período visitamos o local onde nasceu e viveu Léon Dehon, ao norte da França, no departamento de L'Aisne. Em sua pequena cidade natal, La Capelle, encontramos um arquivo com alguns livros de sua biblioteca particular, ainda preservados na casa onde ele nasceu, hoje pertencente aos Dehonianos. Em Saint-Quentin, visitamos as dependências do Colégio São João. O conhecimento do local onde Dehon viveu grande parte de sua vida foi importante para compreender algumas metáforas geográficas e culturais que ele utiliza.

Fizemos uma leitura exploratória do material e identificamos o que seria mais pertinente ao nosso propósito. Uma segunda leitura, mais aprofundada, foi acompanhada do fichamento. Com isso já foi possível resolver com o orientador qual seria o esquema mais apropriado para expressar o “ideário pedagógico” de Dehon. Para uma terceira leitura foi necessário um estudo mais aprofundado da história da França no século 19 e das idéias pedagógicas deste período. Enquadramos, deste modo, o pensamento educacional de Dehon no marco da reforma educacional promovida pela Terceira República e procuramos refazer os debates em torno da confessionalidade e laicidade do ensino. Como último procedimento, enfrentamos a redação, de modo que o texto mantivesse o equilíbrio entre o rigor e a forma, o saber e o sabor.

4 Quadro teórico

O próprio Léon Dehon insere seu pensamento educacional em um quadro teórico específico. Em 1877, ele inicia uma série de discursos educacionais com uma frase emblemática: “Senhores, nós nos apresentamos à vós como homens de educação”¹⁹. Esclarece que absorveu este conceito de Platão: “Educação é aquilo que dá ao corpo e à alma toda a beleza e toda a perfeição que é possível”²⁰. Entende que um sistema educacional depende da “idéia que se tem de homem perfeito”²¹. Por essa razão, afirma que a valor da educação cristã está no fato de ela ter como “seu objetivo e seu ideal a perfeição total e sobrenatural do homem nesta vida e na outra”²². Portanto, será necessário ler Dehon a partir de uma antropologia que considere o ser humano não só em sua imanência, mas com uma dimensão fundamental de abertura para a transcendência.

5 Originalidade do estudo

A leitura biográfica de Dehon permite ver nele três características fundamentais e de semelhante intensidade: educador da juventude, sociólogo e místico. Sua obra social e espiritual é muito estudada. Porém, o Dehon educador da juventude é ainda pouco conhecido. Alguns de seus escritos sobre educação sequer foram publicados.

Não encontramos registro de nenhuma tese de doutorado sobre este tema nem de algum livro sistematicamente organizado sobre o pensamento educacional de Dehon. O que existem são poucos artigos e alguns capítulos de livros. Das três principais biografias de Dehon, a primeira publicada por A. Ducamp, em 1936, dedica 33 de suas 766 páginas para retratar Dehon educador²³. A segunda, de H. Dorresteyjn, publicada em 1978, com notas e estudos de G. Manzoni, dedica 11 de suas 934 páginas para descrever a personalidade de Dehon

¹⁹ OSC IV, p. 274.

²⁰ OSC IV, p. 276. Refere-se ao diálogo Fédon.

²¹ OSC IV, p. 276.

²² OSC IV, p. 276.

²³ Cf. A. DUCAMP, *Le Père Dehon et son œuvre*, pp. 670-733.

enquanto ligada ao “ensino e à educação”²⁴. A biografia publicada por G. Manzoni, em 1989, em suas 576 páginas não estuda o perfil educacional de Léon Dehon²⁵.

O estudo recente mais importante sobre Dehon educador, aconteceu no primeiro Encontro Internacional de Educadores promovido pelos “Dehonianos”, em Salamanca de 2 a 11 de julho de 2001. O encontro teve o mérito de trazer novamente à tona o perfil de Dehon educador, iniciando uma reflexão sobre o significado de sua visão pedagógica e concluindo com uma Proposta Educativa Dehoniana²⁶. Uma das lacunas percebidas neste encontro foi justamente a falta de um estudo científico mais profundo e amplo sobre Dehon educador. Suprir esta lacuna é um dos propósitos de nossa pesquisa doutoral.

6 Itinerário da tese

Dividimos nossa tese em duas partes descritivas, precedidas por esta introdução técnica, finalizadas por um capítulo em estilo de epílogo conclusivo e por um ensaio conclusivo, que procurarão atualizar ou traduzir o pensamento de Dehon para os nossos dias.

A primeira parte focalizará o *contexto* em que viveu Léon Dehon. Somos filhos da modernidade. Por isso, facilmente caímos no erro do anacronismo ao lermos autores anteriores ao século 20. Costumamos utilizar nossas categorias contemporâneas, o que distorce e provoca juízos injustos com relação ao pensamento de autores, mesmo do recente século 19, que não tinham, por exemplo, a clara perspectiva do Estado laico. No Capítulo I, faremos este esforço para entrar na mentalidade da França do século 19, com seus contrastes e transformações. Dehon viveu intensamente cada um desses fatos. Sua visão integral da vida e sua ampla formação cosmopolita o faziam um leitor atento dos livros e dos jornais. É um homem do seu tempo. No Capítulo II, olharemos mais de perto os fatos marcantes da primeira fase da vida de Dehon, como aprendiz. A análise destes fatos é importante para compreender suas convicções teóricas. Ainda nesta primeira parte, no Capítulo III, descreveremos as

²⁴ Cf. H. DORRESTEIJN, *Vita e personalità di Pe. Dehon*, pp. 361-371.

²⁵ Cf. G. MANZONI, *Leone Dehon e il suo messaggio*. O autor analisa detalhadamente cada um dos principais escritos “sociais” e “espirituais” de Dehon, porém, não se refere ao seu primeiro livro sobre educação.

²⁶ As palestras, debates e documento final deste encontro estão publicados em: *Studia Dehoniana*, n. 45 (2002).

principais obras educacionais e escritos publicados por este autor. Ou seja, verificaremos uma segunda fase de sua vida, onde se manifesta o Dehon educador.

A segunda parte desta tese será dedicada aos *textos* de Léon Dehon que se referem explicitamente à educação. No Capítulo IV, faremos a análise do seu primeiro discurso educacional, pronunciado em 1877, por ocasião da fundação do Colégio São João. É um texto que foi publicado, após revisão, em 1887 e que sintetiza, de modo programático, o seu ideário pedagógico. No Capítulo V, passaremos em revista os outros discursos educacionais do autor que praticamente “desdobram” o programa educacional proposto no discurso de 1877. Os temas variam desde “as letras cristãs” até o estudo da história e da geografia. No Capítulo VI procuramos desvendar as palavras de Dehon durante as Assembléias dos Antigos Alunos. A leitura das atas revela um mestre espontâneo que sempre tem uma palavra de estímulo. O Capítulo VII é o coração da nossa pesquisa, pois trás à luz um discurso educacional inédito pronunciado por Dehon, em 1888. Descobrimos este texto em nossas pesquisas nos Arquivos Dehonianos, em Roma. O estudo comparativo nos levou a perceber elos de sentido entre este texto, em estilo de fábula, e o discurso programático de 1877, em estilo teórico. Passados cento e trinta anos (1877-2007), o pensamento de Dehon reaparece com uma atualidade que impressiona. Com isso já teremos elementos suficientes para realizar, no Capítulo VIII, um ensaio de síntese do ideário pedagógico de Léon Dehon. Verificaremos como a perspectiva de uma Educação Integral atravessa, de modo transversal, suas idéias e obras educacionais.

A Conclusão deste exercício acadêmico será, na verdade, um *ensaio* conclusivo, onde procuramos passar da identificação da visão educacional dehoniana para a elaboração de uma missão institucional inspirada neste ideal. Pensaremos não somente o conteúdo material deste processo, mas a forma de sua realização. Desta maneira, pretendemos prestar um serviço a todos aqueles que, em suas escolas e universidades, procuram elaborar a missão institucional como expressão de uma identidade com raízes em um pensamento forte.

PRIMEIRA PARTE

OS CONTEXTOS DE LÉON DEHON

CAPITULO I

O contexto histórico

A França do século 19 viu nascer o Estado laico. É um tempo em que as relações de poder eram outras e é muito fácil ao leitor apressado cair no equívoco do anacronismo, ao aplicar conceitos atuais a autores que viveram naquele tempo. Fizemos um estudo sobre a configuração da sociedade, política, religiosa e educacional do período em que viveu Léon Dehon. A reforma educacional promovida pela Terceira República, com o então ministro da instrução, Jules Ferry, praticamente coincide com a fundação do Colégio São João (1877-1879). Na mesma época, a Itália vive o drama de sua unificação. Dehon foi testemunha ocular dos episódios determinantes de 1870, com a entrada de Vittorio Emanuele (1849-1878) em Roma. Neste tempo, Dehon era estenógrafo do Concílio Vaticano I. O início do século 20 também é um período de muitas turbulências históricas, principalmente com a primeira Guerra Mundial. O Colégio São João é destruído e Dehon se dedica a reconstruí-lo. Seu relacionamento com os ex-alunos, neste tempo de guerra, é o revelador de seu ideário pedagógico e de sua noção central de Educação Integral. Neste capítulo procuraremos fazer este contraponto entre o autor e seu tempo, para entender o pensamento expresso em seus escritos educacionais.

1 Um século de muitos contrastes

Léon Dehon é filho do seu tempo. Este francês do século 19 viveu intensamente as profundas transformações que marcaram não apenas a França, mas todo o mundo ocidental. Não é possível entender seu pensamento sem situá-lo neste século de contrastes, pois seu modo de pensar é a partir do compromisso com a transformação da sociedade. Seu

pensamento, portanto, é prático e, seu método, indutivo. Ele tudo observa, lê os jornais, debate as grandes questões e emite seu parecer crítico. Tem interesse pela arte, geografia, história, arqueologia, economia, política, direito, filosofia, espiritualidade, teologia. Em seus escritos encontramos uma grande diversidade de olhares sobre a realidade¹. Mais do que observar os fatos, ele estabelece um diálogo com a história e, neste diálogo, vive sempre com ouvidos de aprendiz e coração de educador.

A complexa França do século 19 é como um eco tardio da grande revolução de 1789, cujo efeito final será a definitiva separação entre a Igreja e o Estado, em 1905². Política, sociedade, ciência, filosofia e religião estão em íntima relação neste tempo que viu nascer a revolução industrial, com todo seu progresso técnico, e entraria em crise de esperança com a primeira grande Guerra Mundial (1914-1918).

Dehon assistiu a este drama de um século em transição, não como espectador passivo, mas como ator. Ele nasce no tempo em que a França ocupava o centro do cenário europeu. Após a Revolução Francesa (1789-1799) e o Primeiro Império, com Napoleão Bonaparte (1799-1815), o Estado Católico havia sido fragilmente restaurado sob os governos de Luís XVIII e Carlos X (1815-1830), promovendo um significativo aumento do clero³. A burguesia liberal parecia sentir saudades da fé, mas apenas como instrumento para acalmar o ânimo dos proletários revoltados pela injustiça e sempre mais organizados em classe⁴. No seu íntimo os burgueses, em geral, preferiam respirar os ares do humanismo ateu de Voltaire e do positivismo cientificista de Augusto Comte. O pai de Léon Dehon, por exemplo, após seus estudos em Paris, compartilhava destas convicções⁵.

¹ Em seu diário, ele tem o hábito de registrar detalhes observados durante suas viagens que mostram um homem muito atento à realidade. Em sua passagem pelo estado da Bahia, no Brasil, por exemplo, chega a anotar em números exatos os produtos exportados e importados no ano de 1903. *NQT XXI/1906*, p. 66.

² Cf. G. MANZONI, *Leone Dehon e il suo messaggio*, pp. 20-45. Este período da história ainda permanece campo aberto para muitos estudos recentes, por exemplo o de CH. CHARLE, *Histoire sociale de la France au XIXème siècle*.

³ Neste período o clero secular francês passa de 36.000 para 40.500. Cf. MANZONI, *Leone Dehon e il suo messaggio*, p. 24.

⁴ Após 1848, já sob o governo de Luís Napoleão, a burguesia, temendo uma revolução socialista se aproxima cada vez mais da Igreja. Os operários, ao contrário, cada vez mais organizados sob o impulso da revolução industrial, tendem a se afastar gradativamente da religião.

⁵ *NHV I*, p. 4v. Lamennais dirá que, neste tempo, as escolas são “seminários de ateísmo e anticâmeras do inferno”. A. DANSETTE, *Histoire religieuse*, p. 206.

Os operários geralmente apoiavam suas reivindicações no socialismo nascente, ateu e materialista, e acabavam muitas vezes por se afastar da religião⁶. O clero, em grande parte mal formado, não manifestava muita sensibilidade para com as questões ligadas à justiça social. Sua resposta aos problemas da sociedade estava mais na linha de um humanismo católico romântico, que apresentava a linguagem do coração, do sentimento e da beleza do cristianismo. Sua preocupação era recristianizar a França, em oposição ao projeto de descristianização iniciado pela grande revolução. Para Dehon, a promoção da cultura no meio do clero era uma das formas mais eficientes de promover a restauração da França cristã.

Com esse propósito de *reparação*, surgem inúmeras Congregações religiosas na França do século 19⁷. Grande parte da educação das elites estava nas mãos de congregações que lutavam para preservar a “cultura cristã católica” em uma sociedade na qual os adeptos da idéia laica eram cada vez mais numerosos e influentes. É a França dos contrastes. Ao lado do esfriamento religioso convivem pessoas que praticam o cristianismo de modo convicto e militante⁸. A mãe de Léon Dehon era uma mulher religiosa que influenciou a piedade simples de seu filho. Na mística de Dehon percebemos o gosto pela linguagem típica do humanismo católico romântico, porém com forte compromisso pela transformação da sociedade e uma sólida fundamentação filosófico-teológica. Aqui temos uma curiosa síntese de elementos quase opostos, que tornou o discurso de Dehon peculiar e impactante na Igreja e na sociedade de seu tempo. Era a mistura equilibrada do preparo acadêmico da burguesia, típico de seu pai, com a piedade católica popular, típica de sua mãe. É a integração entre mente e coração. Assim como a França de seu tempo, Dehon também seria uma personalidade marcada pelos contrastes. Visto sob outro ponto de vista, poderíamos identificar, na influência familiar, a estrutura “integral” da educação que Dehon recebeu e fez questão de cultivar.

⁶ Dehon percebe essa situação já no início de seu ministério, em 1871. Segundo seu testemunho são poucos os homens que vão à igreja e escassos os operários que participam. *NHV IX*, 92. A maioria da população de Saint-Quentin vive “em verdadeiro paganismo”. *NHV IX*, 94. Chegou a fazer pesquisas sobre a situação religiosa da Diocese de Soissons, em 1874, e concluiu que existia uma grande indiferença religiosa por parte dos homens. *NHV X*, 185.

⁷ Em geral essas Congregações eram dedicadas ao apostolado educacional, evangelização dos povos, serviço aos pobres e doentes, missões e vida contemplativa. Em 1877, ano em que Dehon funda seu instituto, a França conta com 32.000 religiosos e 127.000 religiosas, exercendo mais influência em Roma que os próprios bispos. Cf. G. MANZONI, *Leone Dehon e il suo messaggio*, p. 22.

⁸ Em 1875 foi fundada a Universidade Católica. Muitos católicos se destacam no mundo da filosofia (Ollé-Laprune, Blondel, Boutroux, G. Marcel), da literatura (Huysmans, Péguy, Bloy, Rivière, Retté, du Bos, Jacob, Claudel) e da ciência (Pasteur, Ampère). Cf. G. MANZONI, *Leone Dehon e il suo messaggio*, p. 22.

2 Clericalismo X anti-clericalismo

Outro paradoxo vivido intensamente por Dehon é que a burguesia francesa do início do século 19, com seu laicismo anticlerical, herdeiro do iluminismo revolucionário, aparentemente realizara o velho projeto de Napoleão Bonaparte, de submeter a Igreja ao Estado. Porém, o sentimento ultramontano de parte dos católicos franceses alimentava uma verdadeira veneração pela figura do Papa, fato que aproximou, cada vez mais, a Igreja francesa de Roma, afastando-a do Estado francês. Esta situação atingirá seu ápice no pontificado de Pio IX (1846-1878), quando a perda dos Estados Pontifícios gerou, na França, um intenso sentimento popular de solidariedade com o bispo de Roma⁹. Dehon será um ultramontano convicto, apesar de ser um patriota ufanista.

A burguesia foi a grande força que tornou possível a monarquia constitucional de Luís Felipe, inaugurada em julho de 1830. A Igreja perde novamente sua força oficial perante o Estado e é mantida sob um ambíguo olhar de respeito, desprezo e incredulidade por parte de governantes, filósofos e burgueses. O anti-clericalismo, inicialmente, toma a forma da indiferença religiosa, mas aos poucos avança em direção à perseguição religiosa. É neste contexto que surgem católicos militantes como Henri de Lacordaire, Alfred Falloux, Charles de Montalembert e Frédéric Ozanam¹⁰, mas principalmente Félicité Robert de Lamennais. Este último, com seu pensamento forte, renunciou a infalibilidade papal, a queda do poder temporal, a liberdade religiosa e de ensino, a separação entre a Igreja e o Estado, o triunfo da democracia, a abertura à classe operária e, em outras palavras, a “Ação Católica”¹¹. Merece destaque, também, o bispo de Orléans, Félix Dupanloup, citado frequentemente por Dehon.

⁹ Note-se que o pontificado de Pio IX é, até o momento, depois de Pedro, o mais longo da história. Seu início, em 1846 praticamente coincide com o nascimento de Léon Dehon (1843). Quando Pio IX morreu Dehon tinha trinta e cinco anos.

¹⁰ Frédéric Ozanam (1813-1853) é um dos fundadores da Sociedade São Vicente de Paulo. Foi beatificado por João Paulo II, em 1997.

¹¹ Cf. G. MANZONI, *Leone Dehon e il suo messaggio*, p. 25. Dehon estudou os livros de Félicité de Lamennais. Seu pensamento liberal foi condenado implicitamente pelo Papa Gregório XVI, em 1832, na Encíclica *Mirari vos*, que o classificou como “indiferentismo”, *Acta Gregorii Pp. XVI*, vol. I, pp. 126-132. A reação de Lamennais foi o livro *Paroles d'un croyant* (1834), que recebe a explícita condenação do Papa na carta *Singulari Nos*, de junho de 1834. *Acta Gregorii Pp. XVI*, vol I, pp. 433-434. Em seu extremismo, Lamennais buscava a difícil síntese entre Estado e Religião, sendo “mais monarquista que o Rei e mais papista que o Papa”. F. TULOUP, *Lamennais et son époque*, p. 12. Sobre o ideal de “restauração” de Lamennais: Cf. M. CLÉVENOT, *Un siècle cherche sa foi*, pp. 63-73.

A estas idéias se alinhava a parcela do jovem clero e uma elite de leigos, na tentativa de reconciliar a Igreja Católica com a cultura moderna. Era muito cedo para que isso fosse adequadamente compreendido, mas esta tentativa acabou por abrir um canal de diálogo com a burguesia, que resultou na reivindicada liberdade de associação e de ensino. É neste contexto otimista que tem início o pontificado de Pio IX, em 1846. Os católicos franceses estão divididos entre uma minoria liberal, que propõe a mudança estrutural¹²; e uma maioria conservadora, que já não acredita na possibilidade de uma real reconciliação com a burguesia e prefere propor soluções caritativas e paternalistas. Esta solução acaba por produzir a aliança entre monarquistas e católicos, que culmina na revolução de 1848, que garantiu o trono a Luís Napoleão e deu início à Segunda República (1848-1851). Nova ambigüidade: Igreja e burguesia tornam-se inimigas e aliadas ao mesmo tempo. Diante da massa de proletários ambas são vistas como mantenedoras da ordem estabelecida. Um dos resultados desta aliança foi, certamente, em 1850, a Lei Falloux que concedeu à Igreja Católica liberdade de ensino nas escolas secundárias, garantindo certa influência sobre a juventude burguesa. Sob o pretexto de salvar a França do socialismo e da ruína total, Luís Napoleão inicia o Segundo Império (1852-1870), sendo coroado como Napoleão III, numa aliança com a Igreja que irá durar quase vinte anos. Este tempo é fundamental em nossa pesquisa, pois marca exatamente a juventude e o período escolar de Léon Dehon vividos, portanto, sob a euforia da aliança do Estado francês com a Igreja Católica Romana. Os grandes sonhos educacionais de Léon Dehon foram cultivados neste terreno propício à fé e ao surgimento de escolas católicas.

Em 1853, com a Encíclica *Inter multiplices*, Pio IX apoia as idéias do catolicismo intransigente de L. Veuillot, que afirmava a *liberdade* como privilégio da *verdade* e defendia que a Igreja deveria se utilizar do poder para combater os “erros” do mundo moderno. Os católicos liberais, na linha de Montalembert, ao contrário, professam que a liberdade é um direito de todos, e que a Igreja precisaria se reconciliar com o mundo moderno. Para esses é publicada, em 1864, a Encíclica *Quanta cura*, que elenca os “erros” do mundo moderno. Dehon vive intensamente toda essa realidade como jovem estudante universitário de direito,

¹² Estão reunidos em torno do jornal *L'Ère nouvelle*, entre outros: Henri Lacordaire e Frédéric Ozanam. K. Cf. BIHLMEYER – H. TUECHLE, *Storia della Chiesa*, IV, p. 163.

em Paris (1859-1865)¹³. As conferências do jesuíta Pe. Félix, na Catedral de Notre-Dame confirmavam sua adesão a Roma e ao Papa¹⁴.

Está em plena efervescência a complexa *Questão Romana*, que coloca em conflito armado o poder temporal do Papa sobre os Estados pontifícios e a luta pela unificação italiana¹⁵. Em 1867, Garibaldi tenta conquistar Roma, mas é impedido pelos exércitos de Napoleão III que dão apoio ao Papa. Em 1870, aproveitando a ocasião da guerra franco-prussiana, as tropas de Vittorio Emanuele (1849-1878) entram em Roma e se instalam no palácio pontifício do Quirinal. O Papa se declara prisioneiro do Vaticano. O Concílio Vaticano I, iniciado em 1869, é bruscamente interrompido¹⁶. É preciso lembrar que este período de crise coincide com o tempo que Dehon permaneceu em Roma, no seminário francês Santa Clara (1865-1870). Ordenado em dezembro de 1868, permaneceu em Roma e participou como estenógrafo do Concílio¹⁷.

3 A consolidação do Estado Laico na Educação

Quando, em setembro de 1871, Dehon se colocou à disposição do bispo da Diocese de Soissons, a França estava mudada. Além da presença alemã em solo francês e perda de parte do seu território, já havia sido proclamada a Terceira República (04.09.1870) e, alguns meses antes, o arcebispo de Paris, Dom Darboy, havia sido morto pela violência da Comuna (18.03.1871)¹⁸. Tinha início uma nova etapa na história da França e na vida do jovem

¹³ NHVI, p. 41v. A Encíclica *Quanta cura* é conhecida também como *Syllabus*.

¹⁴ NHVI, p. 33v-34r.

¹⁵ A. PERROUX, “Le contexte: la société e l’Eglise à l’époque du Père Dehon”, in L. DEHON, *La renovation sociale chrétienne*, pp. 51-53.

¹⁶ A “Questão Romana”, intensificada com Pio IX, atravessou o pontificado de Pio IX, Leão XIII, Pio X, Bento XV e só seria resolvida no pontificado de Pio XI, com o Tratado de Latrão (11.02.1929), que assegurou a soberania do Papa sobre a Cidade do Vaticano e mais alguns territórios. É exatamente o período em que vive Léon Dehon. Cf. K. BIHLMEYER – H. TUECHLE, *Storia della Chiesa*, IV, pp. 215-223; 329-332. Para uma abordagem ampla e especializada: Cf. G MOLLAT, *La Question Romaine de Pie VI à Pie XI*, O registro contemporâneo dos aspectos diplomáticos: Cf. PINCHETTI-SANMARCHI, *Guida Diplomatica Ecclesiastica*, pp. 307-568.

¹⁷ Cf. G. FREDIANI, *Un apostolo dei tempi nuovi*, pp. 100-104.

¹⁸ Após a derrota para os exércitos prussianos, a partir de março de 1871, cria-se um clima de instabilidade na França, que abre espaço para um movimento revolucionário de operários que ficou conhecido como *Commune de Paris*. O movimento popular chegou a governar a capital por dois meses, mas após sagrentos combates, acabou sendo vencido. Além do saldo de mortos, restou um ódio operário contra a burguesia e a Igreja,

sacerdote Léon Dehon. Ele voltará para sua pátria definitivamente com Roma e o Papa no coração, com o sonho patriótico de restaurar a França católica. Já é possível entender como este típico francês conseguia ser intensamente patriota e totalmente ultramontano.

A partir de 1870, com o início da Terceira República, a França nunca mais seria a mesma¹⁹. A corrente republicana, oprimida durante o Segundo Império, é cada vez mais laica, ligada ao protestantismo liberal e ao positivismo²⁰. O catolicismo se une em torno da figura do Papa e rejeita a República. O ultramontanismo torna-se uma opção política. Os contrastes são cada vez mais fortes na oposição entre os *republicanos anti-clericais* e um *clericalismo intolerante*, entre a força de uma espiritualidade católica popular e o ideal de um ateísmo militante²¹. Isso é reforçado e sustentado pelos planos da franco-Maçonaria que, em suas lojas, gestava o ideal republicano indissolúvelmente ligado à idéia laica²². Da parte dos católicos respirava-se um anseio de *restauração cristã*, por meio da reconstituição do poder temporal do Papa e da volta da França à monarquia²³. Isso não se realiza no plano político²⁴, mas é fortemente vivido no plano espiritual por meio da devoção ao Sagrado Coração de Jesus, com sua popular mística da *reparação*²⁵.

Com a ascensão de Jules Grévy à Presidência da República, em 1879, a história é marcada pelo fortalecimento crescente dos republicanos, apoiados pela Maçonaria, que se

representantes do poder estabelecido. Cf. A. OLIVESI – A. NOUSCHI, *La France de 1848 à 1914*, pp. 100-103. Para a leitura desse episódio, sob o ponto de vista da história da Igreja: Cf. K. BIHLMAYER – H. TUECHLE, *Storia della Chiesa*, IV, p. 250.

¹⁹ Uma dessas características é a forte expansão do império colonial francês, por exemplo, para o Congo (1870), Tunísia (1881) e Madagascar (1896), entre outros. Cf. A. OLIVESI – A. NOUSCHI, *La France de 1848 à 1914*, pp. 116-129.

²⁰ Cultiva-se uma dita “exegese científica” emancipada da pregação oficial da Igreja Católica. Fato notável é que o romance teológico “Vida de Jesus”, de Renan, vendeu neste tempo 100.000 exemplares em dois anos. Cf. G. MANZONI, *Leone Dehon e il suo messaggio*, p. 30.

²¹ Dehon não demora a perceber que as respostas do clero mal formado são insuficientes para um mundo tão complexo. Segundo ele, depois “da era dos mártires deveria vir a era dos doutores”. *NHV VI*, p. 120. Desta percepção nasce boa parte de seu interesse pela educação como forma de restaurar a “França Cristã”.

²² O surgimento e desenvolvimento da idéia laica na França foi bem demonstrado por: G. WEILL, *Storia dell’idea laica in Francia nel secolo XIX*. Outro texto importante sobre o mesmo tema é M. OZOUF, *L’École, l’Église et la République, 1871-1914*.

²³ A solução paternalista para a questão social, de certa forma, fazia parte desse esforço de “restauração”.

²⁴ Nascida em setembro de 1870, a Terceira República se prolongaria até julho de 1940.

²⁵ Esta relação entre a espiritualidade reparadora do Coração de Jesus e o sonho de restaurar o *Ancien Régime* é descrita por T. GOFFI, *La spiritualità dell’Ottocento*, p. 136.

tornam hegemônicos²⁶. O projeto era laicizar as escolas, diminuir a força das Congregações religiosas na educação e promover a separação entre a Igreja e o Estado²⁷.

Enquanto isso, em Roma, terminava o período de trinta e dois anos com Pio IX e tinha início o marcante pontificado de Leão XIII (1878-1903). Em Saint-Quentin, Léon Dehon fundava a Congregação dos Oblatos do Coração de Jesus e o Colégio São João (1877-1878). Não era propriamente um período propício para a fundação desse tipo de obras. Já em 15 de março de 1879, a Lei Jules Ferry começa uma reforma educacional, na qual os direitos de muitas Congregações religiosas de atuar no mundo da educação eram expressamente cassados. O célebre e polêmico artigo 7 tinha em vista, especialmente, os jesuítas que, com as outras Congregações “não autorizadas”, ficavam proibidos de dirigir ou ensinar em escolas públicas ou privadas²⁸. No ano seguinte os jesuítas seriam expulsos da França²⁹. Este projeto de laicização terá a duração de quase trinta anos, atingindo os mais variados campos da vida social francesa³⁰. Será o ambiente no qual terá que se mover Leão XIII em busca do diálogo de conciliação com a modernidade laica, que faz questão de manter viva a memória daquilo que chamam de “intransigência religiosa” de Pio IX. Dehon está muito atento a esta mudança de tom no discurso eclesial. O esforço do Papa de se aproximar e dialogar com os republicanos franceses é interpretado pelos católicos intransigentes como fraqueza.

A escola laica, como o próprio nome diz, afirma sua identidade em contraposição com a escola confessional, que dominava o cenário educacional francês, principalmente com os jesuítas. A idéia política forte que estava por detrás da afirmação de uma escola laica era a

²⁶ Dehon estudou amplamente a questão da Maçonaria durante quase toda a sua vida. Dedicará a este assunto muitas páginas do “Manual Social Cristão” e do “Catecismo Social”. Em 1908 escreverá o livro “O plano da franco-Maçonaria na Itália e na França”, in *OSC III*, pp. 379-432. Cf. também artigo “De deux agents puissants du malaise social: La franc-maçonnerie et le judaïsme”, in *OSC II*, pp. 71-86.

²⁷ Em 1870 Léon Gambetta proclamou solenemente na Câmara: “O clericalismo, eis o nosso inimigo”. K. BIHLMEYER – H. TUECHLE, *Storia della Chiesa*, volume IV, p. 250. Sobre esta questão é esclarecedor o livro: J. GRÉVY, *Le clericalisme? Voilà l'ennemi!*

²⁸ Os estudos primários estavam geralmente sob os cuidados de Congregações religiosas. Os estudos secundários poderiam ser feitos em escolas públicas ou nos colégios dos jesuítas. Cf. J. NÉRÉ, “La repubblica francese”, apud J.K MICZYŃSKI, *La cristologia esistenziale*, p. 22.

²⁹ No que se refere à outras Congregações, foram fechados 261 conventos e expulsos cerca de 5.643 religiosos. Cf. G. MANZONI, *Leone Dehon e il suo messaggio*, p. 38.

³⁰ Por exemplo: a supressão das capelanias militares e da obrigação do repouso dominical (1880); a substituição gradual das religiosas por enfermeiras leigas nos hospitais (1880), serviço militar obrigatório para os seminaristas (1880), o fim do caráter confessional dos cemitérios (1881), a laicização do ensino primário (1882), o restabelecimento do divórcio (1884), a laicização completa do pessoal das escolas publicas (1886). Cf. K. BIHLMEYER – H. TUECHLE, *Storia della Chiesa*, IV, pp. 250-253.

reivindicação de que o ensino primário fosse gratuito e obrigatório para todos³¹. As iniciativas educacionais da Igreja Católica eram vistas como um serviço às elites. Observamos, neste ideal republicano, um princípio quantitativo de Educação Integral: escola para todos. A idéia estava ligada ao fato de que todos os eleitores, inclusive as mulheres, fossem alfabetizados para entender a lei e votar bem. A escola para todos era uma exigência inerente à natureza do Estado republicano e democrático. Um dos indicadores desta opção política da Terceira República é a criação de Bibliotecas Populares.

Podemos considerar Jules Ferry como o homem que encarnou e viabilizou o projeto da escola laica. Como ele mesmo disse: “Consagrarei toda a minha inteligência, toda a minha alma, o meu coração, toda a minha capacidade física e moral ao problema da educação do povo”³². De fato, permanecendo ministro por cinco mandatos, ele pode conceber e implantar uma ampla e profunda reforma educacional na França. É claro que este projeto não foi implantado sem oposição. O debate era amplo e intenso. Muitos reivindicavam a liberdade de ensino. Entre eles, Léon Dehon que ouvia atentamente as críticas de Ferry à educação cristã e procurava responder em seus discursos educacionais, como uma espécie de advogado de defesa da confessionalidade, reivindicando a liberdade de ensinar. Ao conceito de Educação Integral, claramente quantitativo para a reforma republicana, Dehon opunha um conceito mais qualitativo. Educação para todos, sim, mas da pessoa como um todo. Veremos este importante debate na segunda parte desta tese, pois os discursos educacionais de Dehon, iniciados em 1877, são verdadeiros contrapontos das bases da reforma educacional de Ferry. Este breve mergulho nos fatos da época já permite perceber que estamos num daqueles momentos que marcam fortemente a história.

Ferry foi dos críticos mais ardorosos do clericalismo, especialmente das Congregações religiosas e, de modo especialíssimo, dos jesuítas que, segundo ele, desejavam dominar o Estado. A crítica de seus lábios: “Os jesuítas jamais mudaram após o século 16. Eles sempre consideram o Estado como subordinado da Igreja; suas idéias são professadas nas Universidades Católicas; seus colégios utilizam livros escritos para inculcar nos jovens o ódio pela França moderna”³³. Segundo Ferry, combater o clericalismo e o jesuitismo não é

³¹ Cf. G. MIALARET – J. VIAL, *Storia Mondiale dell’Educazione*, vol. III, p. 241.

³² Cf. J. FERRY, “Discours I”, p. 187, apud G. WEILL, *Storia dell’idea laica*, p. 260.

³³ G. WEILL, *Storia dell’idea laica*, pp. 261-262.

combater o catolicismo. Seria, simplesmente, defender a não interferência da Igreja no Estado. Por outro lado, fica preservada a liberdade religiosa. Como vemos, esta “idéia laica”, se encontra na base da separação entre Igreja e Estado, que aconteceria em 1905 e marcaria definitivamente a modernidade ocidental. Ainda hoje esta é uma questão em permanente debate, principalmente quando as relações diplomáticas colocam frente-a-frente Estados laicos com Estados religiosos, como é o caso de alguns países muçulmanos.

Na reforma educacional de Ferry um dos pontos mais controversos foi, sem dúvida, a neutralidade em matéria de ensino moral e religioso da juventude. Alguns afirmavam que esta neutralidade seria impossível, porque o ser humano não é neutro. Outros duvidavam da pretensa neutralidade, desconfiados de que, na verdade, por detrás dos proclamados valores cívicos estaria uma forma específica de crer ou de não crer. Seria, portanto, “uma simulação do ateísmo”³⁴. Para Ferry, a obra de secularização da razão humana, operada por Descartes, deveria ser consolidada com a secularização da escola. O ensino religioso seria função das igrejas. As escolas deveriam ser “neutras” em matéria religiosa. Porém, é muito importante perceber a sutil diferença que era percebida, já naquele tempo, entre “neutralidade confessional” e “neutralidade filosófica”. Esta percepção estava presente nos debates em torno da reforma educacional. Uma escola neutra não significa, de modo algum, defende Ferry, “uma escola na qual seja proibido pronunciar o nome de Deus”³⁵. Dentro da educação moral seriam transmitidas aos jovens algumas informações a respeito da origem e do fim da humanidade, porém, defendendo a possibilidade de uma educação moral completamente emancipada de qualquer “confissão religiosa”.

Se pensarmos os atuais debates em torno do Ensino Religioso, no Brasil, veremos que a reforma de Ferry permanece atual. Na biblioteca pessoal de Léon Dehon encontramos um opúsculo com suas anotações pessoais, publicado em 1894, por L. Rambure, professor na Faculdade Católica de Letras de Lille e com o sugestivo título de “Notes de Pédagogie Catholique”³⁶. A primeira frase da introdução sintetiza o endereço do debate daquela época: “Será que a pedagogia poderia ou deveria ser neutra?”³⁷

³⁴ *Ibidem*, p. 267.

³⁵ Discurso de 2 de dezembro de 1880. Apud G. WEILL, *Storia dell'idea laica*, p. 268, nota 1.

³⁶ A Biblioteca pessoal de Dehon faz parte dos Arquivos Dehonianos, em Roma.

³⁷ L. Rambure, *Notes de Pédagogie Catholique*, p. 1.

Em 1884, Leão XIII lança a Encíclica *Nobilissima Gallorum Gens*³⁸ condenando a perseguição à Igreja na França e exortando os católicos a se manterem unidos no diálogo com o poder constituído para não “contaminar a religião com a política”. Dehon a considera providencial³⁹. Mas o episcopado francês mantém um certo tom intransigente, que seria reprovado explicitamente pelo Papa. Em 1885, Albert de Mun, tenta fundar um partido católico na França. Diante da desaprovação do Papa, acaba por renunciar ao projeto. Neste ano há um equilíbrio de forças políticas que favorece a aliança entre republicanos moderados e católicos, abrindo terreno para a diplomacia reconciliadora de Leão XIII. Mas, em 1886, o general Boulanger reúne em torno do seu projeto de poder, radicais, católicos intransigentes e monarquistas, voltando a acirrar os ânimos. O Papa mantém um sábio silêncio, confiando no trabalho diplomático do Cardeal Rampolla, e espera passar este momento crítico. Finalmente, em 1890, por meio do Cardeal Lavignerie, Arcebispo de Algeri, é celebrado apoio oficial do catolicismo francês ao assim chamado “legítimo governo republicano”.

4 “Coisas novas” na virada do século

Em 1888, Dehon teve uma audiência com Leão XIII, que lhe fez uma exortação marcante: “Prega as minhas Encíclicas”⁴⁰. Sua primeira reação é fundar a revista *Le Règne*. Enquanto a maioria do episcopado francês, unido ao clericalismo intransigente, se scandaliza com a gradual adesão de Roma à República, Dehon adere ao pedido do Papa, certo de que isso seria o melhor para a sua pátria. Publica constantemente na revista *Le Règne* a defesa da posição de Roma, reconhecendo no pontífice romano, um visionário da democracia⁴¹. No plano social, em 15 de maio de 1891, Leão XIII publica a *Rerum Novarum*⁴², sobre a condição dos operários e, no plano político, publica, em 16 de fevereiro de 1892, *Au milieu des sollicitudes*⁴³, para o episcopado francês, com apoio à República.

³⁸ ASS 16 (1883-84) pp. 241-248.

³⁹ NHV XV, pp. 24-25.

⁴⁰ NHV XV, p. 82.

⁴¹ Todos esses artigos foram depois reunidos na obra: L. DEHON, *Les Directions pontificales politiques et sociales*.

⁴² ASS 23 (1890-91) pp. 641-670.

⁴³ AAS 24 (1891) pp. 519-529.

Dehon torna-se um apóstolo do catolicismo social, não medindo esforços para divulgar as novas Encíclicas e torná-las operantes⁴⁴. Uma das formas é a promoção dos Círculos de Operários Católicos que haviam sido fundados por Albert de Mun (1841-1914), em 1871. Ao contrário do catolicismo intransigente, que sonhava com a recuperação do poder temporal por parte da Igreja, o catolicismo social se esforça para olhar para o futuro, onde vê a possibilidade de uma adaptação realista à nova situação⁴⁵. O racionalismo, secularismo, emancipação, democracia, nacionalismo, a revolução industrial e técnica, o conflito entre liberalismo e socialismo, o movimento operário são alguns dos movimentos mais importantes deste século de profundas transformações, que garantem a transição para mundo moderno⁴⁶.

Uma das expressões do desejo da Igreja de se adaptar às “coisas novas” é a *democracia cristã*, da qual Dehon será um típico representante⁴⁷. Ele mesmo afirma: “É o povo, novo rei da França, soberano efetivo, que realiza o programa divino”⁴⁸. É a sua passagem de católico social monárquico para democrata cristão republicano⁴⁹.

A virada do século é vivida, na França, sob o signo do *processo Dreyfus*. Alfred Dreyfus era judeu, oficial do exército francês e teria sido condenado injustamente, em 1894, à prisão perpétua. O caso foi capaz de catalizar as forças políticas e sociais francesas em “a favor” e “contra” a revisão do processo. Novamente, o clericalismo intransigente e os republicanos radicais escolhem lados opostos⁵⁰.

As forças republicanas elegem, em 1899, o governo de René Waldeck-Rousseau. Leão XIII, em 1900, com a Encíclica *Graves de communi*⁵¹, dando mais atenção à unidade dos católicos que ao reconhecimento da República, declara que “não é lícito dar um sentido

⁴⁴ Cf. L. DEHON, *La renovation sociale chrétienne*. Este livro reúne suas conferências, em Roma, nos anos 1897 a 1900, que são uma das melhores amostras deste seu empenho social.

⁴⁵ Cf. A. PERROUX, “Le contexte: la société e l’Eglise à l’époque du Père Dehon”, in L. DEHON, *La renovation sociale chrétienne*, p. 63.

⁴⁶ Cf. A. PERROUX, “El Padre Dehon y la Doctrina Social de la Iglesia”, pp. 15-40. Marx é filho deste século (1818-1883). O “Manifesto do Partido Comunista” é de 1848 e o primeiro volume de *O Capital* é de 1867. Sua primeira tradução em francês aparece em 1890.

⁴⁷ Para uma visão mais completa sobre Dehon e a Democracia cristã: Cf. S. TERTÜNTE, “León Dehon y la Democracia cristiana: un intento de renovación social en Francia a finales del siglo XIX”, pp. 45-58.

⁴⁸ OSC V2, p. 359.

⁴⁹ Cf. S. TERTÜNTE, “León Dehon y la Democracia cristiana”, p. 54.

⁵⁰ Dehon era favorável à revisão do processo Dreyfus. Cf. *Le Règne* (1903) pp. 165-166.

⁵¹ ASS 33 (1900-01) pp. 385-396.

político à democracia cristã”. Em 1902, começa o governo de Émile Combes que fecha, por decreto, três mil escolas dirigidas por Congregações religiosas. No mesmo ano, religiosos estrangeiros são expulsos do país⁵².

No dia 1º de abril de 1903, a Congregação dos Sacerdotes do S. Coração de Jesus seria suprimida pelo governo francês, seus religiosos expulsos da França e seus bens vendidos. O pontificado de Leão XIII termina no mesmo ano com a sensação de que todo o esforço de conciliação, ao longo de vinte e cinco anos, poderia ter sido em vão⁵³.

O pontificado de Pio X inicia no dia 4 de agosto de 1903, marcando o novo tom do discurso eclesial como uma verdadeira batalha contra o modernismo. Em julho de 1904, acontece a ruptura de relações diplomáticas entre Santa Sé e o governo francês que, em setembro de 1905, promulgaria a lei de separação entre Estado e Igreja. Esta passava da esfera pública para a condição de uma parte da sociedade privada, controlada pelo Estado⁵⁴. Pio X, em fevereiro de 1906, condenou a separação entre Igreja e Estado por meio da Encíclica *Vehementer nos*, denunciando uma estratégia do movimento de laicização de reduzir a fé à esfera puramente individual, sem nenhum significado social.

A partir deste período, Dehon passa a se dedicar mais à Congregação que fundara e buscar a sua aprovação definitiva, com o apoio pessoal de Pio X, e também a viajar pelo mundo em busca de lugares onde pudesse enviar seus religiosos em missão. A aprovação de sua Congregação viria no dia 4 de agosto de 1906⁵⁵. É grande a amizade entre Dehon e Pio X,

⁵² Em 1899 Leão XIII publica a Encíclica *Después le jours* sobre a formação do clero na França, onde diz: “Os tempos atuais são tristes; o que vem é ainda mais obscuro e ameaçador; parece anunciar a aproximação de uma assustadora crise social”. ASS 32 (1899-1900) pp. 193-213. Em dezembro de 1900, a carta *Au milieu des consolations* trata especificamente das dificuldades enfrentadas pelas Congregações religiosas na França. ASS 33 (1900-01) pp. 355-363.

⁵³ Este é o tom da carta apostólica *Annum ingressi*, que celebra seu 25º ano de pontificado (10.03.1902). Nela, o Papa volta a condenar a Maçonaria e a afirmar que a Igreja não é inimiga da liberdade, não usurpa o direito do Estado, não invade o campo político, mas é “fonte perene de justiça e caridade, como também propagadora e tutora da verdadeira *liberdade* e da única possível *igualdade*”. ASS 34 (1901-02) pp. 513-532. Neste período muitas congregações religiosas francesas imigram para o Brasil para continuar aqui a sua missão educacional. Para um relato da evolução deste quadro até nossos dias, cf. V. PAIVA, *Catolicismo, Educação e Ciência*.

⁵⁴ Cf. K. BIHLMAYER – H. TUECHLE, *Storia della Chiesa*, IV, p. 252.

⁵⁵ *NQT* XX/1906, p. 51.

o que pode ser facilmente percebido pela quantidade de audiências. O Papa continua sendo, para ele o intérprete autorizado da verdade⁵⁶.

Em 1914, Bento XV assume o pontificado. Dehon o conhecia de longa data e chamava de “Papa do Sagrado Coração”⁵⁷. A amizade entre Bento XV e Léon Dehon mereceria um estudo todo especial⁵⁸. Não podemos nos esquecer que esse é exatamente o período da primeira grande Guerra Mundial. Dehon passa boa parte do tempo isolado e doente em Saint-Quentin, que é praticamente destruída pelos bombardeios. Somente em 1917, consegue a autorização para mudar-se definitivamente para Bruxelas. A partir de 1918, com o final da Guerra, retoma seu relacionamento com Bento XV, ajudando-o a refletir sobre a atualidade da *Rerum Novarum*.

Em 1922, tem início o pontificado de Pio XI que no ano seguinte envia uma carta pessoal a Dehon parabenizando-o pelos seus oitenta anos de vida. A história continua seu curso. Dehon, porém, termina seus dias em Bruxelas, no dia 12 de agosto de 1925, e é sepultado em Saint-Quentin.

⁵⁶ Cf. Y. LEDURE, *Un prete con la penna in mano*, p. 220.

⁵⁷ Quando era arcebispo de Bolonha, Bento XV fizera vir uma comunidade dehoniana para sua arquidiocese, de onde nasceu a Editora Dehoniana de Bolonha (EDB). Cf. Y. LEDURE, *Un prete con la penna in mano*, p. 221.

⁵⁸ Além de um altar dedicado ao Sagrado Coração, na Basílica de São Pedro, Bento XV aprova a construção de uma grande igreja, em Roma, dedicada ao Coração de Jesus. Pe. Dehon dedicará os últimos anos de sua vida a arrecadar os fundos necessários para esse empreendimento.

CAPITULO II

O contexto vital – Dehon aprendiz

Neste segundo capítulo verificaremos, brevemente, de que modo a educação recebida por Léon Dehon interferiu decisivamente em seu pensamento educacional. Para tanto, analisaremos alguns detalhes da primeira fase de sua vida, do nascimento, em 1843 até o momento em que foi ordenado sacerdote da Igreja Católica e se colocou a serviço do bispo da Diocese de Soissons, ao norte da França, em 1871. Veremos que seus estudos universitários, de Direito, em Paris, configuraram uma boa parcela de sua visão de mundo e de seu estilo literário. Verificaremos que o gênero apologético com que elabora seus discursos, são verdadeiras peças de defesa jurídica. Como sacerdote da Igreja Católica, Dehon teve a oportunidade de estudar filosofia, teologia e direito canônico no Colégio Romano, hoje Universidade Gregorianana. Ao final de seus estudos, Dehon era doutor em Direito Civil e Canônico, em Filosofia e em Teologia. Seu grande desejo era fundar uma Congregação dedicada aos estudos. Porém, acabou se dedicando às atividades religiosas como vigário paroquial na cidade operária de Saint-Quentin. Este capítulo é um segundo olhar sobre a França do século 19. No capítulo anterior focalizamos a vida de Dehon a partir da história. Agora faremos o contrário. Olharemos para a história a partir da vida de Dehon. São dois olhares diferentes sobre o mesmo período da história, que assumimos como método fenomenológico que nos ajudará e contextualizar o pensamento deste autor. No primeiro olhar privilegiamos a macro-história. Neste segundo olhar veremos os momentos mais marcantes da primeira parte da sua vida.

1 Origem, infância e estudos iniciais

Não é o caso aqui de fazermos uma biografia minuciosa e completa¹. Para o propósito de nossa pesquisa interessa mais perceber de que modo foi se manifestando em Dehon sua alma de educador.

Léon Gustave Dehon nasce no dia 14 de março de 1843, em La Capelle, pequena cidade ao norte da França, Departamento de l'Aisne. A região é agrícola e seus pais, membros de uma pequena burguesia rural, são ricos e influentes proprietários de terras que se dedicam à criação de cavalos de corrida². É um região de passagem para o norte e, por isso, normalmente devastada pelos exércitos durante as guerras.

Seu pai, Jules Alexandre Dehon (1814-1882), após a educação recebida em um Colégio de Saint-Quentin e depois em Paris, apesar do caráter disciplinado e honesto, havia abandonado qualquer prática religiosa. Sua mãe, Adèle Stephanie Vandelet (1812-1883), havia sido educada em um pensionato de irmãs da Providência, em Charleville. Sua vida cristã era herdeira de uma piedade sólida e marcada pela devoção ao Sagrado Coração de Jesus. Durante toda a sua vida, Léon Dehon manteve um afeto profundo para com suas raízes humanas: a família, a cidade, a região, a pátria³.

Começa seus estudos em um internato privado na cidade de origem e, muito cedo, mostra-se um estudante inteligente e aplicado. Em 1855 é enviado, juntamente com seu

¹ As fontes mais importantes para um maior conhecimento da vida de Dehon são seus escritos autobiográficos, especialmente *Notes sur l'Histoire de ma vie* (15 cadernos), *Notes Quotidiennes* (45 cadernos) e sua abundante correspondência. Além disso existem muitas biografias de Dehon. A primeira obra, com o fôlego de 766 páginas, foi escrita por um mestre de noviços da Congregação SCJ: A. DUCAMP, *Le Père Dehon et son œuvre* (1936). Na mesma época surgiu um livro importante que focaliza especificamente a obra social de Dehon, com 353 páginas: R. PRÉLOT, *L'Œuvre sociale du Chanoine Dehon* (1936). Uma das biografias mais conhecidas, com 479 páginas: G. FREDIANI, *Un apostolo dei tempi nuovi, Pe. Leone Dehon* (1960). Mais recentemente, com 950 páginas: H. DORRESTEIJN, *Vita e personalità di Pe. Dehon* (1978). A biografia mais atual e completa de Dehon, com 556 páginas: G. MANZONI, *Leone Dehon e il suo messaggio* (1989). Ultimamente, como preparação para a beatificação de Léon Dehon, foram publicadas diversas sínteses biográficas. As duas principais são: A. PERROUX, *Père Dehon, qui êtes-vous?* (2005) e Y. LEDURE, *Le père Léon Dehon, 1843-1925; entre mystique et catholicisme social* (2005). Ficou mais popular sua tradução em italiano: IDEM, *Un prete con la penna in mano*.

² Quando Dehon nasceu, seu avô era o prefeito da cidade. Este posto será ocupado também por seu pai e por seu irmão, Henri Dehon (1839-1922).

³ Isto pode ser comprovado pelo seu peculiar interesse em estudar a história local, geografia, botânica, arqueologia e, inclusive, sua genealogia. *NHVI*, pp. 92v-93v. Para um mapeamento completo do relacionamento entre Dehon e sua família, da maneira como aparece na troca de correspondências: Cf. A. PERROUX, *Le Père Dehon et sa famille*.

irmão, Henri, para o Colégio de Hazebrouck, a 160 quilômetros de La Capelle, próximo da fronteira com a Bélgica⁴. Foi um acordo entre seu pai e sua mãe. Ele queria uma carreira brilhante para o filho. Ela queria a garantia de uma sólida formação cristã. Sob a guia do diretor, Pe. Tiago Dahene, no Colégio de Hazebrouck, Dehon experimenta uma vida de rigorosa disciplina humana voltada para os estudos e cultivo da fé cristã. Ele mesmo escreve em suas Memórias: “A vida era austera. Uma parte do imóvel estava em mau estado. Comia-se sempre pão preto. A regra era espartana: madrugar pela manhã, pouco fogo para aquecimento, muito trabalho e poucas férias. Os estudos eram muito sérios”⁵.

Léon Dehon foi admitido no colégio de Hazebrouck na quarta classe dos estudos secundários. Ali estudou de modo comparativo as línguas: latim, grego e francês. Utilizava-se o programa que a universidade napoleônica tinha herdado dos jesuítas e estes, por sua vez, dos humanistas do Renascimento⁶. Além dos clássicos “pagãos”, traduziam-se passagens de autores cristãos como Agostinho e Tertuliano e também trechos da Bíblia. Cultivava-se certa “prudência” com relação aos autores contemporâneos. Ocupam lugar especial, a redação e o discurso em latim. Entre os temas preferidos estava o elogio da inocência e da virtude e a defesa do direito e da liberdade. A opção pela cultura clássica e medieval deixou certa lacuna na formação no que se refere aos problemas da história presente.

Com apoio do Pe. Carlos Boute, Léon Dehon experimenta uma sólida educação cristã. Descobre a sensibilidade para com os pobres ao participar da Sociedade de São Vicente de Paulo. Admira o intenso empenho pedagógico da Igreja. Vemos aqui a matriz de sua vida, toda dedicada a uma *obra espiritual*, da qual a Congregação dos Sacerdotes do Coração de Jesus será a expressão mais visível e também à uma intensa *obra social*, que incluirá entre outros fatores, seu empenho educacional no Colégio São João⁷.

⁴ Era uma escola pública, mas dirigida por sacerdotes. Lembremos que após a Lei Falloux, de 1850, facilita-se a abertura de escolas por congregações religiosas. Fala-se até de “cristianização por meio da escola”. Cf. G. CHOLVY – Y.M HILAIRE, *Histoire religieuse de la France contemporaine*, p. 226.

⁵ NHVI, p. 13v.

⁶ Cf. J. LEMIRE, *L'abbé Dehaene*, p. 120. Os estudos clássicos e de humanidades, nos tempos de Leão Dehon estavam distribuídos por sete anos, subdivididos nas classes inferiores de humanidades: 4 anos (7ª: preparatória; 6ª: início do latim; 5ª: início do grego; 4ª: continuação do estudo das línguas clássicas) e nas classes superiores de humanidades: 3 anos (3ª: continuação dos estudos das línguas clássicas; 2ª: poesia, por exemplo, o estudo de Horácio, de Virgílio; 1ª: retórica, por exemplo, o estudo de Cícero de Demóstenes).

⁷ Cf. NHVI, p. 13.

Os dois professores, Pe. Dehaene e Pe. Boute, marcaram fortemente a visão que Dehon teria do mestre cristão. Segundo as palavras registradas em suas Memórias: “Pe. Dehaene foi, para mim, um pai; Pe. Boute foi um mestre, um bom e verdadeiro mestre em todo o sentido da palavra”⁸. A diferença de personalidade destes dois educadores – o primeiro enérgico e vigoroso e o segundo terno e acolhedor – será uma síntese perseguida por Dehon em toda a sua vida e que será, freqüentemente, relatada por seus futuros alunos. Vigor e ternura fazem uma síntese necessária para o educador que queira encarnar, em sua personalidade pedagógica, a Educação Integral.

Foi em Hazebrouck que Dehon, aos treze anos, na Missa da meia-noite, do Natal de 1856, diante do presépio, sentiu fortemente o chamado ao sacerdócio. Este toque de Deus foi tão determinante que se tornou uma meta que ele jamais perderá de vista. Mais que isso, daquele momento em diante, o próprio Dehon reconhecerá mais tarde, “aquela decisão jamais será colocada seriamente em discussão”⁹. Mantém esse desejo no coração e continua seus estudos secundários, que termina em 1859, aos dezesseis anos. Ao comunicar aos pais a intenção de ser sacerdote a reação foi bastante negativa. O pai sonhava para ele uma “carreira brilhante” como advogado, magistrado ou diplomata¹⁰. Um filho de família tradicional burguesa ser sacerdote não seria propriamente algo comum e fácil de ser aceito pelos pais, na França do século 19.

2 Estudante de Direito em Paris

Diante da oposição de seu pai, Dehon recua e não entra para o seminário de Saint-Sulpice, em Paris, como seria sua intenção. Após os necessários cursos preparatórios no Instituto Barbet, inscreve-se no Politécnico, em Paris. Porém, não sentia atração para se tornar matemático, cientista, engenheiro, ou arquiteto. Por isso, contemporaneamente, matricula-se no primeiro ano de Direito, na Faculdade de Paris. Aos dezoito anos torna-se bacharel e, aos vinte e um, defende sua tese de doutorado em Direito Civil, na qual compara o direito romano

⁸ NHV I, p. 17r.

⁹ Cf. Y. LEDURE, *Un prete con la penna in mano*, p. 20.

¹⁰ Em suas Memórias Dehon escreve que o pai foi tomado de uma “tristeza que não o deixaria até a morte”. NHV I, p. 31r.

com o direito francês¹¹. É bom lembrar que toda esta etapa de estudos civis se passa sob o regime monárquico favorável à Igreja, que culmina com o Segundo Império de Napoleão III, e as facilidades proporcionadas pela Lei Falloux. Estamos em 1864¹². A lacuna percebida na educação recebida em Hazebrouck é suprida pelo ambiente cultural parisiense, já marcadamente laico. Dehon elabora uma nova síntese entre a cultura “sacra” e a cultura “profana”. Esta visão integral da cultura poderá ser observada futuramente em seus discursos educacionais. Ele mesmo reconhece o valor deste tempo de cinco anos em Paris em um trecho de suas Memórias:

Agora compreendo por que a Providência me fez passar pelo estudo do direito. Para onde teria ido aos dezesseis anos? Era muito cedo para estudar em Roma. Além disso, não teria aproveitado muito a minha estada ali, sendo tão jovem e não teria participado no acontecimento do concílio Vaticano I. Nosso Senhor queria-me primeiro em Paris, onde se encarregava de velar pela minha alma. Além disso esse período de cinco anos devia ser extremamente precioso para os meus estudos, para os relacionamentos, o conhecimento do mundo e as viagens¹³.

De fato o período de estudos em Paris abriu ao jovem Dehon a oportunidade de fazer inúmeras viagens que lhe deram uma visão panorâmica do mundo. Sua noção de geografia sempre ultrapassará os mapas e lições de sala de aula. Como poucos de seu tempo, Dehon teve oportunidade de conhecer entre 1859 e 1864 diversos países europeus. Em 1861 passa três meses em Londres para aprender inglês, onde retorna no ano seguinte para aperfeiçoar este idioma. Acaba estendendo a viagem também para a Escócia e a Irlanda. Em 1863, visita a Alemanha, Dinamarca, Noruega, Suécia e Áustria. Durante o ano de 1863-1864, dedica-se a conhecer com mais detalhes os arredores de Paris.

Neste período, nasce em Dehon um intenso desejo de se dedicar, como sacerdote, à formação do clero. Na qualidade de estudante universitário, ele percebe que a Igreja está

¹¹ OSC IV, 64-170. Já na tese apresentada para a obtenção do título de bacharel (licence), Dehon compara a “tutela” no direito romano e francês. OSC IV, 13-61. Na tese de doutorado, dedicada a seus pais e ao Pe. Boute, analisa a natureza jurídica da “caução” (fiança), que considera expressão jurídica da “compaixão”. OSC IV, 69. Escolhe dois textos para iniciar a parte dedicada ao direito francês que são no mínimo indicadores do que se passava em seu coração. De Platão ele escolhe a frase: “Quem fia, marcha à ruína”. Do direito civil turco prefere: “A fiança [*cautionnement*] é um dos atos de humanidade mais louváveis que o homem possa fazer em favor do seu próximo”. OSC IV, 89. É fácil perceber a síntese entre razão e coração, mesmo no árido estudo das leis.

¹² Como vimos no Capítulo I, tudo mudará com o advento da Terceira República, em 1870. O anticlericalismo e a descristianização arquitetada pela franco-Maçonaria aumentará seu domínio sobre as instituições. Mas Dehon estará fora de sua pátria, no seminário Santa Clara, em Roma.

¹³ NHV I, p. 40r.

ausente da direção intelectual do país. O clero não participa dos debates no campo das idéias por estar mal preparado para dialogar com a elite da burguesia.

Diante do sucesso do filho no doutorado de Paris e para tentar dissuadi-lo da idéia de ser sacerdote, seu pai lhe oferece, como prêmio, uma viagem “turística” de oito meses ao Oriente Médio, na companhia de seu amigo de muitas outras viagens, o arqueólogo Léon Palustre¹⁴. Chegaram a Jerusalém no dia 25 de março de 1865¹⁵. No retorno, muito mais determinado quanto à sua vocação, Dehon volta por Roma e é recebido, em audiência, por Pio IX, que o aconselha a entrar para o Seminário Francês Santa Clara, em Roma. A decisão estava tomada: “A minha vocação estava decidida. Era o coroamento da minha viagem”, testemunha em suas Memórias¹⁶. Voltando para casa ainda teve que enfrentar a oposição dos pais. O pai não escondia o sofrimento. A mãe o queria piedoso cristão, “o sacerdócio, porém, a assustava”¹⁷. Mas Léon Dehon já tomara definitivamente a sua decisão¹⁸.

3 Estudos eclesiásticos em Roma

A partir de outubro de 1865, começa uma nova fase da vida de Dehon, no Seminário francês de Roma, onde o superior, que tornou-se também seu diretor espiritual, era o spiritano Pe. Melchiorre Freyd. Depois dos estudos civis, agora se dedicava aos estudos de filosofia e teologia no Colégio Romano, dirigido pelos jesuítas¹⁹. Nutre uma grande

¹⁴ NHV II, 70v. Para conhecer o complexo itinerário da viagem: Y. LEDURE, *Un prete con la penna in mano*, 34-39. Mais do que um simples roteiro turístico, a viagem foi uma verdadeira expedição de estudos. Com mais detalhes: G. MANZONI, *Leone Dehon e il suo messaggio*, 88-104. León Palustre, que chegou a ser o presidente da Sociedade francesa de Arqueologia, foi o responsável por acordar em Dehon um profundo gosto pela leitura da filosofia e dos autores contemporâneos. Além disso, seu gosto pela arqueologia e pelas belas artes contagiou Dehon de tal forma que ele cultivou este tipo de ligação cultural até o final de sua vida. Léon Palustre morreu em 1894, com apenas 55 anos de idade.

¹⁵ NHV III, 146-147.

¹⁶ NHV IV, p. 99.

¹⁷ NHV IV, p. 101.

¹⁸ “Tinha que endurecer o meu coração para resistir a todas as pressões que sofria. Fui às vezes duro para com meus pais. Era preciso sê-lo.” NHV IV, p. 101.

¹⁹ “Considero uma grande obra da Providência ter feito os meus estudos no Colégio Romano.” NHV IV, p. 148. Dehon sempre foi claro em manifestar seu apreço e admiração pelo sistema pedagógico dos jesuítas. Cf. G. MANZONI, *Leone Dehon e il suo messaggio*, pp. 111-112. Estudará no “Collegio Romano” até 1871, portanto ainda no antigo edifício da “Via Capitolina”, hoje “Piazza dell’Aracoeli”. Em 1873, com a perda dos Estados Pontifícios o edifício passou para o Estado. O colégio foi transferido para o “Palazzo Borromeo” na “Via del Seminario”. Pio IX, em 04.12.1873 dispôs que se chamasse “Pontificia Università Gregoriana del Collegio

admiração pelos professores, especialmente pelo Pe. João Batista Franzelin. Chega a dizer: “As suas aulas – escreve Pe. Dehon – foram uma das maiores graças da minha vida”²⁰. Logo percebeu que os Seminários franceses não tinham as mesmas exigências no que se refere à formação intelectual. Sob seu ponto de vista, isto poderia explicar a pouca influência da Igreja no mundo da cultura e das idéias em seu país. Sua conclusão é que os Seminários deveriam estar ligados às Universidades Católicas²¹. A *Ratio Studiorum* do Colégio Romano é considerada, por ele, “para os estudos o que é o livro dos Exercícios Espirituais de Santo Inácio para a vida espiritual”²². Seria um modelo para as Universidades Católicas. Dehon exalta o método escolástico em filosofia e teologia. Segundo ele, eleva o nível das inteligências. Por outro lado, critica o *Discurso sobre o método* de Descartes, que considera um “pecado do espírito” que acabaria por conduzir ao laicismo²³.

Em 1867, Dehon fundou no Seminário Francês Santa Clara, a *Œuvre de Sainte-Catherine*²⁴. Era uma organização que promovia a presença dos seminaristas junto aos pobres. O próprio Dehon descreve em suas Memórias:

Muitos de nós havíamos participado nas obras de Paris: patronatos e conferências de São Vicente de Paulo. Era difícil não fazer nada para as crianças pobres. Organizamos uma pequena obra de catecismo. Fui eleito presidente. Todas as semanas nos reuníamos para falar um pouco sobre a piedade e cada dia na hora do recreio dávamos o catecismo a algumas crianças pobres que eram enviadas pelo Pároco de Minerva²⁵.

Romano” e o reitor poderia ser intitulado “Rettore della Pontificia Università Gregoriana”. Em 1919, Bento XV adquiriu o terreno da “Piazza della Pilotta” para a nova sede da Pontifícia Universidade Gregoriana, inaugurada em 6 de novembro de 1930, já sob o pontificado de Pio XI. Cf. R. GARCIA VILLOSLADA, *Storia del Collegio Romano*, p. 9.

²⁰ NHV V, p. 54. Pe. Franzelin (1816-1886) de fato foi um dos grandes teólogos da época. Ocupava a cátedra de dogmática, além de ensinar linguas orientais. Foi teólogo papal no Concílio Vaticano I e, Pio IX, o fez cardeal, em 1876.

²¹ NHV IV, p. 150.

²² NHV IV, p. 150. No Brasil a “Ratio Studiorum” foi traduzida e comentada pelo filósofo jesuíta Pe. Leonel Franca: Cf. L. FRANCA, *O método pedagógico dos jesuítas*.

²³ NHV IV, p. 150-159. Apesar de o texto ser uma memória do tempo de Dehon no Seminário de Roma, não podemos nos esquecer que é escrito em 1886, em plena Terceira República, quando já se iniciara o processo que resultaria na separação entre a Igreja e o Estado. Isto dá sentido a esta frase: “C’est le péché de l’esprit qui devait nous conduire au laïcisme d’aujourd’hui”. NHV IV, p. 159. *Grifo do autor*.

²⁴ L. DEHON., *Œuvre de Sainte-Catherine*. Preservado em: AD.B. 3/17, inventário 13.27.

²⁵ NHV V, pp. 107-108. A igreja de *Santa Maria sopra Minerva* fica ao lado do seminário francês. Dehon revela ainda que todos os dias os membros da Associação diziam uma prece pelo Papa. Quando escreve estas Memórias, em 1886, ele afirma que ainda é fiel a esta prece diária.

Identificamos nesta singela iniciativa um sinal do *espírito de educador* que caracterizará cada vez mais a personalidade e a vida de Dehon. Escreverá em suas Memórias muitos anos mais tarde: “Roma, 1865-1871. É o período ideal da minha vida”²⁶. Depois de um ano, tendo sido aproveitados os seus estudos precedentes, era doutor em filosofia. Conseguirá ainda o doutorado em teologia e em direito canônico²⁷. Esta vontade de aprender caracterizou Dehon durante toda a sua vida. Sempre teve um postura de aprendiz diante da história.

É ordenado sacerdote no dia 19 de dezembro de 1868, aos vinte e cinco anos, em Roma, na Basílica São João de Latrão, na presença dos pais e junto com outros 200 sacerdotes²⁸. Dehon permanece em Roma para concluir seus estudos e participar, como estenógrafo, do Concílio Vaticano I, que tem início em dezembro de 1869²⁹. Por essa razão, Dehon pode ser uma testemunha privilegiada dos conflitos que aconteceram em torno da definição do dogma da infalibilidade pontifícia que enfrentava muita oposição por parte de alguns bispos franceses. Outra percepção dolorosa para o jovem sacerdote é a falta de preparo teológico e de abertura para a Igreja Universal do episcopado francês³⁰. A confiança no Papa como guardião “infalível” da verdade o motiva a ser um divulgador das doutrinas romanas em uma obra especificamente pensada para formar melhor o clero.

Este é um daqueles momentos intensos da história. No dia 18 de julho de 1870, é declarado o dogma da infalibilidade pontifícia. Um dia depois a França declara guerra à Prússia. Aproveitando a ocasião, os piemonteses invadem Roma, em setembro, colocando fim aos Estados Pontifícios e obrigando Pio IX a encerrar o Concílio no mês seguinte, antes do prazo previsto. No mesmo mês de setembro, a derrota da França na Batalha de Sedam coloca fim ao Segundo Império. Napoleão III é capturado pela Prússia. Está aberto o caminho para a Terceira República que não começará sem antes derramar o sangue operário na Comuna de Paris, já no início de 1871. Retomamos todos estes fatos para dimensionar o impacto desse momento no coração e na vida de um jovem sacerdote, recém-ordenado, com diversos doutorados, que retorna à sua pequena cidade natal, em julho de 1870, e é convocado para

²⁶ *NHV* XLV, p. 36.

²⁷ Dehon mostrou sempre uma especial inclinação acadêmica, o que não era comum ao clero da época, com uma formação, em geral, deficiente. Cf. *NHV* IV, p. 150.

²⁸ Cf. *NHV* VI, p. 81.

²⁹ Suas memórias deste período estão registradas em: L. DEHON, *Diario del Concilio Vaticano I*.

³⁰ *NHV* VII, p. 34.

servir o exército como capelão militar. Vê destruídos todos os seus sonhos românticos de “restauração”. O Papa é infalível, mas prisioneiro do Vaticano e quase sem poder temporal. Roma nunca mais seria a mesma. O imperador é derrotado e preso. A França mudará definitivamente, realizando o sonho revolucionário do Estado laico. Muda não somente o mapa da Europa. Estão colocadas as bases de uma nova configuração em todos os níveis: político, social, religioso, cultural e econômico.

4 Primeiros projetos educacionais

Terminada a guerra, Dehon volta rapidamente à Roma, em 1871, a fim de concluir seu doutorado em Teologia e em Direito Canônico, no Colégio Romano, já parcialmente ocupado pelos piemonteses³¹. No caminho, nos dias 10 a 15 de março, faz uma parada em Nîmes, para se encontrar com Pe. Emmanuel d’Alzon, fundador dos Assuncionistas, que iniciava uma obra voltada para a educação em nível universitário. O próprio Dehon descreve, com detalhes, seu estado de espírito atento à possibilidade concreta de ingressar na vida religiosa a serviço da educação:

Minha parada em Nîmes tinha uma grande importância. Queria ver o que era esta obra. Tinha o desejo de ali entrar. Um profundo trabalho acontecia na minha alma já há dez anos. Por um lado, queria ser religioso; por outro pensava que para a Igreja fosse chegado o momento de se empenhar com novos cuidados aos estudos superiores para difundir sua influência sobre as inteligências. Eu unia estes dois pensamentos. Parecia-me que minha vocação fosse entrar em uma comunidade religiosa dedicada ao estudo e ao ensino³².

Sabemos que, apesar desta forte inclinação e dos insistentes convites de d’Alzon, Dehon não entrou no projeto por perceber nele um homem “mais de ação, diria mesmo de agitação, do que um homem de estudos”³³, enquanto Dehon amava o silêncio, o recolhimento e a pesquisa. Já o conhecia dos tempos do Concílio e juntos haviam percebido a necessidade de

³¹ Encontramos este importante detalhe em uma carta de Dehon aos seus pais, nesta época. AD.B. 18/11.

³² *NHV IX*, p. 3. Dehon procura a síntese difícil entre sensibilidade e razão, coração e inteligência, vida espiritual e vida de estudos.

³³ *NHV IX*, p. 13. Na verdade, ele seguia fielmente as orientações de seu diretor espiritual, Pe. Freyd, que sempre desestimulava o envolvimento de Dehon com a fundação de universidades na França, por receio de que isso pudesse fortalecer o galicanismo. Lembremo-nos que ele era o reitor do seminário francês, em Roma, de orientação ultramontana.

fazer algo para *reparar* o baixo nível cultural do clero francês³⁴. Ele entendia que estas iniciativas eram urgentes para fazer frente aos “ideais laicisantes” da Revolução.

Nos meses que se seguiram, Dehon estuda esta questão com muita atenção e cuidado³⁵. Ele conclui que “após a era dos mártires deveria vir a era dos doutores”³⁶. Era necessário combater as “novas heresias” do naturalismo, liberalismo e galicanismo. A Igreja precisava das ciências, da história, da exegese, da economia e da política, para restaurar o catolicismo na França. Afirma ainda que as universidades católicas seriam um ótimo meio para isso, mas deveriam estar sempre ligadas à Roma, ao Papa, “por causa da prerrogativa de Pedro de ensinar e de confirmar os outros”³⁷. Dehon, portanto, acredita na *reparação* pela via dos estudos³⁸. Ele reconhece um potencial místico no conhecimento. Muitos anos antes de fundar sua Congregação e seu colégio, já tem esta pauta em mente. Quase tudo se torna realidade sem a sua contribuição direta. Ao escrever suas Memórias, revela: “Nossa pequena família religiosa se dedicará também a este tipo de apostolado, quando ela tiver saído da era das dificuldades próprias de todo início”³⁹. Sua alma ficou fortemente marcada pelo desejo de “fundar uma obra de estudos”, que depois unirá à fundação de uma Congregação dedicada à reparação ao Sagrado Coração de Jesus⁴⁰.

Em outubro de 1871, Dehon coloca-se à disposição do então bispo de Soissons, Dom Dours, e é nomeado vigário paroquial em Saint-Quentin, cidade operária de 35.000 habitantes. Não era exatamente a resposta ao sonho de dedicar-se ao ensino superior⁴¹. O sacerdote de vinte e oito anos assume os trabalhos cotidianos próprios de um jovem

³⁴ *NHV VI*, pp. 115;120. Para fazer frente aos “erros filosóficos e sociais que ganhavam terreno”, Dehon sente a necessidade de criar uma elite católica bem formada. Para isso, os dois meios seriam o estabelecimento de Universidades Católicas e a valorização dos estudos nas Ordens Religiosas.

³⁵ Em suas Memórias Dehon elenca algumas fontes que consultou para se aprofundar neste assunto: Tomás de Aquino, João Crisóstomo, Agostinho, Jerônimo, Lacordaire, Franzelin, Mabillon, Louis Veillot, entre outros. *NHV VI*, p. 119.

³⁶ *NHV VI*, p. 120.

³⁷ *NHV VI*, p. 126

³⁸ Dehon assume, para si, as considerações sobre o sistema filosófico de Lamennais, feitas por Henri Lacordaire: “Agora que a Igreja está organizada é necessário restaurar as ciências religiosas, caso contrário aumentará os gravíssimos perigos que já experimenta”. *NHV VI*, p. 122.

³⁹ *NHV VI*, p. 130. Estas Memórias são escritas a partir de 1886.

⁴⁰ *NQT IV/1887*, p. 1r.

⁴¹ “Era exatamente o contrário daquilo que eu havia desejado por muitos anos: uma vida de recolhimento e de estudo. Fiat!” *NHV IX*, p. 71.

sacerdote católico. Percebe-se, por seus escritos deste tempo, que ele tinha uma forte capacidade de se encantar até com as coisas mais simples⁴². Seu olhar sobre a sociedade não é neutro ou indiferente. É um olhar qualificado pelos estudos e animado por sua fé. Colocado diante da realidade operária e da descrença religiosa, Dehon começa a fazer a síntese entre teoria e prática, que marcará seu jeito de educar.

⁴² *NHV IX*, p. 87. Esta é outra característica que devemos reter para compreender as raízes da complexa identidade pedagógica de Dehon.

CAPITULO III

O contexto prático e teórico – Dehon educador

Neste terceiro capítulo veremos a segunda metade da vida de Dehon que, mesmo com quatro doutorados e uma cultura pouco comum para um padre de seu tempo, acabou dedicando-se às atividades religiosas como um simples vigário paroquial na cidade operária de Saint-Quentin. Porém, o sonho foi mais forte e, ali mesmo, iniciou uma série de obras ligadas ao mundo da educação e fundou, também, uma Congregação religiosa inspirada na mística do Sagrado Coração de Jesus. É neste contexto que surgem seus escritos sociais, místicos e educacionais.

1 Primeiros desafios e fundações

Um dos primeiros desafios que Dehon enfrenta em Saint-Quentin é que em uma paróquia de 35.000 habitantes não era possível a pastoral personalizada¹. Percebe logo a ineficácia da “instrução moral e religiosa” da qual era encarregado em duas escolas públicas². Na alma de Léon Dehon, que até então sempre fora aprendiz, vai se manifestando a vocação de educador. Após analisar a realidade, chega à conclusão de que, para educar o povo na fé cristã, seria necessário um patronato, um jornal católico e um colégio eclesiástico³. De fato, em 1872, começam as atividades do “Patronato São José” (*l'Œuvre Saint Joseph*)⁴, em 1874

¹ NHV IX, p. 89.

² Mesmo nas escolas públicas, a Igreja Católica era responsável pela instrução religiosa, desde a Lei Guizot, de 1833. Isto terminaria com a lei Jules Ferry, de março de 1882.

³ NHV IX, p. 82. Encontramos manuscritos de Dehon, onde há registros de reuniões com jovens, de 1876-1878. O tema, em geral, é a análise crítica do positivismo e seus desdobramentos. Cf. OSC VI, pp. 5-48.

⁴ NHV IX, p. 129.

funda um jornal: “*Le Conservateur de L’Aisne*”⁵ e, mais tarde, em 1877, funda o “Colégio São João” (*Institution Saint-Jean*)⁶.

1.1 O Patronato São José

O Patronato São José é a primeira obra de Dehon para a educação da juventude. Era uma espécie de complemento de seu trabalho de catequese nas escolas públicas. Inicia com reuniões informais aos domingos à tarde, depois nas dependências cedidas pela Conferência São Vicente de Paulo e, finalmente, em 1873, em sede própria. Os jovens eram convidados a ir ao Patronato onde podiam se divertir e receber uma instrução religiosa. Em agosto de 1872, eram 75 jovens e, no final daquele ano, já chegavam a 200. A obra cresce e se torna uma grande instituição educacional. Esta será uma das principais atividades de Dehon em seus primeiros anos de padre. O Patronato São José é uma “obra complexa”⁷. Dentro dele surge uma série de outras iniciativas, como um pequeno orfanato (Casa de Família), um Círculo Operário – na linha iniciada por Albert de Mun e La Tour-du-Pin⁸ – e um círculo de estudos sociais⁹. Havia grupos de música e teatro. Por conta dessas atividades, Léon Dehon se torna o secretário diocesano da ação social¹⁰. O patronato é a principal atividade de Dehon até fundar

⁵ O jornal *Le Conservateur de L’Aisne* começou a ser publicado no dia 14.03.1874 e foi estampado regularmente com periodicidade diária durante dez anos, até ser fundido com *Le Journal de Saint-Quentin*. Cf. *NHV X*, pp. 189-190.

⁶ Um dos motivos pelo qual Dehon demorou para começar a fundação de um colégio foi a opinião contrária de seu diretor espiritual, Pe. Freyd, como se pode observar em uma carta que escreveu a Dehon em 16.05.1872: “Cela ne saurait être votre affaire”. AD.B 21,7.

⁷ *NHV XII*, p. 85.

⁸ É muito intensa sua ação no meio dos operários, já neste início, portanto, antes mesmo do pontificado de Leão XIII, que seria marcado pela *Rerum novarum* e pela abertura da Igreja à questão social. Dehon participa de diversos congressos de operários católicos. Em um deles, em Nantes (25-29.08.1873) conheceu o empresário de Val-de-Bois, Léon Harmel, que se tornaria um grande amigo e companheiro de jornadas sociais.

⁹ Cf. G. MANZONI, *Leone Dehon e il suo messaggio*, pp. 193-197.

¹⁰ Em francês: *Bureau diocésan des Œuvres*. Nesta atividade já podemos perceber a capacidade de Dehon de ver a realidade e refletir sobre ela à luz da fé em vista da transformação. Isto está registrado nos primeiros escritos que produziu como secretário do *Bureau diocésan*. *OSC IV*, pp. 213-260. Pode ser verificado, por exemplo, no texto da prestação de contas anual do Patronato São José (1876), que começa *analizando* a situação social e financeira, depois recorda o objetivo desta *obra cristã* como um remédio contra o mal social e, em seguida, a avaliação de toda a obra é feita em tom *prospectivo*: “Mais ce qui reste à faire est encore immense”. *OSC IV*, pp. 227-239. Esta metodologia de trabalho o levou a promover uma pesquisa seguida de uma assembléia em nível de Diocese. Ele próprio reconhece que foi o grande momento de sua vida como padre diocesano. *NHV IX*, p. 93.

sua Congregação religiosa. Era sua intenção que a obra ficasse ligada à Congregação, mas o bispo decidiu diferente. Ele recorda este fato em seu Diário, em julho de 1896:

O bispo tomou uma decisão muito penosa para mim. Confia o Patronato São. José a Pe. Mercier. Fazia vinte e cinco anos que tinha fundado esta obra. Tinha gasto nela somas importantes (ao menos 50.000 francos). Tinha-me comprometido com todo o ardor juvenil do meu sacerdócio. Parecia-me que esta obra devesse ficar para sempre confiada à nossa Congregação. A autoridade diocesana decidiu de outro modo. Fiat!¹¹

1.2 *Convite para ser professor universitário*

Dehon já havia rejeitado o convite do Pe. d'Alzon para participar da fundação de uma universidade católica em Nîmes. Em 1872, recebeu novo convite de Pe. Eduardo Hautcœur (1830-1915) para colaborar na *Revue des Sciences Ecclésiastiques*¹², que este havia fundado em Lille, no ano de 1860. Dehon chegou a se encontrar com Hautcœur¹³, mas não realizou nenhuma colaboração concreta. Em agosto de 1874, Hautcœur decide fundar a universidade católica e convida Dehon para lecionar na área do Direito. Novamente a opinião do diretor espiritual, Pe. Freyd, é contrária. Ele entende que Dehon já era responsável por muitas obras em Saint-Quentin. Na verdade, já sabemos que o diretor espiritual era contra a criação de universidades católicas na França por temer que se tornassem focos de galicismo e, assim, fizessem concorrência com o Seminário Francês em Roma. Dehon está consciente deste fato, mas obedece ao seu diretor espiritual, mesmo contrariando seus desejos e aptidões pessoais:

O Pe. Freyd não acreditava no futuro das nossas universidades, especialmente na de Lille. Via nela uma concorrência ao seu seminário (onde eram poucos os alunos). Enganava-se neste pormenor. Porém era o meu diretor e obedeci¹⁴.

Em 1875, com a lei que possibilitou a criação de universidades católicas na França, Hautcœur volta a insistir. Dehon responde: “Não tenho mais que um desejo: o de fazer a

¹¹ *NQT* XI/1896, p. 65r.

¹² Carta de 13.2.1872. AD.B. 21/7.

¹³ *NHV* XI, p. 3.

¹⁴ *NHV* XI, p. 9.

vontade de Deus que será manifestada pela decisão do novo bispo de Soissons, Dom Thibaudier”¹⁵.

1.3 A atração por uma vida mais contemplativa

É fácil concluir que tantas e tão diferentes iniciativas, unidas às tarefas normais de um sacerdote, tomassem quase todo o tempo do jovem sacerdote, fazendo dele um homem de congressos e reuniões¹⁶. Isto estava em claro contraste com a pastoral típica de seu tempo, centrada basicamente na administração dos Sacramentos e na prática de algumas devoções. Dehon, porém, começa a sentir-se cansado e vazio¹⁷. Faltava-lhe algo. Para suprir esta lacuna, juntamente com outros sacerdotes, em 1874, funda um “oratório diocesano”. Trata-se uma reunião mensal de estudos, silêncio e oração¹⁸.

Em todas estas iniciativas no início do seu ministério sacerdotal vai se consolidando a identidade de um homem muito atento às necessidades sociais do seu tempo e disposto a dar uma resposta de qualidade a partir de um estudo prévio. É a postura típica de um educador comprometido com a realidade. Mais tarde, já no auge do seu apostolado social Dehon reconhece: “*Nous sommes des hommes d’obéissance*”¹⁹. De fato, a obediência em sua acepção semântica original de disposição para *ouvir, discernir e decidir* é um valor estruturante da sua personalidade.

É preciso reconhecer essa dinâmica, da qual Dehon estava consciente, para entender o seu comportamento diante do novo bispo de Soissons, Dom Odon Thibaudier, que toma posse

¹⁵ Carta de 25.7.1875. AD.B. 21/7.

¹⁶ Escreve em 1897: “Particpei de muitos congressos nos últimos vinte e cinco anos. Sempre os considerei exercícios espirituais de zelo. No meu modesto parecer, atacar estes congressos, significaria trair a causa sagrada da Igreja”. *OSC* II, p. 370.

¹⁷ Temos uma ótima descrição da vida interior de Dehon nesse período em G. MANZONI, *Leone Dehon e il suo messaggio*, pp. 215-218.

¹⁸ A. DUCAMP, *Le Père Dehon et son œuvre*, pp. 122-123. A primeira reunião, com outros cinco sacerdotes, aconteceu na casa dos jesuítas, em Laon, no dia 28 de julho de 1874. *NHV* X, p. 175. O oratório era inspirado e ligado à obra do sacerdote A. Olichon Lebeurier, que tinha como finalidade criar laços de família entre sacerdotes diocesanos. Era conhecida como L’Union Apostolique des prêtres séculiers du Sacré-Cœur. Cf. A. BROU, “Associations de Prêtres” in *Dictionnaire de Spiritualité*, Tome I, pp. 1037-1045. Para um estudo especializado sobre o tema em Dehon: E. DRIEDONKX, *El Oratorio Diocesano de Soissons*.

¹⁹ Esta afirmação é a propósito do *Manuel social chrétien* que terminara de ser redigido como resposta a um pedido do bispo. *OSC* IV, p. 255.

em abril de 1876, e da Ir. Maria Uhlrich (1837-1917), fundadora das Servas do Sagrado Coração de Jesus. O bispo queria a fundação de um colégio católico em Saint-Quentin. A madre sonhava com a fundação de uma Congregação de sacerdotes dedicada ao Sagrado Coração de Jesus. Dehon ouve tudo com muita atenção. Ele já havia contemplado a realidade da cidade e da região por meio da pesquisa e concluíra que, de fato, se fazia necessário um colégio confessional. Também sentia um forte apelo de contemplação mística, vivida no “oratório”, que o fazia experimentar certa atração pela vida em uma Congregação. Deste modo, a estrutura contemplativa da personalidade de Dehon – quer voltada para a realidade exterior, quer para a dimensão interior – tornava interessantes tanto as propostas do bispo, quanto a da religiosa.

Através desta característica de escrupulosa atenção à realidade, alguns de seus biógrafos chegam a considerar Léon Dehon um homem indeciso, que ouve demais²⁰. Porém, podemos vê-lo também como alguém contemplativo. É uma questão de ponto de vista. Seu lema de sacerdócio manifesta claramente esta dimensão pessoal: “*Domine, quid me vis facere?*”²¹. Hoje chamaríamos esta postura diante da vida de construtivismo, ou seja, a habilidade pedagógica de fazer perguntas e de ouvir as respostas.

As conversas com a Madre Uhlrich e com os diretores espirituais, Pe. Freyd e, depois, Pe. Dorr, acentuavam cada vez mais o antigo desejo de se consagrar como religioso²². A solução teria sido fácil se Dehon simplesmente tivesse aceito, em 1874, o convite de seu diretor espiritual e antigo Reitor do Seminário de Roma, Pe. Freyd, de entrar para sua Congregação dos Espiritanos e, depois, quem sabe, sucedê-lo como Reitor. A resposta de Dehon é clara e revela toda a sua complexa dinâmica interior: “Isto que me propõe seria para mim o paraíso. Estar em Roma, ter as vantagens da vida religiosa, estudar à vontade, tudo o que me atrai. Mas será a vontade de Deus?”²³. É importante observar que, em sua nostalgia

²⁰ Cf. por exemplo: Y. LEDURE, *Un prete con la penna in mano*, p. 82.

²¹ Isto pode ser verificado no lema pessoal de vida que escolheu já no tempo de seminário: “*Domine, quid me vis facere?*”. NHV V, p. 2.

²² Escreve em suas Memórias sobre o retiro espiritual de 1872: “Conservava o desejo ardente da vida religiosa. Temia perder a vida interior nas atividades do ministério e das obras”. NHV X, p. 28.

²³ Esta carta é de 11.12.1874 e se encontra nos arquivos dehonianos. AD.B. 36/2. Dehon chega a ficar incomodado com este convite. É possível que já estivesse consciente da dinâmica inaciana de acompanhamento na qual “o pior erro que um diretor pode cometer é conduzir o outro pelo seu próprio caminho”. Cf. R. GARCIA MATEO, *S. Ignazio di Loyola*, p. 41. O diretor espiritual escreve cartas a Dehon quase até a sua morte (06.03.1875) confirmando que deveria ser religioso. G. MANZONI, *Leone Dehon e il suo messaggio*, p. 218.

pelo tempo vivido como seminarista em Roma, Dehon sempre recorda as dimensões do estudo e da oração. No momento em que decidir pela vida religiosa fundará, contemporaneamente, um *Colégio* e uma *Congregação*. Vemos aqui uma íntima ligação entre sua vida mística e intelectual como expressões da dimensão que chamamos de *contemplativa*. Este aspecto indica outra síntese de personalidade que caracteriza a Educação Integral presente nos seus escritos educacionais: contemplação e ação.

No início de 1877, Dehon viaja com Dom Thibaudier para Roma. Chega a pedir ao bispo para ficar ali durante um ou dois anos com a finalidade de estudar. Sabemos que, na verdade, a sua intenção era entrar para o noviciado dos Sacerdotes do Espírito Santo²⁴. Ele afirma que “sofria na sua vida espiritual e intelectual” pelo ativismo exigido em Saint-Quentin. Desejava permanecer em Roma para rezar e estudar. É preciso estar atento ao modo como Dehon sempre une estas duas dimensões da vida contemplativa: estudo e oração. A dimensão intelectual estará sempre intimamente ligada à sua dimensão mística.

O bispo, rejeita categoricamente a proposta do jovem padre²⁵. Não estava disposto a perder um de seus secretários mais bem formados. Além do mais, desejava iniciar um Colégio católico em Saint-Quentin e o jovem cônego era a pessoa mais indicada para este trabalho. Seguiu-se um longo diálogo entre Léon Dehon e o bispo. Por fim chegaram à conclusão de que era possível conjugar os dois desejos: de Dehon, por uma vida mais contemplativa e recolhida, dedicada aos estudos e à oração; e a necessidade de um colégio confessional na cidade de Saint-Quentin, conforme o desejo do bispo. Este, de certa forma, correspondia também ao antigo sonho de Dehon de dedicar-se à educação. Mas seu ideal estava mais voltado à pesquisa do que à docência. Já rejeitara sua participação na fundação de universidades. Porém, atende ao desejo do bispo. À sombra de um Colégio nascente, Dehon resolve fundar uma Congregação religiosa na qual espera viver seus ideais mais profundos.

²⁴ Cf. Y. LEDURE, *Un prete con la penna in mano*, p. 92.

²⁵ *NHV XII*, pp. 118-119.

1.4 O Colégio São João

Dehon adquire a *Maison Lacompte*, antigo educandário, e amplia as instalações para abrigar o projeto de um colégio confessional²⁶. No dia 15 de agosto de 1877, Dehon transfere sua residência da paróquia para o Colégio São João (*Intitution Saint-Jean*), que inicia suas atividades no dia 18 de setembro de 1877²⁷. A maior ajuda, inclusive financeira, vem das Irmãs Servas, que formam uma pequena comunidade para os trabalhos domésticos do Colégio²⁸. O Colégio é visto pela sociedade como uma obra da Diocese. Os professores são nomeados pelo bispo. Mas, juridicamente e economicamente, é um patrimônio pessoal de Dehon. Não era obra de uma Congregação religiosa. Provavelmente, Dehon evitou fazer essa ligação por causa das dificuldades que logo começariam a ser criadas para as congregações dedicadas ao ensino, com a reforma educacional de Ferry.

O bispo sentia a necessidade de um novo Colégio porque ao final do ano acadêmico 1876-1877 os religiosos de Saint-Bertin haviam fechado o Colégio Notre Dame, em Laon. Deste Colégio vieram para o *Saint-Jean* muitos professores e alunos²⁹. Outros alunos eram remanescentes da *Maison Lacompte*. Tal situação gerou muitas críticas a Dehon na Igreja local e na sociedade, por acharem que o seu Colégio seria um concorrente. Porém, apesar da oposição, a obra prosperou. Mais tarde o fundador avaliará os primeiros anos como “particularmente belos, cheios de atividade, prósperos, alegres, fecundos para a formação cristã dos jovens”³⁰. Dehon logo organizou, no Colégio, uma Conferência de São Vicente de Paulo, Congregação Mariana, entre outras iniciativas. Em fevereiro de 1878 começa a ser publicado um boletim informativo: *L’Aigle de Sain-Jean*³¹.

²⁶ Tudo isso iria custar 25.000 Francos. Dehon investiu 800.000 Francos do seu patrimônio pessoal no Colégio São João. Cf. A. DUCAMP, *Le P. Dehon et son œuvre*, p. 185.

²⁷ *NHV* XII, p. 185.

²⁸ *NHV* XIII, p. 21.

²⁹ Entre estes, estavam os sacerdotes Mailfert, Rigault e Lefèvre. Eram bons professores e trouxeram ótimos métodos de ensino. Calcula-se que a obra tenha começado com algo em torno de 100 alunos. Cf. E. DRIEDONKX, “Nuestros colegios”, pp. 38-39.

³⁰ *NHV* XIII, p. 21.

³¹ Inicia com uma tiragem de 100 exemplares. Com o número 140, em 1881 a tiragem passa para 200 exemplares. Cf. E. DRIEDONKX, “Nuestros colegios”, p. 38. Tivemos acesso a esta publicação litográfica, preservada na Biblioteca pessoal de Dehon, nos Arquivos Dehonianos, em Roma. É impressionante a fiel periodicidade e o conteúdo, pouco comum em publicações do gênero. O protagonismo na redação é sempre dos alunos. Esta será uma característica educacional de Dehon, que costumava dar liberdade e valor ao educando.

O Colégio São João é, sem dúvida, a obra educacional mais importante da vida de Dehon. Permanecerá ligado a ele durante, praticamente, toda a sua vida. Sofre no momento de deixar a direção e, mais tarde, ao ter que entregá-lo a uma associação independente³².

A partir de julho de 1877, Dehon é noviço e diretor ao mesmo tempo. Durante seu peculiar Noviciado continua com a maioria das tarefas que já o sobrecarregavam, com o acréscimo de mais duas obras³³. Em função disso, fica seriamente enfermo, em perigo de morte³⁴. A estima e o prestígio de que gozava na região se transformam em hostilidade diante de uma possível concorrência no campo da educação³⁵. Acumulara uma série de dívidas financeiras, mas a decisão estava tomada. No dia 28 de junho de 1878, emite seus votos religiosos na Capela do Colégio³⁶, já sob o pontificado de Leão XIII e sob o governo da Terceira República, anticlerical, numa França que desestimulava cada vez mais a educação confessional e buscava um Estado totalmente laico. Humana e racionalmente não seria hora de fundar nada. Somente outra *lógica* poderia justificar tal decisão.

Entre os anos de 1878 a 1881, Dehon estrutura melhor sua Congregação, elaborando o texto definitivo das Constituições, escrevendo um Diretório Geral e acolhendo os primeiros noviços na casa Sagrado Coração, em Saint-Quentin. Um deles, Stanisllao Falleur, anota escrupulosamente tudo o que o mestre falava em suas conferências e sermões³⁷. Os assim chamados *Cahiers Falleur* são documentos preciosos para um conhecimento mais próximo de Dehon nestes momentos iniciais da Congregação, dos quais quase não há registros contemporâneos escritos por ele próprio. Suas Memórias autobiográficas seriam escritas

³² Cf. *NQT* XVII/1901, p. 3. Dehon registra em seu diário a disposição do Pe. Delloue de se integrar ao clero diocesano para salvar o colégio. Dehon considera a perda colégio um *Consummatum est*. Diz que foi o berço da Congregação. Suspeita que a secularização do Colégio São João poderia significar o seu fim.

³³ O “noviciado” de Dehon é peculiar porque, na verdade, a Congregação nem sequer havia sido fundada e não havia um “mestre de noviços” como acontece normalmente. Dehon é um noviço solitário que trabalha à frente de um Colégio recém-fundado e tenta manter o sonho de viver uma vida contemplativa mais profunda. É fácil imaginar os conflitos interiores provocados por tal situação.

³⁴ Dehon vomitava sangue. Era uma espécie de tuberculose. Esta doença o acompanhará até o final da vida. *NHV* XIII, pp. 65-66.

³⁵ *NHV* XIII, p. 22.

³⁶ Esta é considerada pela Congregação dos Padres do Sagrado Coração de Jesus como a data de sua fundação. *NHV* XIII, p. 100.

³⁷ S. FALLEUR, *Cahier. Conférences et sermons du Père Dehon aux novices*. Conhecidos como *Cahier Falleur*.

apenas mais tarde, como uma carta de *revisão de vida*. Seu Diário, por sua vez, omite parte importante deste período inicial.

2 Léon Dehon escritor

A situação no Colégio não era fácil devido às novas disposições da Lei Jules Ferry. Apesar disso, Dehon leva o projeto adiante com determinação, fazendo periodicamente um discurso educacional, normalmente por ocasião da “Distribuição de Prêmios”. Em 1887, reunirá os discursos feitos de 1877 a 1886 naquele que é considerado o seu primeiro livro, *L'Éducation et L'Enseignement selon l'idéal chrétien*³⁸. Surge, assim, um Dehon escritor que publicará uma série impressionante de cartas, discursos, livros, palestras, sermões etc. É emblemático que a primeira obra de um escritor tão versátil tenha sido justamente um livro sobre educação.

Até o ano de 1883, as dificuldades só aumentaram a ponto de serem quase insuportáveis: fogo no Colégio São João, em 1881, a morte do pai em 1882, mais leis anticlericais na França, dívidas quase impagáveis, morte da sua mãe no início de 1883. Apesar de tudo, as obras cresciam. Muitos entravam na recém-fundada Congregação, inclusive um certo Pe. Taddeo Captier, que trouxe consigo uma forma exagerada de pietismo e se imaginava co-fundador. Este fato, unido a algumas visões místicas de Ir. Maria de Santo Inácio sobre a Congregação fundada por Dehon, deixaram o bispo muito preocupado e o fizeram pedir orientações a Roma³⁹. Ao invés de orientações, Dehon recebe, em 1883, a decisão da Santa Sé de suprimir a obra dos Oblatos do Coração de Jesus. Com certeza, este é o momento mais difícil da vida de Léon Dehon. Conhecendo sua alma obediente à Igreja e seu discernimento, entende-se bem a dimensão e o significado daquilo que ele chamou de *consummatum est*:

Recebi esta sentença de morte na bela festa de 08 de dezembro. Era jogado na terra e pisado. Havia me enganado. Como seria o meu futuro? Restava-me o Colégio. Mas não estava ali meu atrativo e minha vocação. Eu o havia

³⁸ OSC IV, pp. 265-394.

³⁹ Uma interessante e completa documentação desses fatos: G. MANZONI, *Leone Dehon e il suo messaggio*, pp. 261-283.

fundado para cuidar do resto. [...] Deus sabe o que eu sofri durante aqueles dias. Sem uma graça especial teria perdido a razão de viver⁴⁰.

Após esta primeira reação emocional, Dehon humildemente se submete e passa a elaborar a situação de uma maneira mística. Porém, não entendia como Deus poderia pedir, por meio da Igreja, que terminasse a obra que o próprio Deus havia pedido que começasse. Coloca-se com total submissão nas mãos do bispo afirmando que, sem a Congregação, também não faria mais sentido manter sua presença no Colégio. O resultado é um novo decreto do Santo Ofício, de 29 de março de 1884, que permite a reabertura da obra com um novo nome: Congregação dos Sacerdotes do Sagrado Coração de Jesus. Dehon escreve as novas *Constituições*⁴¹ que contém um esboço do *Diretório Espiritual*⁴². Em 1885, escreve o livro de orações próprio para sua Congregação: *Thesaurus Precum*⁴³. Em janeiro de 1886, retoma o *Diário* que havia começado a escrever no tempo de Seminário (1865-1866), mas interrompera em 1873: *Notes Quotidiennes*⁴⁴. Em março inicia a redação de suas Memórias: *Notes sur l'histoire de ma vie*⁴⁵. O primeiro Capítulo Geral da Congregação acontece em 1886, ao final do qual, no dia 17 de setembro, Dehon e outros seis religiosos emitem seus votos perpétuos⁴⁶.

⁴⁰ NHV XIV, pp. 182.

⁴¹ *Studia Dehoniana* 2 (1972) pp. 1-101.

⁴² L. DEHON, (ed.). *Directoire spirituel à l'usage des Prêtres du S.-C. par le T.R.Pe. Dehon, Supérieur général des Prêtres du S.-C.*. As primeiras duas edições, de 1905 e de 1908 praticamente são uma publicação à parte de *Excerpta* das Constituições de 1885, que estão no *Thesaurus* de 1886. A edição de 1919, porém, é especialmente cuidada por Pe. Dehon, como ele mesmo diz na página inicial: "Estas páginas exprimem os espírito da nossa obra, da maneira como a concebemos no princípio". *OSP* 6, pp. 393-528.

⁴³ *OSP* 7, pp. 255-394. É uma reedição do *Thesaurus* publicado em 1886. É curioso que esta edição traz como título *Thesaurus Sacerdotum Societatis Cordis Jesu*, enquanto que, na reedição de 1891, o título muda para *Thesaurus Sacerdotum Oblatorum Cordis Jesu*. Esta mudança de *Societatis* para *Oblatorum* indica uma tendência da Congregação nos seus inícios de manter o nome de Oblatos, alterado pela Santa Sé por ocasião da supressão, em 1883.

⁴⁴ L. DEHON, *Notes Quotidiennes* (1867-1870 e 1886-1925), 5 Volumes. São 7087 páginas manuscritas de registros que vão de luzes de oração a anotações de viagens. Dehon é fiel a estes registros diários até um mês antes de sua morte. Entre 1873 e 1886, afirma que não tinha tempo para escrever o seu diário. *NHV* XIII, p. 150.

⁴⁵ L. DEHON, *Notes sur l'histoire de ma vie* (1843-1888), 8 Volumes. Cobre o período que vai do seu nascimento em 14.03.1843, ao dia 06.09.1888, quando Dehon foi recebido em audiência por Leão XIII, agradece o Decreto de Louvor concedido à sua Congregação e ouve o pedido de pregar suas Encíclicas. *Notes sur l'histoire de ma vie* foi escrito a partir do dia 03.03.1896 até 1901. *NQT* III/1886, p. 10. É mais do que um simples relato de fatos. Contém uma reflexão sobre sua história.

⁴⁶ *NQT* III/1886, p. 55. *NHV* XV, p. 53. Junto com Dehon emitiram seus votos perpétuos os padres: A. Rasset, J. Paris, S. Falleur, M. Legrand, F.-X. Lamour e J. Herr.

Percebemos que, a partir da supressão e reabertura da Congregação, surge um Dehon escritor cada vez mais fecundo. Até então possuía alguns poucos escritos, a maioria registros de memórias, palestras, discursos ou cartas. Daí para frente o leitor quase se perde na multiplicidade de seus livros, cartas⁴⁷, registros autobiográficos, escritos para a Congregação, conferências e artigos para diversas revistas⁴⁸.

Seus escritos apresentam como tônica central a *via do amor*, que tem no Coração de Jesus sua expressão concreta e visível. Sem tal perspectiva, a leitura de alguns escritos isolados, principalmente de cunho social, pode ser interpretada de maneira distorcida. É preciso ter sempre em conta que Dehon quer ser um eco do Magistério da Igreja, especialmente dos documentos pontifícios, enquanto confirmação da verdade, na latitude da caridade⁴⁹.

Em 1888, a jovem Congregação recebe o *Decretum laudis* da Santa Sé que, entre outras disposições de aprovação, retirava a tutela das mãos do bispo⁵⁰. Após este momento a Congregação segue seu curso e multiplica suas casas por toda a Europa e em outros continentes⁵¹.

No Colégio São João, ao contrário, nem tudo vai tão bem. A rápida expansão também ali abre campo a adversários que desejavam excluir Dehon da obra. Surgem calúnias de funcionários e professores. Os alunos, porém, o admiravam. Dom Thibaudier chega a sugerir, em 1889, que Pe. Dehon deixe o Colégio. Depois muda de idéia. Mas, Dom Duval, novo

⁴⁷ O estudo do vasto epistolário de Dehon é um campo ainda, em parte, inexplorado. O Centro Generale Studi SCJ, trabalha atualmente nestas publicações. Nos Arquivos Dehonianos estão preservadas cerca de 5.000 cartas e postais, entre correspondências enviadas e recebidas por Léon Dehon. Cf. M. DENIS, “Il progetto di Pe. Dehon”, pp. 416-462. Já encontra-se publicado: L. DEHON, *Correspondence 1864-1871*; IDEM, *Lettere di Pe. Dehon a confratelli italiani*; IDEM, *Correspondence entre Léon Dehon, Oliva Uhlich, Marie-Ignace*. Estão publicadas também as *Lettere circolari* de Dehon à sua Congregação. São 38 cartas que abarcam mais de 40 anos de vida da Congregação de Pe. Dehon: vão desde 20 de dezembro de 1882 a 17 de junho de 1925. Cf. M. DENIS, “Il progetto di Pe. Dehon”, pp. 403-415. Falta ainda publicar, por exemplo, a vasta troca de correspondência entre Dehon, superior geral e Falleur, que durante muitos anos foi ecônomo geral da Congregação.

⁴⁸ Os Arquivos Dehonianos, em Roma, onde são preservados e editados, os originais dos escritos de Léon Dehon, são uma fonte ainda não totalmente explorada. Aos poucos sua obra vai sendo recolhida, comparada com originais e editada. Este trabalho de publicar sua *Opera Omnia* se concentra em três direções: Obra Social, Obra Espiritual, Cartas.

⁴⁹ Cf. AURELI AUGUSTINI, *Confessionum*, Livro XIII, 32.

⁵⁰ Fato que criou uma situação estranha de modo que durante um certo período a própria Congregação não sabia ao certo se era de direito diocesano ou pontifício. O bispo chega a sugerir que ela se fundisse com outra Congregação. Cf. G. MANZONI, *Leone Dehon e il suo messaggio*, pp. 296-297.

⁵¹ *NQT* XLIV/1924, p. 111.

bispo que assume a Diocese de Soissons em 1890 tem outro modo de encarar os acontecimentos. As calúnias encontram, então, terreno mais fecundo e, em 1893, servem de claríssimo álibi para que o bispo proponha a Dehon sua saída do Colégio mantendo, porém, a responsabilidade financeira pela obra o que, de fato, acontece em 1893 e se consolida em 1896⁵². Presbíteros diocesanos gradativamente assumem a direção do Colégio e também do Patronato São José⁵³. Dehon tem cinquenta anos de idade.

Desde 1888, porém, Dehon assumira novas prioridades. Naquele ano, em uma audiência com Leão XIII, no dia 6 de setembro, havia recebido uma missão que levou muito a sério: “Prega as minhas Encíclicas”⁵⁴. Esta missão caracterizará fortemente a vida de Dehon até a morte do Pontífice. Logo no ano seguinte, Dehon funda a revista *Le Règne du Cœur de Jésus dans les âmes e dans les sociétés*⁵⁵. Este periódico será um eco fiel do magistério pontifício. O título mostra, de maneira muito clara, os dois focos da atenção de Dehon: a pessoa e a sociedade.

Ao mesmo momento que deixa a direção do Colégio, em 1893, Dehon assume, a pedido do bispo, a presidência da Comissão Diocesana de Estudos Sociais onde, coletivamente, é elaborado o *Manuel Social Chrétien*⁵⁶. Sua Congregação se consolidava e se expandia por todo o mundo, através da progressiva emancipação em relação à Diocese de Soissons e da relação direta com o Papa. Com o espírito de fazer ecoar as “doutrinas romanas” publica, em

⁵² Este capítulo da vida de Dehon está descrito com detalhes em G. MANZONI, *Leone Dehon e il suo messaggio*, pp. 302-308.

⁵³ Por motivos jurídicos, a posse e as dívidas financeiras do Colégio São João ficarão a cargo de Pe. Dehon praticamente até o final de sua vida, quando ele o doará a uma Associação de ex-alunos. Cf. G. MANZONI, *Leone Dehon e il suo messaggio*, p. 318.

⁵⁴ *NHV XV*, p. 82.

⁵⁵ O primeiro número apareceu em fevereiro de 1889. As crônicas de Léon Dehon, publicadas em *Le Règne*, estão reunidas em *OSC VI* (1889-1895) e *OSC V2* (1896-1903). Um bom estudo sobre esta revista: A. BOURGEOIS, “Le Père Dehon et le Règne du Cœur de Jésus”.

⁵⁶ *OSC II*, pp. 79-296. A partir desta obra, escrita coletivamente, Dehon repercute a posição crítica da Igreja em relação à crescente influência dos judeus na sociedade. “São seus o capítulo quarto sobre a Maçonaria e o judaísmo, o capítulo quinto, sobre o socialismo e a anarquia, e o apêndice sobre a Obra dos Círculos”. G. MANZONI, *Leone Dehone e il suo messaggio*, p. 379. Esta questão retornará, com força, nas Conferências Romanas (1897) e no *Catéchisme social* (1898). *OSC III*, 121-123. Para uma visão completa sobre esta questão: Cf. A. BOURGEOIS, “Le Père Dehon et le Règne du Cœur de Jésus, 1893-1903”, in *Studia Dehoniana* 25.2 (1994) pp. 141-160. Para uma visão sobre o estado atual do debate: Cf. A. PERROUX, “El Padre Dehon y la Doctrina Social de la Iglesia”, pp. 36-41.

1895, *L'usure au temps présent*⁵⁷. Léon Dehon, neste período participava intensamente de Congressos e Semanas Sociais. Em 1896, publica *Le retraite du Sacré- Cœur*⁵⁸. Nesta obra percebemos como vai se consolidando a síntese entre sua mística e seu compromisso social:

O reino do meu Coração na sociedade, é o reino da justiça, da caridade, da misericórdia, da compaixão para com os pequenos, os humildes e os que sofrem. Ajudarei a todas as instituições que devem contribuir para com o reino da justiça social e que devem impedir a opressão dos fracos pelos poderosos⁵⁹.

No início de 1897, dedica-se às “conferências romanas” onde divulga a nascente Doutrina Social da Igreja, principalmente a partir da *Rerum novarum*. No mesmo ano, publica *Nos Congrès*⁶⁰ e também *Les Directions Pontificales politiques et sociales*⁶¹. Em 1898 é a vez do *Catéchisme social*⁶². Escreve artigos, multiplica cartas, pronuncia muitas conferências. A partir de 1900 percebemos que seus escritos sociais vão dando lugar a outros de natureza mais mística. Neste ano publica *Mois du Sacré- Cœur*⁶³ e *Mois de Marie*⁶⁴. Publica também o texto das “Conferências Romanas” sob o título de *La Rénovation sociale chrétienne*⁶⁵.

⁵⁷ OSC II (1895) pp. 300-352. É um opúsculo de 64 páginas que identifica a causa da pobreza nos grandes monopólios internacionais, principalmente das indústrias e dos bancos. Dehon se interessa por estes temas ligados à economia desde seus tempos de estudante, no Colégio Romano. *NHV V*, pp. 60-62. O discurso avança para uma apreciação da moralidade da “usura”. No fundo, o livro é uma crítica ao capitalismo nascente, com sua sede de lucro à custa dos pobres.

⁵⁸ OSP 1, 30-236. São Exercícios Espirituais à luz do Coração de Jesus. É considerada a sua primeira obra de espiritualidade, apesar de, em 1887, ter publicado *La dévotion au Sacré-Cœur*, que reproduzia o sermão pronunciado na Basílica de Saint-Quentin em 12.06.1881. *OSP 1*, 11-26.

⁵⁹ OSP 1, 233.

⁶⁰ OSC II, pp. 357-377. Pequeno livro escrito a pedido do Cardeal Rampolla, Secretário de Estado de Leão XIII, para explicar o significado dos Congressos Católicos, como o de Reims, em 1885, que recebiam a desaprovação até mesmo por parte do episcopado francês, mas, segundo Dehon, eram canais de divulgação do ensino social do Santo Padre.

⁶¹ OSC II, pp. 381-474. Dehon explica e apoia as razões de Leão XIII para propor aos católicos da França, tradicionalmente monarquistas, que aceitem a República. “A diretiva dada era clara. A República tinha adquirido na França aquela legitimidade, ao menos provisória, que exige respeito. O dever e o interesse obrigam-nos a aceitá-la. Aceitai a República, ou seja, o poder constituído que existe entre vós, respeitai-a, submetei-vos a ela como representante do poder que vem de Deus”. *OSC II*, pp. 416-417.

⁶² OSC III, pp. 1-158. É uma espécie de “versão popular” do *Manual Social Cristão*, considerado muito complexo para o povo. Compõe-se quatro partes: os princípios cristãos na ordem política; os princípios cristãos na ordem econômica; o dever social; a história social da Igreja.

⁶³ OSP 1, pp. 417-601. É um comentário das invocações da Ladainha do Coração de Jesus, escrito em outubro, conforme seu testemunho em *NQT XVI/1900*, p. 40.

⁶⁴ OSP 1, pp. 341-411. É um conjunto de meditações sobre a Ladainha de Nossa Senhora, escrito em novembro, conforme seu testemunho em *NHV XVI*, p. 41.

⁶⁵ L. DEHON, *La rénovation sociale chrétien*, (1900). Reedição com anotações e introdução de A. PERROUX. Encontra-se também em *OSC III*, pp. 179-376.

O início do século 20 é marcado por uma situação política cada vez mais difícil. Leão XIII vai chegando aos últimos anos de sua vida. Em 1901, Dehon escreve aquela que é considerada por muitos a sua obra prima de espiritualidade: *La vie d'Amour envers le Sacré-Cœur*⁶⁶. A perseguição aos religiosos na França vai tomando maiores dimensões a ponto de a Congregação fundada por Dehon ser suprimida pelo governo francês em 1903⁶⁷. A esta altura sua obra já tinha alcançado uma dimensão internacional. Neste ano, Dehon completa sessenta anos de idade e vinte e cinco de vida religiosa. A revista *Le Règne* é suspensa. Morre Leão XIII e tem início o pontificado de Pio X.

A partir deste momento multiplicam-se os escritos espirituais de Dehon, como: *Couronnes d'amour au Sacré-Cœur* (1906)⁶⁸ e *Le Cœur sacerdotal de Jésus* (1907)⁶⁹. Mas ainda encontramos escritos sociais como *Le plan de la Franc-maçonnerie* (1908)⁷⁰. Neste período, Dehon retoma também os escritos direcionados ao âmbito interno de sua Congregação, à qual dedica-se cada vez mais. Em 1912, envia a todos os religiosos da

⁶⁶ *OSP* 2, pp. 7-172. Este é, por exemplo, o juízo de H. DORRESTEIJN, *Vita e personalità di Pe. Dehon*, p. 221. É também o parecer de G. MANZONI, *Leone Dehon e il suo messaggio*, p. 466: “Certamente é a mais bela entre as obras de espiritualidade de Pe. Dehon, a mais viva, mais orgânica e completa sobre o tema da caridade”.

⁶⁷ Em novembro de 1902, Dehon publica um artigo com o título “L'école du ghetto”, *La Chronique du Sud-Est*, n. 11 (nov. 1902) 357-358, in *OSC* I, 604-605. A crítica de Dehon é que os judeus sempre tiveram liberdade de culto e de Ensino em Roma. Está convencido que eram eles, juntamente com a franco-Maçonaria, que ditavam as normas das reformas educacionais na França, promovendo a perseguição aos religiosos. Ele afirma que não é partidário de um antissemitismo excessivo. Dehon era tão antissemita quanto a Igreja de seu tempo. Nem mais, nem menos. Procurava divulgar as idéias de Leão XIII. Desde 1897 havia sido nomeado consultor do *Index*. Não admite o antissemitismo religioso. Nem mesmo econômico, pois não quer a expulsão nem a expropriação dos judeus. Mas alega motivos patrióticos para manter certas reservas com relação ao excesso de poder na mão dos judeus. Ele os chama de “cordialmente cosmopolitas”. São habitantes do mundo, desde que perderam sua pátria. Muitos desejavam voltar à Palestina conforme a reivindicação sionista. Ele mostra que existem dificuldades concretas para um verdadeiro e sincero patriotismo por parte dos judeus. Propõe o debate do assunto no plano jurídico, mantendo sempre o referencial do direito natural. Segundo Dehon os Papas sempre defenderam os judeus das mais diversas formas de violência. Mais que isso, protestavam contra as crueldades praticadas contra eles na Espanha, Alsácia, Itália e França. Dehon pergunta diretamente aos judeus, em uma frase que faria todo sentido hoje: “Agora sois vós que tendes o poder, não deveríeis proteger nossos templos, nossos conventos, nossas escolas? Por que a imprensa que está nas vossas mãos é tão violenta contra nós? Por que recusais a tolerância que sempre praticamos convosco?” É a última vez que Dehon fala dos judeus em sua obra.

⁶⁸ *OSP* 2, pp. 175-516. É um conjunto de 93 meditações divididas em três volumes: Encarnação, Paixão e Eucaristia. A finalidade é servir de apoio durante Exercícios Espirituais à luz do Coração de Jesus. Dehon escreve esta obra no mês de maio, contemporaneamente à *Le Cœur sacerdotal de Jésus*. *NQT* XVIII/1903, p. 56.

⁶⁹ *OSP* 2, pp. 519-628. É uma obra especialmente escrita para seminaristas e sacerdotes. O Coração de Jesus é apresentado como modelo de vida sacerdotal. Dehon oferece pessoalmente esta obra a Pio X, em 20 de janeiro de 1908. *NQT* XXIV/1908, p. 17.

⁷⁰ *OSC* III, pp. 381-432. É o último escrito social de Dehon. Trata-se de sua visão sobre o longo processo de separação entre Igreja e Estado. Em sintonia com Pio X, Dehon denuncia os feitos da Maçonaria de 1876 a 1905, na França e na Itália, que teriam um plano para enfraquecer e subjugar a Igreja na França, separando-a de Roma.

Congregação uma carta circular onde recorda os anos mais importantes da sua vida: 1843, 1877, 1912. Esta obra ficou conhecida como *Souvenirs*⁷¹. Organiza também a biografia da Ir. Maria de Jesus (1865-1879): *Sœur Marie de Jésus*⁷².

Em 1914, preso pela guerra em Saint-Quentin, escreve seu *Testamento espiritual*⁷³. É o ano em que morre Pio X e começa o pontificado de Bento XV. Terminada a Guerra, Dehon publica, em 1919, *L'Année avec le Sacré-Cœur*⁷⁴, *La vie intérieure; ses principes*⁷⁵, *La vie intérieure; exercices spirituels*⁷⁶, obras de maior reflexão que foram cultivadas nos anos de reclusão durante a Guerra. É o ano em que publica, também, a nova edição, totalmente revista e aumentada de seu *Directoire Spirituel des Prêtres du Sacré- Cœur de Jésus*⁷⁷ e também o *Petit Directoire pour les recteurs*⁷⁸. Em 1920, publica *Un prêtre du Sacré-Cœur; Vie édifiante du R. Pe. Alphonse-Marie Rasset*⁷⁹ e, em 1922, *Études sur le Sacré-Cœur*⁸⁰. É praticamente o

⁷¹ OSP 7, pp. 211-229. A carta é enviada de Roma, no dia 14 de março de 1912, ao entrar no 70º ano de sua vida. É preciso sempre estar atentos a esta forma de considerar o tempo. Hoje é mais comum comemorar o dia em que se completa 70 anos. No caso de Dehon, seria apenas em março de 1913. Está publicado também em *Lettere circolari*, pp. 318-371.

⁷² OSP 7, pp. 7-149. Esta, juntamente com a de Pe. Rasset, são as duas biografias escritas por Dehon. Em ambas utiliza o estilo de recolher e organizar os escritos dos próprios biografados. Dehon considera Ir. Maria de Jesus uma “vítima de amor ao Sagrado Coração de Jesus”. OSP 7, p. 7. Apesar de ter começado este trabalho em 1912, o livro teve dificuldades com o *Imprimatur*, em Roma, e acabou sendo impresso apenas em 1914. NQT XXXV/1914, pp. 72-73.

⁷³ L. DEHON, *Lettere circolari*, pp. 372-381.

⁷⁴ OSP 3 e 4. Dehon começa a escrever esta obra em maio de 1908. NQT XXIV/1908, p. 25. Ao que tudo indica trabalhou nela até outubro de 1909, mas o trabalho tipográfico começou somente em 1913, tendo que ser interrompido por causa da Guerra. NQT XXXV/1913, pp. 2-3. Por isso, o original francês, em dois volumes, apareceu apenas em 1919. NQT XLIII/1919, p. 109. Trata-se de uma apresentação da espiritualidade do Coração de Jesus seguindo o ritmo do Ano Litúrgico.

⁷⁵ OSP 5, pp. 7-210. Na verdade, os dois volumes de *La vie intérieur* são uma organização do material utilizado em alguns Exercícios Espirituais pregados por Dehon. Em 1910 grande parte deste material já estava organizado. NQT XXV/1910, p. 14. A publicação, porém, aparece apenas em 1919. NQT XLIII/1919, p. 109.

⁷⁶ OSP 5, pp. 213-386.

⁷⁷ OSP 5, pp. 393-528. A última edição deste texto, na vida de Dehon, é esta de 1919. Mas a história sobre escrito é complexa. O primeiro Diretório Espiritual era constituído simplesmente dos capítulos VIII e IX das Constituições de 1886, aprovadas por Dom Thibaudier. Cf. *Studia Dehoniana* 2 (1972) pp. 45-77. Aos poucos o texto foi servindo para registrar as “luzes de oração” recebidas pela Ir. Maria de S. Inácio (que foram uma das causas da supressão da Congregação). Alguns textos inéditos que estão nos Arquivos Dehonianos testemunham este processo de elaboração. AD.B. 3,3; AD.B. 19/2. AD.B. 34/8. Para uma revisão mais pormenorizada do processo de elaboração: Cf. G. MANZONI, *Leone Dehon e il suo messaggio*, pp. 474-478.

⁷⁸ OSP 7, pp. 235-251.

⁷⁹ OSP 6, 153-385. Rasset foi o primeiro religioso da Congregação e o assistente geral de Dehon por toda a sua vida.

⁸⁰ OSP 5, 389-717. Estamos diante de um Dehon com oitenta anos de idade. Tem a intenção de apresentar sua contribuição para uma Suma Doutrinal do Sagrado Coração de Jesus. Procura tratar o tema sob o ponto de vista bíblico, simbólico, devocional, litúrgico, patrístico e teológico.

último escrito importante de Dehon, antes de sua morte, no dia 12 de agosto de 1925, quando, nas palavras de Dom Binet, que fez o funeral, “terminou uma página da grande história religiosa; a caneta caiu das mãos cansadas daquele que a usava há sessenta anos”⁸¹.

Com estes últimos dois capítulos – biográfico e bibliográfico – percebemos como a vida de Léon Dehon é marcada por um tempo forte de aprendizado formal e informal; e um segundo momento de vasta produção literária e fundação de obras ligadas ao mundo da educação. Seu primeiro livro “Educação e Ensino segundo o ideal cristão” está exatamente no centro destas duas etapas de sua vida. Poderíamos dizer que é um registro íntimo de suas convicções cultivadas na primeira parte de sua vida e um programa que foi sendo realizado na segunda parte de sua existência. Por esta razão, apesar de ser uma obra composta de alguns discursos recolhidos, tem importância fundamental para um maior conhecimento do pensamento deste educador francês em diálogo com seu tempo.

Após o olhar contextual desta primeira parte da tese, já podemos mergulhar mais fundo em alguns textos seletos de Dehon que – se lidos em seu contexto original – podem dizer muito aos educadores de hoje. São debates que ainda estão longe da conclusão. A modernidade outrora nascente, agora mostra limites e sinais de cansaço. A ciência perde o altar positivista de “deusa-razão” e percebe que sem “consciência” e ética é impossível evitar a destruição do planeta. A divisão do saber e a funcionalização do conhecimento são criticadas pela evidente fragmentação e substituídas por uma visão mais holística da vida. O pudor da “escola neutra” e de uma “linguagem secularizada” vai cedendo lugar à “revanche do sagrado”, que invade todas as esferas da vida. Fala-se até mesmo de um “novo paradigma”. A Educação Integral retoma o centro do cenário e aparece como o grande desafio de um outro mundo, que muitos acreditam ser possível. Ecologia e mística retomam seu lugar de saberes indispensáveis para qualquer cidadão. Cada vez parece mais difícil separar moral de cidadania. O Estado, por mais que queira permanecer fiel ao sonho republicano da neutralidade, não consegue ser a-moral. A violência urbana e a corrupção mostram que dificilmente chegaremos a algum lugar sem uma educação para valores que considerem a pessoa humana em sua totalidade. É neste contexto que se torna cada vez mais inevitável o diálogo entre “Deus” e “César”, ainda que sejam lados opostos da mesma moeda.

⁸¹ Y. LEDURE, *Un prete con la penna in mano*, p. 241. O funeral de Dehon foi noticiado em *La Semaine Religieuse* 35 (29.08.1925) pp. 550-557.

SEGUNDA PARTE

OS TEXTOS EDUCACIONAIS DE LÉON DEHON

CAPITULO IV

Análise de um discurso programático

A forma mais sistematizada e explícita do pensamento educacional de Léon Dehon se encontra expressa em seus inúmeros discursos, pronunciados geralmente nas cerimônias de “Distribuição de Prêmios”, espécie de formatura ao final do ano letivo no Colégio São João, considerado o ano letivo europeu¹. Portanto, estes discursos normalmente aconteciam no final de julho ou início de agosto. Neste capítulo faremos uma análise detalhada de seu primeiro e programático discurso, pronunciado em 1877, por ocasião da fundação do Colégio São João. É um texto onde encontramos, de forma mais condensada, todo o seu pensamento educacional. O texto que nos chegou às mãos já não é mais a elaboração original do modo como foi pronunciada, mas uma redação amadurecida ao longo de dez anos. Veremos de que modo a proposta educacional de Dehon tem como fundamento as diversas sínteses que cultivou na primeira etapa de sua vida. A proposta de uma Educação Integral, vivida pessoalmente por Dehon, aparece teorizada neste seu ideário pedagógico que serviu de base para elaborar a missão institucional de suas diversas fundações. Veremos que existe uma coerência entre o programa estabelecido neste primeiro discurso e todos os seus discursos posteriores. É como se ele estivesse realizando, sistematicamente, um plano pré-concebido. Sua vida e suas obras também refletem esta visão integral da educação, considerada por ele uma característica da proposta pedagógica cristã. Quando afirma que educar um cristão é “formar um homem de coração”, quer dizer que é preciso educar o homem como um todo, pois é este o significado bíblico para o termo “coração”.

¹ Ordinariamente o primeiro semestre começa em outubro e vai até fevereiro. Após um breve recesso, começa o segundo semestre, em fevereiro, até meados de junho. De julho até final de setembro, durante o verão, acontecem as férias.

1 Considerações preliminares

1.1 *Contexto em que os discursos foram pronunciados e publicados*

Contemplando a vida, a obra e os escritos de Léon Dehon, situados em seu contexto histórico, na primeira parte desta tese, foi possível perceber uma forte ligação entre sua visão educacional e sua visão cristã. Ele tinha um grande projeto místico que consistia em *restaurar* o Reino do Coração de Jesus, “nas almas e nas sociedades”. Em 1889, ao iniciar a publicação da revista *Le Règne*, escreve de modo programático:

É necessário restabelecer o reino de Jesus Cristo, fragilizado após séculos de juristas, renascença, protestantismo, racionalismo, revolução e liberalismo. “É necessário que Cristo reine”, é o grito de todos os católicos, é o objetivo de tantas obras, é a conclusão dos luminosos ensinamentos da Santa Sé. É necessário que Cristo reine nas sociedades, nas famílias, nas leis, *no ensino*, nos costumes. Esta é a condição da prosperidade e da paz, é a manifestação da verdade, é o direito de Deus².

Seu primeiro campo de atuação para realizar este projeto foi a educação da juventude; inicialmente no Patronato São José, para os filhos dos operários e, depois, no Colégio São João, para a elite. Estas duas obras foram a base para o início de sua atividade social.

A visão integral de Léon Dehon sobre “educação e ensino segundo o ideal cristão” aparece em uma série de discursos que costumava fazer por ocasião da tradicional cerimônia de “Distribuição de Prêmios”, no final do ano letivo, no Colégio São João. O primeiro e mais importante deles foi pronunciado no dia 4 de agosto de 1877³, na *Maison d’Enseignement de Saint-Quentin*, administrada por M. Lacompte, que havia sido adquirida por Dehon no dia 14 de julho, e se transformaria depois de um mês no Colégio São João (*Institution Saint-Jean*)⁴.

² OSC I, p. 3. *Grifo nosso*.

³ Este é o ano em que Dom Bosco publica o seu célebre tratado sobre o “Sistema Preventivo”, muito semelhante às idéias educativas que verificamos em Dehon. Porém, não encontramos referências à pedagogia de Dom Bosco (1815-1888) em sua obra. Cf. J. MODESTI, *Uma pedagogia perene*, 125-134. Léon Dehon registrou em suas Memórias um encontro com Dom Bosco, em Paris, em maio de 1883. Ele manifestou sua impressão de que a Congregação fundada por Dehon era da vontade de Deus. *NHV XIV*, 155. “[...] impression était qu’elle était bien divine”.

⁴ OSC IV, p. 274. Dehon tomou o cuidado de transcrever as linhas gerais deste discurso em seus cadernos de Memórias, o que garante o caráter autógrafa da obra. Cf. *NHV XII*, pp. 174-181. Porém, considerando que a redação das Memórias é quase contemporânea à publicação do livro, é praticamente certo que o texto que encontramos nas Memórias não seja aquele pronunciado em 1877.

É um discurso programático, no qual percebemos as linhas gerais do seu pensamento educacional, que pretende ser um “eco da voz do Pontífice” em defesa da educação cristã diante de um anti-clericalismo republicano e maçom⁵. É, ao mesmo tempo, uma declaração de princípios e uma “oportuna apologia”⁶. O primeiro discurso, de 1877, situa-se no pontificado de Pio IX. Em 1878, quando pronuncia o segundo discurso, já havia sido eleito Leão XIII. Para entender o pensamento educacional de Dehon neste período é preciso estar atento ao Magistério dos Papas Pio IX e Leão XIII, e à reforma educacional da Terceira República⁷.

Somente em 1887, Dehon reúne os discursos educacionais do período para publicar seu primeiro livro: *L'Éducation et L'Enseignement selon l'idéal chrétien*⁸. Segundo ele, apenas os dois primeiros discursos sofreram algum tipo de revisão⁹. Escreve A. Mathieu na carta de aprovação do livro:

É nosso dever expressar que estes discursos denotam uma notável erudição, um sério conhecimento dos trabalhos contemporâneos sobre a história, a geografia, as ciências; que são animados por uma forte paixão patriótica e que são apropriados para conduzir as almas à verdade, à justiça, ao amor pelo dever, à honra, porque se inspiram abundantemente no amor a Deus e à pátria. [...] Recomendamos este livro a todos que se ocupam da educação da infância e da juventude¹⁰.

Dehon dedica seu primeiro livro ao Papa Leão XIII, nos seus cinquenta anos de sacerdócio, reconhecendo “que a voz do Pontífice une ao brilho sobrenatural de sua autoridade doutrinal a glória de ser o protetor dos estudos filosóficos e históricos e de ser em literatura e poesia lírica, sua expressão mais elevada, um mestre, um modelo”¹¹. São palavras carregadas do ultramontanismo característico de Dehon. Afirma, também, que os bispos fazem eco do Magistério pontifício:

⁵ OSC IV, pp. 268-269.

⁶ OSC IV, 272-273.

⁷ Estes discursos situam-se exatamente na passagem do pontificado de Pio IX (1846-1878) para Leão XIII (1878-1903).

⁸ OSC IV, pp. 265-394. Edição original: L. DEHON, *L'Éducation et L'Enseignement selon l'idéal chrétien*. Discours de Distributions de Prix 1877-1886 par M. l'Abbé Dehon, Docteur en Droit et en Théologie, Chanoine honoraire de Soissons, Supérieur de l'Institution Saint-Jean à Sain-Quentin, Paris: Retaux-Bray Libraire-Éditeur, 1887.

⁹ OSC IV, p. 270, nota 1.

¹⁰ OSC IV, p. 267.

¹¹ OSC IV, p. 268.

Eles nos mostram as luzes sagradas provenientes da cátedra do Vaticano sobre a verdadeira civilização, sobre os falsos sistemas filosóficos, sobre a filosofia escolástica, sobre a teologia de Santo Tomás, esta lareira luminosa onde se encontram juntos o ensinamento de todos os Santos Padres do Oriente e do Ocidente, sobre as origens do poder, sobre as *sociedades secretas*, que se tornaram o grande perigo da sociedade contemporânea e sobre a constituição cristã dos estados¹².

Este texto mostra claramente a tensão entre Igreja e Estado, própria deste período. As “sociedades secretas” são apontadas como o grande “perigo” da nova configuração do poder e da iminente constituição do Estado laico. Em seu último livro de cunho social, *Le Plan de la Franc-Maçonnerie*¹³, em 1908, Dehon voltará a este assunto revendo os fatos dos últimos quarenta anos na Itália e na França. Pretende apresentar uma “chave da história”. Em sua opinião, haveria um plano contra a Igreja Católica executado pela Maçonaria, do qual faria parte a “laicização das escolas” e a “separação da Igreja e do Estado”¹⁴. Este plano teria sido executado pela Maçonaria, na França, entre 1876-1905¹⁵, começando com Grévy na presidência e Ferry no “Ministério da Instrução” (1879), através de leis que restringiam a atuação das Congregações religiosas nas escolas¹⁶ e chegando à aberta perseguição contra as Congregações, com E. Combes (1902-1905)¹⁷.

Ao publicar seu livro sobre educação, em 1887, Dehon se encontra no coração deste debate e desta disputa. Seus discursos são um testemunho contemporâneo e engajado de um momento crítico da história da humanidade, que viu surgir o Estado moderno. Na França, a Igreja adere à República com alguma dificuldade. Os partidos políticos ainda não estavam formados. Havia um amplo debate na sociedade sobre todas estas “coisas novas”. Com a emergência do Estado democrático, o apoio popular era cada vez mais valorizado. Os

¹² OSC IV, 268-269. *Grifo nosso*.

¹³ OSC III (1908) 381-432. Dehon já escreve sob o pontificado de Pio X.

¹⁴ OSC III, p. 406. “A Maçonaria não descansa. Sua campanha pela escola neutra, que tanto traz no coração, é universal”.

¹⁵ Em Fevereiro de 1876, os republicanos havia conquistado na Câmara a maioria de 360 lugares contra os 160 dos seus adversários. Para Gambeta isto era o sinal de que o povo rejeitara definitivamente a restauração da monarquia.

¹⁶ OSC III, p. 409. Dehon cita, por exemplo, a lei de 1882 do “ensino laico obrigatório”. Dirá em suas Memórias: “As leis malvadas multiplicam-se. A franco-Maçonaria reina soberana.”. *NHV XIV*, p. 13. O célebre artigo 7 da lei educacional de 09.07.1879 excluía as Congregações “não autorizadas” do ensino público ou privado. Isto atinge de modo todo especial os jesuítas, que no ano seguinte seriam expulsos da França.

¹⁷ OSC III, p. 409.

discursos de Dehon devem ser lidos no horizonte destes debates, na aurora de um novo tempo quando nem tudo está claro.

É preciso ter presente também que, em 1887, Congregação que Dehon fundara e Colégio São João completavam dez anos. O fundador buscava a aprovação pontifícia para sua Congregação pois desejava ultrapassar os limites da Diocese de Soissons¹⁸. Um novo texto das Constituições havia sido aprovado por Dom Thibaudier, em 15 de setembro de 1886¹⁹. O *Decretum laudis*, por parte do Vaticano, viria apenas em 25 de fevereiro de 1888. É exatamente neste espaço de tempo que Dehon publica seu livro sobre educação.

A dedicatória ao Papa tem a data de 19 de abril de 1887, e é assinada por Dehon como *Supérieur des Prêtres de la Société du Cœur de Jésus*, porém, não existe nenhuma referência à Congregação no livro e todos os discursos são assinados por Dehon como *Chanoine honoraire* e *Supérieur de l'Institution*, ou seja diretor do Colégio São João. O livro traz o *nihil obstat* datado de 25 de maio de 1887, do Vigário Geral da Diocese de Soissons e Laon, A. Mathieu, e o *Imprimatur* de Dom Odon Thibaudier²⁰. Justamente em 23 de junho de 1887, ou seja, um mês após aprovar a publicação do livro com os discursos educacionais, Dom Thibaudier atende ao pedido de Dehon e solicita o *Decretum laudis* à Santa Sé.

Nas Memórias de Dehon há um registro, em 12 de maio de 1887, sobre uma carta de Dom Thibaudier afirmando que não era contrário a que a Congregação se tornasse diretamente “submissa à Santa Sé”. Dispõe-se, até mesmo, a ajudar neste sentido. Porém, recorda: “Para mim, é necessário fazer do *Saint-Jean* um bom colégio. Vós sabeis que esta foi vossa primeira obra providencial e uma primeira condição. É compreensível unir ao Colégio uma boa casa diocesana de missionários”²¹.

¹⁸ Em 1887, a Congregação conta com oito casas em quatro Dioceses e 87 membros provenientes de 25 Dioceses diferentes. AD.B. 36.2.

¹⁹ *Studia Dehoniana* 2. Um estudo particularizado em: M. DENIS, “Il progetto di Pe. Dehon”. Setembro de 1886 é também o mês do primeiro Capítulo Geral da Congregação, que acontece no Colégio São João, e mês dos votos perpétuos de Dehon e seus primeiros companheiros. Em março deste ano, o bispo havia pedido a Dehon para que sua Congregação assumisse ou outro pequeno colégio ligado à Basílica de Saint-Quentin. *NHV XV*, p. 49. Isto realmente acontece naquele ano. *NHV XV*, p. 42. Há um registro deste fato em: *La Semaine Religieuse*, 42 (16.10.1886) p. 661. Este era o periódico semanal da Diocese de Soissons–Laon. Os exemplares do período 1874-1913 encontram-se conservados na Biblioteca do *Centro Generali Studi SCJ*, em Roma.

²⁰ A mesma data encontramos em *NHV XV*, p. 66. Dehon registra ainda em suas Memórias que recebeu no dia 02.03.1877 a autorização do bispo para publicar estes discursos. *NHV XV*, p. 65.

²¹ *NHV XV*, pp. 66-67.

Desde o início das fundações, o bispo fora claro ao colocar o Colégio como condição para a fundação da Congregação. De fato, em suas Memórias, Dehon reconhece que o Colégio São João deveria ser o primeiro abrigo da Obra: “Ela estará ali como no *Egito* em meio a agitação e estudos pagãos de um colégio, mas ela deverá encontrar sua *Nazaré* no ano seguinte à Casa Sagrado Coração”²². O livro de Dehon sobre educação, contemporâneo ao início da redação de *Notes sur l’Histoire de ma Vie* pode ser visto como uma prestação de contas ao bispo e à Santa Sé de que a condição exigida teria sido concretizada no Colégio São João. O próximo passo seria o *Decretum laudis*. De fato, foi isso que aconteceu.

A apologia da Educação Cristã, publicada por Dehon, seria, na verdade, uma apologia de sua Congregação, ou em vista da tão esperada aprovação pontifícia? Ou seria, simplesmente, um escrito político-social de defesa da escola católica diante do projeto laicisante da República? Haveria no texto um *motivo dominante* para além de todas estas circunstâncias históricas, transitórias e externas? De que modo o texto reflete as mudanças de postura no Magistério da Igreja em relação ao poder temporal, que caracterizaram a passagem do pontificado de Pio IX para Leão XIII? Qual é a idéia dominante do texto que dá unidade ao pensamento de Dehon?

Estas são questões fundamentais que devem ao menos ser consideradas se quisermos entender o texto em seu “pré-texto”. Nossa análise histórica da primeira parte desta tese ajuda a responder boa parte destas inquietantes questões. Já percebemos que Dehon é um escritor tímido, que dificilmente revela abertamente seus motivos, mas deixa algumas pistas que o leitor atento e acostumado à sua retórica consegue facilmente perceber.

O certo é que Dehon escreve entre três poderes: o Estado, cada vez mais laico com a Terceira República; a Igreja de Roma, que perdera as décadas de certezas institucionais e de aliança com o Segundo Império, na pessoa de Pio IX e naquele momento procurava se adaptar às “coisas novas” com a elaboração de uma doutrina social na pessoa de Leão XIII; e a visão prática do bispo de Soissons, que havia permitido a Dehon fundar uma Congregação para mantê-lo em seus quadros e garantir, também, a fundação de um colégio confessional em Saint-Quentin. Esta é a tensão que identificamos nas entrelinhas dos discursos publicados por Léon Dehon, em 1887.

²² *NHV* XII, p. 173. *Grifos nossos*. Este texto provavelmente foi escrito em 1886. Cf. *NQT* III/1886, p. 10.

Há que se considerar também que não estamos diante de um conjunto de peças retóricas improvisadas. Já eram ideais cultivados por Dehon desde que era estudante de direito, em Paris, mas principalmente durante seus estudos eclesiásticos, em Roma. Foram, praticamente, vinte anos amadurecendo as mesmas idéias, o que faz dos seus discursos educacionais, especialmente o primeiro, a síntese de um programa de vida.

1.2 *Estrutura do texto e gênero literário dos discursos*

O texto que nos chegou dos primeiros discursos educacionais de Dehon é o publicado em 1887: *L'Éducation et L'Enseignement selon l'idéal chrétien*²³. São oito discursos, sendo os sete primeiros especificamente voltados à educação e o oitavo, sobre a devoção ao Sagrado Coração de Jesus²⁴. Cobrem o período que vai de agosto de 1877 a julho de 1886²⁵. Em março de 1887 já havia um texto para a apreciação do bispo²⁶. O próprio Dehon, no prefácio, indica qual a estrutura de texto que tinha em mente ao publicar a coletânea de discursos que formariam uma espécie de “plano determinado”:

Estes discursos formam juntos parte de um plano determinado. No primeiro traçamos as grandes linhas de um programa educacional e indicamos o que nos parece ser o ideal do mestre cristão. Nos seguintes, mostramos sucessivamente o que a educação, nas suas distintas partes, deve de perfeição e força à fé cristã; no segundo discurso pretendemos mostrar o quanto as letras devem à religião; no terceiro, o que o patriotismo deve ao ardor da fé; no quarto, o que a religião acrescenta às amáveis virtudes da infância; no quinto, a estreita relação com as ciências positivas; enfim, tratamos do mesmo ponto de vista, no sexto e sétimo, a história e a geografia. Acrescentamos um discurso sobre o culto ao Sagrado Coração de Jesus, o qual nos esforçamos por fazer reinar, em nossa obra de educação, a amável e fortificante influência²⁷.

O primeiro e o último discursos exprimem, por assim dizer, o princípio e o fim da educação segundo a compreensão de Léon Dehon, ao final dos primeiros dez anos de

²³ OSC IV, pp. 265-394.

²⁴ Este é o único discurso que não foi pronunciado no Colégio São João, mas na Basílica de Saint-Quentin, por ocasião da festa do Coração de Jesus, em 12.06.1885. OSC IV, p. 379.

²⁵ O sétimo discurso, sobre o estudo da geografia, foi pronunciado em 31.07.1886. OSC IV, p. 365. No entanto, Dehon preferiu fechar sua publicação com o discurso sobre o Coração de Jesus, pronunciado no ano anterior.

²⁶ NHV XV, p. 65.

²⁷ OSC IV, p. 370.

atividades educacionais no Colégio São João e no Patronato São José. A maioria das idéias-força estão presentes no primeiro discurso, do qual possuímos um resumo autógrafo de Dehon em suas Memórias, escritas ao mesmo tempo em que revisava os textos do livro para a publicação²⁸. Portanto, podemos afirmar, com bastante segurança, o caráter autoral deste primeiro e programático discurso.

O gênero literário é marcado pela oralidade. São escritos feitos para serem lidos diante de um público específico. A quase totalidade dos discursos educacionais de Dehon são pronunciados no Colégio São João. Este é o ambiente onde se desenvolve sua reflexão sobre educação. Seu público é formado por pais e alunos, professores e sacerdotes envolvidos no projeto, autoridades eclesiásticas e civis. Fala para uma elite eclesial e burguesa. Não é uma obra especulativa ou sistemática. O estilo lembra a formação jurídica de Dehon, pois se assemelham a peças de defesa preparadas por um advogado para serem pronunciadas diante de um tribunal, onde o réu é o sistema educativo das Igreja Católica, acusado por republicanos, como Jules Ferry. Dehon se refere ao público que o assistia como membros do júri, que deveriam proferir a *sentença* para o *julgamento*. Isto aparece claramente, por exemplo, no prólogo do livro, quando diz: “Depois de alguns anos, o ataque dos nossos inimigos dobrou de intensidade; parece que ano após ano se acrescenta uma nova acusação à extensa *requisitória* [réquisitoire] com a qual se quer prejudicar o ensino religioso”²⁹.

O discurso jurídico adotado por Dehon possui suas leis clássicas que os formados em Direito conhecem bem. É preciso sempre ater-se aos fatos, comparando-os com a forma da lei. O resultado pode ser uma convincente defesa ou acusação. Advogados de defesa e promotores devem utilizar da retórica, movendo-se entre estes dois pólos: a lei e a realidade. Um recurso dos advogados de defesa é reconstruir os argumentos da acusação, utilizando novos fatos e uma nova hermenêutica da lei, mostrando a inocência do réu. No discurso jurídico nunca são muito eficientes argumentos de autoridade buscados em instâncias externas ao universo em questão. Por isso, Dehon raramente os utiliza em seus discursos, nem mesmo

²⁸ NHV XII, pp. 174-181. Não existem registros do texto original do discurso pronunciado por Dehon em 1877. Ele mesmo afirma que “somente” modificou os dois primeiros discursos para a publicação.

²⁹ OSC IV, p. 373. *Grifo nosso*. A palavra *Réquisitoire* é típica do direito francês, e significa o ato pelo qual o ministério público formula sua acusação no processo penal. Dehon utiliza o termo para indicar sua atuação como *advogado de defesa*, diante de uma série de *acusações* feitas ao ensino católico.

textos do Magistério da Igreja. Não seria uma boa defesa utilizar o depoimento do réu para concluir sua inocência.

Dehon identifica, de um modo sintético, logo no prólogo de seu livro, a lista de “acusações” ao ensino cristão, das quais pretende empreender sua defesa. Elas coincidem com a estrutura de seu texto, ou seja, para cada acusação, um discurso de defesa. Elencamos sistematicamente, com frases do próprio Dehon, estas acusações de modo que possamos perceber melhor a dinâmica jurídica de seus discursos:

Acusação	Defesa
Dizem que a religião é ignorância.	Será necessário demonstrar quão maravilhosos são os frutos da religião no âmbito das Letras.
Dizem que não somos patriotas.	É necessário, e nosso dever, protestar como católicos e como franceses, e demonstrar com fatos da história que a religião é a melhor escola de patriotismo.
Evocam as Cartas Provinciais para atacar a moral do cristianismo.	É para nós um dever sagrado demonstrar o modo radiante com que a religião faz brilhar as virtudes da infância.
Dizem que a ciência é incompatível com a religião.	Acreditamos ser necessário afirmar e provar que ciência e religião estão estreitamente relacionadas, e que, segundo uma frase célebre, se é certo que a pseudo-ciência afasta da religião, não é menos certo que a verdadeira ciência leva até a religião ³⁰ .

Sabemos que a maioria destas críticas ao ensino “congregacionista” católico faziam parte dos discursos de Ferry, na Câmara, para justificar seus projetos de lei, especialmente o famoso “artigo 7”³¹. Porém, percebemos que os discursos de Dehon são mais do que uma simples defesa jurídica do ensino católico. Ele sabe qual a importância de educar as novas gerações e afirma expressamente:

As questões relativas ao ensino estão agora, mais do que nunca, na ordem do dia. Entendemos que o futuro pertence àqueles que tenham nas mãos a educação das novas gerações e é precisamente isto que, em nosso caso,

³⁰ OSC IV, p. 273. As “Cartas Provinciais”, ou *Les Provinciales*, referem-se ao conjunto de 18 cartas escritas por Blaise Pascal entre 1656 e 1657, para defender o jansenista Antoine Arnauld, adversário dos jesuítas, que estava em julgamento pelos teólogos de Paris. Estas cartas eram evocadas pela Terceira República no conjunto de críticas feitas ao método educacional dos jesuítas.

³¹ Uma monografia contemporânea a estes fatos ajuda a recapitular os argumentos de Ferry: E. LABOULAYE, *La liberté d'enseignement et les projets de M. Jules Ferry*.

explica a ardorosa luta entre os católicos e os representantes da incredulidade³².

Há algumas teses de fundo por trás dos discursos. A primeira, de natureza social, é que a “liberdade de ensino” possibilitou o surgimento de uma “juventude católica” ao longo do século 19. A presença de universidades católicas teria acelerado este movimento. Isto provocou uma “transformação nas idéias e no espírito” das classes dirigentes e na classe média. Dehon é um otimista e acredita que os decretos laicisantes de 1880 não seriam um golpe mortal nesta conquista da fé. Seus discursos são uma permanente reivindicação de liberdade. Neste sentido, toca em um ponto onde a política da República era contraditória: em nome da liberdade restringia a liberdade.

A segunda tese, de natureza político-epistemológica, é que não existe contradição entre conhecimento humano e religião: “Hoje, mais do que nunca, é preciso infundir o espírito cristão às ciências e letras, história e filosofia, enfim, ao ensino em sua plenitude”³³. Outra expressão desta mesma relação pode ser encontrada na iminente separação entre Igreja e Estado³⁴. Para Dehon, esta separação política denota uma ruptura epistemológica. Aos poucos ele aceitará a separação política, porém não a epistemológica. Pode-se separar a Igreja do Estado, porém não o humano do Divino.

A terceira tese, de natureza teológica, aparece expressa na frase que Dehon escolheu para ilustrar a capa do seu livro e que também aparece em seu prólogo: “A graça de nosso divino Salvador veio aperfeiçoar em nós a educação”³⁵. Sua interpretação deste texto é que a

³² OSC IV, pp. 270-271.

³³ OSC IV, pp. 271-272.

³⁴ Dehon havia presenciado a perda dos Estados Pontifícios, em 1870 e, no momento em que escreve, em 1886, observa o avanço das idéias republicanas que levariam à separação entre Igreja e Estado na França, em 1905. Neste momento, idealiza a Idade Média “que via as ciências não como pontos separados e isoladas umas das outras em que todas as ciências não estavam isoladas entre si, mas reunidas em torno da Teologia, ciência de Deus, que reina sobre todas como uma rainha”. OSC IV, p. 271. Mesmo que este conceito não seja aceitável hoje, é curioso que Dehon já nesta época tenha percebido a fragmentação do saber que o positivismo estava promovendo entre as ciências.

³⁵ OSC IV, 271. “La grâce de notre Sauveur divin est venue perfectionner, parmi nous, l’éducation” (cf. Tt 2,11-12). Na capa do livro Dehon cita ainda o texto da Vulgata da seguinte forma: “Apparuit gratia Dei salvatoris nostri erudiens nos (græce paideu,ousa)”. O texto grego completo destes versículos seria: “VEpefa,nh ga.r h` ca,rij tou/ qeou/ swth,rioj pa/sin avnqrw,poi j paideu,ousa h`ma/j(i[na avrnhsa,menoi th.n avse,beian kai. ta.j kosmika.j evpikum,i,aj swfro,nwj kai. dikai,wj kai. euvsebw/j zh,swmen evn tw/| nu/n aivw/ni.”. A tradução atual da Vulgata: “Apparuit enim gratia Dei salutaris omnibus hominibus erudiens nos ut abnegantes impietatem et sæcularia desideria sobrie et iuste et pie vivamus in hoc sæculo”. Poderia se traduzir literalmente: “Manifestou-se também a graça de Deus salvadora para todos os homens, educando-nos para que,

Divina Graça aperfeiçoa a natureza humana. O uso do verbo **paideu, ousa** tem sua raiz semântica no conceito de “pedagogia”. Assim, sua primeira grande tese é a existência de uma “Pedagogia da Graça”. Deus educa. Os educadores que quiserem educar integralmente devem considerar esta ação pedagógica de Deus que restaura, no ser humano, a sua identidade original. Dehon está convencido de que “tudo deve ser restaurado em Cristo”³⁶. Esta “recuperação da identidade original do ser humano” é uma elaboração do conceito de Educação Integral fortemente presente na obra de Léon Dehon.

Esta última tese da, aparentemente “teológica demais”, pode ser uma contribuição para aprofundar o significado daquilo que hoje começa ser conhecido como Pedagogia da Dádiva. Graça e Dádiva pertencem ao mesmo campo semântico. Deste modo, a teologia tem uma palavra a dizer à pedagogia. Dehon já intuiu isso no século 19.

2 O discurso programático “Sobre a Educação Cristã” (1877)

Dehon expõe os princípios educacionais que tem em mente: seus objetivos, seus instrumentos, seus métodos, seus frutos. Até então nunca havia expressado estas idéias de maneira tão sistematizada e articulada. Em suas Memórias lemos que este primeiro discurso “foi preparado às pressas”³⁷, o que não condiz com o texto bem fundamentado que chegou até nós. Por isso, imaginamos que foi bastante modificado para a publicação e expressa o pensamento educacional de Dehon experimentado pela prática, pela reflexão e pelo tempo.

renegadas a impiedade e as paixões mundanas, vivamos, no presente século, sensata, justa e piedosamente”. De fato, o uso do participio presente do verbo *paideu, w* lembra a ação de um escravo que deveria conduzir o filho de um aristocrata ao local do aprendizado, raiz etimológica da noção de “pedagogia”. O texto citado por Dehon permite, portanto, aludir a uma “ação pedagógica da graça”. Cf. G. SCHNEIDER, “*paideu, w*”, in *Dizionario Esetico del Nuovo Testamento*, pp. 716-717.

³⁶ OSC IV, p. 272.

³⁷ NHV XII, p. 174. Realmente Dehon não teria naquela ocasião o tempo necessário para preparar um discurso bem articulado, pois terminara no dia 31 de julho o retiro onde escrevera o esboço das constituições de sua Congregação.

2.1 O objetivo da educação e do ensino

Este é o ponto principal do discurso e de todos os escritos educacionais de Dehon que fez questão de registrá-lo integralmente, de próprio punho, em seu caderno de Memórias³⁸. Ele procura explicar em que consiste a educação e qual é o seu objetivo³⁹. Alguém poderia dizer que é apenas aquisição de conhecimento para passar em um exame e ingressar em uma carreira profissional. Dehon argumenta que é muito mais. Trata-se de amadurecer a perfeição “divina” que foi depositada no interior de cada pessoa. O fundamento de todo sistema educacional está na idéia que se tenha de homem perfeito.

Na base de todo sistema educacional existe um pensamento dominante e essencial, um objetivo, um ideal. Este objetivo sempre está relacionado com as doutrinas políticas e religiosas do filósofo que concebe o sistema ou da sociedade que o institui. O rumo da educação depende da idéia que se tenha sobre o homem perfeito. A imensa superioridade da educação cristã sobre as demais se deve ao fato de ela ter como seu objetivo e seu ideal a perfeição total e sobrenatural do homem nesta vida e na outra⁴⁰.

Dehon absorve esta idéia de Platão, de quem cita a definição de educação como “tudo aquilo que dá ao corpo e à alma a beleza e a perfeição de que são suscetíveis”⁴¹. Quando o filósofo grego fala de perfeição da “alma” Dehon entende que se refere ao plano espiritual. Por isso, cita outro trecho do mesmo filósofo: “Seria loucura, para uma criatura mortal, preocupar-se mais desta breve existência que da eternidade”⁴².

Olhando para a história, Dehon percebe que em Roma e Esparta, antes das guerras púnicas, o ideal de homem perfeito era o “soldado valente”. Por isso, a educação se limitava

³⁸ NHV XII, pp. 174-181. Os dois textos coincidem e são contemporâneos, ou seja, de 1886. A única diferença que encontramos foi que ao referir-se a Platão, em suas Memórias, diz: “Mais ces vues élevées de Platon ont été tout excetionnelles dans le paganisme”. NHV XII, p. 177. No livro publicado: “Mais ces vues élevées de Platon ont été tout excetionnelles e sont restées un idéal sans réalité”. OSC IV, p. 276. A linguagem das Memórias é mais direta, e na publicação, não atribui a Platão a qualificação de “pagão”. Mais interessante é a crítica de Dehon de que o ideal educacional platônico permaneceu como um “ideal sem realidade”. De fato, ao pontuar o ideal educacional cristão, Dehon iniciará por evidenciar o valor do corpo, da higiene, dos exercícios físicos. Não se parece com um “idealismo platônico”, espiritualista e desencarnado, como concebe o senso comum e como era praticado por algumas correntes de espiritualidade no século 19.

³⁹ Dehon identificou em um dicionário de pedagogia da época, mais de duas mil obras sobre educação, publicadas em francês. Cf. OSC IV, p. 275, nota 1.

⁴⁰ OSC IV, 276.

⁴¹ PLATÃO, “As Leis”, Livro VII, 788, apud OSC IV, 277.

⁴² PLATÃO, “Fedon”. Apud: OSC IV, p. 277. Dehon intepreta o pensamento de Platão como “precursor da revelação cristã”. Cf. H. WILMER, “León Dehon como educador”, p. 69, nota 21. De fato, um dos temas recorrentes lemos em “Fédon” é o debate sobre a imortalidade da alma.

ao desenvolvimento da força física e ao domínio do corpo. Na Revolução Francesa o ideal era o “homem político”. Por isso, criou-se um sistema educacional no qual a Constituição era o “catecismo” e as famílias deveriam abdicar do seu direito de educar os filhos em favor do Estado⁴³. O monopólio da organização das universidades, no tempo do Império, também tinha este ideal político. Para o utilitarismo positivista, o desenvolvimento da pessoa humana se limita à atividade física e industrial. A alma, a moral, a cultura intelectual são tratados superficialmente. Finalmente, Dehon identifica um ideal que chama de “crítico”. É o mais presente no ensino oficial de sua época, onde a filosofia, as letras e a arte são cultivadas, mas apenas como uma espécie de “culto à forma”, sem qualquer princípio religioso de fundo, pois para estes, Deus não seria mais do que uma idéia e todas as religiões apenas “evoluções progressivas do espírito humano”⁴⁴.

A partir desta análise, conclui que somente o ideal cristão abraça, ao mesmo tempo, todos os elementos da perfeição humana. Relevando o caráter fortemente apologético do texto, encontramos aqui, nitidamente, o conceito de Educação Integral identificado com o modo cristão de educar:

A educação cristã não deixa de lado o desenvolvimento físico. Ela se preocupa com a higiene e com os exercícios do corpo. Ela considera as letras e as ciências como necessárias para desenvolver as faculdades mais essenciais do espírito. Ela forma o juízo pela filosofia e pela história, o gosto pelo conhecimento dos modelos da literatura e da arte, a vontade e o coração pela religião, os costumes, o caráter e as boas maneiras necessárias para a vida em sociedade⁴⁵.

Evocando a proteção do Sagrado Coração de Jesus e tendo o apóstolo João como exemplo de aluno, Dehon propõe um modelo de educação que considere todas as dimensões da pessoa humana e não apenas uma parte dela. A educação cristã deve superar todo reducionismo. Não educa apenas funcionalmente para uma determinada profissão, mas prepara para realizar a pessoa em todas as suas potencialidades. Ele mesmo diz:

Educar um cristão é fazer com que cresça em sua alma a fé, que abre sua inteligência ao mundo invisível; a esperança, que fortalece o coração por meio da expectativa de uma felicidade merecida; e o amor que faz perceber Deus nas frias sombras da vida. Educar um cristão é *formar um homem com*

⁴³ Refere-se ao Projeto de Lepelletier de Saint-Fargeau, retomado e apresentado por Robespierre na Convenção de 1793. *OSC IV*, p. 277, nota 3.

⁴⁴ *OSC IV*, p. 277.

⁴⁵ *OSC IV*, pp. 277-278.

coração, um homem capaz de sacrifício e dedicação, um homem livre do jugo do egoísmo⁴⁶.

Mais uma vez percebemos aqui o conceito de Educação Integral que Dehon faz coincidir com os valores da educação cristã. Para ele, o cristianismo tem este potencial de considerar a pessoa em sua totalidade. Chega a dizer textualmente: “Somente o ideal critão engloba ao mesmo tempo, todos os elementos da perfeição humana”⁴⁷. Daí o título do seu livro faz todo sentido: “Educação e ensino *segundo o ideal cristão*”. As clássicas virtudes da fé, esperança e caridade são vistas, em seu potencial pedagógico, como forças que abrem a inteligência, fortalecem o coração e permitem perceber a realidade. A Educação Integral Cristã, defendida por Dehon, poderia ser resumida nesta expressão de seu discurso: “formar um homem com coração”. Esta talvez seja a contribuição mais original de Dehon para a construção que queremos hoje do conceito de Educação Integral. Em um mundo onde se confunde instrução tecnológica com educação, formar pessoas humanas com coração exigiria uma mudança radical em nosso sistema de ensino, ainda exageradamente comprometido com fragmentações positivistas que já não se sustentam.

De acordo Dehon, o discípulo da educação cristã traz consigo a forte convicção de que é marcado pela “força restauradora da palavra e do exemplo”. Onde quer que ele vá, ou em qualquer ação que realize, será “um missionário da virtude e imagem viva de Jesus Cristo”⁴⁸. Portanto, propõe um modelo de Educação Integral, onde seja superada a separação entre transmissão de conhecimentos e formação da personalidade⁴⁹. Palavras e gestos devem estar em sintonia. O discurso e a prática devem caminhar em perfeita harmonia. São dois aspectos que se condicionam reciprocamente. Esta característica fica evidente nos procedimentos didáticos de Dehon, onde ele estimulará seus professores a serem práticos em suas lições, utilizando sempre exemplos do cotidiano. Poderemos perceber isso em seus discursos seguintes. Dehon leva a vida para cada reflexão. Seu método é pensar a partir de um compromisso apaixonado com a transformação da pessoa humana. Rejeita uma educação simplesmente formal. Em seu Colégio as aulas ultrapassavam os limites da sala de aula e eram agradavelmente completadas por diversas atividades, como passeios e eventos sociais.

⁴⁶ OSC IV, p. 278. *Grifo nosso*.

⁴⁷ OSC IV, p. 277.

⁴⁸ OSC IV, p. 278.

⁴⁹ Cf. H. WILMER, “León Dehon como educador”, pp. 70-71.

Outro detalhe relevante é a convicção de Dehon de que as “palavras e os exemplos” dos mestres marcam definitivamente a vida dos seus educandos. Esta é uma característica da Educação Integral, onde os mestres acabam se tornando referenciais definitivos na vida de seus alunos. Isto certamente não acontece apenas pela via do conhecimento intelectual, mas passa, necessariamente pela relação afetiva entre aluno e professor. Dehon valoriza esta “educação do coração”. Ele sabe que não é possível educar integralmente sem criar laços afetivos. Hoje sabemos que sem empatia não se estabelece um vínculo pedagógico consequente. Se o professor não encantar seus alunos será apenas mais uma lição que passa. As lições de Dehon não passaram na vida de seus educandos. Esta capacidade de encantar mostra que ele encontrou a fórmula da Educação Integral.

2.2 Os instrumentos pedagógicos

Para atingir o seu objetivo de formar pessoas com coração, Dehon mostra que é preciso refletir sobre as qualidades de dois personagens típicos do universo escolar: os professores e os livros. Mas que professores e que livros, para que educação? Dehon descreve como imagina o professor ideal para colocar em prática a Educação Integral, na forma como acaba de conceber e, também, como deveriam ser os livros.

2.2.1 Os professores

Para Dehon, o “mestre” deve exercer uma verdadeira “paternidade espiritual” no face-a-face com seus discípulos. Ele gera vida “à semelhança de sua própria alma”. A vida intelectual e moral passa de sua “alma” para a “alma” de seus alunos através de duas fontes: a palavra e o exemplo. Dehon considera o mestre cristão como um “sacerdote” e o magistério como uma “vocação” para restaurar todas as coisas em Cristo⁵⁰. Para tal “missão sagrada”, o mestre recebe uma “unção divina” que redimensiona o significado de sua influência sobre os alunos, para além da dimensão natural.

⁵⁰ OSC IV, p. 272.

O professor cristão “comunica seus pensamentos; revela o que é verdadeiro segundo sua inteligência concebe; o belo, como ele compreende e aprendeu a amar, o bem segundo sua consciência”⁵¹. Deve ser mais que um homem virtuoso ou de prestígio. É preciso que o discípulo perceba que está diante de “alguém que se inspira com fidelidade no Mestre dos mestres, Jesus”⁵². Dehon afirma que o segredo do entusiasmo, desprendimento e disponibilidade do mestre cristão é que trabalhando pela juventude, ele “acredita que está trabalhando para Deus”⁵³.

O retiro que Dehon pregou aos professores, em setembro de 1877, preparando-os para o início do primeiro ano letivo do Colégio São João, é como uma ressonância bíblico-espiritual das convicções sobre a identidade e a missão do mestre cristão, expressas no discurso de agosto⁵⁴. São treze meditações, pronunciadas em quatro dias, em que ele começa com o texto bíblico das Bem-aventuranças, lembrando a necessidade de purificação para iniciar a missão: “Bem-aventurados os puros de coração, porque verão a Deus” (Mt 5,8). Insiste que os professores repitam com Samuel: “Fala, Senhor, que o teu servo escuta” (1Rs 3,10). Lembra a disponibilidade de Maria: “*Ecce ancilla Domini*” (Lc 1,38). Portanto, seu ponto de partida é a disponibilidade para ouvir. Somente depois apresenta a disposição de Paulo para a missão: “*Domine, quid me vis facere?*” (cf. At 9,6)⁵⁵.

Na terceira e quarta meditações, Dehon apresenta a “missão divina de ensinar” a partir dos mandatos missionários citados nos Evangelhos de João e Mateus (cf. Jo 20, 19-21; Mt 28,19). O professor deve ensinar como ensinaria o próprio Jesus⁵⁶. Na quarta meditação, em especial, cita o texto bíblico que utilizaria na capa de seu livro: “*Apparuit gratia Dei, salvatoris nostri, omnibus hominibus, erudiens nos, ut abnegantes impietatem et sæcularia desideria, sobrie et juste et pie vivamus in hoc sæculo*” (Tt 2,11-12). Termina comparando a missão de ensinar com o mandato apostólico dado por Jesus aos seus discípulos (cf. Mt 10,8; Lc 10,18.21). Nas meditações, sempre por meio de referências bíblicas, Dehon exorta os

⁵¹ OSC IV, p. 279.

⁵² OSC IV, p. 279.

⁵³ OSC IV, p. 280. “En travaillant pour eux, nous croyons travailler pour Dieu”.

⁵⁴ As anotações deste retiro estão registradas nos cadernos de Memórias de Dehon. NHV XIII, pp. 2-20. Achamos oportuno incluir aqui as linhas gerais destas pregações porque completam bem o modelo de professor que Dehon tinha em mente.

⁵⁵ NQT XXV/1910, p. 45.

⁵⁶ NHV XIII/1877, p. 6.

professores à santificação pessoal (cf. 1Cor 9,23.27); à caridade mútua (cf. Pr 18,19; Jo 17,11); à uma vida eucarística (cf. Lc 22,15; Mt 26,26, Lc 22,19); à devoção ao Sagrado Coração de Jesus, lembrando as promessas feitas à Santa Margarida Maria; a reconhecer o valor da cruz (cf. Gal 6, 14; Col 1,24); a amar Maria como mãe (cf. Lc 2,48); à devoção aos santos, especialmente São José e São João, patronos da obra (cf. 1Jo 2,13-14); a pedir a ajuda dos santos anjos (cf. Mt 18,10); enfim, a perseverar até o fim (cf. Mt 10,22).

Com este cultivo espiritual do corpo docente, Dehon mostra-se convencido de que aquilo que os professores “são” educa mais do que aquilo que “sabem”. Para ele, o magistério é muito mais do que uma profissão. Mestres são considerados verdadeiros “sacerdotes” do ensino, ainda que não o sejam no sentido literal do termo. Dehon sabe que apenas o testemunho de vida pode dar sabor ao saber. Seu conceito de Educação Integral não subsiste sem esta síntese fundamental entre “palavra” e “gesto”. Uma educação que contrate professores sem considerá-los como um todo não poderá formar alunos integralmente. Este é um erro freqüente de pretensas fórmulas de Educação Integral que protagonizam o aluno, mas dispensam de uma consideração mais atenta os professores. Considerar o professor como um todo significa, com certeza, criar um ambiente saudável e familiar no corpo docente, estimular a amizade e a cordialidade, o que nem sempre é tão fácil no cotidiano da escola. De qualquer forma, a advertência de Dehon é que a Educação Integral passa, necessariamente, pela formação integral e continuada dos professores.

2.2.2 *Os livros*

Para Dehon, os livros são “conselheiros dos alunos”, influenciam sua alma e podem agir a favor ou contra os professores⁵⁷. Podem falar mais alto até mesmo que os conselhos dos pais. Influenciam na elaboração da “idéia predominante”, que orienta o desenvolvimento em determinada fase da vida. Por isso, devem ser adequados à capacidade de reflexão própria de cada idade. É preciso que haja uma escolha crítica e prudente dos livros didáticos e de literatura complementar. Dehon, apoiado nas diretrizes de Pio IX, reflete sobre o uso da

⁵⁷ OSC IV, p. 280.

literatura pagã e cristã na escola⁵⁸. Cita Platão, segundo o qual a beleza é o esplendor da verdade, para dizer que a beleza natural que existe na literatura clássica pagã, existe em abundância na literatura cristã. Para defender a qualidade da literatura cristã, Dehon utiliza um argumento teológico:

A arte de “dizer bem”, em sua acepção original não é uma maravilhosa emanção do Verbo de Deus, da Palavra de Deus Pai? Como então se poderia acreditar que o Verbo encarnado, que Se havia dignado distribuir o dom da palavra às nações que não O conheciam, haveria, pois, recusado à Igreja, sua esposa, que adquiriu com o preço do Seu Sangue?⁵⁹

Dehon aceita o uso dos autores profanos na educação cristã. Mas não é esta exatamente a questão que está em jogo no momento de seu discurso. A utilidade pedagógica da literatura cristã é que era duramente questionada na reforma educacional de Jules Ferry. Por isso, em típico discurso jurídico de defesa, Dehon investe sua argumentação em afirmar a tolerância da Igreja Católica em aceitar a utilidade da literatura pagã e em reivindicar que a literatura cristã seja igualmente aceita nos padrões oficiais. Este era um grande problema para as escolas católicas neste período, pois os programas impostos aos exames, pelo Estado, ignoravam sempre mais a literatura cristã, considerando-a como de segunda ou terceira categorias. Este fator condicionava o interesse dos alunos ao longo do curso por uma literatura que seria cobrada no exame. Esta realidade aparece claramente em uma frase do discurso de Dehon, quando diz: “Reagiremos contra estes abusos na medida do possível, considerando os programas que nos impõem os exames”⁶⁰. O resultado desta política é que, mesmo em escolas católicas, os alunos acabavam por conhecer melhor a mitologia e os deuses pagãos do que a Bíblia e os heróis cristãos.

O argumento de defesa de Dehon sempre apresenta a Igreja como um réu, com ideais semelhantes aos afirmados teoricamente pelo seu acusador, como liberdade e tolerância. Na prática, a Terceira República implantava um programa educacional baseado no cerceamento à liberdade do ensino pelas Congregações religiosas. Assim, Dehon transforma o promotor em

⁵⁸ Neste contexto, cita várias vezes a carta breve de Pio IX a Dom D’Avanzo, em 1º de abril de 1875. Considera a carta de Dom d’Avanzo, em 4 de novembro de 1874, “um verdadeiro tratado nesta matéria”. *OSC IV*, p. 282, notas 1 e 2.

⁵⁹ *OSC IV*, p. 282.

⁶⁰ *OSC IV*, p. 284.

réu. Sua defesa é elaborada por uma sutil forma de ataque, expondo as contradições do acusador e a coerência da educação segundo o ideal cristão.

Em todas estas ponderações sobre os livros percebemos a opção de Dehon por um ponto de equilíbrio. Não deseja “nem espíritos levianos, nem doutores precoces”. Ele mesmo afirma: “A infância é a primavera da vida. Idade das flores mais que dos frutos. O florescimento e o frescor lhe são mais apropriados que a maturidade. Deus normalmente dá às crianças a beleza, e sua ingênua bondade é como um perfume que nos alegra”⁶¹.

2.3 O método educacional

Dehon reflete sobre o método educacional a partir “daquilo que motiva os esforços do aluno”⁶². Pode ser o temor, o sentimento de honra, o afeto filial, ou a fé. Com base em sua noção de antropologia cristã, entende que o “pecado original” deixou em cada ser humano uma mistura de qualidade e defeitos, instintos funestos e nobres inclinações. Há um verdadeiro “combate” na alma de cada educando, que vive esta contradição interna. Como ele mesmo diz “coexistem dois exércitos com distintas motivações”⁶³. É preciso reunir as forças positivas por meio de um *princípio predominante* que motive ao trabalho, ao dever, à virtude, à constância. A partir daqui, a reflexão de Dehon sobre o melhor método a se adotar na educação parte sempre da questão motivacional.

O uso do temor não se pode eliminar totalmente, mas ao colocá-lo como “motivação principal” do aluno, ou “fundamento do método pedagógico” se agride o coração, provoca a falsidade, apaga os impulsos de generosidade natural e torna a alma egoísta e preocupada unicamente em evitar a correção.

A vergonha e a honra seriam princípios pedagógicos válidos, mas superficiais e perigosos, porque produzem virtude aparente, enfraquecem a convicção de consciência e resultam em um amor próprio egoísta, que não seria mais do que uma mera “preparação” para a vida de entrega e generosidade que propõe o ideal cristão.

⁶¹ OSC IV, p. 284.

⁶² OSC IV, p. 284.

⁶³ OSC IV, p. 284.

O afeto filial é normalmente utilizado no âmbito das relações pedagógicas que se estabelecem entre pais e filhos. Os pais imaginam que seus filhos irão praticar o dever e a virtude para os agradar. É um princípio pedagógico nobre, mas insuficiente. A adolescência, por exemplo, é um tempo em que o afeto filial resulta em pouca eficácia pedagógica. Dehon, discretamente, alude aos diversos métodos educacionais em prática nas escolas confessionais e laicas de seu tempo. Princípios como o temor, por meio da correção dos erros, ou da vergonha de errar em público, ou mesmo da honra de receber o melhor prêmio, eram as bases dos sistemas didático-pedagógicos em voga. Ele os considera insuficientes para gerar a motivação necessária para a educação realmente integral.

Dehon assiste e critica a proliferação de propostas pedagógicas de sua época: Rabelais, Montaigne, Ramus, Condorcet, Rousseau e outros. Cita, em especial, a “escola progressiva”. Diante de todas estas propostas alinhadas à reforma educacional do Estado Republicano, Dehon prefere preservar o fundamental do “grande método dos antigos”, sem rejeitar as melhorias que o tempo e a experiência podem trazer. Ele reconhece que o progresso da ciência deve ocupar um lugar na educação e está convencido de que é preciso estar atento às novas necessidades que surgem em cada período da história.

A partir da análise destas lacunas, Dehon defende que os “princípios da vida cristã”, ou seja as motivações nascidas da fé, geram a motivação necessária para guiar o aluno desde os primeiros passos. A partir deste princípio e fundamento, ele constrói sua proposta metodológica mesmo consciente da necessidade de distinguir a especificidade de cada disciplina, dos procedimentos didáticos, do ensino gradual, do uso de recursos visuais e da atenção à psicologia da criança e do desenvolvimento. Revelando a principal influência de seu pensamento pedagógico, assume a proposta codificada no *Traité des Études*, de Charles Rollin, para educar a inteligência e o coração:

Tomaremos em conjunto o grande método cristão, que começou depois da paz da Igreja, com os Santos Padres da Igreja grega e latina; método que se adaptou através de distintas épocas, conservando seus princípios fundamentais. Métodos das escolas monásticas e episcopais da Idade Média, das grandes universidades do século 12, de Bossuet, de Fenelón, de Fleury; método que foi codificado pelo sábio e piedoso Rollin em seu *Traité des Études*⁶⁴.

⁶⁴ *Traité des études* ou *De la manière d’enseigner et d’étudier les belles-lettres, par rapport à l’esprit et au cœur*, de Charles Rollin (1671-1741), célebre reitor da Universidade de Paris, havia sido publicado em 1726 em

Rollin inicia seu “Tratado sobre os Estudos” com um “Discurso Preliminar” em que indica que a Universidade de Paris teria sido fundada para trabalhar a educação da juventude a partir de três grandes pilares: a ciência, os costumes e a religião. Segundo ele, é preciso cultivar o espírito dos jovens por meio do conhecimento; educar seus corações por meios dos bons costumes para fazer deles bons cidadãos e, enfim, aperfeiçoar os jovens por meio da fé, fazendo deles bons cristãos⁶⁵. Convenhamos que esta é uma visão de Educação Integral bastante desenvolvida para o século 17. O que Rollin defende é a educação da pessoa como um todo, ou seja, espírito, inteligência e coração. Ele percebeu que os conhecimentos, os costumes e a fé elevam e aperfeiçoam a pessoa. Por isso, os assume como princípios pedagógicos aplicáveis ao estudo das mais diferentes disciplinas. Seu “Tratado sobre os Estudos” faz essa aplicação de um modo denso, sistemático e detalhado. Chega a explicitar como estes princípios funcionariam nos estudos da gramática francesa, latina e grega; no estudo da literatura clássica, principalmente Homero; no conhecimento dos fundamentos semânticos e simbólicos da poesia; nos fundamentos da retórica, apoiado em exemplos como Cícero, Agostinho e João Crisóstomo e em lições extraídas da Bíblia; no estudo da história e da geografia; no cultivo das virtudes morais e civis; no estudo das fábulas e dos mitos; no conhecimento da filosofia. Rollin encerra seu tratado refletindo sobre a administração destes princípios e conteúdos no ambiente escolar.

Léon Dehon, em seu primeiro e programático discurso educacional, revela que assumiria o método educacional de Charles Rollin, que assim sintetiza:

Conhecer o caráter do aluno para saber como melhor orientá-lo, conseguindo dele tanto o carinho como o respeito; dizer as razões; habituá-los à sinceridade; formá-los nas boas maneiras; tornar agradável o estudo; e sobretudo fazer com que neles reine a piedade, que é um resumo de todas as boas inclinações do coração⁶⁶.

De fato, encontramos estes princípios no oitavo capítulo da Parte III do “Tratado sobre os Estudos”⁶⁷. Baseado em Fénelon e M. Locke e aludindo aos exemplos educacionais

dois volumes. É um dos primeiros manuais que resumem e apresentam os métodos educativos conhecidos até então. É possível ter acesso ao fac-símile de uma edição de 1863, disponível para consulta na *Gallica – Bibliothèque Nationale de France*. <http://gallica.bnf.fr> <acesso em 02.01.2007>.

⁶⁵ Ch. ROLLIN, *Traité des études*, Tome Premier, p. 1.

⁶⁶ OSC IV, 288.

⁶⁷ Ch. ROLLIN, *Traité des études*, Tome Troisième, pp. 220-257.

clássicos de Atenas e Roma, Rollin procura explicitar os objetivos e o método da educação. Sistemáticamente enumera procedimentos pedagógicos em treze artigos, que reproduzimos indicando o título de maneira literal:

- Artigo I: O primeiro passo na boa educação é sempre estabelecer um objetivo, uma meta à qual se pretende chegar e que determinarão os meios que devem ser utilizados.
- Artigo II: Estudar o caráter dos jovens para bem poder conduzi-los.
- Artigo III: Ter autoridade sobre os jovens.
- Artigo IV: Fazer-se amar e respeitar.
- Artigo V: Existem regras que devem ser observadas para repreender os alunos.
- Artigo VI: Existe um tempo e uma maneira de punir.
- Artigo VII: Explicar as razões aos jovens; fazer uso do elogio e da recompensa.
- Artigo VIII: Acostumar os jovens a serem verdadeiros.
- Artigo IX: Acostumar os jovens às boas maneiras, à higiene e à pontualidade.
- Artigo X: Tornar os estudos agradáveis.
- Artigo XI: Garantir o repouso e a recreação aos alunos.
- Artigo XII: Educar a juventude por meio das palavras e dos exemplos.
- Artigo XIII: A importância da piedade e da religião na educação.

Desta maneira, percebemos que, inspirado na proposta pedagógica de Rollin, Dehon procura, também sob o ponto de vista metodológico, uma Educação Integral, que seja capaz de educar a inteligência e a sensibilidade; centrada na pessoa e nas motivações do aluno, e não simplesmente na transmissão de conhecimentos ou na sabedoria do professor; formando a pessoa como um todo, a partir do coração, e atingindo todas as dimensões de sua vida.

Porém, é preciso observar que em seu resumo dos treze artigos de Rollin, Dehon simplesmente ignora os artigos V e VI, que se referem à repreensão e às punições. Portanto, estamos diante de uma leitura seletiva, que aponta para uma educação mais liberal, que supera os métodos punitivos em praticados na sua época. Dehon não acredita no castigo como fórmula didático-pedagógica. Através de sua gentileza característica, será sempre chamado pelos seus seguidores de “Très bon père”. Este é um testemunho que encontramos nos relatos de muitos de seus ex-alunos: era um homem bom!⁶⁸ Seu discípulo, Delloue, dirá em 1927 que

⁶⁸ G. CRINON, “Allocution sur le Père Dehon”, in *Dehoniana* 3 (2004) 13-16.

justamente por este seu método liberal, Dehon era criticado pelos amantes de uma disciplina mais rígida⁶⁹.

2.4 *Os frutos de uma educação cristã*

O discurso programático de Dehon termina apontando quais seriam os resultados concretos de uma educação segundo o ideal cristão. Defende que educação e religião devem caminhar juntas para cultivar as faculdades mais elevadas do ser humano e construir a civilização da inteligência e do coração. Neste momento de seu discurso, Dehon recorda as conferências sobre educação do jesuíta, Pe. Félix – que acompanhara em seus tempos de estudante, em Paris – sobre como seria uma educação sem religião:

Poderia ter a ciência, mas não a fé; a inteligência, mas sem princípios. Conheceria o ódio, não o amor; a revolta, não a obediência; o desprezo, não o respeito; a volúpia, não a castidade. Seria capaz de enriquecer-se, mas não de entregar-se aos outros. Em seu conjunto seria um povo egoísta, sensual, voluptuoso, sem amor, sem generosidade, para dizer em uma palavra, um povo mal-educado⁷⁰.

Deste modo, Dehon ataca aquilo que chama de “Escola Neutra” ou “Colégio Indiferente”, que indicava a instituição construída a partir do ideal da educação laica, sem compromisso com a religião ou com algum tipo de confissão religiosa. Compara os seus frutos com aqueles dos Colégios Católicos⁷¹. Novamente sua defesa é o ataque. De acordo com ele, a educação cristã, por sua vez, é capaz de conduzir uma vida ao seu verdadeiro ideal, produz espíritos realmente esclarecidos, firmeza de caráter, corações generosos, pessoas de fé e de ação, capazes de refletir e decidir, pessoas capazes de toda a dedicação e sacrifício à religião e à pátria. Estes são, segundo Léon Dehon, os frutos da educação cristã que compreende como uma educação verdadeiramente integral.

⁶⁹ Cf. A. DELLOUE, “Discours”, p. 12. “M. Dehon [...] ne s’embarrassait guère des petites difficultés de discipline scolaire”.

⁷⁰ OSC IV, p. 292.

⁷¹ Esta parte final do texto do primeiro discurso, segundo a publicação em livro, na verdade parece ter sido originalmente o começo do discurso, pronunciado em 1878, de acordo com o relato do próprio Dehon em *NHV* XIII, p. 53. Ele tomou o cuidado de registrar o início e o final do seu segundo discurso. O texto das Memórias coincide substancialmente com o publicado. As alterações normalmente são para atenuar o estilo oral.

Ao final deste discurso, pronunciado já na expectativa da reforma educacional de Ferry, o leitor do século 21, acostumado à laicidade do ensino público, não pode deixar de se perguntar sobre a real possibilidade de educar integralmente prescindindo da religião e da fé. A modernidade criou uma linguagem “purificada” da religião, de modo que a cientificidade exigiria colocar entre parênteses as fórmulas religiosas ou confessionais. Porém, a globalização atual, provocando o encontro entre as religiões da humanidade, coloca em crise este sistema e dá nova atualidade ao discurso dehoniano. A terceira dimensão da educação, indicada por Rollin, parece mais atual do que nunca. Pelo menos permanece como um direito das famílias optarem, para seus filhos, por um ambiente escolar que tenha uma clara opção confessional. No fundo, esta é a reivindicação de Dehon.

Nossa pesquisa vai mais além e nos perguntamos se realmente é possível uma Educação Integral sem Deus. As ciências da religião não dão conta desta dimensão humana. Dehon não se refere apenas a um genérico conhecimento sobre o sagrado, mas ao compromisso religioso confessional. Ele entende que a Educação Integral será necessariamente religiosa. Como isto seria possível em nossas escolas públicas, respeitando as diversas denominações cristãs e até mesmo tradições religiosas? Alguém poderia argumentar que à escola formal não compete a Educação Integral, mas apenas uma parte do ensino. Outra parte estaria reservada à família e mesmo às organizações religiosas. Está colocada a questão que Dehon desenvolverá em seus próximos discursos. Ele defenderá a idéia de que até mesmo o estudo das letras, da geografia ou da história tem uma referência religiosa e pode contribuir na formação do ser humano como um todo.

CAPITULO V

Outros discursos educacionais

O discurso programático, que analisamos no capítulo anterior, foi explicitado nos anos posteriores a 1877, em uma série de outros discursos, nos quais Dehon retoma as diversas acusações recebidas pelo ideal educacional cristão e elabora sua defesa em estilo jurídico-apologético. Por trás do gênero literário, podemos identificar detalhes de um pensamento educacional que aponta para o ideal da Educação Integral como o que há de mais típico no ideal cristão de educar.

1 Discurso “Sobre as Letras Cristãs” (1878)

O segundo discurso educacional de Léon Dehon foi pronunciado no Colégio São João, no dia 5 de agosto de 1878¹. É bem mais simples e breve que o primeiro e se insere na estrutura geral do livro como uma defesa das letras cristãs diante da acusação de que a religião seria fonte de ignorância e superstição, e que sua literatura seria pobre e inferior.

¹ A exemplo do primeiro discurso, Dehon teve o cuidado de registrar este evento em suas Memórias, inclusive com um resumo deste segundo discurso. Afirma que o texto integral teria sido publicado no jornal *Conservateur de L'Aisne* do dia 07.08.1878. *NHV* XIII, p. 52. Leu vários livros de literatura cristã para preparar o texto. *NHV* XIII, p. 108. Há uma referência a este discurso no periódico *La Semaine Religieuse* 32 (10.08.1878) pp. 445-446. Encontramos, também, um registro detalhado da solenidade em *L'Aigle de Saint-Jean* 22 (1878) pp. 167-173. Ali há também um resumo do discurso proferido por Dehon, que coincide com o de *Notes sur l'Histoire de ma Vie* e o publicado em livro.

Dehon pretende mostrar o quanto as letras devem à religião² e que esta “considera as letras e as ciências como necessárias para desenvolver as faculdades mais essenciais do espírito”³.

1.1 O valor literário da Bíblia

Dehon critica certa idealização, que começa a existir em seu tempo, de tudo o que tem o “caráter laico”. Afirma que grandes cientistas e escritores não eram “laicos” e que esta condição, por si só, não seria garantia de erudição. Em seguida, passa a analisar o que chama de “epopéia bíblica”, o relato da construção da nação de Israel em três atos de um belo poema que, basicamente, narram as vitórias de Cristo para a fundação da Jerusalém celeste⁴.

O primeiro, é *Cristo* prometido, figurado, esperado, preparado. Isto é, o Antigo Testamento em sua maravilhosa variedade. O segundo é *Cristo* realizado, vivendo, morrendo, ressuscitado, e conquistando o mundo pela Igreja e pela Eucaristia; nos textos sagrados está nos Evangelhos, Atos e Epístolas. O terceiro é o triunfo definitivo de *Cristo* na Jerusalém celeste junto a seus companheiros de lutas e glórias. E este ato foi visto antecipadamente com olhos de águia pelo apóstolo no Apocalipse⁵.

Após esta pontuação cristocêntrica, Dehon já não faz alusão a nenhum texto do Novo Testamento. Toda a sua argumentação é apoiada no valor literário do Antigo Testamento, começando por Moisés, que considera historiador, antes de Heródoto, poeta, elogiado por Bossuet, tão filósofo e legislador quanto Platão, Licurgo e Cícero. Em seguida faz uma rápida revisão da literatura bíblica, livro por livro, sempre em paralelo com a literatura pagã. Aponta, por exemplo, o patriotismo dos Macabeus; as narrativas de costumes de época que se encontram em Rute, Judite, Tobias e Ester; as figuras de ligação do livro da Sabedoria; a poesia dos Salmos; a filosofia de Jó. E termina, dizendo:

Píndaro cantou os heróis e as cidades da Grécia. Horácio celebrou os prazeres e os deuses dos romanos. Podemos reler com curiosidade. Não se canta mais com eles. Cantamos todos os dias com Davi. Sua lira fará vibrar

² OSC IV, p. 270.

³ OSC IV, pp. 277-278. Este discurso parece ter sido menos revisado que o primeiro, pois nele não existem notas de rodapé e o estilo oral está melhor preservado.

⁴ Dehon em nenhum momento de seu discurso utiliza textos bíblicos para defender o valor literário da Bíblia. Isto é próprio do gênero de *discurso jurídico*.

⁵ OSC IV, pp. 295-296. *Grifos do autor*. Note-se os “olhos de águia do Apóstolo João”. Este tipo de simbologia é muito freqüente nos escritos de Dehon.

eternamente as almas para repetir a bondade de *Deus*, a glória de *Cristo*, a alegria dos justos e o castigo dos ímpios⁶.

O fato de a “epopéia de Cristo” atravessar a história e permanecer sempre presente, daria à literatura cristã um valor que não se pode encontrar nas outras que, de certa forma, são prisioneiras do passado.

1.2 A *patrologia grega e latina*

Sobre o valor literário da patrologia, Dehon começa por destacar a oratória dos cristãos gregos. Cita a erudição e eloquência de Atanásio, segundo o juízo de Bossuet; o equilíbrio entre profundidade doutrinal e estilo de Gregório de Nazianzo, comparável a Isócrates; a mistura de imaginação oriental e sensibilidade de coração na troca de cartas entre Basílio e Gregório de Nazianzo; a oratória nobre e popular de João Crisóstomo, que tem a graça de Cícero e a riqueza de imagens de Homero.

Nos padres latinos, Dehon destaca a dialética enérgica de Tertuliano, que compara a Bossuet; a doce e completa oratória de Cipriano, a comovente poesia de Ambrósio, que lembra Fénelon; a capacidade de colocar o coração nas palavras, de Jerônimo, apesar do estilo descuidado; e Agostinho, gênio profundo e universal, que supera a todos na grandeza e profundidade dos pensamentos, da história à filosofia, da teologia à delicada análise psicológica que podemos encontrar em suas *Confissões*.

Dehon destaca ainda entre os escritores latinos, a mística persuasiva de Bernardo de Claraval; a sabedoria simples e piedosa de Boaventura; e Tomás de Aquino, que considera “o espírito mais vasto, mais completo, mais claro e metódico que existiu na grande família humana”⁷, e que certamente permanecerá para sempre como o mestre dos Doutores da Igreja.

⁶ OSC IV, p. 298. *Grifos do autor*.

⁷ OSC IV, p. 300.

1.3 *A literatura cristã francesa*

Avançando em sua defesa das “letras cristãs”, Dehon acusa o Renascimento de haver se apaixonado pela antiguidade “esquecendo” e “desprezando” a poesia medieval francesa marcadamente Villehardouin e Joinville, ou a Canção de Roland. Neste sentido, o Renascimento teria ganho na forma e perdido no sentimento patriótico e cristão. Considera o século 17 modelo de literatura cristã, com Bossuet, Racine, Massillon, e Bourdaloue. O século 18, em sua opinião, seria o período da incredulidade e, conseqüentemente, da decadência do gosto e da genialidade literária. Dehon cita quatro pilares: Voltaire, Rousseau, Montesquieu e Buffon. Eram, para ele, autores “contemporâneos”. Argumenta que os valores literários destes autores “modernos” foram de alguma maneira fecundados pela presença da educação cristã ou religiosa em suas vidas. Lembra, por exemplo, que Voltaire teria recebido sua primeira formação dos jesuítas. Assim, “o espírito religioso” seria a chave para compreender estas obras fundamentais. Dehon ataca na raiz a “neutralidade religiosa” proposta como matriz da organização curricular da escola laica. Reporta-se várias vezes em seu discurso a René de Chateaubriand (1768-1848) que se dedicara a reconciliar o espírito francês do século 18 com a religião cristã, então considerada “inimiga das luzes, das ciências, das artes e do bem estar”⁸. Com isso, sente-se autorizado a afirmar que “em literatura o cristianismo não é a sombra da noite, mas a esplêndida luz”⁹.

1.4 *A fé como chave da história*

Ao final do seu discurso, Dehon faz um apêndice para tratar da questão da história como literatura¹⁰. Segundo ele, a fé é a chave da história:

A história do mundo é a história da ação providencial de Deus sobre a terra. Somente este verdadeiro ponto de vista faz os grandes historiadores. A história do mundo é a história de Cristo: o Cristo preparado, o Cristo

⁸ Cf. R. CHATEAUBRIAND, *Génie du Christianisme*, Paris, 1802. Dehon cita ainda M. de Bonald, Joseph de Maistre, M. de Lamartine e Victor Hugo. Para situar o significado destas personalidades no cenário histórico da França moderna, sugerimos: K. BIHLMEYER – H. TUECHLE, *Storia della Chiesa*, IV, p. 163.

⁹ OSC IV, p. 303.

¹⁰ Dehon tratará especificamente o tema do estudo da história em seu sexto discurso.

revelado, o Cristo lutando e reinando. [...] Somente através de Cristo se compreende a história¹¹.

Mais uma vez expressa claramente seu marcante cristocentrismo. Sob seu ponto de vista, a história foi um ponto esquecido pela Restauração cristã do século 19, apesar dos breves acenos de Chateaubriand e Joseph de Maistre, adeptos da escola histórica de Jacques Benigne Bossuet (1627-1704), que considera o mestre de todos.

Dehon conclui seu discurso com o estilo característico de, ao final de cada etapa de sua defesa, resumir em uma frase a resposta ao acusador, incluindo a acusação: “Em história, o cristianismo não é cegueira, ele é um olhar que tem a altura e a extensão do horizonte”¹².

2 Discurso “Sobre o Patriotismo Cristão” (1879)

Este discurso foi pronunciado na tradicional cerimônia de “Distribuição de Prêmios”, no Colégio São João, no dia 2 de agosto de 1879. Antes de integrar o livro publicado em 1887, este texto recebeu uma publicação especial pelo Jornal *Conservateur de L’Aisne*¹³. Está inserido no plano geral da obra tendo como objetivo demonstrar “o que o patriotismo deve ao ardor da fé”¹⁴. Esta afirmação é uma defesa contra a acusação da Terceira República nascente de que o cristianismo, por reconhecer a autoridade do Papa, outro Chefe de Estado, seria uma péssima escola de patriotismo¹⁵. Não é preciso ler muitas páginas da obra de Dehon para perceber que, como típico francês, ser patriota fazia parte inerente à sua cosmovisão, onde a França do seu tempo ainda ocupava o centro do cenário mundial.

¹¹ OSC IV, pp. 303-304. Este texto está praticamente idêntico em *NHV XIII*, p. 58. Porém, junto com “Cristo revelado”, Dehon coloca o “Cristo manifestado”. Esta expressão não aparece no texto publicado. Além disso, no mesmo número das Memórias há um parágrafo sobre a dimensão social do ensino católico nas escolas, que não consta no texto publicado: “Dans nos maisons d’éducation seulement, les enfants sont initiés à la connaissance et à la pratique de ces œuvres catholiques qui contiennent la solution du redoutable problème social...”

¹² OSC IV, p. 306.

¹³ L. DEHON, *Du Patriotisme Chrétien*, Saint-Quentin, 1879. Um resumo deste discurso pode ser encontrado em: *NHV XII*, p. 146. Os textos não apresentam diferenças importantes. Há uma ou outra correção de estilo no texto publicado que, porém, é mais longo, tendo acréscimo de parágrafos inteiros. Foi publicado, também, em *L’Aigle de Saint-Jean* 61 (1879) pp. 481-487. Este texto coincide com o das Memórias de Dehon.

¹⁴ OSC IV, p. 270.

¹⁵ OSC IV, p. 273. Lembremos que Jules Ferry havia assumido o “Ministério da Instrução” no dia 04 de fevereiro de 1879.

2.1 *Contexto político-ecclesial*

Neste período, Dehon começa a confiar o Patronato São José aos cuidados de Pe. Rasset, que acabará por assumir a direção até 1885. O trabalho com os filhos dos operários perdia um pouco de terreno. Ele percebe que as mudanças necessárias para a Igreja na França somente aconteceriam por intermédio de uma opção pelo trabalho junto aos operários. “Era necessário fazer o clero da França entender isso”¹⁶. Dehon está atento também aos fatos políticos deste tempo. Um parágrafo de suas Memórias expressa claramente o seu olhar sobre a história:

Os católicos não compreenderam as aspirações populares, eles se fecharam nas suas esperanças e intrigas monarquistas. Tiveram péssima votação para a Câmara em outubro de 1878. Os 363 foram reeleitos e para afirmar a república começaram a *kulturkampf* que deveria durar anos. Mac-Mahon foi levado a renunciar em 28 de janeiro [1879]. Grévy foi eleito. O parlamento se pôs a desfazer todas as boas leis votadas nos últimos seis anos. O privilégio das Universidades livres foi diminuído, se trabalhou para laicizar o ensino primário. Jules Ferry volta sua atenção para o ensino secundário por meio do seu famoso artigo 7¹⁷.

Dehon acabara de fazer uma peregrinação, com os alunos ao Santuário de La Salette, onde encerrou, junto com católicos de toda a França, uma “novena em favor do ensino cristão que era combatido de todas as maneiras pela maioria do parlamento”¹⁸. Em suas Memórias temos o registro de uma parte de seu sermão naquele dia:

A França cristã, aos pés de Nossa Senhora Auxiliadora, termina hoje uma novena de preces para obter o triunfo do ensino cristão. Vocês são agora muito jovens para entender a importância desta luta. [...] Jesus não deixará as escolas sem Deus reinarem na França¹⁹.

Este é o pano de fundo político-cultural do terceiro discurso educacional de Léon Dehon que, não por acaso, tratará de “patriotismo cristão”.

¹⁶ NHV XIII, p. 147.

¹⁷ NHV XIII, p. 147. Este texto refere-se aos acontecimentos de 1879, porém, como está no caderno XIII de *Notes sur l'Histoire de ma vie* podemos legitimamente imaginar que foi escrito bem depois de 1886, quando começou a redigir suas Memórias. O artigo 7, a que se refere Dehon afirma textualmente: “personne ne peut diriger des écoles publiques ou privées de quelque genre que se soit, ni y enseigner, s'il appartient à une Congrégation non autorisée”.

¹⁸ NHV XIII, p. 134.

¹⁹ NHV XIII, p. 134.

Ele está atento também ao início do pontificado de Leão XIII, que em sua opinião, “começava a revelar seu grande caráter e sua missão providencial”²⁰. O momento era delicado porque a reivindicação da “restauração do poder temporal dos Papas” e afirmações como “a principal causa dos males é o desprezo e a rejeição da santa e augustíssima autoridade da Igreja que governa o gênero humano em nome de Deus e que é a salvaguarda e o apoio de toda autoridade legítima”²¹, contidas na Encíclica *Inscrutabili Dei Consilio*, reacqueciam a acusação de que a Igreja era inimiga da civilização e um obstáculo à prosperidade. Leão XIII, desde o início de seu pontificado, acusava os governantes que esquecem “as coisas eternas” de manterem apenas a “aparência de defensores da pátria, da liberdade e de todos os direitos”²². Seria um patriotismo de aparências que, na verdade, despreza o poder espiritual, persegue as Ordens Religiosas e “viola e oprime o direito da Igreja à instrução e à educação da juventude”²³. O Papa convoca formalmente os cristãos a trabalharem para defender a Igreja “atacada por tantas calúnias”, fazer prosperar entre os jovens um “hábil e sólido método de educação” e não separar da fé católica o ensino das letras, da ciência e da filosofia. A primeira Encíclica de Leão XIII havia sido publicada em abril de 1878, antes do segundo discurso educacional, porém seu eco se fará sentir claramente na obra de Dehon apenas neste terceiro discurso, em agosto de 1879.

2.2 *Apologia do patriotismo cristão*

Léon Dehon parece deixar de lado o seu característico tom jurídico de defesa e assume uma retórica mais positiva para exaltar o patriotismo cristão. É um texto mais ufanista que apologético. Praticamente não se encontram referências a alguma acusação. Somente no final Dehon deixará o juízo da história a cargo de cada aluno. O interlocutor deste discurso é preferencialmente o corpo discente. Não se refere aos professores, nem às autoridades. O

²⁰ NHV XIII, p. 149. Dehon cita em especial a Encíclica *Inscrutabili Dei Consilio*, de 21 de abril de 1878, onde percebe um programa de pontificado que parte da constatação do mal-estar social: o desprezo dos verdadeiros princípios sociais, a opressão capitalista e a utopia socialista. Esta interpretação de Dehon deve ter sido escrita bem mais tarde, pois no texto desta Encíclica não há referências explícitas ao capitalismo ou ao socialismo. ASS 10 (1877) pp. 585-592. Isto virá em 28 de dezembro de 1878, com a Encíclica *Quod apostolici muneris*, sobre o socialismo, comunismo e nihilismo. ASS 11 (1878) pp. 372-379.

²¹ ASS 10 (1877) pp. 585-587.

²² *Ibidem*, p. 585.

²³ *Ibidem*, p. 586.

discurso foi preparado para os jovens. A certa altura, ele revela: “Não me detenho nas fraquezas e apostasias do momento; poderia ferir suscetibilidades e isto não seria oportuno em uma festa escolar”²⁴. Isto explica a timidez apologética de suas palavras e a opção por um discurso-padrão. O momento era delicado. Além disso, o tema escolhido o colocava exatamente no ponto de tensão entre o galicanismo e o ultramontanismo.

Dehon exalta ao extremo a França, destacando suas origens cristãs. Mostra que “a fé nunca apaga o amor pela pátria; ela o esclarece e o fortifica, assim como ela eleva e faz crescer tudo o que é bom na natureza. O homem religioso ama sua pátria em Deus”²⁵. Citando o apóstolo Paulo, encontra ali argumentos para afirmar a dimensão religiosa do patriotismo:

A pátria, diz ele [Paulo], é uma grande família, são meus irmãos, os de minha própria raça; a pátria judia, para ele é mais do que isso, é o povo eleito por Deus, o povo dos patriarcas, das alianças, da Arca da Aliança, dos milagres divinos, das profecias, da promessa do Redentor, é o povo de Deus e de Cristo²⁶.

Depois seu olhar se volta para a história e passa a expor de que modo a fé formou pátrias como Polônia, Irlanda e França. Não cita a Itália. Prefere falar do “sangue romano”, que é um dom de Deus e cuja pátria é “a cátedra e o sepulcro de Pedro”. Já com relação à França, detém-se praticamente até o final do discurso em explicitar as raízes cristãs. Chega a dizer que estaria disposto a dar o seu sangue para defender a pátria; que se não tivesse sido francês por nascimento, o seria por adoção; que é entre todas as nações a mais amada e, particularmente, abençoada por Cristo; que é uma nação batizada; uma terra regada com o sangue dos mártires; uma defensora da Igreja e vencedora das heresias; missionária em tantas nações da terra; que sabe vestir e alimentar Cristo na pessoa dos pobres. Mas, diz também, sutilmente, que a França não pode se esquecer que Cristo “deu à Igreja um chefe visível que o representa; um chefe que nos dá a verdade sem mistura, com a assistência divina, e que nos dirige no caminho da salvação”²⁷.

Há também um momento do discurso no qual Dehon lembra que o patriotismo passa por uma vida de caráter e trabalho. Ele exalta as diversas profissões como ambientes onde, discretamente cada cidadão pode viver o seu patriotismo no cotidiano. Assim, muitos “se

²⁴ OSC IV, p. 314.

²⁵ OSC IV, p. 310.

²⁶ OSC IV, p. 310, nota 1.

²⁷ OSC IV, p. 313.

preparam no silêncio do trabalho e levam a tradição cristã à administração, ao exército, à magistratura e à indústria”²⁸. O mesmo acontece no mundo da política e da economia. A este propósito lembra o exemplo dos irmãos Harmel, em Val-de-Bois, que tinham na época recebido destaque em uma carta de Leão XIII²⁹.

Dehon conclui seu discurso citando nominalmente alguns soldados franceses que deram seu sangue para defender a pátria e foram cristãos exemplares, tendo estudado em escolas católicas. Todos esses seriam frutos patrióticos de uma educação e ensino cristãos. Em seguida, exalta o exemplo de alguns missionários que também entregaram seu sangue pela fé e souberam “unir o amor a Deus ao amor à pátria”³⁰. Somente no último parágrafo, Dehon retoma o tom jurídico, fechando este discurso, como se estivesse em um tribunal:

Agora, meus filhos, são vocês que devem julgar. Quem é verdadeiramente patriota, os católicos que veneram a Igreja e querem prosseguir sob sua direção a obra de restauração social, ou estes homens que se mostram pequenos de inteligência e de coração [...] e desejariam envergonhar esta Igreja, sua mãe e mestra, colocando a civilização nos rumos do paganismo?³¹

3 Discurso “Sobre as Virtudes da infância” (1880)

Pronunciado na cerimônia de “Distribuição de Prêmios” do Colégio São João, no encerramento do ano letivo, dia 04 de agosto, de 1880, o objetivo deste discurso é demonstrar “o que a religião acrescenta às amáveis virtudes da infância”³². A acusação em voga na imprensa e nas tribunas da Câmara, naquele ano, era que “a moral cristã é imperfeita”³³ e que “a educação cristã não é adequada para produzir a virtude”³⁴. Dehon se propõe a comparar os princípios da moral cristã com os relatos concretos de virtudes cultivadas por alunos de

²⁸ OSC IV, p. 315.

²⁹ Sobre a relação de Leão XII com a obra de Léon Harmel: G. GUITTON, *Léon Harmel*, pp. 202-226.

³⁰ OSC IV, p. 319. Ao falar das missões no Congo exalta a obra de alfabetização dos “padres jesuítas”.

³¹ OSC IV, p. 320.

³² OSC IV, p. 270. O registro deste evento está em *L’Aigle de Saint-Jean* 102 (1880) pp. 817-819.

³³ OSC IV, p. 332.

³⁴ OSC IV, p. 334.

escolas católicas, recolhidos em uma espécie de “Livro de Ouro”³⁵. Diante das acusações, reveste sua defesa de um caráter explícito de *reparação*.

Pela primeira vez o próprio bispo local presidiu a cerimônia. Em fevereiro daquele ano, Leão XIII havia publicado a Encíclica *Arcanum divinae sapientiae*³⁶ sobre o matrimônio cristão e contra o divórcio. As leis de Jules Ferry avançavam na direção de laicizar o ensino. O principal alvo eram os jesuítas. Assim como no ano anterior, Dehon acompanha atentamente a evolução das leis discutidas e aprovadas na Câmara. O “Ministério da Instrução” já se encontrava totalmente laicizado. A situação era, de fato, muito delicada. Em 29 de março de 1880, Jules Ferry havia conseguido aprovar os decretos que acabariam por expulsar os jesuítas após três meses. Todas as Congregações “não autorizadas” corriam o mesmo risco. Mas a situação não era pacífica. A Igreja e um grupo de magistrados reagiam contra este tipo de postura do governo. Dehon vivera estes meses de angústia, apesar de sua Congregação ser pequena, pouco numerosa e não ser facilmente percebida, escapando de ser alvo de perseguição. De qualquer maneira, estas circunstâncias o fizeram decidir em transportar o Noviciado para outro país na primeira oportunidade³⁷. É compreensível que o discurso comece com estas palavras:

No intervalo de um ano, o laço que nos une sofreu mais de um golpe. O erro e a ignorância tentaram desfazer esta unidade: pais e mães que confiam no ensino cristão. Quantas vezes procuram fazer vacilar vosso sentimento. O ataque é constante na força e varia na forma. Nós aproveitamos a ocasião desta festa anual para dispersar as nuvens que levantam os inimigos; proclamamos juntos a nossa fé e renovamos o nosso entusiasmo³⁸.

O discurso é bastante simples, na mesma linha de argumentos que Dehon utilizara nos anteriores. Demonstra que as virtudes da infância encontram, na fé e na educação cristã, uma sólida base para se desenvolver. Segundo ele, as principais virtudes que fazem a “perfeição da infância” são a piedade, o afeto, a caridade, o respeito e a pureza. Inicia mostrando como estas virtudes estão presentes em tantos santos e mártires que marcam a história do cristianismo.

³⁵ Dehon recolheu biografias de alunos virtuosos publicadas por Colégios Eclesiásticos de Nîmes, Toulouse, Poitiers e outros. Cf. *NHV XIV*, p. 9; *OSC IV*, p. 325, nota 1.

³⁶ *ASS 12* (1879) pp. 385-402. Dehon faz a seguinte consideração sobre esta Encíclica: “Não é ao Estado, mas à Igreja, que pertence o direito de legislar sobre o matrimônio cristão”. *NHV XIV*, p. 12.

³⁷ *NHV XIV*, p. 13. De fato, em julho de 1880, foram fechadas 261 casas religiosas e expulsos 5.643 religiosos da França.

³⁸ *OSC IV*, pp. 321-322.

Porém, depois se volta para os exemplos concretos do cotidiano para mostrar que os alunos das escolas cristãs recebem uma educação que os habilita a viver estas virtudes.

A piedade é própria de quem é educado em um ambiente de fé e de oração. Conforme o pensamento de Dehon, o ambiente de piedade conduz a um afeto saudável que se manifesta tanto no cultivo de amizades como no carinho para com seus pais e para com as pessoas mais idosas. Sobre o cultivo da caridade para com os pobres, o discurso de Dehon é intencionalmente breve e claro: “Somente as casas de educação cristã conhecem as associações de caridade através das visitas às famílias necessitadas e dos sacrifícios diários feitos em seu favor”³⁹. Sabemos que as Conferências de São Vicente de Paulo ocupavam um lugar importante na educação oferecida no Colégio São João.

O argumento seguinte é que uma vida religiosa, vivida na piedade, caridade e afeto, conduz necessariamente à virtude do respeito. Dehon destaca a importância de reconhecer o valor da autoridade e de respeitar a hierarquia, seja na família, na Igreja ou na sociedade. Ali nascem outras virtudes complementares como a confiança, a docilidade, o hábito do trabalho, a seriedade e a força do caráter.

O discurso termina com a demonstração de que a fé cristã estimula a virtude da pureza, desejável para o desenvolvimento saudável de uma criança, adolescente e jovem. Ele lamenta uma “educação indiferente”, que desvincula a formação do caráter do ensino das ciências e que, em nome de uma “liberdade”, deixa o adolescente sozinho, sem os auxílios que a educação cristã poderia oferecer para superar as dificuldades próprias desta idade.

Segundo Dehon, a fé cristã, longe de deixar o jovem enfraquecido, o fortalece na virtude. Uma Educação Integral precisa pensar seriamente o modo como são transmitidos os valores e como se formam as virtudes. Isto tem incidência sobre a vida moral do jovem. Pensar uma educação que ignore a formação para as virtudes é fragmentar o ser humano, reduzindo-o a apenas uma parte de seu ser, seja a inteligência teórica ou prática. A crítica de Dehon nos leva a pensar na forma como a escola pode educar para valores como a paz, a solidariedade, a justiça e a tolerância. No mundo violento e intolerante em que vivemos esta perspectiva de uma educação para as virtudes é necessária e urgente.

³⁹ OSC IV, p. 329. Parte do discurso, o início e a conclusão, está registrado nas Memórias: *NHV XIV*, pp. 88-93. O texto publicado e o manuscrito coincidem perfeitamente.

4 Discurso “Sobre a harmonia entre a ciência e a fé” (1882)

Discurso pronunciado no Colégio São João, no dia 1º de agosto de 1882⁴⁰. É a celebração dos cinco anos do colégio. Avançava o projeto da *Kulturkampf* na França, sempre sob a coordenação de Jules Ferry. Em 29 de março de 1882, havia sido votada a lei sobre o ensino primário. Inicialmente o governo admitia o ensino religioso por sacerdotes, mas os deputados católicos se uniram à extrema esquerda e recusaram uma simples “concessão”. Com isso a legislação se radicalizou e praticamente o ensino religioso foi suprimido na escola. Dehon acompanha atentamente os fatos e os registra em suas Memórias. Critica a reação pouco determinante do episcopado francês frente ao avanço do projeto educacional da Maçonaria⁴¹.

Após recordar a tragédia de um incêndio que consumira parte do Colégio São João na noite de 29 de dezembro de 1881⁴², Dehon abre seu discurso pontuando a situação político-educacional daquele momento:

Um projeto de lei nos trouxe o temor de ameaça à liberdade de ensino, mas a estas alturas já tomou uma forma menos ameaçadora a partir das deliberações de uma de nossas assembleias políticas, e, ainda que alguns pontos precisem ser mais de acordo com a equidade, já não contêm nada que nos possa inquietar no futuro⁴³.

Para Dehon, o momento solene da “Distribuição dos Prêmios” representa uma “festa de família, onde os mestres, intimamente unidos aos pais, os representam junto aos filhos para lhes dar, junto com a cultura do espírito, a educação do coração”⁴⁴. Neste ano, em seu discurso, ele demonstra a “estreita relação da fé com as ciências positivas”⁴⁵. A grande

⁴⁰ Em 1881, pela primeira vez, Dehon não fez o discurso, deixando-o a cargo do sacerdote e professor de retórica, Hector Rigault. O discurso foi publicado na íntegra em *L'Aigle de Saint-Jean*, n. 139 (1881) pp. 289-296. É uma defesa da educação cristã, principalmente da atuação do sacerdote como professor. A Cerimônia de “Distribuição de Prêmios” aconteceu no dia 03 de agosto, e foi presidida por Pe. Hautcœur, Reitor das Faculdades Católicas de Lille. Cf. *NHV XIV*, p. 51.

⁴¹ Cf. *NHV XIV*, p. 96.

⁴² Este incêndio está descrito, com detalhes, em *NHV XIV*, pp. 85-87. Dehon interpreta como um sinal providencial que a imagem do Sagrado Coração de Jesus não tenha sido atingida pelo fogo. Além desta prova, o pai de Léon Dehon morrera no dia 11 de fevereiro de 1882. *NHV XIV*, pp. 93-95. Aumentavam, neste período, os problemas internos da Congregação que terminariam por provocar sua supressão pela Santa Sé.

⁴³ *OSC IV*, p. 336. Este “projeto de lei” se referia ao ensino secundário.

⁴⁴ *OSC IV*, p. 337.

⁴⁵ *OSC IV*, p. 270.

acusação do momento era de que a religião é uma ficção, um conjunto de mitos e de superstição sem fundamento “científico”. Somente a ciência teria poder e autoridade “positiva”. Dehon faz sua defesa citando nominalmente os ataques do positivismo de Augusto Comte, em particular ao ensino cristão. Compara esta “nova ciência” com um “novo rico” que pensa ter toda a “autoridade social”. Usando o testemunho de uma lista de cientistas célebres, procura demonstrar que não existe incompatibilidade entre ciência e fé.

Nosso objetivo é mostrar, na medida em que permite a brevidade de um discurso, o verdadeiro papel da ciência, que é de trabalhar sob o olhar da fé, como uma irmã respeitosa, e de ajudar a Revelação, de quem ela própria recebe um poderoso auxílio⁴⁶.

Inicia mostrando que o positivismo não ataca apenas a religião ou o estatuto científico da teologia, mas também outras ciências que não têm por objeto a matéria ou o mundo dos sentidos, como seriam a filosofia, especificamente a metafísica e a moral. Sob seu ponto de vista, a “pretensão do positivismo é ridícula” e seus erros evidentes, até mesmo ao senso comum, pois este percebe que além do conhecimento da matéria, é possível conhecer as coisas da alma. O materialismo positivista pretenderia negar os dogmas da fé em seus fundamentos bíblicos.

Começando pela aritmética, passando pela álgebra e física e invocando o conhecimento de Copérnico, Euler, Newton, Kepler, Pascal, Buffon, Ampère e outros, Dehon procura demonstrar que aquilo que a ciência lê nas entranhas do solo, se pode ler na Palavra de Deus, corretamente interpretada. Porém, o que chama atenção em seu discurso é que em nenhum momento cita textos da Sagrada Escritura ou do Magistério para fundamentar sua defesa. Seus argumentos são construídos basicamente sobre a vida dos próprios cientistas. Dehon destaca o modo como a experiência de fé fecundou o autêntico conhecimento científico. Mostra, por exemplo, como Ozanam, aos dezoito anos, ficou tocado ao ver Ampère rezar o Rosário, ou como Cauchy – grande matemático do século 19 – foi membro ativo das Conferências de São Vicente de Paulo. Exemplos deste tipo ocupam a maior parte de seu discurso, que termina com a história emocionante de um médico convertido pelo exemplo de fé, força espiritual, bondade e generosidade de seu paciente sacerdote. Assim, a relação harmônica entre fé e ciência ultrapassa o nível das verdades positivas e verificáveis para atingir o nível

⁴⁶ OSC IV, p. 337.

experencial, onde a constatação é que o conhecimento científico ajuda a crer com mais qualidade e a religião auxilia o cientista a ir mais longe em suas pesquisas. Esta seria a contribuição da educação cristã à ciência.

Como homens de educação, cremos que as amáveis e fortes virtudes que propomos diariamente a vossos filhos, tanto no exemplo perfeito do Coração do Homem-DEUS [sic] como nas vidas admiráveis dos santos, são mais adequadas para formar seus corações que os preceitos da moral cívica⁴⁷.

Esta afirmação final tinha uma força especial naquele momento em que a reforma educacional de Ferry acabara de substituir o ensino religioso pela Educação Moral e Cívica nas escolas francesas. Como nos discursos anteriores, Dehon não nega os valores, mas os coloca em íntima relação com a fé.

5 Discurso “Sobre o estudo da história” (1885)

Em 1885, Dehon continuou sua apologia da Educação Cristã, abordando o tema que ocupara seus estudos pessoais no decorrer daquele ano, a relação entre história e religião⁴⁸. A tese de fundo permanece sempre a mesma, apenas muda o tema e ele passa em revista as remotas raízes cristãs da história da França. Segundo ele, as recentes descobertas arqueológicas e o método crítico não colocam em dúvida a fé revelada, mas a fortalecem ainda mais.

Em suas palavras encontramos uma crítica contundente ao evolucionismo enquanto afirma que todas as doutrinas religiosas são igualmente boas, pois representam apenas diferentes estágios da evolução do espírito humano. Ele entende que é ingenuidade filosófica e religiosa colocar no mesmo nível “Moisés e os adoradores de Apis, Daniel e os sacerdotes do Sol, Jesus Cristo e Buda”⁴⁹. Enxerga a “história antiga em sua totalidade como preparação e a história moderna como consequência do divino sacrifício do Gólgota”⁵⁰. Com este critério

⁴⁷ OSC IV, p. 351. Este discurso foi noticiado em *La Semaine Religieuse*, n. 31 (1885) pp. 488-489. Lá aparece o seguinte comentário: “Dehon, com palavras de improviso, exprimiu toda a sua satisfação de estar em meio a esta juventude cristã e estudiosa, à qual ele tem dado tanto testemunho de afeição”.

⁴⁸ Este discurso foi pronunciado no dia 1º de agosto de 1885. OSC IV, p. 352, nota. Uma parte do discurso está em *NHV XIV*, pp. 163-173. Porém, a data está erroneamente registrada como 02 de agosto de 1883.

⁴⁹ OSC IV, p. 354.

⁵⁰ M. LENORMANT, *Histoire ancienne de l’Orient*, apud: OSC IV, p. 354.

é possível reler a história da humanidade para encontrar estes rastros da verdade. Dehon percorre este caminho da lucidez jurídica dos magistrados romanos à coragem dos cavaleiros cristãos da França medieval. Em sua opinião, haveria um movimento educacional de esquecimento do passado cristão, ou de redução dessa história a uma simples cronologia sem importância ou relevância atual. Diante deste fato, evoca o discernimento dos alunos ao estudarem história, para ir além dos fatos. O estudo do passado oferece luzes para compreender o presente:

Ali onde outros somente verão a garantia de certa quantidade de conhecimentos literários, vós [caros alunos] vereis a recordação que é preciso fazer reviver: a da coragem cristã, do amor à Igreja e à pátria⁵¹.

6 Discurso “Sobre o estudo da geografia” (1886)

Este é o último discurso especificamente educacional que fez parte do primeiro livro publicado por Dehon. Foi pronunciado na solene “Distribuição de Prêmios” do Colégio São João, no dia 31 de julho de 1886⁵². Desaparece por completo o tom apologético característico dos discursos anteriores. A estrutura jurídica da retórica dehoniana dá lugar a um discurso pedagógico. Não existem acusações, nem júri, nem defesa. Ele fala sobre um tema que sempre o apaixonou: o estudo da geografia. Para Dehon esta disciplina não tem nada daquele árido estudo de mapas, dados sobre o clima e o relevo ou memorização do nome de cidades, países e capitais. Ele propõe uma “geografia estética”, que revele o sentido e as belezas da arte, da natureza, da economia e da cultura em geral. Coloca-se no lugar de um professor de geografia e mostra como seria seu método didático. É um texto no qual, mais do que nos outros, Dehon expressa suas convicções sobre a metodologia do ensino que tem em sua mente, partindo sempre do concreto, do pessoalmente experimentado, para a construção do conhecimento abstrato e teórico.

O mundo é apresentado como um imenso jardim onde trabalham o mestre e seus alunos. Deus é este mestre e artista do universo. Seus alunos são os homens, artistas da terra. Beleza e pedagogia andam de mãos dadas. É preciso se maravilhar com as belezas da terra para

⁵¹ OSC IV, p. 361.

⁵² OSC IV, pp. 365-376. Na verdade é o último discurso, porque o sermão sobre o Coração de Jesus, com que Dehon encerra seu livro, foi pronunciado na Basílica de Saint-Quentin, um ano antes, em 1885.

aprender geografia. Para isso, Dehon remete os alunos às típicas viagens de férias como tempo de fecundo aprendizado. Para quem não pudesse viajar, ele sugeria que fizessem o mesmo pelo uso da imaginação. Esta sugestão de fazer um “laboratório do imaginário” é surpreendente em um educador do século 19.

A partir deste ponto, o discurso faz um resumo daquilo que Dehon chama de geografia estética, dando testemunho das belezas que ele mesmo contemplou em suas viagens pelo mundo. Dehon fala daquilo que tinha vivido desde a infância em suas viagens e seu interesse pela arqueologia. Uma espécie de mística estética o leva a louvar o Criador por meio da contemplação de tantas maravilhas. Há um encontro fecundo entre educação e espiritualidade, estudo e prece, ciência e religião. Para ele, estudar geografia leva naturalmente à mística e à oração.

Da geografia estética, Dehon passa para a estatística, etnografia, geografia humana, política e em todas estas abordagens retorna à tônica de estudar a partir de uma experiência de fé, como alunos de um Deus-professor e Criador. Sugere que estudar idiomas e comparar as línguas modernas é fundamental. Ele já percebe o declínio do francês como língua comercial e diplomática.

Termina em tom missionário, dizendo que este mundo tão grande e pequeno ao mesmo tempo foi dado a Cristo e convoca a generosidade francesa a entregar missionários para partirem a todos os lugares do mundo, levando a Palavra de Deus. Não deixa de ser surpreendente que um discurso de formatura, sobre um tema normalmente árido como geografia, tenha sido ocasião, para Dehon, de passar do “laboratório do imaginário” ao apelo missionário. Naquele ano sua Congregação se preparava para ultrapassar decididamente as fronteiras da Diocese de Soissons e, em poucos anos, espalharia missionários em quatro Continentes. Com este discurso, parece terminar uma fase do pensamento educacional de Dehon, como defensor, apologeta, e tem início uma nova fase, a de missionário e pedagogo.

7 Sermão sobre “A devoção ao Sagrado Coração” (1885)

Este sermão foi pronunciado na Basílica de Saint-Quentin no dia 12 de junho de 1885, festa do Sagrado Coração de Jesus⁵³. Poderíamos nos perguntar por que Dehon teria incluído um sermão dito em uma típica festa religiosa num livro em que todos os outros textos são peças de retórica educacional, pronunciadas no contexto de uma formatura de colégio confessional. De acordo com suas próprias palavras no prefácio do livro, ele incluiu este sermão porque expressa o “espírito” que pretende fazer reinar em sua obra de educação⁵⁴. Em nenhum momento, ao longo de todos os seus discursos, Dehon faz a mínima alusão à sua Congregação, fundada à sombra do Colégio. Nunca se refere aos seus confrades e noviços. Porém, é imenso o valor simbólico desse sermão colocado como conclusão de seu primeiro livro. Dehon propõe uma mística educacional reparadora. Educar, para ele, é restaurar o Coração de Cristo em cada jovem. Esta é a contribuição típica da educação cristã, que ele defendeu sob os mais diversos pontos de vista em cada um de seus discursos anteriores. No final de sua obra de apologia, Dehon explicita sua chave de leitura educacional discursando sobre o Coração de Jesus. Sua obra educacional, que começou com um discurso pedagógico, termina com um “discurso místico”. Sua linguagem, como veremos, é muito diferente dos discursos anteriores. É um típico sermão.

Inicia com o texto de Levítico 6,12: “O fogo queimar-se sempre sobre o altar e o sacerdote o alimentará”⁵⁵. Ele entende que, mais importante do que manter o fogo ou fazer os sacrifícios, era “o culto de amor que representava esse fogo e que devia elevar-se da terra até o céu, já na antiga lei, muito mais agora, sob a lei do Evangelho”⁵⁶. Portanto, todo culto na terra tem seu ponto culminante em Jesus Cristo, que é o Pontífice por excelência, ao mesmo tempo altar principal e vítima perfeita.

O fogo sagrado do templo representava principalmente o culto de amor rendido por Nosso Senhor ao seu Pai, o fogo do Sagrado Coração de Jesus, mas ele representava também o amor e a imolação de nossos corações, o culto de amor da nova lei, segundo a qual Deus quer ser adorado em espírito e verdade. Este fogo espiritual de amor e da imolação que deve arder sem

⁵³ OSC IV, pp. 377-394.

⁵⁴ Cf. OSC IV, p. 270.

⁵⁵ OSC IV, p. 379.

⁵⁶ OSC IV, p. 379.

parar no altar de nossos corações, deve ser mantido pelo sacerdócio da nova lei, mas este sacerdócio tem por cabeça o próprio Nosso Senhor⁵⁷.

Dehon observa que Jesus encontrou este fogo quase apagado sobre a terra, por causa do pecado. Ele o reacendeu pelo dom de si mesmo, mediante as graças da Encarnação, Redenção e Eucaristia. Deixou à Igreja meios para manter o fogo aceso: a Graça, os Sacramentos e a Palavra de Deus. Quando é necessário, Ele, por meios extraordinários suscitados pelo Espírito Santo, permite fatos providenciais ou milagres que “arrastam” os corações. Segundo Dehon, é isto que Deus tem feito ultimamente através da devoção ao Sagrado Coração de Jesus. É uma graça para o tempo presente; um dom para a França e, de um modo especial, para a Diocese de Soissons-Laon e para a cidade de Saint-Quentin.

Dehon volta às fontes históricas da espiritualidade e da devoção ao Coração de Jesus, partindo sempre desse referencial bíblico, mas descrevendo, com detalhes, os modos como este “fogo sagrado” foi se manifestando na história, desde a figura do Bom Pastor dos primeiros cristãos, passando pelas promessas de Jesus nas visões de Margarida Maria, pelas palavras de Pio IX e Leão XIII, pela monumental Basílica de Montmartre, em Paris; e por detalhes históricos que evidenciam as graças do Coração de Jesus na Diocese de Soissons-Laon e na cidade de Saint-Quentin. A certeza é sempre a mesma: “*Mon Cœur régnera malgré ses ennemis*”⁵⁸. Assim, Dehon termina seu primeiro livro, assumindo como emblema o “reinado do Coração de Jesus”.

O valor programático e técnico do primeiro discurso encontra neste texto religioso a sua conclusão apropriada. A Educação Integral é como uma linha transversal que atravessa todas as reflexões. No fundo, Dehon acredita que somente formando “uma pessoa com coração” é que se pode formar o ser humano como um todo. Aqui, o Dehon educador e místico encontram convergência. O fundador de um Colégio e de uma Congregação religiosa integra as duas obras em uma visão que une educação e religião.

Os discursos que veremos a seguir não foram reunidos em seu primeiro livro. No entanto, cada um deles foi publicado em opúsculos que foram preservados e, posteriormente, editados no volume IV de suas *Œuvres Sociales*. De certa forma, ele continua a desdobrar o

⁵⁷ OSC IV, p. 379-380.

⁵⁸ OSC IV, p. 385. Alusão a uma das principais promessas feitas pelo Coração de Jesus à Santa Margarida Maria.

programa pensado no discurso de 1877. Ao discursar sobre a história local de Saint-Quentin, sobre a educação do caráter, ou sobre o Departamento de L’Aisne, ele situa a educação em seu *habitat*, mostrando-se bom conhecedor da geografia local e também da geografia do coração humano. Tudo isso deveria fazer parte dos programas oficiais de ensino. Uma Educação Integral não pode esquecer-se de situar a pessoa em seu universo local. Nosso mundo sempre mais globalizado intensifica esta tendência de conhecer o universo e esquecer a vila.

8 Discurso “Sobre a história local de Saint-Quentin” (1887)

Este discurso foi pronunciado durante a solenidade de “Distribuição de Prêmios” do Colégio São João, quando a obra completava dez anos, no dia 30 de julho de 1887⁵⁹. O estilo jurídico e apologético dá lugar a um tom mais propositivo. Após ter falado sobre o estudo da história (1885) e da geografia (1886), Dehon faz como que uma aplicação prática dos dois discursos questionando “por que a história local, tão apropriada para manter o amor à religião e à pátria, não está nos programas de ensino?”⁶⁰.

Partindo das remotas origens celtas de Saint-Quentin, passa pelas conquistas romanas, narrando a chegada da fé cristã por meio de Quintin, filho do senador Zénon, no século 3º, que ali enfrentou o martírio, dando nome à localidade. Relembra os bispos a partir do ano 360, e a maneira como a Igreja, já então, se ocupava da educação do povo por meio de instituições educacionais. Em estilo de epopéia, narra, por exemplo, a invasão dos bárbaros em 407, as guerras dos reis francos, o tempo das cruzadas, passando pela Revolução Francesa e chegando até o “presente” com a Revolução Industrial. Mostra a realidade econômica e social de Saint-Quentin, com detalhes e números. Fala do crescimento populacional desordenado e de seus efeitos sociais. A cidade cresce à custa do campo. A concentração urbana cria uma classe operária entregue ao seu próprio destino e sem o apoio de leis. Aponta, como solução, uma forte organização cristã do trabalho. O progresso material que o final do

⁵⁹ Cf. OSC IV, pp. 397-423. Encontramos o seguinte comentário em seu Diário: “Distribuição de Prêmios. Sucesso exterior. Sucesso nos exames. Décimo aniversário do início da obra. Em 1877, no mesmo dia, eu terminava meu retiro e a composição das Regras”. *NQT* III/1887, p. 111.

⁶⁰ OSC IV, p. 399. Ele afirma que tem como objetivo reavivar o “ardor da fé e o amor pela França”.

século 19 experimentava não seria fruto da “revolução anti-religiosa”, mas do progresso natural da ciência.

No final do discurso convida os alunos a descerem do “observatório imaginário”⁶¹ e voltarem à vida real. Isto revela seu método pedagógico que parte da experiência concreta e estimula o saber com sabor.

9 Discurso “Sobre a educação do caráter” (1891)

A partir de 1888, diminui a assiduidade dos tradicionais discursos de Dehon durante a solenidade de “Distribuição de Prêmios” no Colégio São João. Naquele ano sabemos que a cerimônia aconteceu no dia 30 de julho, porém não há registros quem teria feito o discurso⁶². O mesmo se dá no dia 29 de julho de 1889⁶³. Em 31 de julho de 1890, segundo palavras do próprio Dehon, Léon Harmel fez “um belo discurso sobre a educação do espírito, do coração e da vontade”⁶⁴.

Em 1891, no dia 29 de julho, temos novamente um discurso de Dehon, agora “sobre a educação do caráter”⁶⁵. Define caráter como “esta mistura de qualidades e hábitos do espírito, do coração e da vontade”. *Lato sensu* poderia significar simplesmente *costumes*. Mas *strito sensu* é a força, a energia, a firmeza de uma ação. Um caráter pode reunir qualidades e defeitos. De acordo com Dehon, para a filosofia cristã os defeitos de caráter têm sua origem na tríplice concupiscência assinalada pelos Evangelhos. Assim, o *orgulho* leva à impiedade, egoísmo, dureza, suscetibilidade, impaciência, cólera, ciúme, arrogância, desobediência, ingratidão, dissimulação e outras coisas do gênero. A *concupiscência da carne* leva à preguiça, indolência, sensualidade, busca de aparências, intemperança, grosseria, auto-suficiência e outras fraquezas. A *concupiscência dos olhos* leva à esperteza, indiscrição, superficialidade, curiosidade, capricho, vaidade, inconstância e outros defeitos análogos.

⁶¹ OSC IV, p. 423. Esta curiosa expressão é do próprio Dehon.

⁶² Cf. NQT IV/1888, p. 53v.

⁶³ NQT IV/1889, p. 88r.

⁶⁴ NQT V/1890, p. 9r.

⁶⁵ OSC IV p. 427-457. Ele inicia saudando Pe. Baunard, Reitor das Faculdades Católicas de Lille que presidia a solenidade naquele ano. Dehon afirma, em seu Diário, que este discurso ocupou um tempo precioso que ele gostaria de ter dedicado à Obra, ou seja, à Congregação. Cf. NQT V/1891, pp. 93r-93v.

Em oposição à esta tríplice lista de defeitos, Dehon classifica as qualidades do caráter a partir das três principais virtudes morais. Um caráter religioso, leal, reto, reflexivo, sério, vigilante, respeitoso e sincero, participa da virtude da *justiça*. Aquele que é nobre, generoso, ardente, trabalhador, firme, paciente, fiel, perseverante, participa da virtude da *fortaleza*. O que é bom, dedicado, humilde, delicado, amável, sensível, reservado, discreto, simples, puro, polido, caridoso, compassivo, participa da virtude da *temperança*⁶⁶. Segundo seu pensamento, estas “qualidades mestras do caráter” têm seu arquétipo nos atributos de Deus, o que transparece no Livro da Sabedoria, quando diz que “a sabedoria divina atinge seus fins com a força e dispõe dos meios com a ternura”. Além disso, o caráter é uma preocupação de todos os homens. Sua formação é o grande objetivo da educação. A partir deste ponto referencial, Dehon passa a destacar a importância da educação do caráter; na moral, nas letras e na história; o declínio do caráter no tempo presente; os meios para elevar o caráter.

A vida de um povo ou de uma pessoa depende, em grande parte, de seu caráter. Por isso, é necessário educá-lo, criando meios para desenvolver as virtudes e garantir o verdadeiro sucesso. Dehon protesta contra a implantação da “Escola sem Deus”, que promete conduzir a juventude à vitória e a pátria ao progresso, mas, na verdade, acaba estimulando defeitos de caráter, aumentando os índices de criminalidade, os delitos e os suicídios. “A escola sem Deus é um erro social”⁶⁷.

O bom senso francês reconhecerá este erro. Logo o instinto social falará. Ainda um pouco de tempo e, em lugar de condenar à prisão e à multa os sacerdotes que falam às claras contra a Escola sem Deus, pedirão para recolocar o crucifixo e o catecismo na escola para salvar a sociedade⁶⁸.

De acordo com Dehon não é possível separar moral e educação. O ensino precisa visar também o caráter. Percebemos isso na escola grega, com Platão ou Aristóteles; ou na sabedoria bíblica, onde Jesus é modelo do Mestre perfeito. Inspirado em Agostinho, Dehon percebe o significado daquilo que o Apóstolo Paulo chama de “zelo ardente”, que forma o coração e a vontade de seus discípulos. A educação deve ajudar na luta contra os efeitos do

⁶⁶ Dehon não cita a virtude da “prudência”, que completaria o quadro das virtudes cardeais. Estas quatro virtudes, na moral cristã, expressam as características do caráter humano. As três virtudes teológicas, fé, esperança e caridade, também não são citadas por Dehon. Na verdade ele escolhe as três virtudes cardeais para colocá-las em paralelo com aquilo que chama de “a tríplice concupiscência assinalada nos Evangelhos”.

⁶⁷ OSC IV, p. 434.

⁶⁸ OSC IV, p. 434.

pecado original por meio de uma vontade firme, constante e generosa, para favorecer a ação da graça⁶⁹. A título de ilustração, cita os *Règlements* da antiga Universidade de Paris, que educavam o caráter por meio da prece diária, frequência aos Sacramentos, celebração de festas religiosas, estudo da Sagrada Escritura e instrução religiosa semanal. A idéia era continuar, na Universidade, a escola de Jesus Cristo.

Dehon percebe que a fase das dúvidas tem início no Renascimento e se prolonga no “racionalismo” e “filosofismo”. Os três principais erros teriam sido o otimismo, o pessimismo e o fatalismo. Montaigne, com seu cinismo, teria preparado os erros de Rousseau e as ilusões de Victor Hugo, ou seja, deixar a natureza ser a mestra na educação. Rousseau propõe deixar crescer os defeitos da criança para que ela os perceba e corrija mais tarde. Victor Hugo suprime o pecado original. O pessimismo jansenista é o outro erro. Somente enxerga os defeitos da criança. O positivismo fatalista de Taine vê tudo isso como fruto de uma evolução necessária. Todo este debate acabou por provocar um verdadeiro divórcio entre o ensino oficial e o método cristão. Mas, segundo seu ponto de vista, a Igreja preserva as verdadeiras doutrinas em autores com Rollin e Fénelon, e ainda mantém uma fecunda influência sobre a educação francesa.

Dehon indica Dupanloup como o melhor autor em matéria de educação, em seu tempo, pois supera o otimismo e o pessimismo; reconhece os defeitos da criança e indica os remédios; mas também faz ressurgir “os encantos naturais da criança: a ingenuidade, a inocência, a franqueza, a confiança... as qualidades que tinha em vista Nosso Senhor quando louvava as crianças e demonstrava seu afeto por elas”⁷⁰. Dehon propõe uma educação cristã do caráter, que torne o jovem, ao mesmo tempo, prudente, sensível e forte. Este é o caráter do cavalheiro que honra a Igreja e a Pátria.

Em seu discurso, destaca o modo como o caráter é exaltado na literatura de todos os tempos e de todas as culturas. Autoridade, coragem, prudência, bondade e piedade são qualidades de um bom caráter, que podem ser observadas mesmo nos heróis da literatura pagã. As mesmas virtudes encontramos em santos e santas católicos, como Joana d’Arc.

⁶⁹ OSC IV, p. 437. De Santo Agostinho, Dehon cita *De Ordine; De Doctrina Christiana; De catechisandis rudibus*.

⁷⁰ OSC IV, p. 439. Um exemplo é o livro: F. DUPANLOUP, *Femmes savantes et femmes studieuses*, Paris: C. Douniol, 1867. O bispo de Orléans, Félix Dupanloup, viveu de 1802 a 1878.

O caráter pode ser percebido também no estudo da história. Dos gregos aos romanos, passando por Moisés e Josué, Dehon chega a Jesus “que uniu a ternura mais suave com a força mais triunfante”⁷¹. São exatamente os dois atributos antagônicos que utilizara para descrever o caráter tipológico de Deus: a força e a ternura. Este é um exemplo de síntese que aponta novamente para um conceito de Educação Integral, perseguido por Dehon em seus esforços de fazer diversas sínteses.

Dehon termina mostrando a decadência do caráter em seu tempo e os meios para elevá-lo novamente. Para demonstrar que havia um declínio no cultivo do caráter, lança mão de trechos de um jornal, um panfleto, um artigo acadêmico civil, um escrito cristão e o testemunho de um soldado. Todos concordavam que o cultivo do caráter sofrera um declínio na França. Portanto, era necessário mostrar como recuperá-lo. Dehon apresenta dois meios que fundamenta nas páginas da Sagrada Escritura. O primeiro é o “socorro de Deus”. Ele recorda Paulo: “Tudo posso Naquele que me fortalece. Eu rendo graças a Cristo, que é a minha força”. Lembra, também, o que o povo de Israel disse a Judite: “É a mão de Deus que te fortalece”. O segundo meio é a colaboração humana com a graça divina. Ele retoma o que Deus disse a Josué: “Sois forte e valoroso”. Lembra, também, Paulo aos Coríntios e a Timóteo: “Sejam fortes, colaborai bravamente com a graça de Deus”. Através do exemplo de vida e caráter de um soldado, Dehon conclui afirmando que a verdadeira fonte da força dos cristãos é a Eucaristia, presença viva de Jesus Cristo. Propõe a construção do caráter tendo como modelo os atributos divinos da força e da ternura, sintetizados em Jesus, e tendo como meio a colaboração entre a graça de Deus e o esforço humano.

Do ponto de vista da linguagem, ao falar de “educação do caráter”, Dehon ensaia a tentativa de garantir um lugar civil à educação cristã com uma linguagem aceitável pela sociedade como um todo. Este exercício será permanente em um tempo de crescente hegemonia da escola laica. Surge, ao mesmo tempo, uma linguagem educacional secular e a proposta cristã é desclassificada como “pouco científica”, ultrapassada ou insuficiente. A educação religiosa é, aos poucos, confinada apenas a uma disciplina no currículo. A visão educacional de Dehon mostra que “educar para a vida eterna” tem valor também para

⁷¹ OSC IV, p. 445. Ele aponta também Maria e José como modelos de pureza e humildade; Pedro como modelo de obediência e Paulo, de perseverança. Ele coloca em destaque o caráter dos Apóstolos João e André, além de uma grande lista de santos e mártires. Destaca também personagens mais recentes e jovens que foram modelos de um caráter cristão, de santidade e de coragem.

melhorar a qualidade da “vida presente”. Em um mundo laico, Dehon traduz a categoria religiosa de “santidade”, como “bom caráter”.

Lidos com os olhos de hoje, os discursos de Dehon podem parecer “exageradamente religiosos”, mas se situados em seu tempo de passagem para uma cultura secularizada, percebemos o esforço de um homem convictamente religioso de dialogar com sociedade de seu tempo.

10 Discurso “Sobre o Departamento de L’Aisne” (1893)

No dia 1º de agosto de 1892, a tradicional “Distribuição de Prêmios” foi presidida por Dom Duval, bispo de Soissons, que assumira a Diocese em 1890, e o discurso proferido por Charles Mercier. Em seu Diário, Dehon reclama de problemas de disciplina naquele ano acadêmico. Afirma que o discurso foi “severo sobre a disciplina”⁷².

Na “Distribuição de Prêmios” de 1893, em 29 de julho, novamente temos um discurso de Dehon, o último de que encontramos algum registro⁷³. Naquele ano o bispo pedira a Dehon para que deixasse o Colégio por causa de uma série de calúnias levantadas contra a sua pessoa. Parece que os dias críticos foram 1º a 15 de julho. Há crise também no Noviciado da Congregação. Para Dehon são dias de “muito sofrimento”⁷⁴. Por isso, é natural que o discurso de 1893 tenha certo tom de despedida. Ao registrar o dia 29 de julho em seu Diário, Dehon observa: “É tempo de outro assumir a direção [do São João] para me deixar o tempo para

⁷² *NQT VI/1892*, p. 2r-2v.

⁷³ No ano seguinte, em 1894, encontramos a “Distribuição de Prêmios” registrada em seu Diário no dia 1º de agosto. M. Salembier a presidiu. Não sabemos quem fez o discurso. Dehon comenta: “Deus se encarrega de sustentar e abençoar esta querida obra de São João”. *NQT X/1894*, p. 145. Da mesma maneira há um registro da solenidade em 1º de agosto de 1895. Não sabemos quem presidiu, nem quem discursou. Dehon comenta: “Os alunos manifestam um grande afeto que me consola de certas penas”. *NQT XI/1895*, p. 32r. Em 1896 existem dois registros no Diário de Dehon a este respeito. No dia 24 de julho, ele afirma: O bispo tomou uma decisão difícil para mim. Confiou o Patronato São José à Mercier. Eu o havia fundado há 25 anos. Ali gastei somas importantes. Ali gastei, também, todo o meu ardor de jovem sacerdote. Parece-me que esta obra deveria sempre ficar nas mãos de nossa Congregação. A autoridade diocesana decidiu em contrário”. *NQT XI/1896*, p. 65r. O segundo registro é exatamente sobre a “Distribuição de Prêmios” que ocorreu no dia 29 de julho de 1896. Léon Harmel a presidiu. Albert Delloue leu o discurso. Dehon anunciou oficialmente que Delloue, membro de sua Congregação, seria o diretor a partir daquele momento. O comentário do seu Diário é: “Corríamos o risco de perder também esta obra”. *NQT XI/1896*, p. 65r.

⁷⁴ *NQT VI/1893*, p. 32r.

dirigir a Obra [a Congregação] e escrever”⁷⁵. De fato, seguindo as determinações do bispo, Dehon acabará deixando a direção provisoriamente sob a responsabilidade de Charles Mercier e indo morar na Casa Sagrado Coração. Na verdade, a Congregação já era de direito pontifício, mas o bispo local ainda a tratava como de direito diocesano. Isto pode ser entendido no quadro do galicanismo próprio da época.

O tema do discurso de 1893 foi “a descrição, a arte e a história do *Departament de L’Aisne*”⁷⁶. Mais do que um discurso é, praticamente, um livro de história local, com 60 páginas e 36 pequenos capítulos⁷⁷. O método é o mesmo utilizado na apresentação da “geografia estética”, em que Dehon prepara o coração dos alunos prestes a saírem de férias para que aproveitem as viagens e passeios de modo que se tornem fontes de instrução. Não se parece nem com um discurso de despedida, nem mesmo com as palavras de um homem que poucos dias antes havia recebido a carta do bispo pedindo que se retirasse da cidade, do departamento e até da França. Discorre com riqueza de detalhes, por exemplo, sobre a fisionomia geral da região; os habitantes primitivos; as origens celtas; a invasão romana; a primeira e a segunda evangelização; a era dos mártires; os bárbaros e os francos; passando pelo feudalismo; movimentos religiosos e artísticos; monumentos eclesiásticos e militares; personagens, guerras e revoluções.

O discurso termina em suave tom de despedida, com palavras que ganham todo o sentido se relembrarmos a situação de tensão, dor e constrangimento em que foram pronunciadas. É único momento em que, durante o longo discurso, Dehon abandona o tom formal de um professor de história e fala de seus sentimentos mais íntimos:

Depois da confiança em Deus, o melhor apoio de nossa esperança seria uma juventude cristã, firme e pura, amiga da justiça e da caridade! É isto que esperamos receber de vós, caros alunos, e o Cristo apaixonado por esta juventude, abençoará a França!⁷⁸

Isto, naturalmente, nos remete à verificação de como teria sido o relacionamento de Dehon com os ex-alunos do Colégio São João. Quais teriam sido os frutos concretos do projeto educacional dehoniano? A este respeito encontramos uma referência no testemunho de

⁷⁵ *NQT* VI/1893, p. 33v.

⁷⁶ *OSC* IV, p. 461-520.

⁷⁷ O texto foi publicado originalmente por Imprimerie Gust. Fischlin, Saint-Quentin, 1893.

⁷⁸ *OSC* IV, p. 520.

um ex-aluno, que revela um pouco da dinâmica pedagógica de Dehon que incluía a capacidade de encantar, mesmo para além dos limites da sala de aula.

Antigo aluno do Colégio São João e sacerdote, Guillaume Crinon foi convidado para falar na reunião dos ex-alunos que aconteceu no dia 15 de novembro de 1925, portanto, apenas alguns meses após a morte de Dehon⁷⁹. Ele inicia descrevendo uma pequena viagem que fez com Dehon a Laon, em 1893, quando era ainda um jovem aluno do Colégio São João, e como ele lhe mostrava, do alto da montanha, detalhes da geografia, descrevendo os personagens importantes das diferentes regiões. Era, justamente, o esquema do discurso que pronunciaria alguns dias depois na solenidade de “Distribuição de Prêmios” do Colégio São João, *Sur le Département de l’Aisne*. Dehon não fazia diferença em abrir seu coração de educador diante de uma platéia de ilustres ou de um aluno durante o passeio.

Crinon não esconde a admiração pelo perfil de Dehon como educador e o descreve com detalhes. Diz que tinha autoridade sobre todos, mestres e alunos, mas ninguém tinha medo dele, apenas respeito e afeto. Chama-o de *Bon Père* e *Bon Maître*. Olhar penetrante, costumava falar fitando bem os olhos do interlocutor. Era atento aos progressos e dificuldades de cada aluno. Capaz de corrigir com moderação. Chamava atenção a simplicidade de seus ensinamentos sobre as coisas mais diversas e difíceis. Alunos de todas as idades o compreendiam.

No colégio todos sabiam que ele era vigilante. Levantava-se antes de todos e se recolhia após todos. Tinha, como marca característica, a capacidade de se fazer presente. Crinon utiliza a expressão do apóstolo Paulo para sintetizar o modo como via o *Monsieur le Supérieur*: “Ele se faz tudo para todos”. Era público e notório que ele era de origem e de família rica e ilustre e herdara uma grande fortuna. Porém, deu tudo e, principalmente, a si mesmo, pela “*cause sacrée de l’enseignement libre*”⁸⁰. O testemunho de Crinon nos faz contemplar Dehon como alguém que viveu a missão de educador não simplesmente como uma tarefa a mais. Seu método educacional empenhava todo o coração. Educar, para ele, exigia construir relações sólidas, pessoais, sinceras, afetivas, efetivas.

⁷⁹ Cf. G. CRINON, “Allocution sur le Père Dehon”, pp. 13-16.

⁸⁰ *Ibidem*, p. 15. Crinon descreve ainda a doença persistente de Dehon que o fazia frequentemente vomitar sangue e que, segundo ele, foi vencida pela força do idealismo. Diz que após quarenta anos estas imagens ainda são incrivelmente vivas em sua memória.

A partir deste momento não encontramos mais registros formais da vida cotidiana do Colégio São João ou da solene “Distribuição de Prêmios” no Diário de Dehon. Em seu lugar aparece um relacionamento intenso com os ex-alunos, principalmente participando de suas assembleias anuais. Termina uma fase da reflexão e do apostolado educacional de Dehon onde o fórum privilegiado fora sempre a solene “Distribuição de Prêmios”. Deste momento em diante, mudará o lugar, mas a reflexão continuará, conforme analisaremos brevemente.

CAPITULO VI

Discursos aos Antigos Alunos

A visão de Educação Integral de Dehon pode ser verificada a partir do relacionamento com os antigos alunos do Colégio São João. Entre os anos de 1884 e 1924 aconteceram cerca de 35 Assembléias Gerais. Para preservar esta memória foi criado o *Bulletin annuel de l'Association amicale des anciens élèves de l'Institution Saint-Jean*¹. Apenas durante o período 1913-1918 estes encontros foram suspensos por causa da Guerra, porém o vínculo foi mantido por meio de um boletim informativo: *Le Trait-d'Union*².

Para analisar toda esta documentação, classificamos o relacionamento de Dehon com seus antigos alunos em quatro grandes períodos: criação; cultivo; resistência durante a Guerra; um novo começo. Para cada período escolhemos algum discurso mais relevante de Dehon, no qual podemos perceber a evolução de suas idéias educacionais. Trata-se de um grande momento de sua vida, quando já não se dedica à tarefa diária de administrar um Colégio, mas mantém o vínculo afetivo com os antigos alunos.

Este será um capítulo um pouco mais breve, porém fundamental para conhecer o modo como Dehon concebia a educação para além do aspecto formal do Colégio ou da sala de aula. Impressiona a regularidade do relacionamento, que durou praticamente os últimos dias da longa vida de Dehon. Outro aspecto relevante é que os próprios ex-alunos acabam se organizando e assumem a posse e a administração do Colégio São João. Existe, por trás desta história, uma nítida capacidade de “reencantar a educação”.

¹ Os Arquivos Dehonianos, em Roma, preservam um inventário desta publicação, que utilizamos como fonte para a nossa pesquisa.

² O. LEDUC, (ed.). *Le Trait-d'Union - Bulletin de Guerre 1915-1919*, Saint-Quentin, 1935.

1 A “criação” da Associação dos Antigos Alunos (1884 a 1896)

A “criação” da Associação dos Antigos Alunos abarca o período que vai de 1884 a 1896. No dia 20 de setembro de 1884, aconteceu a primeira reunião da *Association Amicale des Anciens Élèves de l’Institution Saint-Jean* (Associação dos Antigos Alunos)³. Segundo as atas e outros documentos, preservados nos Arquivos Dehonianos, em Roma, a participação de Dehon foi assídua nas assembléias desta associação, até 1923. Desde o início foi escolhido como “Presidente de Honra” e, geralmente, nestas ocasiões fazia pequenos discursos sobre educação. Estes textos podem ser encontrados quase somente nas atas das assembléias e são, para o objetivo de nossa pesquisa, uma fonte importante que permite conhecer Dehon educador a partir do olhar de seus antigos alunos.

Nesta primeira reunião o presidente, Louis Maréchal, explicou que os objetivos da Associação dos Antigos Alunos seria conservar o espírito de família entre os ex-alunos da maneira como sempre foi cultivado no Colégio; animar o desejo de fazer o bem e praticar a fé, mesmo em meio às dificuldades; mostrar que a educação cristã forma franceses fortes e honrados, que amam a Deus e a Igreja. Dehon falou breve e espontaneamente. As atas registram que deu os mesmos conselhos “saídos do coração que tanto faziam bem quando ainda eram alunos”.

A segunda reunião anual aconteceu no dia 1º de outubro de 1885, com a presença de 39 associados⁴. Dehon mostrou, por meio de exemplos, como são importantes as marcas deixadas pelos momentos importantes da vida escolar, principalmente os retiros. São recordações que se leva para a vida inteira. Os registros das reuniões de 1886-1893 foram praticamente todos destruídos pela guerra de 1914-1918⁵.

³ AD.B. 90/1, inv. 0112800. Participaram 24 antigos alunos, inclusive A. Delloue, que foi escolhido como vice-presidente e que, depois, se tornaria sacerdote da Congregação e segundo diretor do Colégio São João.

⁴ AD.B. 90/1, inv. 0112801. Pelo registro em *La Semaine Religieuse*, n. 31 (1885) pp. 488-489, sabemos que Louis Maréchal esteve na cerimônia de “Distribuição de prêmios” no dia 1º de agosto de 1885 e explicou aos alunos quais seriam os objetivos da Associação dos Antigos Alunos.

⁵ Os registros de 1886, 1887 e 1888 estão definitivamente perdidos. Da sexta reunião, em 05 de agosto de 1889 restou uma página datilografada com vários erros (AD.B. 7/1, inv. 43.10). Sabemos, pelo Diário de Dehon, que neste ano foi ordenado sacerdote do clero secular de Soissons, o ex-aluno C. Mercier, que substituiria provisoriamente Dehon na direção do Colégio. Cf. *NQT IV/1889*, p. 75r. Houve também um encontro festivo dos Antigos Alunos nos dias 05-06 de maio de 1889. Cf. *NQT IV/1889*, p. 84r. Não há registros sobre as assembléias

É possível ter acesso ao pensamento educacional de Dehon neste período através das crônicas que escrevia com frequência na revista *Le Règne*⁶. Sistemáticamente ele começa a pesquisar a legislação educacional da Holanda, Alemanha e Bélgica, comparando-as com as disposições legais emanadas pela reforma de Férry. Ao mesmo tempo, analisa alguns efeitos da implantação da escola laica, como o aumento da criminalidade. Há também alguns manuscritos recentemente publicados pelo Centro de Estudos dos Dehonianos que tratam da questão educacional neste período⁷. Nestes textos a preocupação principal é a função do Estado na educação e a garantia da liberdade educacional.

A 11ª Assembléia aconteceu em 19 de agosto de 1894⁸. Desde o dia 20 de novembro de 1893, Dehon havia deixado o Colégio a pedido do bispo de Soissons, permanecendo somente como diretor legal. Talvez por essa razão as atas registrem muitos testemunhos positivos dos antigos alunos a Dehon como educador. É descrito como “homem de estudos e de obras sociais, discípulo e enviado do Coração de Jesus, amigo dos mais humildes”. Pe. Delloue, já na ocasião prefeito de estudos do Colégio São João, fez um discurso no estilo social de Dehon. Mostra que um verdadeiro cristão não se contenta com a religião vivida na esfera privada, mas se preocupa com a transformação da sociedade. Dehon falou recordando os ausentes e falecidos, e insistiu que a Igreja e a França precisam da juventude para transformar a sociedade.

A 12ª Assembléia aconteceu no dia 18 de agosto de 1895⁹. Há uma coleta em favor dos antigos alunos que passam por alguma dificuldade econômica. Vários padres da Congregação dos Sacerdotes do S. Coração de Jesus, como Falleur, Rasset e Delloue, estão presentes na reunião. Todos, de alguma maneira, estavam envolvidos nos trabalhos do Colégio São João.

de 1890, 1891 e 1892. Da 10ª Assembléia, em 13 de agosto de 1893, se conserva uma página datilografada. AD.B. 7/10, inv. 43.10.

⁶ OSC V 1, *Chroniques du “Règne”* (1889-1895): *Hollande, une bonne loi scolaire*, p. 69; *L’enfant*, p. 99; *Nos Lycées*, p. 252; *L’école laïque et la criminalité*, pp.268-269; *L’Enseignement en Allemagne*, pp. 306-307; *L’École*, pp. 314-315; *Belgique: Les lois scolaires*, p. 505.

⁷ OSC VI: *Manuscrits sur la question sociale* (1871-1893): *L’enseignement et l’Eta. Notes a développer*, pp. 1-4; *L’éducation*, pp. 113-115; *Les écoles primaires de Paris*, pp. 430-431; *L’enseignement en France avant la révolution*, pp. 454-455.

⁸ AD.B. 90/1, inv. 112821. Dehon registra este evento em seu Diário. *NQT X/1894*, 148.

⁹ AD.B. 90/1, inv. 0112802. A Associação contava com 100 membros e possuía 4.462 Francos. Pe. Mercier aparece nas atas como “Prefeito de Disciplina”.

Dehon pronuncia um breve discurso, tendo como tema: *Nous croyons à des jours meilleurs*¹⁰. Define o encontro dos antigos alunos como “uma reunião de amigos”. Diz que os velhos mestres são, na verdade, “amigos que participam dos seus sofrimentos, alegrias e esperanças”. Exorta a que ninguém se deixe abater pelo pessimismo e pela desesperança: “Vamos orar e agir, e Deus fará o resto. Depois dos dias sombrios e enfadonhos virão os dias alegres e ensolarados”¹¹. Estas palavras faziam todo o sentido naquele momento em que Dehon se preparava para deixar definitivamente o trabalho no Colégio São João, diante das pressões do bispo. Mas em seu discurso, Dehon não se refere a estes fatos circunstanciais. Refere-se à “tempestade moral” pela qual passa a França com a “Escola sem Deus”. Atento os presságios populares do seu tempo, Dehon repete as previsões pessimistas que escuta:

O interesse matou o sentimento; o egoísmo matou a caridade; o jornal matou o livro; o romance matou a leitura séria; o divórcio matou a família; o luxo matou a simplicidade e o bom gosto; o culto das honrarias matou o culto da honra; o egoísmo e a luta pela vida mataram a dedicação e o despojamento de si mesmo; o socialismo internacional matará a Pátria; a anarquia matará a Sociedade; a franco-Maçonaria matará a Igreja¹².

Apesar de concordar, em parte, com esta análise da realidade, não concorda com o tom pessimista do discurso. Este estilo de contrastes mostra bem a dinâmica otimista freqüentemente utilizada por Dehon para encantar seus alunos. Fundamenta sua esperança cristã no idealismo francês e na “direção poderosa de Leão XIII”. Estas são as suas palavras de encerramento:

Nós, pelo contrário, acreditamos em dias melhores. Constatamos um despertar cristão e vislumbramos uma aurora que sucederá a esses dias sombrios e carregados de tempestade. Na ordem política, a liberdade verdadeira matará o liberalismo mentiroso. Na ordem econômica, a justiça e a caridade matarão a miséria imerecida e os monopólios insolentes; o espírito de associação matará o individualismo e a fraqueza do isolamento; a democracia cristã organizada matará o despotismo das lojas. Em uma palavra, o que é cristianismo e esperança matará o que é pessimismo e desesperança¹³.

Dehon acaba de coordenar a publicação do *Manuel Social Chrétien*, 1894, que já em 1895 recebera sua segunda edição. Alguns capítulos são dedicados às obras de educação da

¹⁰ *Dehoniana* 3 (2000) pp. 11-14.

¹¹ *Ibidem*, p. 12.

¹² *Ibidem*, p. 13.

¹³ *Ibidem*, p. 12-13.

juventude. Sobre os *Patronatos*, basicamente, se remete o estudo ao *Manuel des patronages*, de Le Conte, vigário geral de Châlons¹⁴. O capítulo sobre “Escolas Cristãs Livres” começa, dizendo: “A escola cristã é considerada como a primeira obra em todos os países onde a Igreja tem liberdade”¹⁵. Segue um longo texto onde se faz uma análise minuciosa das leis emanadas pelo Governo Republicano na década de 1880. É um verdadeiro manual que ensina como abrir uma escola privada, quais os principais obstáculos e oposições, como agir frente às inspeções, quais os mecanismos legais que fundamentam o fechamento ou a interdição de uma escola cristã. Ao final, é apresentada uma breve bibliografia dividida em três viés: comentário das leis, vida de santos educadores, método para a direção de obras de juventude¹⁶. O capítulo termina com a seguinte observação:

A leitura destes três viés demonstrará que para formar cristãos, não basta ter escolas e professores cristãos, mas é necessária uma ação sacerdotal contínua e sobrenatural para fecundar os seus esforços¹⁷.

Encontramos aqui uma ressonância bastante forte da mística cultivada pelo educador Léon Dehon. Ele acredita nesta “ação sacerdotal contínua”, cuja raiz é sobrenatural. Sua presença e palavras nas Assembléias dos Antigos Alunos do Colégio São João ganham um forte significado se consideradas sob este prisma. Ainda neste período de 1895, seus artigos na revista *Le Règne* possuíam uma tônica de convocação geral para a militância em obras sociais. Ele percebe que muitos se perdiam em debates e idéias que nunca chegavam efetivamente à ação. Em um artigo de abril de 1895, ele se pergunta a respeito do “método das obras sociais”: por onde começar? A resposta é: por si mesmo, sem se deixar contagiar por aquele que preferem as “idéias tímidas”:

Eu diria a um sacerdote do interior: comece por se convencer da necessidade de agir e de ir ao povo. Releia a *Rerum novarum*. Divulgue a imprensa católica de todas as maneiras. Em nossos tempos é a obra das obras. Una-se a três ou quatro pessoas de boa vontade. Insista “oportuna e

¹⁴ Cf. *OSC* II, pp. 237-241.

¹⁵ *Ibidem*, p. 257.

¹⁶ Cf. *Ibidem*, p. 267. Aparecem citados comentários à lei de 28 de março de 1882 e à lei de 30 de outubro de 1886, da *Société générale d'éducation et d'enseignement*. No viés da vida dos santos aparecem citados *Jean-Batiste de la Salle, Champagnat* e *Joseph Calazans*. Sobre o método, aparece a obra de: TIMON DAVID, *Méthode pour la direction des œuvres de jeunesse*.

¹⁷ *OSC* II, p. 267.

inoportunamente” até que se decidam a se tornar vossos auxiliares para obras sociais¹⁸.

Na 13ª Assembléia, em 16 de agosto de 1896, Delloue já havia sido nomeado oficialmente diretor do Colégio São João e Mercier era o encarregado do patronato São José¹⁹. Alguns dias antes, Dehon havia feito seu último discurso educacional aos alunos, por ocasião da “Distribuição de Prêmios”. Suas palavras aos antigos alunos são uma verdadeira convocação à ação social. Fala da missão do cristão na sociedade. Lembra que os antigos cavaleiros franceses partiam para “libertar o túmulo de Cristo”, na Terra Santa. Em seguida lança um forte apelo social:

Hoje é o próprio Cristo a quem precisamos libertar, o Cristo que vive nos seus filhos, o Cristo que vive nos pobres trabalhadores; o Cristo angustiado que grita: tenho fome, não tenho onde repousar, estou enfraquecido, tende piedade de mim! Mãos à obra! Juventude, as obras sociais pedem a vossa ajuda. Deus quer e Cristo vos chama²⁰.

Note-se que é um texto de 1896, quase cem anos antes de a Teologia da Libertação proclamar as mesmas idéias na América Latina. A identificação entre Cristo e os pobres trabalhadores é um discurso religioso tão atual que nos faz imaginar o impacto destas palavras na França do século 19. A força desta linguagem possui um potencial de encantar os alunos. Há uma radicalidade em afirmações feitas sem timidez que chamava atenção dos jovens e os convoca para o engajamento e para a militância. A Educação Integral precisa considerar este aspecto do “conhecimento comprometido” se quiser encantar os jovens. Não basta que o encanto da verdade ocupe a cabeça ou o coração dos alunos. É preciso que movimente suas mãos e seus pés.

As crônicas de Dehon na revista *Le Règne*, de 1896 até 1903, algumas vezes abordarão a questão da educação. Ele estuda a legislação educacional da Inglaterra e aprofunda sua visão jurídica sobre a liberdade de ensino. Novamente sua crítica se volta para as chamadas “Escolas Livres”, que eram o fruto concreto da reforma de Ferry²¹.

¹⁸ OSC I, p. 165-168. Publicado originalmente em *Le règne du Cœur de Jésus dans les âmes et dans les sociétés*, abril 1895, pp. 193-196.

¹⁹ AD.B. 107/1, inv. 01162 00.

²⁰L. DEHON, “La jeunesse catholique”, in *Bulletin annuel de l'Association amicale des anciens élèves de l'Institution Saint-Jean* (1896) pp. 25-27. Conservado em AD.B. 107/1, inv. 01162 00.

²¹ OSC V 2: *Chroniques du “Règne”* (1896-1903): *Angleterre: La loi scolaire*, pp. 93-93; *Angleterre: La loi scolaire*, p. 131; *L'instruction religieuse dans l'enseignement secondaire*, pp. 151-154; *La lutte pour la liberté*

2 O “cultivo” do ideal educacional (1897-1913)

No dia 08 de agosto de 1897 aconteceu a 14^a Assembléia dos Antigos Alunos. A data marca os vinte anos de fundação do Colégio e Dehon, em um discurso espontâneo, recorda os fatos mais importantes²². Lembra a formação religiosa, as pessoas que passaram, a perseguição aos religiosos na França e o protagonismo dos estudantes na ação social, que anima sua esperança. O tom do discurso de Dehon revela a nova fase de sua vida, caracterizada pela intensa itinerância para pregar as Encíclicas sociais de Leão XIII.

Em 1898, Dehon não pôde participar da Assembléia por motivos de saúde²³. A 16^a Assembléia aconteceu no dia 17 de setembro de 1899²⁴. Suas palavras foram novamente uma convocação ao empenho social da juventude no sentido de fazer ressurgir a França Católica. Ele começa a ver alguns sinais deste despertar. Muitos que haviam se afastado voltam ao catolicismo: “Levantemos pois a cabeça; reivindicemos os nossos direitos; recuperemos nosso lugar no Estado; criemos associações políticas, porque não podemos nos contentar em distribuir o pão. Isso já tem um grande mérito, mas é insuficiente”²⁵. Esta reconquista do espaço perdido na sociedade e na política aparece claramente em um artigo sobre “a escola”, publicado dois meses antes, em *La Chronique du Sud-Est*. Dehon se mostra informado do avanço do Estado sobre o mundo da educação e do ensino, especialmente na França, Itália e Bélgica. Ele considera absurda a pretensão do Estado de dirigir “toda” a educação, pois esta escolha pertence à família e às prefeituras²⁶. Critica essa proposta oficial de ensino na França,

de l'enseignement secondaire, pp. 266-267; *L'enseignement publique*, p. 287; *Belgique: L'État hors de l'école*, pp. 508-510; *L'hécatombe des écoles libres*, p. 677; *La liberté d'enseignement*, pp. 704-705.

²² L. DEHON, “La vie de Collège”, in *Bulletin annuel de l'Association amicale des anciens élèves de l'Institution Saint-Jean* (1897) pp. 26-31. Conservado em AD.B. 7/10, inv. 43 10.

²³ *NQT XIII/1898*, p. 56. O encontro aconteceu no dia 14 de agosto. AD.B. 107/1, inv. 1162.02. Neste ano Dehon publicou um artigo de convocação da juventude francesa para a ação social. A grande tônica é não reduzir o cristianismo à esfera da vida privada. “Estudo, ação, organização”. Ele percebe que protestantes e maçons avançam junto à juventude por meio de obras educacionais. “É necessário um pequeno grupo de estudos em cada paróquia. O estudo prepara para a ação”. L. DEHON, “Aux jeunes gens”, in *La chronique du Sud-Est*, n. 8 (setembro 1898) pp. 289-290. *OSC I*, pp. 381-383.

²⁴ *NQT XIV/1899*, p. 182.

²⁵ L. DEHON, “La Jeunesse Catholique Française”, in *Bulletin annuel de l'Association amicale des anciens élèves de l'Institution Saint-Jean* (1899) pp. 16-18. Conservado em AD.B. 107/1, inv. 1162 10.

²⁶ Dehon se refere ao governo municipal (*Communes*). Ao falar de Estado refere-se ao governo em nível nacional que, segundo ele, teria apenas uma competência *supplétif et policier*. L. DEHON, “L'École”, in *La chronique du Sud-Est*, n. 7 (julho 1899) pp. 212-213. *OSC I*, pp. 418-420.

afirmando que Deus e a moral cristã foram banidas da escola oficial e não foram introduzidas lições de vida prática. Resultou uma educação que ele compara com “as borboletas”, graciosas, elegantes e sedutoras, mas que desprezam o trabalho e são efêmeras. Prefere o exemplo das formigas e das abelhas, que conhecem o labor e a vida em comunidade²⁷.

No dia 19 de agosto de 1900, aconteceu a 17ª Assembléia dos Antigos Alunos²⁸. Dehon retoma o discurso de esperança do ano anterior, mostrando que termina o “século da impiedade” e o catolicismo vai em frente. Argumenta que “a religião pode fazer e faz muito pela questão social; ela é o fundamento da vida social”²⁹. Esta tese é sempre o pano de fundo de suas reflexões, como podemos verificar nas palavras entusiasmadas deste discurso:

Conservemos a cruz e a bandeira; a cruz símbolo do amor e da caridade; a bandeira, símbolo da defesa social, esta bandeira que com suas três cores encerra todas as outras e resume quinze séculos de glória. Mas não nos contentemos em conservá-las no fundo dos nossos corações, esta cruz e esta bandeira, elevemos bem alto. Atuemos pela palavra ou *plume* [caneta], para defender nossos direitos sagrados, a liberdade de ensino e a liberdade de associação. Vamos ao povo! [...] Católicos e franceses para sempre!³⁰

No ano 1901, Dehon não participou da Assembléia³¹. Em seu Diário, diz que “seria demasiado penoso neste momento escutar os risos e os cantos daquilo que se poderia chamar a sepultura do São João”³². Era um momento especialmente delicado. O Combismo avançava na França e no ano seguinte fecharia, por decreto, três mil escolas sob direção de Congregações religiosas³³. O então diretor do Colégio, Pe. Delloue, sacerdote religioso da

²⁷ Cf. L. DEHON, “L’Ecole”, in *La chronique du Sud-Est*, n. 7 (julho 1899) pp. 212-213. OSC I, p. 420.

²⁸ *NQT* XVI/1900, pp. 17-18.

²⁹ L. DEHON, “Catholiques et Français à la fois”, in *Bulletin annuel de l’Association amicale des anciens élèves de l’Institution Saint-Jean* (1900) pp. 18-21. Conservado em AD.B. 107/1, inv. 1162 06.

³⁰ L. DEHON, “Catholiques et Français à la fois”, in *Bulletin annuel de l’Association amicale des anciens élèves de l’Institution Saint-Jean* (1900) pp. 20-21. Neste ano, Dehon publicou um artigo sobre a “juventude católica” em que procura identificar associações de jovens estudantes católicos. L. DEHON, “Jeunesse Catholique”, in *La chronique du Sud-Est*, n. 1-2 (jan-fev. 1900) pp. 391-392. OSC I, pp. 442-444. Retomou este assunto de modo mais detalhado em *Le Règne* de outubro e novembro do mesmo ano. L. DEHON, “Les œuvres de jeunesse”, in *Le Règne du Cœur de Jésus* (out-nov 1900). OSC I, pp. 484-491. Considera o ensino laico obrigatório como “a obra mais perversa do século 19”. Uma das conseqüências, sob seu ponto de vista, é a dificuldade cada vez maior dos católicos para criar e manter escolas e patronatos. Enquanto isso, criavam-se organizações laicas voltadas para os jovens, promovidas com dinheiro público. Seria necessário contrapor-se a isso com a criação de *œuvres de jeunesse*, que garantissem o futuro daqueles que receberam uma educação cristã na escola católica. Ele pensa especialmente na inserção no mundo do trabalho.

³¹ A reunião aconteceu no dia 18 de agosto. AD.B. 7/10 inv. 43.10.

³² *NQT* XVII/1901, p. 9.

³³ Dehon está bastante consciente da situação e atribui este “plano” à franco-Maçonaria. Segundo seu Diário, neste momento os religiosos na França estão “sob a espada de Dâmocles”. *NQT* XVII/1901, p. 1.

Congregação, decide transferir-se para o clero da Diocese para salvar o colégio. Dehon comenta o fato em seu Diário:

Ele estaria errado? Deus o sabe. Em todo caso, para mim, isto é outra fase de *Consummatum est*. O São João havia sido o berço da Obra. Ali eu vivi vinte anos, e após vinte e quatro anos, o São João secularizado poderia significar o seu fechamento³⁴.

Em janeiro de 1901, Leão XIII havia publicado sua Encíclica *Graves de Communi*³⁵, colocando limites à militância política da Democracia Cristã. Dehon comenta em seu Diário que “a Igreja é indiferente às formas políticas de governo. Isto depende de circunstâncias de tempo e lugar. Mas a Igreja não é indiferente à classe dos trabalhadores. Ela é essencialmente democrática do ponto de vista econômico”³⁶. Dehon acompanha a evolução do pensamento social da Igreja e percebe as conseqüências de um tradicionalismo que se apegava a formas arcaicas de organização política e acaba perdendo o povo.

No dia 24 de setembro de 1902 aconteceu a 19ª Assembléia. Dehon estava presente e recordou a história do Colégio nos seus vinte e cinco anos de fundação³⁷. Lembra as alegrias e vitórias, mas também as provações como o incêndio e as leis educacionais de Ferry. Mostrase consciente de que neste momento “o barco está em meio à tempestade”. Convoca os antigos alunos a permanecerem fiéis frente ao perigo, por meio do testemunho de cristãos comprometidos, o que mostraria à sociedade os bons frutos da obra. O segundo meio seria uma ação social de reivindicação dos direitos em relação à liberdade de ensino. Ele afirma que para isso não é necessário “ser revolucionário, mas ativo”. O terceiro meio de reação é a oração.

Quando aconteceu a 20ª Assembléia, no dia 27 de setembro de 1903, os Sacerdotes do Coração de Jesus já haviam sido expulsos da França e já se iniciara o Pontificado de Pio X. O discurso de Dehon, neste dia, está registrado, com detalhes, em seu Diário³⁸. Começa com o texto do Evangelho de João 16,32-33: “Eis que vem a hora da perseguição em que vos dispersarão. O mundo vos dará tribulações; mas tende confiança, eu venci o mundo”. A partir

³⁴ *NQT* XVII/1901, pp. 3-4.

³⁵ ASS 33 (1900-01) pp. 385-396

³⁶ *NQT* XVI/1901, pp. 55.

³⁷ Cf. *NQT* XVIII/1902, pp. 19-20. Segundo o Diário, a reunião teria acontecido no dia 28 de setembro. As atas deste encontro estão preservadas em AD.B. 7/10, inv. 43.10. Eram cerca de quarenta participantes.

³⁸ *NQT* XVIII/1903, pp. 111-118.

desta palavra, Dehon faz uma exortação contra o pessimismo e o desânimo. Ele reconhece que naquele momento todas as forças estão nas mãos da franco-Maçonaria. Porém, o maior perigo são as “objeções” que cegam a mente e perturbam o coração dos católicos, que podem abalar a fé e provocar o desânimo. A primeira “objeção” é a pretensa superioridade da cultura intelectual dos não-crentes, como se existisse uma espécie de antagonismo entre ciência e fé. A segunda, é a supremacia das civilizações do Norte, das nações protestantes, como oposição à decadência das raças latinas. Dehon demonstra, por meio de fatos e de uma análise histórica, que estes argumentos não se sustentam. Ele permanece com sua esperança ancorada na convicção de que a educação cristã é a forma de garantir a paz e o bem estar social.

Na Assembléia de 1904, Dehon concentrou seu discurso em três palavras: união, estudo e ação³⁹. A *união* foi uma convocatória a formar “associações”: círculos de estudo e a guarda jovem do “Sillon”⁴⁰. O *estudo* é uma força de resistência diante “do erro e da injustiça”. As luzes da razão humana “são reflexos da verdade substancial e perfeita”. A *ação* é um alerta para o fato de que o cristianismo havia sido “exilado da escola, da prefeitura, do hospital”. Vemos na base do pensamento educacional de Dehon, esta relação permanente entre religião e sociedade. Em 1905, Dehon voltaria a este assunto, mostrando que três grandes causas estão em jogo: a da França como pátria, a do povo e a da liberdade⁴¹.

A 24ª Assembléia aconteceu no dia 8 de setembro de 1907. É uma das últimas participações de Dehon, das quais encontramos algum registro importante de suas palavras⁴². Analisaremos este texto com mais detalhes porque encontramos, já aqui, a síntese de sua visão educacional.

³⁹ A 21ª Assembléia dos Antigos Alunos aconteceu no dia 14 de agosto de 1904. As atas estão preservadas em: AD.B. 7/10, inv. 43.10.

⁴⁰ *Le Sillon* era um movimento de jovens católicos, liderados por Marc Sangnier, em vista da transformação da sociedade promovendo um cristianismo democrático e social. Receberam, neste período, muito apoio de Dehon e Léon Harmel. Porém, acusados de “politização e modernismo social” foram condenados por Pio X, em 15 de agosto de 1910. Sangnier se submete sem reservas e, posteriormente, acabou se tornando uma das principais lideranças da democracia Cristã na França. Cf. H. DORRESTEIJN, *Vita e personalità di Pe. Dehon*, pp. 257-259.

⁴¹ A 22ª Assembléia dos Antigos Alunos aconteceu no dia 20 de agosto de 1905. As atas estão preservadas em: AD.B. 7/10, inv. 43.10. Dehon não esteve presente na 23ª Assembléia, ocorrida em 12 de agosto de 1906, pois preparava sua viagem para o Brasil. As atas estão preservadas em AD.B. 7/10, inv. 43.10.

⁴² O discurso deste ano foi publicado originalmente no *Bulletin annuel de l'Association amicale des anciens élèves de l'Institution Saint-Jean* (1907) pp. 32-39. Está preservado em AD.B. 107/10, inv. 1162 07. O texto integral do discurso com comentários e uma apresentação, encontra-se em: L. DEHON, “Discours aux anciens élèves de Saint-Jean”, *Dehoniana*, n. 1 (2002) pp. 27-35. Apresentação e notas de A. PERROUX, “Présentation du discours du 8 septembre 1907”, *Dehoniana*, n. 1 (2002) pp. 17-26.

Ele inicia exaltando a juventude que tem “os defeitos de suas qualidades”: exuberância e ardor, plenitude de vida e vigor. Afirma que, na sociedade, reina o egoísmo, ceticismo, utilitarismo e o desencanto. É preferível a “exuberância” da juventude, apesar dos excessos, do que a inércia. Ele percebe que, apesar dos esforços para educar a elite da sociedade, no Colégio São João, a influência política em Saint-Quentin havia diminuído consideravelmente. A Ação Católica, por sua vez, apegada a tradições “respeitáveis, mas superadas” conseguia poucos resultados. Segundo Dehon, as três principais aspirações do povo são: manter o governo republicano, liberdade de associação e reformas sociais. Seria preciso estar “sincera e decididamente” dispostos a apoiar estas aspirações e recuperar o povo, que está iludido pelas “mágicas do socialismo” e pelos “profetas de uma nova era de ouro”. Por essa razão, sua proposta é na linha da educação popular:

É preciso instruir o povo; tirar de sua mente os preconceitos, sofismas, utopias e ilusões; inculcar os princípios do que é justo e honesto; tratar das necessidades objetivas e da natureza das coisas; trabalhar junto com ele na preparação de reformas realizáveis e fazê-lo compreender que nunca haverá uma ordem e uma paz pública possível, sem moralidade, nem moralidade sem uma religião, que é, ao mesmo tempo, o fundamento, a regra, a inspiração e a sanção⁴³.

Dehon insiste, em praticamente todo o seu longo discurso, neste apelo de que “é preciso ouvir as legítimas aspirações do povo”. Afirma que se o clero da França tivesse se associado ao movimento de reivindicação do progresso social, não teria perdido a autoridade. Ele percebe que o povo tomou consciência de seus direitos políticos e sociais.

Sobre a questão religiosa, da relação entre Igreja e Estado, Dehon admite que a união entre os poderes chegou a ser intolerável. Porém, seria desejável “uma separação honesta, sem violação de nenhum contrato”. Novamente, reconhece que a culpa é dos católicos que ocupavam o tempo em criticar a República, enquanto o povo preferia participar ativamente das reformas sociais.

Em nossa época a democracia corre por todos os lados. Seria pouco inteligente e pouco racional querer ir contra a corrente. O Papa atual [Pio X], continuando a política do seu predecessor, favorece de todas as maneiras a elevação social do povo e as organizações autônomas de trabalhadores. Aprova e apóia a criação e o desenvolvimento de obras econômicas pelas quais se interessava já quando era patriarca de Veneza⁴⁴.

⁴³ *Ibidem*, p. 29.

⁴⁴ *Ibidem*, p. 31-32.

Dehon defende que o Evangelho e a Eucaristia são “fermento de verdadeiro progresso social”. Quem os rejeita pode, no máximo, oferecer belas teorias, mas não tem os meios para colocá-las em prática. O espírito cristão soube o modo certo de abolir gradativamente a escravidão. Sabe como garantir os direitos aos trabalhadores. Ele mostra que entre as doutrinas dos principais sociólogos e economistas, é possível reconhecer aqueles que são “amigos do povo”, animados pelo espírito cristão da solidariedade, desapego e dedicação aos pobres. Termina dizendo:

Se o povo chegar a compreender que as saudáveis reformas se encontram em germe na doutrina católica, nos dará sua confiança e a França começará a ser, de novo, o que era antes, a generosa e ardente promotora da civilização cristã no mundo⁴⁵.

Esta capacidade de Dehon de ouvir a voz do povo, da Igreja e até de seus adversários, caracteriza sua filosofia educacional. Ele é capaz evoluir em suas idéias através de um diálogo permanente, às vezes polêmico, com seu tempo. A forma como descreve o ideal da juventude, revela sua mística, que tem como um dos fundamentos centrais a disponibilidade para ouvir.

Para as Assembléias dos anos seguintes os registros são escassos, apesar de sabermos que Dehon estava presente na maioria delas⁴⁶. Até então, Dehon permanecia como proprietário legal do São João, apesar de a administração ser responsabilidade da Diocese. O Colégio há algum tempo passava por uma profunda crise financeira. Em 1913, Dehon encontrou uma via de solução, criando a Sociedade Imobiliária de Ensino Livre do Distrito de Saint-Quentin. Porém, ele continuava sendo o proprietário. A solução definitiva foi retardada pelo advento da Guerra⁴⁷.

3 A “resistência” durante a Guerra (1914-1918)

De 1914 a 1918 os encontros de Antigos Alunos foram suspensos devido à Guerra. O presidente da Associação, Octave Leduc, procurou manter a comunicação através de um “Boletim de Guerra”: *Trait-D’Union*, que iniciou em junho de 1915, com uma troca informal

⁴⁵ *Ibidem*, p. 34.

⁴⁶ 24ª Assembléia: 9 de agosto de 1908; 25ª Assembléia, 29 de agosto de 1909; 26ª Assembléia: 7 de agosto de 1910; 27ª Assembléia: 6 de agosto de 1911; 28ª Assembléia: 1912, não encontramos a data exata; 29ª Assembléia: maio de 1913. Alguns registros encontram-se em AD.B. 7/10, inv. 43.10.

⁴⁷ Cf. E. DRIEDONKX, “Nuestros colegios”, p. 45.

de correspondências e chegou a ser mensal, durante o período de novembro de 1915 a outubro de 1919. Era enviado aos antigos alunos e antigos professores do Colégio São João, com uma tiragem, em média, de 240 exemplares. Ao todo foram distribuídos, durante os anos da Guerra, 10.000 exemplares de *Trait-D'Union*.

Terminada a Guerra, Dehon incentivou Leduc a publicar a coletânea de *Trait-D'Union* e chegou a escrever uma apresentação. Este texto permaneceu inédito até 1935 quando, finalmente, a publicação foi realizada⁴⁸. É um documento importante para verificar como Dehon avaliou sua atuação no mundo da educação ao longo de quarenta anos (1877-1917)⁴⁹. Ele aborda seu empenho educacional em três grandes dimensões: vida intelectual, vida de família e vida religiosa.

Na *vida intelectual*, destaca o valor de muitos sacerdotes e professores e os métodos didáticos, que não tinham muito de diferente do ensino tradicional da época, porém evidenciavam o protagonismo dos estudantes, a disciplina da mente, a educação do caráter e o hábito do trabalho. Da *vida de família*, escreve: “Nossa querida casa formava uma verdadeira família. Professores e alunos se apaixonavam pelos progressos obtidos e seus êxitos. [...] Um grande sinal do espírito familiar eram as festas”⁵⁰. É certo que, no Colégio São João, havia uma forte ligação afetiva que fazia parte importante do sucesso pedagógico da obra. A *vida religiosa* é considerada, neste texto, como “o melhor do Colégio”. Havia meditação pela manhã na capela, Missa, palestras do Diretor sobre Educação Cristã, confissão semanal, retiro no mês de outubro. Destaca-se, também, a Conferência de São Vicente de Paulo e a Congregação dos Filhos de Maria. O Colégio era, também, uma escola de santidade onde, “Deus e a Pátria eram os dois grandes amores”⁵¹.

⁴⁸ L. DEHON, “Saint-Jean avant la Guerre, 1877-1917” in O. LEDUC, (ed.). *Le Trait-d'Union - Bulletin de Guerre 1915-1919*, pp. 9-12.

⁴⁹ O texto é breve e um pouco diferente do usual estilo de Dehon. Além disso, não existem registros deste texto na obra autógrafa de Léon Dehon, o que nos poderia levar à suspeita que seria uma composição de Leduc, que, porém, afirma na introdução ser um texto até então inédito do próprio Dehon.

⁵⁰ L. DEHON, “Saint-Jean avant la Guerre”, pp. 10-11. Uma Afirmação semelhante aparece em carta que Dehon teria enviado a Leduc, publicada em *Trait-D'Union*, janeiro de 1918. O contexto é a demonstração de coragem de muitos ex-alunos durante a Guerra: “Nós semeamos no São João a fé e o patriotismo”. *Ibidem*, p. 243.

⁵¹ L. DEHON, “Saint-Jean avant la Guerre”, p. 12.

4 Um “novo começo” (1819 a 1824)

Após a Guerra, as reuniões dos Antigos Alunos são retomadas. A primeira aconteceu no dia 23 de novembro de 1919⁵². Novamente, Dehon faz memória de toda a história do Colégio, destacando os trabalhos de reconstrução. De fato, desde abril daquele ano tinha visto as ruínas do São João⁵³. Encarregou Pe. Falleur dos trabalhos de reconstrução⁵⁴. Dehon ainda esteve presente na reunião de 1921⁵⁵ e 1922⁵⁶. O Colégio, como propriedade, permanecia em seu nome. Porém, Dehon tinha o desejo de se desfazer dos seus bens antes de morrer. Por isso, em 1922, passou a posse do Colégio para a Sociedade Imobiliária, que criara alguns anos antes e da qual a Congregação dos Sacerdotes do S. Coração de Jesus era a maior acionista. Dehon desejava, antes de morrer, desfazer-se de todos os seus bens⁵⁷.

A última vez que Dehon esteve no Colégio São João foi em 18 de maio de 1924, para a inauguração do novo prédio⁵⁸. Em seu discurso, ressalta que o Colégio sempre recebeu o apoio dos bispos locais, principalmente Dom Thibaudier. Relembra os momentos felizes do início e atribui a razão do êxito inicial ao fato de o Colégio cultivar uma intensa vitalidade, uma grande motivação, tanto para os exercícios de piedade como para os estudos profanos. Termina confiando o cuidado do colégio ao bispo de então, Dom Binet, e ao novo diretor.

Em todo este longo itinerário que tivemos oportunidade de percorrer, ficou claro o compromisso de Dehon com a educação da juventude, sua permanente atenção aos fatos e às leis e o hábito de registrar seus pensamentos. A impressionante regularidade de sua presença nas Assembléias e o fato de os vínculos serem mantidos, mesmo durante a Primeira Guerra Mundial, mostram que algo na pedagogia dehoniana deu certo. O grande final é que os ex-

⁵² Cf. O. LEDUC, (ed.). *Le Trait-d'Union*, pp. 360-372. A partir deste momento foi retomada a publicação de *L'Aigle de Saint-Jean*. Decidiu-se, nesta Assembléia que *Trait-d'Union* continuaria até o número 50, em dezembro de 1919.

⁵³ Cf. *NHV XLIII*, p. 101.

⁵⁴ Graças a esta ação, as aulas puderam ser retomadas no dia 6 de outubro de 1919, com 27 alunos. O número cresceu rapidamente. Cf. E. DRIEDONKX, “Nuestros colegios”, p. 45.

⁵⁵ Cf. *NQT XLIV/1921*, pp. 17-18.

⁵⁶ Cf. *NQT XLIV/1922*, pp. 48-49; Atas preservadas em: AD.B. 7/10, inv. 43.10. Segundo uma anotação em seu Diário, Dehon não esteve presente na reunião de julho de 1923. *NHV XLIV/1923*, p. 79.

⁵⁷ Cf. *NQT XLIV*, p. 80. Cf. E. DRIEDONKX, “Nuestros colegios”, p. 46. Os registros históricos deste contrato estão preservados em: AD.B. 19a 1, inv. 279.01.

⁵⁸ AD.B. 40/6, inv. 679.01.

alunos acabam tornando-se os administradores do Colégio. Estes elementos falam mais alto que sua apologia da educação cristã, diante dos ataques do Estado laico, na formulação do seu conceito de Educação Integral.

CAPITULO VII

Um discurso inédito “Sobre a Educação”

Durante as pesquisas nos Arquivos Dehonianos, em Roma, fomos surpreendidos por uma descoberta muito interessante. Encontramos um discurso de 1888, manuscrito e inédito, em que Dehon utiliza os personagens de *La Fontaine* para descrever as qualidades dos bons e dos maus educadores por meio do exemplo das aves. Dedicamos algum tempo para comprovar, de modo documental e irrefutável, a autoria do discurso. Neste capítulo, interpretaremos este texto inédito que exprime, através de metáforas, aquilo que Dehon expressou teoricamente em seu primeiro discurso educacional, pronunciado em 1877, mas reelaborado para a publicação em 1887. O texto inédito é de 1888. Há um parentesco de sentido entre os dois textos. Veremos a grande tese defendida por Dehon e a justificativa de seu discurso. Fizemos, ainda, um esforço para traduzir para o português um texto que tem seu referencial na fauna francesa. Muitos dos pássaros citados são simplesmente desconhecidos no Brasil. Outros possuem uma personalidade antropomórfica que não coincide exatamente com a nossa cultura. No final do capítulo analisaremos a “aplicação prática” feita por Dehon, pois ali reside o conceito de “Educação Integral”, expresso com todo o seu vigor.

Toda tradução sempre traz a marca da imperfeição, principalmente quando se passaram mais de cem anos e alguns dos pássaros mencionados já não são populares na própria França. Além disso, as características de personalidade humana atribuídas aos animais mudam de acordo com a cultura e o tempo. Isto nos faz lembrar a “Canção do Exílio” de nosso romântico Gonçalves Dias (1823-1864): “Minha terra tem palmeiras, onde canta o sabiá; as aves, que aqui gorjeiam, não gorjeiam como lá”. Mesmo assim, as metáforas de Dehon permitem captar o núcleo de seu pensamento educacional, em linguagem popular.

1 Contexto e relevância

No dia 29 de janeiro de 1888, Dehon fez uma conferência sobre educação para os membros da Sociedade de São Francisco Xavier. Era um dos grupos de leigos católicos que existia em Saint-Quentin com a finalidade de promover a solidariedade para com os pobres. Eram conhecidas como “sociedades de ajuda mútua” ou “mutualidades”. Ensinavam os trabalhadores a administrar seu dinheiro, cultivavam o amor pela cidade, ajudavam no caso de doença ou morte. A Sociedade de São Francisco Xavier tinha projetos para viabilizar a construção de casas para trabalhadores¹.

Este texto tem grande relevância para a nossa pesquisa, por seu conteúdo especificamente educacional e, por tratar-se de um documento ainda inédito, preservado apenas nos Arquivos Dehonianos, em Roma². A autoria é atestada pela versão manuscrita do texto e pelas referências que Dehon faz a este discurso em seu Diário:

Estudei, na história natural, o instinto de paternidade e de maternidade dos animais e, sobretudo, dos pássaros para utilizar como exemplo em um discurso. Estou maravilhado com a bondade de Deus para com estes pequenos seres ao dar-lhes o instinto de pai e de mãe. Que maravilhosa imagem da sua bondade para conosco. Não teria Ele revelado a Si mesmo por meio de outros ao Se comparar com a galinha cuidadosa com seus pintinhos?³

Além disso, o periódico oficial da Diocese de Soissons-Laon noticiou, com destaque, este discurso, em sua edição do dia 04 de fevereiro de 1888:

A educação, eis um tema muito atual, mas tantas vezes repetido! Pe. Dehon o rejuvenesceu e lhe deu um encanto que cativou todo o auditório. A Providência não nos deu por meio dos pássaros, admiráveis lições de educação? Não nos disse, por meio deles, o que devemos evitar e o que devemos fazer na grande arte da educação dos filhos? Entre os pássaros alguns são maus educadores: abandonam seus filhotes, batem e até matam, ou lhes inspiram costumes pouco edificantes. Outros, em maior número, os educam com cuidados minuciosos, os formam, e os instruem com ternura.

¹ Cf. J. TAPIN, *Regards sur Saint-Quentin, 1871-1877*.

² Cf. L. DEHON, *Sur l'éducation; conférence à la Société Saint-François-Xavier*, conservado em AD.B. 7/3.D, inv. 43.04, pp. 1-19. Trata-se de um texto manuscrito e jamais publicado. Utilizaremos a paginação que consta no manuscrito.

³ *NQT* IV/1888, p. 15v: 18 de janeiro. Além disso, no dia 29 de janeiro Dehon registra no Diário: “Discours à la Société de secours mutuel sur l'Education”. *NQT* IV/1888, p. 18r. No texto manuscrito consta a data de 20 de janeiro de 1888. Porém, neste caso é mais confiável o Diário.

Assim estes elegantes habitantes dos ares a todo momento nos dão lições preciosas em uma linguagem graciosa⁴.

Em termos de conteúdo, por ser um discurso tardio, já representa uma primeira síntese da visão educacional de Dehon, após dez anos de trabalho efetivo no Colégio São João. É o único de seus discursos educacionais em que ele não está diante de um público tipicamente escolar. Há, também, um clima de informalidade que não seria possível na solenidade de “Distribuição de Prêmios”. Mas, trata-se de um discurso que foi muito bem elaborado, ao contrário das palavras espontâneas de Dehon nos encontros dos Antigos Alunos, que eram, em geral, pronunciadas de improviso. Se nos discursos escolares ele encontrava-se diante de um público exigente e erudito neste, certamente, estava diante de pessoas bem mais modestas. O mesmo conceito de educação cristã que aparece revestido de erudição nos discursos de “Distribuição de Prêmios”, tem lugar neste “Discurso dos pássaros”⁵, porém, com absoluta simplicidade. Este fato revela, também, a atenção pedagógica que Dehon dispensava aos seus interlocutores. Ele se comunicava-se para fazer-se entender e não, simplesmente, para demonstrar erudição. Assim, por meio da leitura deste discurso, podemos perceber sua face de educador e comunicador, além de sua pedagogia do concreto.

Pelo caráter inédito deste discurso, optamos por reproduzir o texto integralmente, ao invés de simplesmente comentá-lo. Apenas omitimos a introdução, um breve preâmbulo sobre o qual faremos apenas um comentário. Com isso, pretendemos contribuir trazendo à luz um texto educacional que julgamos dos mais importantes da obra de Dehon, entretanto, ainda desconhecido.

2. O tema, a tese e a justificativa do discurso

2.1 O tema

Em uma espécie de preâmbulo, Dehon inicia indicando três categorias de assuntos que lhe passaram pela mente ao preparar este discurso para a Sociedade de São Francisco Xavier.

⁴ *La Semaine Religieuse* 5 (1888) p. 53.

⁵ O título do discurso que aparece no manuscrito é “Sur l’éducation”, porém, considerando o estilo e as metáforas utilizadas no texto, e para distingui-lo dos outros discursos educacionais nós o chamaremos de “Discurso dos Pássaros”.

Primeiro, pensou em falar da Igreja, do Papa, de Roma, de seus tesouros artísticos, inclusive em Saint-Quentin. A segunda categoria seria formada de assuntos ligados à Pátria, ao espírito francês, de sua condição de filha predileta da Igreja. A terceira categoria seria os assuntos do mundo do trabalho, da solução proposta pela Igreja para o problema social, do corporativismo cristão, do ensino de Leão XIII. No entanto, escolheu como tema a educação dos filhos que são, ao mesmo tempo, objeto de seu afeto e a esperança da França e da Igreja.

Para expressar-se de um modo verdadeiramente cristão e verdadeiramente francês, Dehon primeiro pergunta ao Criador que lições sobre educação estão espalhadas na natureza. Depois utiliza o método de *La Fontaine* como linguagem para seu discurso⁶. Isto não é ocasional. A forma francesa e o conteúdo cristão resultam em uma síntese inteligente e consciente destes dois âmbitos, nos quais se move o pensamento educacional de Dehon: Roma e França; a Igreja e sua pátria. Esta matriz esconde também seu conceito de educação para ser um verdadeiro cidadão na pátria da terra, mas tendo sempre em vista a pátria do céu. Isto faz parte do seu conceito de Educação Integral.

Aparentemente, o discurso é um conjunto de metáforas inocentes para ajudar os pais e as mães a educarem melhor seus filhos. Mas, na aplicação final, uma frase de Dehon nos ajuda a entender seu meta-discurso que pode ser compreendido agora que conhecemos o contexto e o pré-texto de seus outros discursos, que é sempre defender a educação segundo o ideal cristão, atacada pela laicização da Terceira República, e criticar a proposta de uma educação no qual a dimensão religiosa é excluída: “Assim fazem, sem dúvida, aqueles que iludidos por suas vãs teorias pretendem dar à França uma juventude sem Deus”⁷.

Dividimos o discurso em partes e inserimos os títulos para facilitar a compreensão e análise do pensamento de Dehon.

⁶ Jean de La Fontaine (1621-1695) nasceu em Château-Thierry, no Departamento de l’Aisne, entre Soissons e Reims. Foi um poeta de origem burguesa, que estudou teologia e direito. Suas populares fábulas, em geral se inspiram na obra de Fedro e de Esopo, mas possuem originalidade na aplicação e arquitetura tipicamente parnasiana, primando pela métrica e perfeição compositiva. Dehon faz referência a isso em seu discurso: “[...] j’emprunte la méthode du bon et intéressant La Fontaine, la gloire du parnasse français et l’honneur de notre département”. L. DEHON, “Sur l’Éducation”, p. 3. Dehon não utiliza apenas o “método” de La Fontaine, mas também seus personagens, muito populares em seu tempo. Os alunos do Colégio São João costumavam fazer pequenos exercícios literários deste estilo já em 1878. Encontramos vários em *L’Aigle de Saint-Jean*. Uma análise literária minuciosa encontraria muitas metáforas e alusões às fábulas de La Fontaine. Isto ultrapassa o âmbito de nossa pesquisa.

⁷ L. DEHON, “Sur l’Éducation”, p. 17.

2.2 A tese de fundo

A tese que fundamenta o conjunto de analogias composto por Dehon é que o Criador de todas as coisas deixou lições sobre como educar, impressas no mundo que criou. Os antropomorfismos sempre fizeram o gosto dos poetas e das religiões. Até mesmo os deuses são freqüentemente representados com o auxílio destes recursos, em que a força é atribuída ao leão e a esperteza à raposa.

O Criador que nos deu, através dos animais, muitas lições de virtude, mostrando o símbolo da coragem no leão, de temperança no cavalo de corrida do deserto [*coursier du désert*], de providência na formiga, de trabalho e disciplina na abelha, de ordem social na cidade do castor; ensinou-nos a arte da educação especialmente pelo exemplo dos pássaros.

Que amáveis e graciosos mestres! Eles são os hóspedes do nosso céu. Eles são as flores e a harmonia do ar e o símbolo dos anjos. Que dons invejáveis a maior parte deles recebeu: um olhar que domina toda uma província; uma voz que humilha os nossos concertos; uma agilidade que desafia até mesmo nossos carros. Não poderiam também nos fazer sentir vergonha de nossa indiferença para com o Criador, quando tão piedosamente com seus cantos solenizam o despertar da aurora e a noite que se aproxima? Eles são artistas, arquitetos, músicos, grandes viajantes; algumas vezes nobres e valentes, outras vezes suaves e amáveis, delicados, previdentes, ativos, generosos, dedicados; eles são, como veremos, admiráveis educadores⁸.

As qualidades de um bom educador, selecionadas por Dehon e encontradas no exemplo dos pássaros, mostram o mapa de relevâncias de seu conceito de Educação Integral. Logo nesta apresentação da sua tese, ele insinua que um “educador admirável” deve possuir um olhar amplo sobre a realidade, sensibilidade artística, agilidade, vigor e ternura, generosidade e espírito de iniciativa. Todas estas qualidades são mais do coração que da inteligência. Percebemos que, para Dehon, a Educação Integral não começa através do conhecimento, ou do cultivo das faculdades mentais, mas pela empatia, pelas coisas do coração. Outra característica importante é que o educador deve ser uma pessoa capaz de sintetizar, em sua vida, diversas qualidades contrastantes. Como em outros discursos que já analisamos, esta

⁸ *Ibidem*, pp. 3-4. O *coursier du désert* é um cavalo árabe de corrida, utilizado pelos beduínos nômades e que reúne as qualidades contrastantes da doçura e proximidade com o homem e, ao mesmo tempo, a força e tenacidade exigidas para suportar as condições áridas do deserto. Dehon sintetiza estas duas qualidades na “temperança”. Lembremos que o pai de Dehon era dono de um aras que existe até hoje em sua cidade natal, ao norte da França.

síntese, típica da visão educacional dehoniana, poderia ser expressa nas palavras “ternura e vigor”. Este é, sem dúvida, para Dehon, o educador ideal.

2.3 A justificativa do discurso

Dehon justifica sua tese com um exemplo tirado das páginas da Bíblia. De fato, Jesus se compara a uma galinha que coloca os filhotes sob as asas, num texto repetido em dois dos Evangelhos, Lucas e Mateus: “Jerusalém, Jerusalém, que matas os profetas, e apedrejas os que te são enviados! Quantas vezes eu quis ajuntar os teus filhos, como a galinha ajunta os seus pintos sob as asas, e tu não quiseste!” (Mt 23, 37; Lc 13,34). A versão do texto é uma elaboração livre de Dehon, que substitui a frase literal por uma adaptada ao universo educacional.

Mas antes quero justificar a minha tese com um testemunho divino. Vocês se lembram das palavras com que Nosso Senhor se queixou da ingratidão de Jerusalém por não haver tirado nenhum proveito de Seus ensinamentos? Ele dizia: “Eu me dediquei a instruir todos os seus filhos com o cuidado de uma galinha que educa seus pintinhos”. Vejam, o modelo do empenho educacional de Nosso Senhor é a humilde galinha de nossas granjas e viveiros. Vocês viram a atenção que ela tem para que não falte nada aos seus pintinhos? Vai de um lado para o outro, chama-os com seus cacarejos suplicantes, escava a terra ou a erva para encontrar o alimento que lhes convém, ela se priva em seu favor; os aquece e os protege; é feliz ao vê-los brincar ao seu redor; se a ave de rapina os ameaça, torna-se valente: corre, voa diante dela e a espanta com seus gritos agudos batendo as asas. Ela se dedica aos seus ternos cuidados com tanto ardor e preocupação que isto parece alterar a sua constituição. Suas expressivas inflexões de voz e seus ágeis e apressados movimentos têm toda uma expressão de cuidado e afeto maternos⁹.

Nesta analogia inicial, na verdade, Dehon coloca como modelo de todo educador o Mestre Jesus Cristo. Já vimos em seus discursos como esta tônica está sempre presente. Para ele, o modelo de pessoa e de educador integral é o próprio Cristo. Porém, se dá ao cuidado de evidenciar algumas qualidades deste grande educador: atenção para que não falte nada, sabe convocar com sua voz, busca o alimento que mais convém, é capaz de sacrifícios, protege seus educandos, gosta de vê-los ao seu redor, defende-os quando necessário até com certa agressividade; porém sabe exercer o cuidado e a ternura; tem afetos maternos. Conhecendo o

⁹ *Ibidem*, pp. 4-5.

modo como Dehon costumava proceder com seus alunos, percebemos que ele está aqui descrevendo seu próprio comportamento como educador.

Ainda, justificando a tese fundamental de seu discurso, Dehon indica os contrastes que utilizará em suas analogias. Existem pássaros que são um exemplo de maus educadores:

Outros pássaros completarão a todo momento a nossa lição. Mas, antes de continuar, vejamos o fundo escuro do quadro, ressaltando aquilo que é preciso iluminar. A Providência gosta destes contrastes, coloca ao lado do modelo aquilo que não se deve imitar, para destacar o seu valor. O fundo escuro são alguns grupos de aves, tão defeituosas como educadores que contagiam o resto. Citarei quatro espécies: as aves de rapina, os pássaros da noite, o avestruz [autrouche] preguiçoso e o pavão [paon] vaidoso¹⁰.

O discurso começará exatamente com este pano de fundo de exemplos que não se devem imitar. É claro que o contraste apresentado aqui, em forma de fábula, faz alusão à fórmula educacional proposta por Ferry, que Dehon combate em seus outros discursos. Discretamente, o advogado de defesa da educação cristã se faz presente também neste momento.

3 Exemplos de maus educadores

Dehon apresenta quatro exemplos que não merecem ser imitados por qualquer educador: a crueldade das aves de rapina, a irresponsabilidade dos pássaros da noite, a preguiça e grosseria do avestruz, a vaidade e o orgulho agressivo do pavão.

3.1 *Aves de rapina*

A índole “dura e cruel” das aves de rapina, de acordo com Dehon, é transmitida por intermédio de uma educação que abandona os filhotes quando eles ainda necessitariam do cuidado dos pais. É estimulado um clima de competição entre os filhotes e a repreensão dos pais é violenta, utilizando castigos. Neste texto, Dehon descreve, pelo menos três tipos de escolas de sua época. A primeira – que começava a tomar o lugar dos “internatos” onde a educação era dada em tempo integral – é a escola pública, em que os alunos permaneciam

¹⁰ *Ibidem*, pp. 5-6.

apenas uma parte do tempo e o restante não estavam mais sob responsabilidade dos professores. O Colégio São João, por sua vez, era uma escola de tempo integral. O segundo tipo de escola que Dehon deixa transparecer no texto é aquela cuja finalidade era, simplesmente, o aprendizado de uma profissão. Seria o que hoje chamamos de cursos técnicos. Ele critica esta escola por não formar o ser humano como um todo, mas apressadamente o preparar para o competitivo mercado de trabalho. O terceiro tipo de escola que encontramos neste trecho é aquela tradicional, em que a correção da “palmatória” era um recurso didático utilizado sistematicamente.

As aves de rapina como o abutre [vautour] e o gavião [buse] têm uma índole dura e cruel; eles se dedicam à caça, mas somente em alguns momentos do dia. Bem, estes pássaros são tão desprezíveis para a educação porque transmitem seus costumes para os pequenos. Quase todos têm o costume desnaturado de colocar seus filhotes para fora do ninho muito antes que todas as outras aves e, no momento em que ainda necessitam dos cuidados e das ajudas para a sua subsistência. A natureza dos pequenos se ressentem da educação e dos exemplos recebidos. Basta crescerem um pouco e não param de se agitar e de disputar o alimento e um lugar no ninho, de modo que o pai e a mãe, várias vezes, intervêm e os matam, ou batem neles para acabar com a briga. Não há nada nisso que se pareça com nossas famílias? Mas não encontramos outras famílias onde a vida lembra este triste quadro?¹¹

Fica bastante claro, neste texto, que a educação proposta por Dehon passa por outro viés motivacional que a concorrência capitalista, a violência pedagógica ou o típico *laissez-faire*, *laissez-passer* de certas fórmulas modernas em que o aluno é deixado aos seus próprios cuidados. O pedagogo deve, realmente, “acompanhar” seu educando com ternura e vigor. O capítulo dedicado aos castigos é, simplesmente ignorado por Dehon, conforme verificamos na análise de sua leitura de Rollin.

Está presente, neste discurso, um tipo de sociedade idealizado por Dehon; uma civilização do coração. Ele presenciava a ascensão do socialismo e a consolidação do capitalismo. A *Rerum Novarum* havia identificado uma nova polarização ideológica da humanidade. O capitalismo está bem representado nestas aves da rapina diurnas. O que importa é a livre concorrência. Os princípios do liberalismo, assentados sobre a seleção natural, estão descritos neste texto com primor. Os mais fracos acabam morrendo. O que vale é o capital, em detrimento do trabalho e da pessoa humana. Lembremo-nos que ele está discursando para uma “sociedade de ajuda mútua”, ou seja, uma organização de solidariedade,

¹¹ *Ibidem*, pp. 6-7.

no qual a vontade de construir uma sociedade alternativa e de inspiração cristã era muito forte. Os anseios por uma verdadeira fraternidade e liberdade estavam presentes e eram facilmente entendidos pelos ouvintes. A escola idealizada por Dehon deveria estar a serviço da construção desta “nova sociedade”, que estava um passo além do capitalismo e socialismo da época.

3.2 *Pássaros da noite*

Novamente, utilizando os pássaros noturnos de rapina, Dehon critica a educação que opta pelo abandono dos filhos ou dos alunos. Sua insistência inicial é que existe um processo pedagógico no qual é fundamental o acompanhamento e a presença. Ele mostrará como isto pode ser feito nos inúmeros exemplos de pássaros bons educadores.

Os pássaros noturnos, como o mocho [hibou], a coruja [chouette], se caracterizam por seu gosto pela rapina. Querem roubar os ovos e as provisões das outras aves. Pássaros sacrílegos, eles entram em nossas Igrejas do campo para beber o óleo da lamparina do santuário. Bem, estes pássaros amigos da rapina e do roubo são péssimos educadores. Colocam seus ovos a descoberto no buraco de um muro ou sobre as vigas. Não colocam nem ervas nem folhas para recebê-los; não se preocupam em fazer um ninho. Isto não lembra as famílias onde os menores são abandonados e que, privados de toda educação, acabam seguindo o exemplo de seus pais?¹²

Chama atenção o modo enfático como Dehon critica o roubo e o sacrilégio desta segunda categoria de maus educadores. Poderíamos perceber aqui também uma alusão às leis anti-clericais de Ferry, que acabava de expulsar os jesuítas da França e que limitava o acesso das Congregações “não autorizadas” ao ensino. Dehon diz que este tipo de “pássaros” não prepara o ninho para os seus filhotes. De fato, Ferry muitas vezes teve que se defender da acusação de que seu projeto de escola para todos conduzia ao improvisado. Temos exemplos bastante atuais deste tipo de proposta pedagógica, que passa mais pelo idealismo político do que pela reflexão filosófico-educacional. O resultado é um milagre aparente que resolve o problema educacional por meio da simulação de cifras, mas, em sala de aula, o problema continua, às vezes, agravado. Dehon percebe que educação não se improvisa. É preciso

¹² *Ibidem*, p. 7. O mocho é uma espécie de coruja, também conhecida como coruja-de-igreja, ou coruja-católica. No imaginário europeu é símbolo de mau agouro. Em português é sinônimo de tristeza.

“preparar o ninho”. Há em sua noção de Educação Integral esta dimensão de “cuidado” fortemente estabelecida.

3.3 *O avestruz preguiçoso*

Após criticar a anti-pedagogia da crueldade e da irresponsabilidade, Dehon critica a didática do menor esforço.

O avestruz [autrouche] é um pássaro preguiçoso e estúpido. Ele é descrito na Sagrada Escritura pela dureza com seus filhos. Não lhes dá efetivamente nenhum cuidado após o nascimento. Seus pequenos ficam abandonados, privados de toda educação e de todos os benefícios da sociedade; por isso, se tornam tão estúpidos quanto seus pais e mães. Não se encontraria também entre os humanos, famílias onde a preguiça e a apatia mantêm a estupidez e a grosseria?¹³

O avestruz já era conhecido desde tempos muito remotos na Síria, Arábia e Mesopotâmia. Ela faz parte do universo simbólico da Bíblia. No livro de Jó (39,13-18) encontramos uma referência à ostentação, crueldade e estupidez com que trata os seus ovos e seus filhotes: “É cruel com os seus filhotes como se não fossem seus”¹⁴. Esta ave é classificada entre as “aves impuras” no livro do Levítico (11,16). Dehon utiliza claramente a simbologia bíblica do avestruz para insistir em outra face da pedagogia do abandono: a crueldade, a estupidez e a preguiça. Ele critica o educador preguiçoso, que utiliza a lei do menor esforço como se fosse, desta maneira, educar bem os seus alunos. Sua reflexão sempre mostra os efeitos que a opção pedagógica dos pais tem na vida dos filhos. A crítica constante do abandono mostra que, para Dehon, um princípio fundamental da Educação Integral é o “compromisso” com os educandos. É certo que existem muitos “professores-avestruz”, que escondem sua ignorância com uma duvidosa didática construída sobre permanentes reuniões de grupo, leitura de textos e plenários. Esta fórmula, que já começa a dar sinais de cansaço, é bastante cômoda para o professor que não conhece bem a matéria ou que tem preguiça de dar

¹³ *Ibidem*, pp. 7-8.

¹⁴ O texto bíblico de Jó afirma, literalmente: “O Avestruz bate as asas alegremente; com penas de cegonha foge rápido. Entretanto, quando deixa os ovos no chão, a fim de que se aqueçam na areia, esquece-se de que algum pé poderá pisá-los ou que algum animal do campo os venha esmagar. É cruel com os seus filhotes como se não fossem seus e, embora pensando em vão, não o perturba temor algum. Pois Deus o privou de sabedoria e não lhe deu inteligência”. Encontramos outras referências semelhantes ao avestruz na Bíblia, em: Dt 14,15; Is 13,21; 34.13; 43.20; Jr 50,39; Mq 1,8. Todas elas são referências negativas.

aulas. Chamamos este método de “didática do menor esforço”. Infelizmente, percebemos que a crítica mordaz de Dehon é de impressionante atualidade. Há muitos professores que fazem “de conta” que ensinam, enquanto os alunos fazem “de conta” que aprendem.

3.4 *O pavão vaidoso*

A última classe de maus educadores criticada, com típica ironia francesa, por Dehon, é a do “educador-pavão”.

O pavão [paon] é o símbolo da vaidade e do orgulho. Sua vida é fazer pompa. Ele acredita que é o rei da baixa-corte e põe o bico em tudo. Bem, ele abandona muito cedo seus pequenos para ocupar-se com suas pompas e eles, imitando o que viram, logo se tornam vaidosos e agressivos. Não existem muitos pavões em nossas cidades?¹⁵

Ao criticar a pedagogia da vaidade, Dehon sugere que a verdadeira sabedoria se alcança pela via da humildade. Suas imagens antropomórficas poderiam remeter a muitos cidadãos de seu tempo, que eram os “reis-da-baixa-corte”. Pode ser tanto um ministro da educação, com pretensão de ser presidente; ou um novo rico, pequeno burguês; ou ainda um professor que centraliza toda a atenção sobre si mesmo e sobre seu desempenho quase teatral em sala de aula. Há certos professores que estão mais preocupados em ensinar do que em garantir que os alunos aprendam. Seu sistema pedagógico está centrado na “ensinagem” e não na aprendizagem. No fundo, suas aulas se resumem numa demonstração vaidosa de seus conhecimentos. Não é incomum que o nível de suas aulas esteja um pouco além da capacidade de compreensão dos seus alunos, justamente para ressaltar “sua sabedoria”. Há outros que adotam procedimentos demagógicos, criticando com ironia vazia esta ou aquela autoridade para chamar atenção sobre si mesmos.

O professor-pavão é um fenômeno comum nos nossos dias. Parece que Dehon acertou em cheio ao colocar este modelo de “anti-educador” para fechar o grupo dos maus educadores. Mais uma vez, como nas três categorias anteriores, o resultado do “abandono dos educandos” é o estímulo para um comportamento agressivo.

¹⁵ L. DEHON, “Sur l’Education”, p. 8.

Cada uma destas quatro categorias abandona seus filhotes por um motivo próprio. O abutre e o gavião os abandonam para prepará-los para o mundo da concorrência mortal; a coruja os abandona para roubar; o avestruz os abandona por preguiça e ignorância e o pavão por orgulho e vaidade. A crítica transversal que encontramos nas entrelinhas desde discurso é realmente o abandono no qual os educandos se encontram quando seus educadores são cruéis, irresponsáveis, preguiçosos, ignorantes ou vaidosos.

4 Exemplos de bons educadores

Agora vejamos, por contraste, as qualidades dos bons educadores. O abandono é contrastado pela “presença” e a crueldade e grosseria substituídas pela gentileza e sensibilidade. É preservado o “vigor” típico de um bom mestre, mas com a “ternura” de cada uma destas aves nas quais Dehon percebe qualidades de bom educador.

Mas chegamos ao grupo gracioso dos modelos. Aqui tudo é amável e útil. Escolhi cinco espécies: aqueles que são nobres e valorosos, aqueles que são suaves e bondosos, aqueles que são dinâmicos e previdentes, aqueles que são amáveis e amigos do homem, além dos artistas, os delicados, os místicos e os sentimentais.¹⁶

4.1 *Nobres e valorosos*

A primeira qualidade é encontrada na águia, símbolo do vigor. Dehon tinha muitos motivos para nutrir um carinho especial pela águia. Os quatro Evangelhos da Bíblia são tradicionalmente representados por animais. Mateus é representado pelo homem, Marcos pelo leão, Lucas pelo touro e o Evangelho de João é representado pela águia¹⁷. Sabemos que Léon Dehon, seguindo o costume da época, quando professou seus votos religiosos, em 1878, assumiu o nome de *Jean du Cœur de Jésus*. Ele via neste apóstolo o símbolo do amor, que inspirou a fundação da Congregação dos Sacerdotes do S. Coração de Jesus. Não é sem motivo que o Colégio que fundou se chamava *Saint-Jean*. E o informativo do Colégio, que começou a circular já nos primeiros meses de 1878, trazia como título: *L'Aigle de Saint-Jean*.

¹⁶ *Ibidem*, p. 8.

¹⁷ Esta representação é inspirada na visão do Profeta Ezequiel, conforme descrita em seu livro: Ez 1,5-14.

Por essa razão, entendemos perfeitamente a escolha de Dehon em citar o exemplo desta ave logo na abertura da lista dos bons educadores.

A águia [aigle] é a rainha dos ares, ela é o símbolo da força. É nobre, valente, infatigável. Bem, ela sabe ser bondosa para com seus filhotes. Ela lhes dá seu cuidado e os alimenta com dedicação. Eles são serenos e tranqüilos. A águia os leva para a caça e ensina a caçar e não os obriga a ir mais longe, a não ser quando eles são fortes o bastante para fazê-lo com segurança. Alguém despreza estas características?¹⁸

Há também neste trecho do texto, uma espécie de paralelo com o primeiro exemplo do grupo anterior, principalmente o gavião. Se compararmos os procedimentos contrastantes das duas aves, notaremos a proposta pedagógica de Léon Dehon. Ao contrário da crueldade e do abandono para a sobrevivência em um mundo de concorrência desleal, o educador que segue o exemplo da águia é forte, porém bondoso. É valente, porém cuidadoso. O resultado é que os educandos ao contrário de agitados e violentos, se mostram serenos e tranqüilos. Há uma espécie de “princípio de subsidiariedade pedagógica” nos procedimentos da águia com relação aos seus filhotes quando “não os obriga a ir mais longe a não ser quando eles são fortes o bastante para fazê-lo”. A presença do educador subsidia o que falta no educando. Porém, o desejo de que o educando cresça faz com que o educador saibam diminuir o “subsídio” de modo que o outro se torne cada vez mais autônomo.

Esta sensibilidade é fundamental para o adepto da Educação Integral. O professor procura conhecer o caráter do educando, seus limites e possibilidades, segundo a lição que Dehon aprendeu de Charles Rollin. A lição tem a medida da capacidade do aluno. Portanto, estamos diante de um modelo educacional centrado na aprendizagem e não mais na “ensinagem”. O educando é colocado no foco central do processo educacional. O professor ensina não para mostrar que sabe, mas para que o aluno aprenda. Isto, simplesmente, subverte os procedimentos pedagógicos apoiados na vaidade do “professor-pavão”. É preciso, antes de tudo, criar um vínculo de empatia com o aluno. É preciso comprometer-se com ele e conhecê-lo. O centro desta proposta educacional não está no conteúdo a ser ensinado e depois bancariamente cobrado na prova, nem no professor ou na instituição de ensino, com todas as suas estruturas. O centro deste processo é o aluno. Este método é evidente no discurso, porém, nem sempre verificado em nosso cotidiano escolar.

¹⁸ L. DEHON, “Sur l’Education”, p. 8-9.

4.2 *Suaves e bondosos*

Após o vigor, Dehon apresenta uma segunda qualidade do bom educador: a ternura e a bondade. A pomba e a perdiz são os pássaros escolhidos para esta analogia. A pomba é apresentada como aquela que é capaz até dos maiores sacrifícios para salvar sua ninhada. Novamente o refrão de Dehon aparece de modo quase insistente: a pomba nunca abandona seus filhotes.

Outra qualidade que Dehon extrai das pombas é o companheirismo entre marido e mulher na educação dos filhos. Ele falava para casais da “Associação de Ajuda-mútua”. Em um tempo no qual a educação dos filhos era quase sempre tarefa da mãe, a proposta de Dehon soa como “moderna”. A mãe chega a ter que sair do lar para se alimentar e o pai assume o seu lugar, chocando os ovos. Este exemplo poderia ser visto hoje em muitas famílias nas quais a necessidade faz com que a mulher saia para trabalhar e buscar o sustento, enquanto o marido fica em casa com as tarefas do lar, inclusive a educação dos filhos. Se um casal com esta mentalidade amadurecida não é comum nem mesmo hoje, calculemos o impacto destas palavras em 1888, quando as mulheres em geral nem votavam, quanto mais trabalhavam fora. Propor aos maridos as tarefas domésticas parece-nos uma idéia dehoniana muito à frente de seu tempo.

Eis os corifeus da doçura e da bondade, a pomba [colombe] e a perdiz [perdrix]. O apego da pomba à sua ninhada é tão grande, tão constante, que se pode ver como sofre os maiores desconfortos e as dores mais cruéis, porém não os abandona. Uma delas, cujas patas congelaram e caíram porque seu ninho estava muito perto da janela do viveiro, apesar deste sofrimento, continuava seu trabalho até que seus pequenos tivessem nascido. O pai, enquanto a mãe choca, não se afasta dela, e no momento em que, obrigada pela fome, deixa seus ovos para se alimentar, o pai, que ela chamara com um pequeno turturino, toma o seu lugar e choca seus ovos. Ele faz isso duas vezes por dia e durante duas ou três horas cada vez.¹⁹

Chegamos a um dos momentos mais inteligentes e sutis do discurso, sob nosso ponto de vista. A perdiz é apontada como símbolo de companheirismo entre marido e mulher na educação dos filhos. Os dois educam em parceria. Esta solidariedade aparece bem nos “meios combinados” que utilizam para afastar o predador e salvar a cria. Dehon descreve este processo com detalhes bastante vivos.

¹⁹ *Ibidem*, p. 9.

Entre as perdizes, o pai compartilha com a mãe a tarefa de educar seus pequenos. Eles os acompanham juntos, os chamam a todo momento, mostram o alimento que lhes convém e ensinam a procurá-lo escavando a terra. Não é raro vê-los unidos, cobrindo juntos os seus pequenos cujas cabeças saem de todas as partes com seus olhos muito vivos. Muitas vezes se pode vê-los agitando suas asas sobre o cão que ameaça seus filhotes; quanta coragem o amor paternal inspira aos animais mais tímidos. Às vezes, este amor paternal lhes inspira uma espécie de prudência e meios combinados para salvar sua ninhada. O pai foge lentamente arrastando a asa como para chamar atenção do inimigo, correndo o suficiente para não ser apanhado, mas não o suficiente para desanimar o caçador; enquanto isso a mãe leva seus pequenos para longe sem que o caçador escute o mínimo barulho. Que belos exemplos. Ah! se em todas as famílias o pai e a mãe dessem o mesmo cuidado à vida temporal, moral e espiritual de seus filhos.²⁰

A educação não é uma tarefa solitária, mas exige “espírito de corpo”. Existe, hoje, uma espécie de messianismo educacional no qual cada professor se apresenta como o salvador da pátria. Ele seria, finalmente, o primeiro a revelar certas verdades aos alunos, ou salvar a educação do país. O mesmo pode acontecer no plano político, ou das políticas públicas, onde a continuidade, infelizmente, é rara. A Educação Integral é uma construção coletiva, que exige a solidariedade entre os professores, funcionários, dirigentes e alunos de uma Instituição de Ensino. A sugestão de Dehon para os pais serve também para os professores e dirigentes, para que encontrem “meios combinados”. Pensemos, por exemplo, nas reuniões pedagógicas e na construção partilhada dos planos de ensino; das discussões das ementas; do modo como se elabora um currículo; na gestão corporativa do ensino. Tudo isso exige os meios combinados a exemplo do casal de perdizes.

4.3 *Dinâmicos e previdentes*

O terceiro pássaro citado por Dehon com qualidade de bom educador é pouco conhecido no Brasil por não fazer parte de nossa fauna tropical. Porém, o modo detalhado como o autor descreve este pequeno pássaro é suficiente para entendermos sua metáfora pedagógica. O bom educador é alguém dinâmico e que prepara bem suas lições. Estas são duas das primeiras críticas que um aluno faz a seus professores: quando é “muito parado” e “não preparou a aula”. Dehon mostra que a estatura pequena do pássaro não é proporcional à sua capacidade de realização. Seu ninho enorme lembra o acervo didático do bom professor

²⁰*Ibidem*, p. 9-10.

que reúne livros, apostilas, gravuras, pequenos textos etc. Ele possui os recursos necessários para uma boa aula.

Mas eis aqui outro modelo, maravilhosamente dinâmico e providente, é o melharuco [mésange], o hóspede gracioso dos nossos bosques. O melharuco está sempre em atividade, sempre em movimento. É ele que, entre os pássaros, educa a família mais numerosa. Trabalha dia e noite, sem descanso. Para ele, todos os alimentos são bons: ervas, grãos, insetos. Constrói um ninho bem grande para a sua pequena estatura. Ele transporta grandes quantidades de ervas finas, espumas, algodão, lã, plumas e penugem, tudo o que encontra. Ele tem uma coragem intrépida e uma atividade infatigável. E o que é raro entre os pássaros, não se preocupa somente com aquilo que lhe falta agora, mas reconhece também a época, as estações. Tem sempre perto do seu ninho um lugar repleto de provisões; é um pequeno capitalista. Será um colaborador da caixa de ajuda-mútua quando isto for instituído entre os pássaros.²¹

O melharuco é utilizado como exemplo para a sociedade de “mutualidade” que está ouvindo o discurso de Dehon. A “caixa de ajuda-mútua” era uma espécie de fundo comum, em sistema de cooperativa, com o qual todos os membros da sociedade colaboravam, e que servia para ajudar aqueles que mais necessitassem, ou a construir a casa de quem não a tivesse. Hoje esta idéia de “economia solidária” é adotada por ONGs com ares de novidade. Na verdade, esta educação popular para a administração financeira já é refletida por Dehon em seu discurso centenário.

4.4 *Amáveis e amigos*

Uma quarta qualidade do bom educador depois do vigor, ternura, dinâmica e providência, é a amizade. A andorinha é um dos pássaros utilizados para esta analogia. Dehon distingue amizade de “amabilidade”. A andorinha se faz amar, principalmente pelos pobres. O bom educador não é apenas aquele que ama seus alunos, mas que é amável com seus alunos. A diferença é muito grande, pois não basta amar, é preciso se fazer amar, ou seja, tratar os alunos de tal modo que eles se lembrem dele durante toda a vida e o estimem como um bom mestre. A dedicação da andorinha e seu trabalho em equipe na construção de ninhos é

²¹ *Ibidem*, pp. 10-11. A *mésange*, típica da fauna européia, é normalmente traduzida em português como *melharuco* ou *abelheiro*. Cf. R.A. CORREA, *Dicionário Escolar Francês-Português*, p. 376. Trata-se de um pequeno pássaro que se nutre de insetos, sementes e frutas. Seu nome científico é *Parus caeruleus*. M. LEGRAIN, *Le Petit Robert*, p. 918.

elogiada por Dehon como qualidade que se espera do bom educador. Novamente existe aqui uma referência explícita ao trabalho da sociedade de ajuda-mútua na construção das casas para os pobres.

Um grupo particularmente amável, é aquele dos amigos dos homens: por exemplo, a andorinha [hirondelle]. Ela não gosta de ficar longe de nós. Faz seu ninho em nossas janelas e nunca nos bosques. Busca, com preferência, a casa do pobre como para pregar-lhe, com insistência, a confiança na Providência. Como ela é também dinâmica e dedicada aos seus pequenos! Ela rapidamente constrói seu ninho com um cimento duro que carrega na ponta de suas asas. Não precisa mais do que oito horas e, coisa notável e única, a andorinha é ajudada neste trabalho por várias companheiras. É a Sociedade de Ajuda-mútua entre os pássaros²².

Utilizando a pastorinha, exemplo de um pássaro muito conhecido dos pastores e cuidadores de rebanho, Dehon elogia uma forma de atividade pastoral muito difundida em sua época: a visita aos pobres em suas casas para levar amizade e ajuda material. Os vicentinos exercem esta atividade até hoje. Certamente esta prática já era realizada pela Sociedade de Ajuda-mútua, que escutava o discurso de Dehon.

Outra amiga do homem é a pastorinha [bergerette], o pássaro que acompanha nossos pastores e nossas ovelhas, a alegria, a recreação dos humildes pastores e, às vezes, do chefe do rebanho porque adverte com seus gritos a aproximação do lobo e da ave de rapina. Ela faz seu ninho nos sulcos do campo e dá a seus pequenos este exemplo de apego ao homem. Que belo símbolo dos piedosos visitantes e visitantes que levam o consolo aos pequenos e aos pobres.²³

4.5 *Artistas, delicados, místicos e sentimentais*

O quinto grupo de qualidades boas, indicadas por Dehon, é apresentado por uma série de dez pássaros. É o final da parte central de seu discurso. Após esta lista, ele partirá para a aplicação prática, onde revela o pré-texto do seu discurso educacional. Veremos brevemente cada um destes pássaros separadamente, mesmo porque alguns não fazem parte da fauna tropical brasileira.

Eis aqui agora os artistas, os cantores piedosos ou profanos. Apresento a toutinegra [fauvette] sempre alegre, viva, atenta e ligeira. É o hóspede mais

²² L. DEHON, “Sur l’Education”, p. 11.

²³ *Ibidem*, p. 12. A *bergerette*, é conhecida em português como *pastorinha*. Cf. R.A. CORREA, *Dicionário Escolar Francês-Português*, p. 73.

amável de nossos jardins. Que exemplo de apego ao homem ela dá aos seus filhotes! Não parece ter um coração humano? Sua voz afetuosa, seus pequenos gritos e suas batidas de asas exprimem atenção e reconhecimento. Seus filhotes são excelentes alunos. Se conseguem ouvir o rouxinol, aperfeiçoam o seu canto e disputam com seu mestre.²⁴

A toutinegra, ou *fouvette*, como é popularmente conhecida na França, é um pássaro tipicamente europeu. Está presente nos jardins e possui um canto bastante típico. Uma das suas características é esta capacidade de aprender o canto de outros pássaros, como o rouxinol. Dehon a indica como exemplo de educador e não ao rouxinol. O importante não é ter apenas um belo canto, mas a capacidade de aprender. Esta é uma característica do bom educador: não bastam os dotes naturais; é necessário abertura aos novos conhecimentos. Ele não se fecha em suas certezas, ainda que belas e verdadeiras.

O melro [merle] é também um dos nossos amigos mais agradáveis. Assobia para nos entreter. Ele tem o sentimento paternal muito desenvolvido e se alguém se aproxima para mexer em seus filhotes, ele vai direto aos olhos do agressor para cegá-lo com suas bicadas.²⁵

O melro é nosso conhecido na fauna brasileira. Assim como fez com a toutinegra, Dehon elogia a arte do seu canto e também o seu sentimento paterno, capaz até de certos gestos carregados de ira quando se trata de defender a ninhada. O compromisso do educador com seus educandos exige, em alguns momentos, o que o poeta chamou de “ira santa”. Movido por certa indignação diante, por exemplo, de alguma injustiça, o educador assume o compromisso de defender seus educandos. Hoje, isso se verifica de modo bem concreto na questão do narcotráfico, que tem como alvo o pátio de muitas escolas. Dehon faz esta síntese de atitudes contrastantes no educador. O mesmo artista, dono de um belo canto, é capaz de militância. Vigor e ternura encontram aqui, mais uma vez, a síntese no educador integral.

O amável pintassilgo [chardonneret] é um pai de família modelo. É de uma assiduidade irrepreensível para cumprir seus deveres de chefe de família. Ajuda a mãe a construir o ninho. Bom trabalhador, ele leva regularmente o alimento para casa durante a chocada e durante a educação dos pequenos.²⁶

O pintassilgo, também conhecido na fauna brasileira, é visto por Dehon como exemplo de assiduidade. Esta é uma qualidade importante para o educador: a regularidade, a

²⁴ L. DEHON, “Sur l’Education”, pp. 12-13. A *fauvette*, típica da fauna européia, pode ser traduzida em português como *toutinegra*. Cf. R.A. CORREA, *Dicionário Escolar Francês-Português*, p. 376. Trata-se de um pequeno pássaro silvestre com canto intenso. M. LEGRAIN, *Le Petit Robert*, p. 567.

²⁵ L. DEHON, “Sur l’Education”, p. 13.

²⁶ *Ibidem*, p. 13.

constância. Existem professores que vivem de grandes e raros momentos. São aqueles que dão uma lição inesquecível no primeiro dia de aula, mas a partir da segunda semana começam a faltar nas aulas, trocar horários e mandar recados aos alunos, por meio da secretaria, de que devem se ocupar com um texto qualquer. Segundo Dehon, o educador integral deve ser assíduo no cumprimento de seus deveres.

A gralha [pie], a própria alegre Margot, não é uma madrasta. Ela constrói um sólido ninho com gravetos, o esconde entre as ramagens e o reveste internamente como um colchão suave e quente. Seus olhos vigiam sem cessar sua ninhada e, se necessário, a defende contra o corvo [corneille], o falcão [faucon] e até a águia. Ela educa os seus filhotes com dedicação e cuida deles por um longo tempo. Que belos exemplos de trabalho e dedicação nos deixou o Criador.²⁷

A gralha, no texto de Dehon, tem o mesmo nome que recebe nas fábulas de La Fontaine: *Margot*²⁸. Com este exemplo termina o grupo dos “artistas”. A arte da gralha está no cuidado com que constrói seu ninho. Até o aquecimento é pensado. Dehon teve que reconstruir duas vezes seu colégio, tomado pelo fogo e destruído pela guerra. Seu cuidado com a arquitetura faz parte de sua noção de educação. Não se pode educar em qualquer lugar. É preciso pensar o currículo oculto nas paredes e jardins das escolas. O modo como se constrói o “ninho” pode contribuir ou ser um obstáculo para a Educação Integral. Muito calor, falta de ventilação ou claridade, cores, concepção do espaço, devem se cuidadosamente considerados.

Eis agora os pássaros mais delicados. O beija-flor [l’oiseau-mouche] é a jóia da criação. É gracioso, rápido, elegante. A esmeralda, o rubi e o topázio brilham sobre suas asas. Vive sobre as flores, se alimenta de néctar e habita somente nos climas em que as flores se renovam sem cessar. Seu corpo é pequeno como o de uma abelha. Ele faz seu pequeno ninho na folha de uma laranjeira. Este ninho é fortemente tecido de fino algodão e de fibras sedosas; é delicado e liso como a superfície de uma luva. A mãe, para alimentar seus pequenos, lhes dá sua língua cheia de mel e açúcar tirados das flores. Nunca se pôde criá-los em viveiro por não se encontrar nada delicioso o bastante para alimentá-los.²⁹

²⁷ *Ibidem*, p. 13.

²⁸ É conhecida a fábula de La Fontaine: “A águia e a gralha”, que começa com estas palavras: “L’Aigle, Reine des airs, avec Margot la Pie, différentes d’humeur, de langage, et d’esprit et d’habit, traversaient un bout de prairie”. No Brasil a tradução e adaptação das fábulas de La Fontaine foi publicada por: S. BARALDI – R. GUARNIERI, (adapt.). *As mais belas fábulas de La Fontaine*. São Paulo: Paulinas, 2001.

²⁹ L. DEHON, “Sur l’Education”, pp. 13-14.

O beija-flor é escolhido por Dehon pela sua “delicadeza”. É um trecho do discurso de rara beleza. Esta é uma característica sutil do bom educador. Ele é delicado. Nem sempre os educadores estão atentos ao modo como suas palavras podem impactar para sempre a vida de um aluno. Não é incomum perceber trocas de indelicadezas entre alunos e professores. Para Dehon, a boa educação, passa por pequenos gestos que fazem grande diferença. Muitas vezes este exemplo, presente nas atitudes de um professor, fala mais do que todas as suas sábias palavras. Alguns educadores pensam que devem evitar ser delicados com os alunos, pois poderiam perder a autoridade. Por isso, economizam no sorriso e na gentileza. Preferem a pedagogia do medo, da ameaça e do grito. Dehon mostra, nesta fábula, que o bom educador mantém a empatia com os alunos através de atitudes educadas. Ele é, muitas vezes, apontado por seus ex-alunos como um homem gentil. Sabia cativar os educandos com pequenos gestos de cordialidade. Essa pedagogia do afeto é marcante na vida e nas palavras de Dehon.

O colibri [colobri] não é menos gracioso. Um missionário conseguiu criar alguns, alimentando-os com um patê feito de biscoitos e de vinho da Espanha. Escutavam sua voz e vinham em quatro sobre seu dedo para receber a apetitosa comida.³⁰

Conhecemos o colibri na fauna brasileira. Chama atenção a alusão ao missionário espanhol. Dehon não faz muitas citações deste tipo eclesiástico em seu discurso. Em nenhum momento cita trechos de documentos da Igreja ou mesmo de discursos do Papa, que conhecia e admirava. Prefere uma linguagem aberta. A citação do colibri é apenas para ressaltar uma nuance da delicadeza, que é a mansidão. Uma pessoa delicada é capaz de relacionar-se com equilíbrio. Há professores que assustam os alunos. Ninguém os procura fora do horário de aula para fazer uma consulta. Mesmo durante a aula, há professores que são tão “ariscos” que raramente um aluno se “arrisca” a fazer alguma pergunta. Ao contrário, o professor-colibri, tem sempre os alunos ao seu redor. Alguém que conseguiu encantar seus educandos poderá avançar para as lições mais áridas. Vemos aqui que o sabor é o princípio do saber. Há professores que, sistematicamente, tornam o conhecimento sem sabor, como se o prazer fosse alguma forma de “pecado”. O professor da Educação Integral será alguém que encanta pelo sabor, ao mesmo tempo em que conduz ao saber.

A ave do paraíso [l’oiseau de paradis] é totalmente vestida de seda, de veludo, e de iluminuras. Ela alimenta seus pequenos com orvalho e ervas

³⁰ *Ibidem*, p. 14.

aromáticas. Busquemos também nós delicadamente os alimentos espirituais para nossos filhos, cuidando que não ouçam ou leiam nada que não seja puro, elevado e apto para fazer deles pessoas de fé e de bem.³¹

Esta ave do paraíso é conhecida de nossos zoológicos. Ao contrário do pavão, Dehon não a vê vaidosa com sua beleza. Ao citá-la, o autor chama atenção para outra nuance da delicadeza que é a preocupação de selecionar a qualidade das informações que chegam aos alunos. Hoje, em tempos de Internet, isso seria um ideal aparentemente impraticável. Porém, na Educação Integral é preciso haver uma reflexão sobre a forma e os critérios de seleção das informações que chegam aos alunos. Não se trata propriamente de censura, porém, é necessário avaliar criticamente, por exemplo, a qualidade dos livros didáticos. Alguns transmitem preconceitos raciais e, até mesmo, informações históricas erradas ou distorcidas. Algumas informações sobre as religiões são tão estereotipadas e distorcidas que acabam por alimentar pré-conceitos.

Eis aqui, finalmente aqueles que se pode chamar de místicos e sentimentais. A cotovia [alouette] é um pássaro eminentemente francês. Os antigos romanos a tinham como proveniente da Gália. Ela é fina, viva, espiritual, debochada. É alegre e naturalmente religiosa. Seu canto sempre foi considerado como uma prece. Ela é generosa e dedicada. Se alguém coloca uma jovem cotovia perto de uma ninhada que foi capturada, ela é tomada de afeição pelos órfãos, cuida deles, aquece-os com suas asas, alimenta-os e não se esquece deles.³²

A cotovia também é nossa conhecida, apesar de Dehon considerá-la um pássaro eminentemente francês. Na verdade, ele se utiliza da conhecida *alouette* para definir algumas características que julga típicas do espírito francês, que considera, entre outros pontos, naturalmente religioso. Percebemos novamente o advogado de defesa da educação cristã retratar, com força, a alma católica da França. Para além deste aspecto claramente apologético do texto, existe aqui um retrato dos contrastes que caracterizam o jeito francês de ser. Dehon é, sem dúvida, um patriota ufanista. Ele utiliza o caráter místico que vê na cultura francesa para elencar esta como uma das qualidades desejáveis de um bom educador. É relevante esta ligação que Dehon faz entre mística e sentimento. Coloca as duas qualidades do educador

³¹ *Ibidem*, p. 14.

³² *Ibidem*, p. 15. A *alouette*, pode ser traduzida, em português, como *cotovia* ou *calhandra*. Cf. R.A. CORREA, *Dicionário Escolar Francês-Português*, p. 31. É um pequeno pássaro do campo, com plumagem parda. Seu nome científico é *Alauda arvensis*. M. LEGRAIN, *Le Petit Robert*, p. 40.

juntas. Lembremos que ele tem como núcleo de sua mística o Coração de Jesus. Considerado este fator, o exemplo da mística e sentimental cotovia faz todo o sentido.

O pisco-de-peito-ruivo [bouvreuil] tem um verdadeiro instinto de dedicação. Ele se apega de tal maneira ao homem que parece ter uma alma sensível. Ele aprende, para nos agradar, a cantar, a falar, a dar às suas frases uma entonação penetrante. Alguém notou que ele reconheceu, depois de um ano, a pessoa que o havia educado. Outros, obrigados a abandonar seu mestre acabaram morrendo de desgosto. Em uma ninhada de órfãos, alguém percebeu como os maiores, que já sabiam alimentar-se sozinhos, alimentavam os menores que não sabiam ainda.³³

Se quiséssemos reescrever este discurso de Léon Dehon, com sabor tropical, certamente substituiríamos o francês *bouvreuil*, pelos nossos típicos papagaios. De fato, entre nós, é a ave que aprende a falar e que até parece ter um “espírito humano”. Dehon faz questão de destacar a “memória” deste pássaro. Na educação que encontrou a via do reencanto, o bom mestre é sempre lembrado. Este é um teste infalível para saber se a educação foi ou não integral.

O pelicano [pélican] é, como se sabe, o símbolo do sacrifício. Ele se priva de seus alimentos e os retira da sua bolsa de reserva que tem debaixo do seu bico para alimentar a seus pequenos. Isto fez com que se dissesse que ele os alimenta com seu sangue. Sua dedicação vai até o sacrifício e o heroísmo.³⁴

O último pássaro, assim como o primeiro (a águia), tem um denso significado simbólico no discurso de Dehon. O pelicano é apresentado na categoria dos pássaros místicos e sentimentais. Mas, neste caso, a síntese destas duas qualidades encontra seu ponto de convergência na capacidade de sacrificar-se pelos educandos. O pelicano no imaginário religioso, sempre foi símbolo do sacrifício de Jesus Cristo. Ele é apresentado na mitologia como uma ave que é capaz de perfurar o próprio peito para dar seu sangue em alimento para os filhotes. Dehon faz alusão à origem natural deste mito. O fato é que esta ave é representada em muitas igrejas, neste gesto de sacrifício, para simbolizar o episódio bíblico em que o lado de Jesus, morto na cruz, é perfurado pela lança de um soldado (cf. Jo 19,33-37). O evangelista João dá grande destaque ao fato, como modelo de entrega total. Dehon encerra sua lista de qualidades voltando novamente o olhar para seu modelo, Jesus Cristo, em seu gesto de doação. Poderíamos aprofundar aqui uma Pedagogia da Dádiva, como elemento fundamental numa Educação Integral.

³³ L. DEHON, “Sur l’Education”, p. 15. O *bouvreuil*, é traduzido em português como *pisco*. Cf. R.A. CORREA, *Dicionário Escolar Francês-Português*, p. 86. É um pequeno pássaro de plumagem negra e cinzenta com o peito avermelhado. Seu nome científico é *Pyrrhula pyrrhula*. M. LEGRAIN, *Le Petit Robert*, p. 185.

³⁴ L. DEHON, “Sur l’Education”, pp. 15-16.

5 Aplicação prática

Ao final do seu discurso sobre educação, Dehon faz a aplicação prática. Somente este aspecto já denota um procedimento didático. Ele sempre parte do concreto e volta para a realidade. Tem um método que não é exclusivamente indutivo ou dedutivo. É uma espécie de círculo hermenêutico que reflete sempre a partir do compromisso com a mudança da realidade. É uma pedagogia transformadora. Outro detalhe que apareceu durante todo o discurso e retorna neste grande final é a fórmula construtivista expressa nas estratégicas perguntas feitas ao interlocutor ao final de cada módulo de reflexão. Ele convoca o ouvinte a se posicionar. Não é uma aula “neutra”.

Agora que descrevi em, um quadro completo, os graciosos educadores formados pelo autor da criação, vocês já escolheram alguns modelos dentre eles? Ah! vossa escolha, sem dúvida, não será exclusiva. Vocês irão querer compor seu ideal com todas estas diferentes virtudes que passaram diante dos olhos. A dignidade e a bondade, o dinamismo e a ternura, a piedade, a delicadeza e a dedicação. Vocês desejarão reunir todas estas qualidades diferentes na educação, como a abelha junta o perfume das flores.

O poeta não disse a propósito da educação de uma criança: “Eu gerei esta jovem alma como a abelha faz seu mel”. Vocês certamente desejarão descartar todos os procedimentos de uma má educação. Ah! descuidar da educação dos filhos seria preparar sua desgraça e a deles. Seria prestar a si mesmo e à pátria o pior serviço.³⁵

O primeiro parágrafo do texto mostra explicitamente a dinâmica de Dehon de propor uma síntese original de virtudes para cada educador. O segundo parágrafo repete uma das idéias que já se encontrava em seu discurso inaugural e é uma de suas convicções mais profundas: educar é gerar o educando em sua própria alma. Ele acredita que na relação pedagógica verdadeira há algo que passa de alma, para alma entre educador e educando.

Vocês conhecem a história de Dionísio, o tirano, rei da Sicília? Um dia, ele fez prisioneiro o filho de Díon, seu inimigo. Vocês pensam que ele o matou? Nada disso. Foi ainda mais cruel. Ele o confiou a educadores encarregados de corrompê-lo e de deixá-lo viver segundo seus caprichos e paixões. Quando este jovem homem tornou-se escravo de seus sentidos e de sua cobiça, o tirano o devolveu a seu pai. O pai, desolado, tratou de confiá-lo a

³⁵ Todo o trecho desta Aplicação prática está em: L. DEHON, “Sur l’Education”, pp. 15-19.

mestres cheios de sabedoria, mas foi impossível recuperá-lo e ele se tornou o desgosto de sua família e de sua pátria. Assim fazem, sem dúvida, aqueles que, iludidos por suas vãs teorias, pretendem dar à França uma juventude sem Deus.

A conhecida história de Dionísio, lembrada por Dehon neste segundo trecho de sua aplicação prática mostra que educar mal é mais cruel que matar. Aqui ele está criticando explicitamente o sistema de educação das “Escolas Neutras”, propostas pela reforma de Ferry. Este aspecto aparece, com todas as letras, na frase: “Assim fazem, sem dúvida, aqueles que, iludidos por suas vãs teorias, pretendem dar à França uma juventude sem Deus”. Esta pequena frase é um princípio final que nos ajuda a compreender todo o seu discurso metafórico. Esta é a grande e permanente crítica de Dehon. Ele está convencido de que não se pode educar bem prescindindo da experiência religiosa.

Se você quer colocar a serviço de seus filhos todo o seu trabalho e previdência, você economizará quando isso for possível como faz o melharuco [mésange]. A previdência é a força das famílias assim como das nações. Mas não se esqueça que a previdência apenas completa as provisões espirituais. Ter economias, é bom, mas com virtude e fé. Sem dúvida que as nações precisam de arsenais com munição e de celeiros com alimentos, mas especialmente necessitam da força moral que dá a coragem e a disposição para o combate. O celeiro onde se guarda esta força é a Igreja, é a Escola Cristã, é o Círculo Católico, são as associações cristãs. Mas de nada serviria a uma nação ter homens e armas, se não tivesse fé e esperança.

Neste trecho, Dehon repete a mesma defesa da “provisão espiritual”, porém, com argumentos positivos. Ele está diante de uma associação que tinha como finalidade reunir recursos para suprir carências materiais. Lembra a importância de valores espirituais como a força moral, a fé e a esperança.

Se você quiser ser delicado como estes pequenos seres que descrevemos, deve velar sobre as leituras e os relacionamentos dos seus filhos e educar suas almas o quanto puderem na direção do ideal. Deve saber recordar a eles, várias vezes, que a honra e a virtude estão acima dos prazeres materiais, como aquela nobre viúva de Vendée que, tendo que premiar seu sobrinho, um jovem e bravo estudante, lhe apresentou em uma das mãos uma moeda e na outra uma cruz de São Luís, que seu avô usava durante o combate de Quiberon, cuja fita branca ainda estava manchada de sangue. Ela lhe dizia: “Você escolhe ter a moeda ou beijar esta cruz?” O jovem, superando a cobiça própria de sua idade e, enxugando uma lágrima, vendo essa cruz gloriosa, beijou a relíquia da honra. O poeta exprimia o mesmo pensamento quando dizia a uma criança para estimular sua virtude: “A cruz de teu pai é aquela que te guarda, cruz do velho soldado morto na batalha”.

Em uma terceira defesa dos valores místicos, Dehon utiliza uma história popular para mostrar que um jovem bem educado sabe escolher entre valores simbólicos e materiais. Sua escala de valores ultrapassa os critérios da mera cobiça.

A Igreja pede que sejamos educadores nobres, dedicados e delicados. É o seu ensino de todos os dias. Eis um exemplo diante de nossos olhos. Conta-se que Dom Datilly, antigo bispos de Orange, caminhando um dia por sua cidade episcopal, escutou gritos de uma criança cuja mãe não estava em casa. Quando ela regressou, se surpreendeu. Ele disse suavemente: “Senhora, cuide bem deste menino, quando ele tiver a idade da razão, inspire a ele o amor e o temor de Deus, pois só isso pode dar a felicidade a vocês dois”.

Portanto, vamos dedicar todo cuidado à educação dos filhos, mas sem esquecer-se de edificá-los ao mesmo tempo em que os instruímos. O exemplo vale mais que o conselho. Conhecemos o provérbio francês que diz: *Leçon commence, exemple achève*.

Antes de encerrar seu discurso, Dehon ainda lança mão de um quarto argumento para colocar sua ênfase na defesa da educação segundo o ideal cristão. Neste exemplo, ele retoma um tema que atravessou todo o seu discurso: abandono e presença.

O último parágrafo distingue educação de mera instrução. Dehon demonstra que uma educação ideal deve ser realizada com exemplos de vida e não apenas com piedosos conselhos. O ditado francês que utiliza para encerrar seu discurso poderia ser traduzido livremente da seguinte maneira: “A lição é um bom começo, mas apenas o exemplo leva à perfeição”. Conhecemos um ditado popular semelhante, em português: “As palavras comovem, os exemplos arrastam”.

CAPITULO VIII

O conceito de Educação Integral em Léon Dehon

Nesta espécie de epílogo conclusivo, ensaiaremos, uma síntese da visão educacional de Léon Dehon, em torno da idéia de Educação Integral. Não há em sua obra uma teoria sistematicamente organizada a respeito do assunto. Porém, a leitura situada de seus discursos permite deduzir um princípio-fonte que pode nos ajudar a repensar a educação em nossos dias. Dehon conseguiu encantar seus alunos. Sua postura de educador ficou marcada em suas vidas. Seus acertos merecem ser revisitados. Veremos sua pedagogia do concreto e sua educação afetiva, sua síntese entre ternura e vigor, inteligência e coração, pessoa e sociedade, simplicidade e profundidade, mística e militância, ciência e fé, ser e fazer, humor e amor, local e universal. Seu discurso pode ser atualizado, utilizando a reflexão de tantos autores que pensaram a Educação Integral. Nosso propósito, neste capítulo é, a partir de Dehon, esclarecer alguns fundamentos filosóficos desta forma de conceber a educação.

Após ensaiar a síntese do ideário pedagógico de Léon Dehon, verificaremos alguns referenciais teóricos notáveis sobre Educação Integral. Este procedimento nos permitirá avançar na construção deste conceito, agregando a ele a contribuição de Léon Dehon. Com esta “visão educacional” esclarecida e fundamentada, estaremos mais do que preparados para formular a “missão institucional” de uma Instituição de Ensino Superior que pretenda inspirar-se naquela visão. Portanto, através deste capítulo nos propomos a responder as questões fundamentais que foram colocadas no início desta tese.

1 O ideário pedagógico dehoniano

1.1 *As palavras de um ex-aluno e sucessor*

Durante nossas pesquisas nos Arquivos Dehonianos, encontramos um precioso texto escrito por Albert Delloue. É possível que seja o testemunho mais antigo, importante e qualificado sobre Dehon educador. Trata-se de um discurso pronunciado na festa do cinquentenário de fundação do Colégio São João, no dia 20 de julho de 1927, quando foi inaugurado um busto de León Dehon¹. Delloue foi aluno de 1877 a 1880, prefeito de estudos e, finalmente, diretor de 1892 a 1914. Foi também sacerdote da Congregação de Dehon e, depois, Cônego da Diocese de Soissons. Portanto, acompanhou muito de perto todo o arco da história educacional de Dehon.

Delloue inicia seu discurso tecendo a memória histórica da instituição, quase repetindo os fatos da maneira como Dehon costumava fazer, principalmente na “Distribuição de Prêmios” e nas Assembléias de Antigos Alunos. Ele narra que Dehon era admirado na cidade pelo prestígio de sua família na região, por seus quatro doutorados, por suas viagens ao Oriente, sua ação social e pela fundação do Círculo e do Patronato São José. Afirma que o momento da fundação ainda era favorável, porém tudo mudou rapidamente nos anos seguintes. Sabemos que o próprio Delloue viveu uma grande dificuldade econômica no Colégio como diretor, na passagem do século.

Descreve, com detalhes, a constituição do corpo docente; as construções; os primeiros alunos; a fundação do jornal do colégio: *L'Aigle*, as festas, principalmente a de São João, a maior de todas, e o onomástico de Dehon, São Leão Magno, celebrado com uma excursão, na primavera²; a prova que significou o incêndio em 1881, e a prosperidade que se seguiu, com um número médio de 270 alunos; os êxitos dos estudantes nos exames de admissão ao bacharelado, sempre acompanhados com certa ansiedade e alegria por Dehon.

¹ Cf. A. DELLOUE, “Discours”, in *L'Aigle de Saint-Jean* (dezembro 1927) pp. 8-22.

² A festa de São João era celebrada todos os anos no dia 27 de dezembro. A festa de São Leão Magno era um verdadeiro marco na região e podia durar até uma semana, com passeios, atividades literárias e artísticas no Colégio. Delloue se recorda, em particular, desta festa marcada com uma excursão, a Noyal, em 11 de abril de 1878. Cf. A. DELLOUE, “Discours”, p. 13.

De acordo com Delloue, o sucesso da instituição se devia ao fato da necessidade que os católicos sentiam de uma obra do gênero, mas, principalmente, às qualidades pessoais de Dehon. Ele o descreve como um homem de inteligência brilhante e fino trato; um ar inicialmente um pouco distante que logo dava lugar à bondade e à capacidade de atrair as pessoas e de confiar em seus colaboradores, mesmo os menos dotados de carisma. De acordo com este testemunho, Dehon, “com vasto espírito e grande coração”, não criava problemas com pequenas dificuldades de disciplina escolar: “Seu método de direção era baseado na confiança recíproca. Ele dava bastante liberdade”³. Um dos exemplos desta liberdade era a possibilidade de sair para visitar os pobres, sob a coordenação da Conferência São Vicente de Paulo. Estas visitas aparecem registradas em *L’Aigle*, ao lado dos trabalhos literários dos alunos. Em seu testemunho, Delloue coloca em contraste a pedagogia do medo e da punição de alguns professores – que estimulavam os alunos pelo castigo e pela severidade – com a pedagogia do afeto e da confiança de Dehon, que valorizava o relacionamento, a amizade, o afeto e a cordialidade.

Em seu testemunho, Delloue revela que “foi se iniciando” na direção geral do colégio no ano acadêmico de 1892-1893, pois Dehon desejava que outro a assumisse para que ele pudesse se dedicar mais à Congregação. Porém, em 1893, quando deixou o Colégio, quem assumiu a direção, por mandato do bispo, Dom Duval, foi C. Mercier⁴. Este era um ótimo prefeito de disciplina, porém sua rigidez e o “pouco tato”, como conta o testemunho de Delloue, o fizeram renunciar em 1896. Foi, então, nomeado para o Patronato São José, e Delloue assumiu efetivamente a direção do Colégio, por sugestão do próprio Dehon. As palavras de seu testemunho mostram bem este componente delicado do universo educacional que é a passagem de um cargo de direção:

Era arriscado e imprevisto ou, ao menos prematuro, visto a pouca experiência pedagógica que podia ter adquirido nestes quatro anos. Não obstante, acreditei que devia aceitar, até porque era o único superior indicado. Confiava na Providência, como um homem que se joga na água para aprender a nadar, segundo as palavras do vigário geral Cardon⁵.

³ A. DELLOUE, “Discours”, p. 12. “M. Dehon, vaste esprit e grand cœur, ne s’embarassait guère des petites difficultés de discipline scolaire. Sa méthode de direction reposait sur la confiance réciproque. Il nos laissait beaucoup liberté”.

⁴ Dehon permaneceu, porém, como “diretor legal” até 1896. Portanto, esse regime provisório durou três anos. Neste tempo Dehon passava um dia por semana no Colégio. Cf. A. DELLOUE, “Discours”, p. 15.

⁵ A. DELLOUE, “Discours”, p. 15.

Delloue segue narrando a história do Colégio sob sua direção. O sucesso do início; a dificuldade de encontrar professores; as dificuldades econômicas sempre crescentes; a proibição do ensino aos religiosos, em 1904, e seu impacto sobre o corpo docente do Colégio. Delloue descreve, com especial ênfase, o que significou, para ele e para o Colégio, a ausência definitiva de Dehon. A partir de sua análise, grande parte do sucesso do início se devia a um *carisma pessoal* que era capaz de conseguir recursos financeiros e soluções inusitadas para a maior parte dos problemas. Ele sentiu que não podia substituir uma pessoa com estas qualidades. Diminuíam consideravelmente o número de alunos. Delloue procurava resolver a situação, assumindo a maior parte dos encargos como superior, ecônomo e professor de diversas disciplinas. Dizia a si mesmo: “Esta obra de educação foi querida por Deus; tem seu objetivo claro e necessário em uma grande cidade como Saint-Quentin; a mantereí e sustentarei até meu último suspiro. A Providência me ajudará”⁶. As coisas começaram a melhorar quando, a partir de 1908, a Diocese de Soissons começou a enviar outros sacerdotes para trabalharem colegialmente na coordenação do São João. A dificuldade naquele momento era trabalhar em unidade. A Diocese acabou assumindo integralmente as finanças da obra, porém, ao perceber a dificuldade real, todos se retiraram e, novamente, Delloue permaneceu sozinho a partir de 1913, até que foi socorrido por Dehon, que teve a idéia, juntamente com os antigos alunos, de formar uma Sociedade Imobiliária, que acabaria por se tornar a proprietária do Colégio⁷. A Diocese seria responsável pela direção geral e pela escolha dos professores. É nesta ocasião que a direção passa para o Cônego Rouchaussé. Delloue narra, com detalhes, os tempos da Guerra, que praticamente destruiu o Colégio e um novo socorro de Dehon, dispondo Falleur para reconstruir as paredes da obra.

O final do seu testemunho apresenta o contraste entre os ideais do ensino oficial e da educação cristã. A primeira, negativa e materialista, “não considera mais do que a vida neste mundo que passa, esquecendo o nosso destino eterno e os meios para chegar lá”. A segunda tem como fundamento da educação “a idéia religiosa levada todo momento à prática”⁸. Delloue se mostra confiante no futuro da obra, afirmando que Deus, que a sustentou até nos

⁶ A. DELLOUE, “Discours”, p. 18.

⁷ A partir de 1913, portanto, a gestão do Colégio passou a ser responsabilidade da *Société Immobilière d’Enseignement libre de l’Arrondissement de Saint-Quentin*. Ela deveria administrar financeiramente o São João, sendo que Dehon permanecia seu proprietário. Cf. A. DELLOUE, “Discours”, p. 20.

⁸ A. DELLOUE, “Discours”, p. 21.

momentos mais difíceis, não a abandonará: “Nossa casa se manteve apesar das tempestades, não é o momento, pois, de abandoná-la, quando o céu se tornou sereno”⁹. Esta reflexão final condensa substancialmente a visão educacional transmitida por Dehon que, já no seu primeiro discurso, falava que a contribuição específica da educação segundo o ideal cristão é que ela não educa apenas para esta vida que passa, mas considera, em seus objetivos, métodos e instrumentos, que a pessoa humana é chamada à “vida eterna”.

1.2 *Ensaio de síntese*

Não encontramos na obra de Dehon uma síntese organizada de sua visão educacional. Ele mesmo não era um escritor de tratados ou teórico da educação. Era, simplesmente, um educador que refletia sobre sua prática pedagógica. Seus discursos nasciam da realidade e voltavam para ela com um potencial transformador. Suas preocupações principais eram defender o ideal da educação segundo o ideal cristão e encantar seus alunos. Percebemos, ao longo de nossas análises dos contextos e dos textos, que um multifacetário esforço de sínteses pedagógicas fazem de Dehon uma fonte importante para pensar a elaboração do conceito de Educação Integral. Ele mesmo não a pensou nestes termos. Porém, o conteúdo de sua vida e de suas reflexões apontam para esta direção. Um educador que ainda aos oitenta anos de vida conseguia encantar seus alunos merece o olhar atento do pesquisador atual, que pretende desvendar os segredos de como “reencantar a educação”.

Procuramos agregar esta síntese em torno de alguns núcleos que nos pareceram mais relevantes dentro do pensamento pedagógico dehoniano. Este processo facilitará também avaliação deste pensamento e sua atualização. A globalidade com que abordamos a obra de Léon Dehon nos oferece segurança para fazer esta elaboração sintética, minimizando o risco de deturpar o pensamento do próprio autor. Este é um risco real que consideramos desde o início desta pesquisa. Assim, tivemos o cuidado acadêmico de ir direto às fontes, em uma abordagem fenomenológica, que permitiu entrar em contato com o núcleo do pensamento educacional de Dehon da maneira como ele próprio se manifestou em suas várias angulaturas.

⁹ Esta frase tem uma incrível semelhança com a utilizada por Dehon no discurso aos antigos alunos, em 1896: “Vamos orar e agir, e Deus fará o resto. Depois dos dias sombrios e enfadonhos virão os dias alegres e ensolarados”. *Dehoniana*, n. 3 (2000) p. 12.

1.2.1 A Educação Integral e a abertura para o transcendente

A síntese da visão educacional de Léon Dehon, elaborada pelo seu aluno e seguidor, Albert Delloue, aponta para esta idéia geradora de toda a visão dehoniana: a crítica da pedagogia que “não considera mais do que a vida neste mundo que passa, esquecendo o nosso destino eterno e os meios para chegar lá” e a afirmação de uma visão alternativa fundamentada “na idéia religiosa levada todo momento à prática”¹⁰. Portanto, estamos diante de uma visão educacional apoiada na antropologia cristã, que considera a pessoa como um ser aberto ao transcendente. Uma educação que queira considerar a pessoa como um todo não poderia ignorar esta dimensão, sob o risco de mutilar o educando.

Esta idéia aparece em todos os discursos dehonianos como uma linha transversal. Seu discurso programático afirma isso com todas as letras, alicerçado na premissa platônica de que “seria loucura para uma criatura mortal preocupar-se mais desta breve existência que da eternidade”¹¹. Dehon defende que a educação, segundo o ideal cristão, tem como objetivo levar o ser humano à perfeição “total e sobrenatural” nesta vida e na outra¹². Ele critica as visões que reduzem o ser humano à dimensão física, política ou econômica. Critica, também, a visão religiosa como uma hipótese etérea e sem compromisso ou concretude histórica. Sua pedagogia tem a religião como elemento constitutivo, porém agregando a preocupação pelo desenvolvimento físico, científico, filosófico, ético, social, político, afetivo, artístico etc. Segundo sua visão, a religião contribui para requalificar cada uma dessas dimensões e garantir uma educação que realmente atinja o homem como um todo¹³.

Derivam-se deste princípio fundamental outras reflexões de Dehon, como é o caso do diálogo entre política e religião, ou harmonia entre ciência e fé. Mas, ele não tem uma visão teocrática da sociedade. Passa de monarquista fervoroso para convicto defensor da democracia. Com alguma dificuldade, assimila a separação entre Igreja e Estado. Sua visão educacional não chega a propor a educação cristã como padrão para toda a sociedade. No entanto, defende o direito das famílias de escolherem este tipo de educação para seus filhos.

¹⁰ A. DELLOUE, “Discours”, 21.

¹¹ PLATÃO, “Fedon”, 68 e 107 D. Também em “Das Leis”, 788. Apud: OSC IV, 277.

¹² OSC IV, 276.

¹³ OSC IV, 277-278.

Há uma clara defesa da educação religiosa. Entretanto, ao pensar a sociedade como um todo, Dehon critica a “Escola Neutra”, afirmando-se cético com relação à possibilidade real da neutralidade confessada pelo positivismo, base filosófica da reforma de Ferry. Ele não acredita que seria realmente possível separar moral e religião. Não acredita na educação sem Deus.

Esta é uma reflexão mais do que atual que merece toda atenção. Seria possível prescindir da religião ao pensar a Educação Integral? Se concordamos com Dehon em que a dimensão transcendente é inerente ao ser humano, e que todo sistema educacional parte da idéia que se tenha de ser humano perfeito, então seria o caso de perguntar qual o lugar da religião, dentro um sistema de Educação Integral? Seria possível inserir a Educação Religiosa na Escola Pública sem aplicar as fórmulas da confessionalidade, nem cair na prática insípida da proposta positivista? É possível valorizar, no ambiente escolar, a dimensão religiosa confessional dos alunos, sem cair no proselitismo? Este é um campo de mil perguntas ainda sem respostas definitivas.

1.2.2 *Pedagogia da Dádiva*

Dehon, como sacerdote católico, acredita que a “graça divina” educa a humanidade¹⁴. Esta tese de natureza bíblico-teológica, aparece logo no início de seu livro sobre educação. Ele não desenvolve muito este princípio, nem volta com frequência a insistir nele. Mas, poderíamos intuir aqui o germe de uma Pedagogia da Graça, que tem um certo parentesco de sentido com aquilo que alguns autores contemporâneos começam a chamar de “paradigma da dádiva”¹⁵. Poderíamos, então, pensar uma “Pedagogia da Dádiva”. Neste caso, em um contexto de diálogo transdisciplinar, a teologia teria uma palavra a dizer à pedagogia. Sabemos que a Teologia da Graça é um dos tratados teológicos fundamentais, que ocupou a

¹⁴ Trata-se do texto da Carta de Tito: “Apareceu a graça de Deus que veio nos educar” (2,11-12).

¹⁵ Cf. N.J. MACHADO, “A universidade e a organização do conhecimento: a rede, o tácito e a dádiva”. O autor se apoia nas análises sobre o dom em sociedades pré-mercantis feitas por Marcel Mauss, para concluir que o conhecimento não pode ser aprisionado nos paradigmas de valor e troca de mercado. Há sempre uma dimensão “dádiosa”. Para aprofundar essa questão cf. A. CAILLÉ, “Nem holismo nem individualismo metodológicos. Marcel Mauss e o paradigma da dádiva”.

vida de filósofos-teólogos como Agostinho – conhecido como “Doutor da Graça” – e Santo Tomás de Aquino.

Esta intuição dehoniana ultrapassa a clausura da epistemologia teológica. A “graça”, o “carisma”, o “charme”, a “gratuidade” ou a “dádiva”, pertencem ao mesmo campo semântico. A funcionalização das relações pedagógicas, hoje, não difere muito da que vigorava no tempo de Dehon, que assistia a consolidação da industrialização. O sistema escolar era utilizado para preparar pessoas para o mercado de trabalho. Muitos, como hoje, estavam convencidos de que para isso bastaria um breve curso técnico. Dehon critica esta educação funcional. Para ele, educar é edificar a pessoa humana como um todo. A gratuidade educacional está no centro deste conceito. Uma Pedagogia da Dádiva, inspirada na idéia de que Deus se auto-comunica dando de si mesmo, gratuitamente, faz repensar uma educação gratuita para todos. Esta visão de educação integral como ensino público gratuito poderia ser aprofundada nas dimensões da dádiva. Ensino gratuito não seria somente aquele no qual não é necessário pagar, mas aquele em que a auto-comunicação é um “dom-de-si”. Isto interfere, por exemplo, na noção que temos de professor. Há um primado do ser sobre o fazer; da dádiva sobre a função.

Naturalmente, estamos diante de um novo paradigma, alternativo à visão economicista do neoliberalismo¹⁶. Novas formas de sociologia vêm no “paradigma da dádiva” uma alternativa à proposta individualista ou holista. A ênfase desta forma de ver as coisas está justamente na relação, na dádiva gratuita. Supera-se o utilitarismo típico da modernidade. As pessoas passam a ter valor pelo que são e não apenas pelo que produzem. A sociedade é pensada em rede. Aplicando este paradigma para o campo da educação, poderíamos começar a elaborar uma Pedagogia da Dádiva.

1.2.3 *Pedagogia da Cordialidade*

Vivemos em um tempo em que a “Pedagogia do Afeto” soa como algo novo, que ultrapassa o intelectualismo cientificista da modernidade. Dehon, já no século 19, dizia que é preciso educar com o coração. É possível que esta tenha sido sua meta educacional mais clara. Ela aparece claramente quando Dehon coloca o sermão sobre o Sagrado Coração de Jesus

¹⁶ Cf. J.T. GOUBOUT, “Introdução à dádiva”.

como conclusão de seu livro sobre educação. O Coração de Jesus é o modelo da perfeição humana. Para Dehon, este é o princípio e o fim da educação. Ele fez a síntese entre a tarefa de educar e a popular espiritualidade do Coração de Jesus, típica de seu tempo. Buscou esta síntese entre inteligência e coração, entre a razão e a sensibilidade. Seu modelo de ser humano perfeito era representado na típica imagem de Jesus Cristo com o coração à mostra. No Colégio São João havia uma grande imagem do Sagrado Coração de Jesus em uma das escadarias da ala que pegou fogo. Dehon interpretou como um “sinal de Deus” o fato de a imagem não ter sido tocada pelas chamas. Este pensamento era próprio de seu jeito de fazer a leitura simbólica da vida. Educar, para ele, seria restaurar o coração de cada aluno tendo como modelo a imagem do Coração de Jesus. É isto o que Dehon quer dizer com frases como: “Educar um cristão é formar um homem com coração, um homem capaz de sacrifício e dedicação, um homem livre do jugo do egoísmo”¹⁷. Acreditava que cada pessoa nasce com uma tendência para o mal, que a teologia de seu tempo chamava de concupiscência, fruto que restou do “pecado original”. A educação teria a finalidade de oferecer condições a cada pessoa na luta contra esta tendência, chegando a ser alguém capaz até de se “sacrificar” pelo bem do outro. Esta é a noção que Dehon tem de “amor”. É a disponibilidade para com o próximo. É o contrário do egoísmo. Um “homem com coração” é uma pessoa capaz deste tipo de solidariedade. Acredita que as virtudes da fé, esperança e caridade, abrem a inteligência e o coração para este ideal.

Sua atenção, presença e afeto para com os antigos alunos mostram que Dehon procurava cultivar em si mesmo a Pedagogia da Cordialidade. Em primeiro lugar, ele sempre colocava a empatia com os alunos. Somente em seguida dava atenção aos conteúdos ou mesmo às estruturas necessárias para manter um Colégio. Ele parte sempre de um forte compromisso inter-pessoal. Já no final de sua vida, ao avaliar a razão do sucesso pedagógico do Colégio São João, destaca o “clima de família e os fortes vínculos afetivos que eram criados”¹⁸.

Outra forma que Dehon encontrou de afirmar a mesma Pedagogia da Cordialidade é o estímulo a uma formação do caráter. Para ele, as virtudes são uma parte necessária do currículo. É preciso educar a pessoa como um todo, não apenas instruí-la ou informá-la. Aliás, temos aqui uma curiosa afirmação da Educação Integral. Para Dehon, o coração não é apenas

¹⁷ OSC IV, 278.

¹⁸ . L. DEHON, “Saint-Jean avant la Guerre”, pp. 9-12.

um músculo, mas tem todo um significado simbólico, tirado das páginas da Bíblia, onde esta imagem é utilizada para se referir ao ser humano como um todo. A plenitude humana, na Bíblia, é expressa pela palavra “coração” e seus correlatos semânticos. Quando Dehon coloca o Coração de Jesus como modelo do ser humano perfeito, não está pensando apenas na categoria afetiva, mas na integração de todas as dimensões humanas. Por essa razão, propor o “coração” como modelo pedagógico é mais do que sugerir relações afetuosas e “cordiais” com os alunos. Este conceito é fundamental, porém educar com o “coração” é, acima de tudo, considerar a pessoa humana em sua totalidade. A Pedagogia da Cordialidade é, portanto, o que hoje chamamos de Educação Integral.

1.2.4 A força restauradora da educação

Dehon tem saudade da França cristã. Nasceu no período da restauração, usufruindo da “festa imperial” que garantiu décadas de aliança entre a Igreja e o Estado. Como muitos católicos de seu tempo, sonhava com a *reparação* como espiritualização do ideal político que, após a perda dos Estados Pontifícios e o avanço da Terceira República, já era distante demais. Porém, de tudo isso, restou um princípio pedagógico apoiado na convicção da força restauradora da educação. Dehon chega a estudar, cuidadosamente, os males da sociedade de seu tempo para propor os caminhos para a restauração. A educação era uma das vias pela qual ele acreditava ser possível a construção de uma nova sociedade.

Este aspecto aparece com bastante evidência em seus discursos aos antigos alunos, nos quais a tônica era sempre um convite à militância. Dehon não acredita em uma religião prisioneira das sacristias e das linguagens herméticas. Educar, em seu modo de pensar e agir, é exercitar a capacidade de mudança. Vemos que os dois eixos neste esforço de restauração são sempre a “pessoa” e a “a sociedade”. Vemos nisto uma importante síntese que precisa ser considerada na Educação Integral, para não cair em reducionismos como o individualismo e o coletivismo. Dehon constantemente situa a pessoa em seu contexto institucional. Sabe que um indivíduo “restaurado” através da educação pode ser corrompido pela sociedade se esta não for igualmente educada. Portanto, a dimensão social é parte integrante do indivíduo.

1.2.5 *Pedagogia da presença*

A análise histórica que fizemos nos revelou que Dehon sempre procurou fazer-se presente junto aos seus alunos, mesmo após o tempo da escola formal. Faz-se presente nas assembleias anuais dos ex-alunos até quase o final de sua vida, com intensa regularidade. Uma leitura de sua correspondência poderia mostrar mais detalhadamente o modo como ele estabelecia vínculos estáveis com seus educandos e suas famílias¹⁹. Em testemunho, o ex-aluno, Guillaume Crinon, destacou a capacidade de Dehon de fazer-se presente no meio dos educandos.

Outra evidência da Pedagogia da Presença, por contraste, é expressa no modo como Dehon critica o abandono dos filhos, dos educandos, no discurso inédito que analisamos. Em sua concepção, esta era a forma perfeita de perverter a educação de um jovem. Considera o abandono como uma forma típica de violência e crueldade educacional. Em contrapartida elogia os pássaros que se fazem presentes na vida de seus filhotes.

1.2.6 *Pedagogia da ausência*

Pode parecer contraditório com relação ao princípio pedagógico anterior, mas, na verdade, são pedagogias complementares que encontramos em Dehon e que, juntas, formam o que denominamos de “princípio de subsidiariedade pedagógica”. No Discurso dos Pássaros a águia é elogiada por saber a hora certa de deixar seus filhotes partirem sozinhos para a caça. Percebe-se aqui, a sensibilidade do educador que sabe o momento de se fazer presente, mas sabe, também, a hora em que sua presença pode ser prejudicial ao seu educando.

Em sua vida, Dehon viveu intensamente a Pedagogia da Ausência no momento de passar a direção do Colégio São João a Albert Delloue. Na verdade, sua sensibilidade mostrava que o candidato anterior, Charles Mercier não tinha condições de assumir esta tarefa. Conforme deixa claro em seu discurso de 1927, o próprio Delloue não acreditava ser

¹⁹ Somente agora o Centro de Estudos dos Dehonianos, em Roma, está classificando a farta correspondência de Léon Dehon. Já foram encontradas cerca de 5.000 cartas que aos poucos estão sendo editadas. Um pouco deste trabalho já pode ser acessado em: <http://www.knowhowsphere.net> <acesso em 06.01.2007>.

capaz de substituir uma pessoa com tanto carisma quanto Dehon. Mas, assume a direção, mesmo em meio às dificuldades.

Quando surge a crise financeira, Léon Dehon exercita novamente a Pedagogia da Presença, criando a Sociedade Imobiliária, resolvendo a situação com a ajuda dos antigos alunos. O Colégio São João permanece até hoje em atividade em Saint-Quentin, sobrevivendo por tantos anos apesar da ausência de seu fundador. Não conhecemos muitas “empresas familiares” que resistem à segunda ou terceira gerações. Dehon encontrou uma “fórmula” de gestão para que seu projeto permanecesse vivo mesmo após seu desaparecimento.

1.2.7 *A síntese entre ternura e vigor*

Esta é uma das mais importantes e freqüentes sínteses que captamos no estudo dos textos educacionais de Dehon. O “Discurso dos Pássaros” a apresenta com todas as cores e matizes. O vigor da águia é equilibrado com a ternura do beija-flor. Porém já havíamos identificado esta síntese desde o início de sua vida, ao assimilar o vigor intelectual de seu pai e a ternura mística de sua mãe. O mesmo acontece no modo como Dehon assimila de seus dois primeiros mestres, o vigor administrativo de Pe. Dehaene e a bondade pedagógica de Pe. Boute.

Em seu discurso sobre o caráter, Dehon busca argumentos bíblicos e filosóficos para demonstrar que uma pessoa bem formada é aquela que tem a capacidade de colocar em harmonia a sensibilidade a força, a ternura e o vigor. Vê em Jesus Cristo o modelo mais perfeito desta síntese: “que uniu a ternura mais suave com a força mais triunfante”²⁰.

1.2.8 *Pedagogia do concreto*

Dehon normalmente não partia de princípios abstratos. Seu método de reflexão estabelecia um círculo hermenêutico em que a realidade concreta era o princípio e o fim. A abstração fazia parte deste círculo apenas como um meio. Em seu contato com os alunos era conhecido por sua simplicidade e objetividade. O discurso sobre o estudo da geografia é um

²⁰ OSC IV, p. 445.

dos exemplos mais típicos, em que Dehon exercita a Pedagogia do concreto, através de seu “laboratório do imaginário”. Ele conduz os alunos aos mais diferentes lugares do mundo, com seu relevo e história, destacando o sentido de tudo o que deve encantar os olhos e preencher o coração.

Outra idéia de Dehon, que poderia ser situada neste contexto, é a convicção de que as lições teóricas não são suficientes. É preciso educar por meio da “força restauradora da palavra e do exemplo”²¹. O ditado francês com que termina o “Discurso dos Pássaros” sintetiza, de modo genial, esta convicção: “A lição é um bom começo, mas apenas o exemplo leva à plenitude”. Dehon, em sua própria vida, sempre valorizou a síntese entre teoria e prática.

1.2.9 *Educar a partir do compromisso*

Outra nuance que destacamos na Pedagogia do Concreto de Dehon é sua metodologia de educar a partir do compromisso. Suas idéias são, invariavelmente, engajadas. Reflete a partir de um compromisso com a transformação da realidade. Do mesmo modo como critica a “Escola Neutra”, Dehon poderia criticar também uma ciência que acreditasse ser possível total “neutralidade” ao captar o objeto. O resultado, normalmente, é um conhecimento sem sabor e, muitas vezes, sem utilidade. Dehon prefere o compromisso. Seu olhar é situado. Não esconde seus juízos de valor. É sincero e aberto em suas afirmações.

1.2.10 *A centralidade do educando*

Percebemos que dificilmente seus discursos insistem na questão dos conteúdos, dos currículos, das ementas, dos programas. Não acredita, tampouco, em uma ótima infraestrutura para resolver tudo. Para Dehon, o protagonista, do drama educacional é sempre o aluno. Nele, Dehon investe toda a sua reflexão.

Seu segredo era o vínculo pessoal e forte que estabelecia com cada aluno. Inspirado na proposta de Charles Rollin, partia do “estudo do caráter” de cada educando para saber como

²¹ *Ibidem*, 278.

melhor conduzi-lo. Portanto, nos vemos diante de um modelo de educação personalizada. Dehon sempre procurava valorizar e promover o outro. Era de uma escuta muito atenta. Por essa opção pessoal muitas vezes foi criticado por outros professores que preferiam o tradicional método da disciplina e da palmatória. Charles Mercier não foi capaz de conduzir o Colégio São João através deste modelo de pedagogia tradicional. Porém, Delloué, que captou o segredo pedagógico de Dehon, apesar das dificuldades financeiras, repetiu o êxito do fundador.

Outra evidência existente nesta centralidade do educando é certa didática construtivista que encontramos nos discursos educacionais de Dehon. Além de ser especialista em ouvir as pessoas, era capaz de interpelá-las por meio de perguntas. Hoje compreendemos que uma pergunta estimulante e inteligente do professor pode trazer mais benefício que uma resposta completa. Dehon, no “Discurso aos Pássaros”, revela este seu método de interpelar o interlocutor, fazendo-o praticamente participar do discurso. De qualquer modo este procedimento estimula o engajamento do ouvinte. Não estamos diante de “lições mortas”. Dehon ensinava “com vida e com a vida”.

1.2.11 *Atenção ao local e ao universal*

A pedagogia de Dehon contém esta dupla atenção. É atento ao particular e ao universal. Esta é uma importante síntese para a Educação Integral. Nossos referenciais, muitas vezes, são apenas de valor universal. O mundo globalizado estimula este tipo de visão. Porém, estamos situados concretamente na cidade, no bairro, na casa, no corpo. Dehon estuda sua aldeia mesmo tendo o raro privilégio, para sua época, de conhecer praticamente o mundo inteiro. Seu discurso sobre a “geografia estética” é um vôo cósmico que leva a imaginação a alcançar os lugares mais distantes do universo. É neste sentido que fala de “laboratório do imaginário”²². Logo em seguida, seus discursos sobre o Departamento de l’Aisne, ou sobre a história de Saint-Quentin, fazem o aluno voltar sua atenção ao ambiente mais próximo, à sua

²² Cf. OSC IV, p. 423

região, à sua cidade. Chega mesmo a questionar o porquê da história local não fazer parte dos programas de ensino²³.

1.2.12 A (m)paternidade “espiritual” do professor

Esta convicção dehoniana é praticamente mística. Ele acredita que o professor que, de fato, estabelece com o educando um vínculo pedagógico integral, passa “sua alma” para a “alma do aluno”²⁴. É assim que ele comunica o bem, o belo e o verdadeiro. Sabemos como são fortes as marcas deixadas por uma ótima ou por uma péssima aula. Bons e maus professores são igualmente inesquecíveis. Os medíocres são, simplesmente, apagados da memória do aluno. Dehon compara o magistério a uma espécie de sacerdócio. Ensinar seria mais do que uma profissão. Para ele é uma missão.

1.2.13 Reencantar a educação

Considerando o resultado prático da pedagogia de Dehon que tivemos oportunidade de verificar em seus antigos alunos, vinculados até mesmo durante a primeira Guerra Mundial, chegamos à conclusão de que suas idéias e convicções deram resultado. Seu método educacional. Ele encantou seus educandos. Soube reencantar a educação. Simplesmente ignorou as pedagogias do medo, do castigo ou do estímulo por meio de prêmios.

Seu otimismo e esperança eram permanentes estímulos para professores e alunos do Colégio. É célebre a sua profissão de fé, em 1895: “Nós cremos em dias melhores”²⁵. Na mesma ocasião, profetizou: “Em uma palavra, o que é cristianismo e esperança matará o que é pessimismo e desesperança”²⁶. Esta postura diante da vida era a base de sua capacidade de encantar. Para encantar os outros é preciso, antes, encantar-se a si mesmo. A capacidade de Dehon de contemplar a realidade e extasiar-se, acabava por contagiar os que dele se

²³ *Ibidem*, p. 399.

²⁴ *Ibidem*, 272.

²⁵ *Dehoniana*, n. 3 (2000) pp. 11-14.

²⁶ *Ibidem*, p. 12-13.

aproximavam. Isto é característico de carismáticos que atraem seguidores, que se tornam continuadores de sua obra e carisma.

O encanto de Dehon não era puramente estético ou místico. Mas, vinha junto com um apelo à militância. Um texto onde esta característica se destaca nitidamente é seu inflamado discurso na “Assembléia dos Antigos Alunos”, de 1896: “Mãos à obra! Juventude, as obras sociais pedem a vossa ajuda”²⁷. A Educação Integral deve atingir o coração e a mente, os pés e as mãos dos educandos.

1.2.14 *Pedagogia do amor e do humor*

Finalmente, percebemos que o amor é um princípio intensamente afirmado por Dehon. Mas, ele sabe que não basta amar. Ele se faz amar. Através desta reciprocidade, o vínculo pedagógico produz resultados de aprendizagem impressionantes. Porém, percebemos nos discursos de Dehon outro ingrediente que é o bom humor. Suas histórias, seus exemplos eram sempre bem humorados. Outra face desta mesma atitude pedagógica é seu invariável otimismo. Nos encontros com os Antigos Alunos, freqüentemente levava uma palavra de ânimo, como na profecia pronunciada em 1895 e lembrada após trinta e cinco anos, por Delloue: “Depois dos dias sombrios e enfadonhos virão os dias alegres e ensolarados”²⁸.

1.2.15 *A síntese entre contemplação e ação*

Ao analisarmos a vida de Léon Dehon, percebemos, na estrutura de sua personalidade esta marca forte que fazia dele um homem capaz de escutar as vozes exteriores e as realidades interiores²⁹. Dava atenção às pessoas. Pesquisava a realidade na qual estava inserido. Lia muito. Tinha uma curiosidade natural. Podemos notar esta faceta de seu modo de ser em seu costume de educar fazendo perguntas como uma forma de construtivismo. Antes de

²⁷L. DEHON, “La jeunesse catholique”, in *Bulletin annuel de l'Association amicale des anciens élèves de l'Institution Saint-Jean* (1896) pp. 25-27. Conservado em AD.B. 107/1, inv. 01162 00.

²⁸ Cf. AD.B. 90/1, inv. 0112802. Este discurso de Dehon foi publicado sob o título “Nous croyons à des jours meilleurs”, *Dehoniana* 3 (2000) pp. 11-14.

²⁹ Percebemos aqui a forte influência que Dehon recebeu da mística dos jesuítas. Durante seus estudos, em Roma, ele foi fortemente marcado pela *Ratio Studiorum* do Collegio Romano. *NHV* IV, p. 150.

pronunciar seus discursos, ou de promover alguma obra, dedicava-se demoradamente ao estudo.

A contemplação é uma exigência para todo educador que queira dedicar-se ao universo da pesquisa. Contemplar o objeto pesquisado, sem pressa, com detalhes, é fundamental para o preparar advento das grandes descobertas. Dehon é um estudioso contemplativo. Porém, não basta pesquisar e contemplar. É necessário agir, educar. Muitos estudiosos são péssimos pedagogos. Não conseguem um desempenho satisfatório em sala de aula. Dehon consegue facilmente passar da contemplação para a ação, da pesquisa para a retórica pedagógica. Seus discursos revelam sua capacidade de transmitir, com simplicidade e didática, os diversos ramos do saber humano.

Mostra-se capaz de ouvir também a história. Seu discurso aos ex-alunos, em 1907, é uma prova cabal de que ele soube fazer a auto-crítica e passar de monarquista para democrático-republicano. Insistiu até o fim de sua vida que era preciso “ir ao povo” e ouvir as suas reclamações. Criticava os padres que se enclausuravam em suas sacristias. Foi capaz de agir e mudar, porque exercitou até o final de seus dias a capacidade de ouvir, de contemplar

2 Alguns referenciais teóricos

Para repensar o conceito dehoniano de Educação Integral é necessário verificar o modo como este conceito tem sido pensado por outros teóricos. É certo que, como lembra o próprio Dehon, desde Platão, quem pensa a educação, de um modo filosoficamente sério, ainda que com ênfase em alguma dimensão, sempre procura partir da consideração do ser humano em sua globalidade. Jean Lauand adverte que o pré-conceito impede a muitos de perceber, nos autores antigos e medievais, dimensões inusitadas da educação, como é o caso do “lúdico”³⁰. Passando por Agostinho (354-430), Cassiodoro (485-580), Isidoro de Sevilha (560-636) Alcuíno (735-804), Petrus Alfonsus (1062-1110), demonstra de que modo os jogos e o bom humor faziam parte integrante de um ensino divertido. Isto aponta para uma época um pouco diferente daquela que Umberto Eco, em seu romance *O nome da rosa*, caracterizou como um

³⁰ J. LAUAND, “*De Mathematica*” de Isidoro de Sevilha e outros textos pedagógicos medievais; *Caminhos de uma pedagogia lúdica*. Confira a Nota Introdutória.

tempo sem sorrisos. Jean Lauand mostra, também, a importância do “lúdico” na obra do filósofo-teólogo italiano Tomás de Aquino (1227-1274)³¹. A descoberta de Aristóteles lhe permitiu superar a cosmovisão “espiritualista” de seu tempo e aceitar, como bom, aquilo que é terreno e natural. Junto com a valorização do “humano” veio a pedagogia do “humor”. Sua ética, antropologia e até a sua teologia é repleta da serena afirmação do lúdico. Para Tomás de Aquino, Deus, ao criar o mundo, brinca. Há algo de integral nestas concepções do ser humano e do modo como aprendemos brincando.

Comenius (1592-1670), considerado o “pai da didática moderna”, com a sua clássica “Didacta Magna”, defende a escola como o lugar apropriado para “ensinar tudo a todos”³². Esta é uma clara visão integral da educação. Sua visão pedagógica integra religião e pedagogia em perfeita harmonia. Ele elabora esta idéia sob a forma de *Pansophia* – a sabedoria do todo – que levaria a uma *Pampaedia*. Ou seja, Deus teria criado *todos* os seres humanos para o conhecimento e, por isso, era preciso levar este dom a *todos*. Assim, seria possível mudar o mundo, ou seja realizar uma *Panorthosia*. Segundo alguns autores, Comenius teria superado o reducionismo racionalista de René Descartes e o reducionismo empirista de Francis Bacon, seus contemporâneos mais ilustres³³. Inegavelmente estamos diante de uma proposta de Educação Integral.

Já na primeira página do Tratado dos Estudos, escrito por Charles Rollin (1671-1741), percebemos que sua abordagem pedagógica fala em formar o espírito, a inteligência e o coração³⁴. Ele mesmo revela que uma de suas principais fontes era o pensamento educacional de Boécio (480-524), educador nato que elaborou o projeto pedagógico de traduzir, em linguagem popular, o saber clássico para os bárbaros, que haviam tomado conta do decadente Império Romano ocidental³⁵. Rollin sugere em seu Tratado, que a pedagogia começa por um estudo do caráter do educando. Isto é, centrar o processo educacional na pessoa, bem antes

³¹ J. LAUAND, “*Deus ludens* – O lúdico na pedagogia medieval e no pensamento de Tomás de Aquino”, in V.A. ARANTES (org.), *Humor e Alegria na Educação*, pp. 31-55. Veja também o modo como Tomás de Aquino influenciou o humanismo: B. MONDIN, *O Humanismo filosófico de Tomás de Aquino*.

³² Cf. J.L. GASPARIN, *Comênio ou Da arte de ensinar tudo a todos*.

³³ D. INCONTRI, *A Crise do Saber e os Clássicos da Educação*, disponível em: <http://www.hottopos.com/rih6/dora2.htm>, <acesso em 10.12.2006>.

³⁴ Ch. ROLLIN, *Traité des études*, Tome Premier, p. 1.

³⁵ J. LAUAND, “*Deus ludens*”, p. 33.

que os pesquisadores modernos encarassem isso como uma novidade pedagógica. Foi este o método que Dehon expressamente aplicou em seu Colégio São João³⁶.

Jean Jacques Rousseau (1712-1778), com sua pedagogia otimista, política e natural, confia na natureza bondosa do ser humano. Segundo ele, a educação teria um papel fundamental na construção do “contrato social”. Sua ênfase se concentra na liberdade do indivíduo para que tenhamos uma sociedade de pessoas livres e, para tanto insiste na função social da educação. Ele também concebia o aluno de um modo integral, mais que uma inteligência disposta a aprender, pois algumas disposições primitivas estão presentes: as emoções, os sentidos, os instintos e os sentimentos. Todos estes elementos existem antes do pensamento elaborado. A educação deve considerar esta realidade e não fazer da criança um adulto em miniatura³⁷.

Outro autor que adverte para a necessidade de uma educação afetiva e integral é o pedagogo suíço Johan Heinrich Pestalozzi (1746-1827). Seu trabalho junto às crianças órfãs levou-o a observar como se pode educar integralmente atingindo todo o povo, superando o privilégio da educação para a elite. Sua obra é referência para a maioria das correntes pedagógicas posteriores. Para ele, a escola deveria ser um lar, uma casa bem organizada onde se aplica a educação moral, política e religiosa. Os estudos se estendiam das 8h às 17h. Já temos aqui a idéia da Escola em Tempo Integral. Não aceitava o método das punições. Em sua visão de educação, o professor era um jardineiro e, o desenvolvimento da criança, orgânico. Havia um potencial interno que deveria ser conhecido e desenvolvido. Educar não poderia ser, simplesmente, memorizar e repetir, como postulavam muitos métodos da época. Pestalozzi professava a necessidade de partir sempre do concreto para, somente depois, atingir a abstração. Também acreditava em um desenvolvimento gradativo da pessoa humana. Por isso, o método da Educação Integral deveria respeitar estas etapas. Para ele, a educação era uma ciência e deveria ser estudada como tal. Nem por isso, deixa de lado a dimensão religiosa³⁸. Sua educação moral parte do “amor pedagógico”, que leva à percepção e o

³⁶ OSC IV, p. 288.

³⁷ A.B. CERISARA, *Rousseau: a educação na infância*.

³⁸ Dora Incontri mostra que os pensadores anteriores ao século 19 normalmente têm uma visão mais integral de educação integrando, inclusive, o aspecto espiritual. D. INCONTRI, *Pestalozzi, Educação e Ética*.

exercício moral e chega à linguagem e verbalização da moral³⁹. A sua “teoria do amor” se baseia em que esta espécie de princípio divino, presente no humano, garante a unidade entre a “cabeça, mão e coração”. Ou seja, o amor é a “base do desenvolvimento integral”⁴⁰

Fredrich Froebel (1782-1852), que chegou a trabalhar com Pestalozzi, permitiu à orientação religiosa protestante influenciar sua visão educacional. Ele afirma que o educando deveria ser tratado segundo sua dignidade de filho de Deus. É bastante clara, em sua obra, a noção de Educação Integral, não unicamente focada no indivíduo, mas também na humanidade, como um todo, que deveria se desenvolver em harmonia. Ele desenvolve este conceito “parte-todo” para concluir que o indivíduo sempre mantém uma relação com o todo e que não é possível educar sem considerar esta teia de relações. Acreditava no ser humano como produtor de conhecimento e não apenas receptor. Seu método pedagógico respeita e valoriza o que o aluno traz como bagagem interior.

Poderíamos citar, ainda, o filósofo John Dewey (1859-1952), um dos principais idealizadores da Escola Nova, que causou grande impacto no Brasil, principalmente por meio da recepção de Anísio Teixeira⁴¹. Dewey propôs superar a educação pela simples instrução e sugeriu que o conhecimento passa pela vida da experiência, da ação. A escola não deveria ser preparação para a vida, mas vida mesmo, que ajuda a criança a reconstruir sua própria experiência. Isto faria da escola um espaço de democratização dos saberes e das competências.

O projeto positivista, que inspirou a reforma de Ferry, para garantir um estatuto “científico” e “laico” para a educação, banuiu das escolas públicas a dimensão religiosa. Na verdade, o projeto de uma sociedade laica era muito mais profundo, conforme demonstrou Weill⁴². Dehon estava atento a estas mudanças e acreditava que a separação entre a Igreja e o Estado fazia parte de um plano mais amplo, cuja autoria atribuía à Franco-Maçonaria. É esta a

³⁹ *Ibidem*, p. 91.

⁴⁰ *Ibidem*, 97.

⁴¹ A.M.V. CAVALIERE, “Educação Integral: uma nova identidade para a escola brasileira?” Segundo a autora, a situação social do Brasil exige que a escola redescubra sua tarefa social integradora. Ela tem em mente, de um modo especial, a experiência de Educação em Tempo Integral dos CIEPs, no Rio de Janeiro.

⁴² WEILL, G., *Storia dell'idea laica in Francia nel secolo XIX*. Este autor escreve de modo favorável ao avanço da escola laica. Para conferir um ponto de vista diferente, sobre a mesma questão, e tendo como foco o ambiente educacional italiano: G. GENTILE, *Educazione e scuola laica*, pp. 81-114.

sua tese que aparece no livro, que publicou em 1908, *Le plan de la Franc-maçonnerie*⁴³. Afirma que o processo de ruptura ocorrido entre 1876 e 1905, principalmente na Itália e na França, não foi um fenômeno espontâneo, mas algo planejado nas lojas maçônicas. Acredita que a ruptura é maior e mais profunda do que, simplesmente, a separação entre o Estado e a Igreja. Para ele, esta seria uma separação inevitável e, até mesmo, benéfica para ambas as instituições. Porém, percebe já em seu tempo, que havia uma ruptura epistemológica entre a dimensão religiosa e secular. Ele prevê a onda de secularização que assumiria a forma de cultura muitos anos depois, e somente seria razoavelmente assimilada pela Igreja Católica durante o Concílio Vaticano II, quando a Constituição Pastoral *Gaudium et Spes* afirmou a “autonomia das realidades terrestres”⁴⁴.

Ao longo do século 20 não faltaram pensadores que resistiram à fragmentação da modernidade. Apenas para citar um francês, Jacques Maritain (1882-1973), filho de uma família de políticos e sem religião, acaba converte-se ao catolicismo e constrói, a partir do pensamento de Tomás de Aquino, seu “Humanismo Integral”⁴⁵. Vemos aqui a proposta de uma nova forma de laicidade, porém reconciliada com a dimensão religiosa do ser humano. Este novo humanismo vem superar o ateísmo soviético e pensar uma nova possibilidade para a cultura cristã no mundo moderno. Todo seu esforço filosófico é empenhado em resolver esta ruptura epistemológica que Dehon havia intuído já em 1908. Maritain procura pensar a relação existente entre o plano temporal e espiritual. Segundo ele, não são planos separados, nem mesmo confusos. Seriam planos distintos. O atual Papa Bento XVI fez uma referência explícita, em sua mensagem para o Dia Mundial da Paz, na aurora de 2007, à atualidade do “Humanismo Integral” neste mundo de pluralismo religioso, para que seja possível um mundo de paz⁴⁶. Jacques Maritain pensou, ainda, o significado deste Humanismo Integral para o

⁴³ OSC III, pp. 381-432.

⁴⁴ GS 36. “Se por autonomia das realidades terrenas se entende que as coisas criadas e as próprias sociedades têm leis e valores próprios, que o homem irá gradualmente descobrindo, utilizando e organizando, é perfeitamente legítimo exigir tal autonomia”. Este documento eclesial é assinado pelo Papa Paulo VI, com data de 07 de Dezembro de 1965.

⁴⁵ J. MARITAIN, *Humanismo Integral*. Primeira publicação em 1963.

⁴⁶ “[...] estou convencido de que respeitando a pessoa promove-se a paz e, construindo a paz, assentam-se as premissas para um autêntico *humanismo integral*. É assim que se prepara um futuro sereno para as novas gerações”. Encontra-se em http://www.vatican.va/holy_father/benedict_xvi/messages/peace/documents/hf_ben-xvi_mes_20061208_xl-world-day-peace_po.html. <acesso em 1º.01.2007>. *Grifo nosso*.

universo da educação⁴⁷. Criticou os “reducionismos” do pragmatismo, sociologismo, intelectualismo e voluntarismo. Sugeriu “uma Educação Integral para um humanismo integral”⁴⁸. Tendo como um pressuposto a laicidade da educação pública na França, ele coloca a questão de como seria possível recuperar a dimensão religiosa em um mundo de pluralismo religioso:

“A formação religiosa deve se tornar possível - não a título obrigatório, mas como matéria de livre escolha - à população estudantil de acordo com os seus desejos e os de seus pais, e deve ser ministrada por representantes dos diversos credos. [...] Não compreendemos como se pode admitir que Deus tenha menos direito de ocupar um lugar na escola, do que os elétrons ou então Bertrand Russell⁴⁹.”

Outro autor contemporâneo que aponta para a Educação Integral é Josef Pieper (1904-1997). Ele adverte a Universidade para a importância da “abertura para o todo”⁵⁰. Não basta instruir. É preciso formar a pessoa como ser inteligente, sensível e espiritual. A *universitas* precisa ter como referência de sua identidade o *universum*. A fragmentação ou negação de uma dimensão humana, portanto, roubaria a identidade da Universidade. Recorda que já a Academia de Platão tinha este desejo de “compreender” a realidade como um todo, ou como diz Sócrates na República, ser uma comunidade de aprendizagem formada por homens “cuja alma se lança continuamente para atingir o todo e o universal, tanto divino quanto humano”⁵¹. Pieper acredita que esta questão tem fundamento no próprio espírito humano que é *capax universi*:

A educação daquilo que é próprio e especificamente humano, ou, em outras palavras, a verdadeira formação do homem, somente se dá quando se põe em marcha esse confronto com o todo existente. Um homem verdadeiramente formado é alguém que sabe como se relacionar com o mundo como um todo, ainda que esse conhecimento da realidade seja imperfeito⁵².

Pieper intuiu que a noção de Universidade aponta para a Educação Integral. A abertura do ser humano para o todo é o fundamento do ato de filosofar. Isto significa que o filosofar ocupa um lugar fundamental, como eixo integrador da identidade universitária. E, para

⁴⁷ J. MARITAIN, *Rumos da Educação*.

⁴⁸ *Ibidem*, p. 143.

⁴⁹ *Ibidem*, p. 230

⁵⁰ J. PIEPER, *Abertura para o todo: a chance da Universidade*. Este conceito é desenvolvido em tese de doutorado por J. LAUAND, *O que é uma Universidade?*.

⁵¹ J. PIEPER, *Abertura para o todo*, p. 23.

⁵² *Ibidem*, p. 25.

perguntar-se honestamente sobre esta “coesão global” do mundo e da vida, é necessário colocar-se a questão de Deus. As ciências, aparentemente encontrariam aqui o seu limite, pois devem conhecer um objeto preciso e limitado. Porém, Pieper sugere que a instituição universitária estimule os alunos, por meio do filosofar, a não perder este referencial global da realidade. Neste contexto, sugere que a filosofia ocupe o centro da universidade, garantindo-lhe a “abertura para o todo”, o que exige não fechar-se a nenhuma informação acessível, mesmo na esfera do sagrado. Chega a afirmar que “não pode uma universidade sem teologia ser uma universidade no sentido pleno, se sob o nome ‘escola superior’ se compreende aquela escola que exige a consideração da totalidade do mundo e da existência e a ela se obriga”. Inspirado no humanista John Henry Newman, completa seu pensamento, afirmando que “a exclusão da teologia contraria o caráter da universidade como uma instituição filosófica”⁵³.

Atualmente, a proposta da Educação Integral tem sido formulada também em termos de “holística”, por autores como o espanhol Rafael Yus, que sugerem superar um estágio incipiente, superficial e sincrético para construir um conceito mais consistente e aceitável pelo mundo acadêmico⁵⁴. Ele mostra que a Educação Integral como “fim” é normalmente aceita por teóricos, políticos e legisladores. Todos pretendem formar o ser humano como um todo. Porém, no nível dos “meios” acontece a fragmentação que impede de chegar à meta pretendida. Um destes “meios fragmentados” seriam as disciplinas da maneira como são arquitetadas na maioria dos currículos. A falta de transdisciplinaridade impede que se chegue a um resultado integral na educação. Outras vezes os temas transversais existem, mas são exageradamente racionais. Dimensões essenciais do ser humano, como sua abertura ao belo, são simplesmente ignoradas. Ele atribui a causa desta situação à tradição cartesiana que valorizou a mente em detrimento da emoção ou do espírito:

Por isso, não nos causa estranheza que a idéia de educação integral, trabalhada pelas leis educacionais, seja exclusivamente a de conhecimento, habilidades e valores morais, deixando de lado outras potencialidades, talvez mais determinantes, como as emoções e a espiritualidade, possivelmente por uma equivocada contradição entre laicismo e espiritualidade⁵⁵.

Para superar este tipo de fragmentação o autor propõe meios práticos que tornariam possível a passagem para um novo paradigma, que chama de “Educação Holística”. Buscando

⁵³ *Ibidem*, p. 40.

⁵⁴ R. YUS, *Educação Integral; uma educação holística para o século XXI*.

⁵⁵ *Ibidem*, “Apresentação à Edição Brasileira”, VIII.

raízes em Rousseau e Pestalozzi, define a “Educação Holística” na linha do americano R. Miller, que parte do conceito de “interconexão e globalidade”. Assim, o estudante é visto como “uma pessoa global com mente, corpo, emoções e espírito”.

A aprendizagem holística busca desenvolver visões de ensino e da aprendizagem que estimulem as conexões entre os temas e entre aprendizes de diversas formas de comunidades. A aprendizagem holística também busca um equilíbrio dinâmico na situação de aprendizagem entre elementos, tais como os conteúdos e os processos, a aprendizagem e a avaliação, e o pensamento analítico e o criativo. Finalmente, o aprendizado holístico é compreendido, em termos de inclusão, de um amplo leque de estudantes e por uma variedade de visões de aprendizagem que suprem suas diferentes necessidades⁵⁶.

Para atingir este novo paradigma holístico, Yus propõe repensar as bases pedagógicas da educação, reformulando totalmente o currículo, de modo que seja capaz de educar a individualidade e a criatividade, o espírito e o corpo, estimule a reconstrução da experiência, eduque em comunidade e para a democracia, considerando que estamos em uma aldeia global. Enfim, a proposta é educar a própria “visão integrada” do ser humano. Para tanto, seria necessário uma “docência holística”. Este é apenas um exemplo atual de sistematização do pensamento educacional em torno da idéia de pensar a pessoa humana em sua “integralidade”. Há muitas outras propostas que vão na mesma linha⁵⁷.

No Brasil, a Educação Integral tem sido, atualmente, um dos principais focos da reflexão do CENPEC (Centro de Estudos e Pesquisas em Educação, Cultura e Ação Comunitária)⁵⁸. Uma de suas pesquisadoras, Isa Maria Rosa Guará, releu o levantamento bibliográfico sobre Educação Integral que o CENPEC realizou em 1999⁵⁹. Ela percebe que o “pacto garantidor do esforço coletivo em torno da Educação Integral” exige a explicitação do conceito. Uma primeira acepção associa “Educação Integral” com “formação integral”, ou seja, postula que o ensino tenha em conta as diversas faculdades do ser humano: cognitiva, afetiva, estética, lúdica, corporal, social, espiritual etc, conectando-as entre si. Uma segunda acepção de Educação Integral seria como “articulação de saberes a partir de projetos integradores”, como é o caso da parceria entre a escola e a comunidade. Há saberes e

⁵⁶ *Ibidem*, p. 16.

⁵⁷ Cf. D. INCONTRI, *Pedagogia espírita*.

⁵⁸ Os *Cadernos Cenpec*, já em seu número 2, no segundo semestre de 2006 dedicaram toda a edição à Educação Integral.

⁵⁹ Cf. I.M.R. GUARÁ, “É imprescindível educar integralmente”.

habilidades, crenças e valores, que ultrapassam os limites do currículo escolar. Neste caso, a Educação Integral acontece mesmo quando o processo de formação da pessoa passa também pela família, biblioteca, museu, clube esportivo, grupos religiosos e outras formas de organizações da sociedade. Os temas centrais destes espaços deveriam aparecer como transversais nos currículos escolares. Estas redes institucionais precisam ser pensadas e articuladas. Uma terceira acepção, muito comum de Educação Integral, é a “perspectiva de tempo integral”⁶⁰. Existem várias experiências neste sentido, como é o caso da Escola Parque, na Bahia, na década de 1950, e os CIEPs e CAICs, no Rio de Janeiro nas décadas de 1980 e 1990, respectivamente. Nestes casos, o prédio e o ambiente da escola eram preparados para abrigar o aluno em tempo integral. Já no PROFIC (Programa de Formação Integral da Criança, em São Paulo, entre os anos de 1986 e 1993. A estratégia era a parceria da escola com outras instituições da sociedade para que pudesse ser garantida a integralidade da formação. A descontinuidade das políticas públicas tem dificultado a consolidação destas experiências. Por isso, poder-se-ia se pensar em uma visão política mais integral e integradora, que tornasse possível uma educação verdadeiramente integral. Uma quarta acepção a ser considerada é a ótica da “inclusão”. A educação deve “integrar” todas as crianças em idade escolar para que tenham acesso à escola e tenham condições de ali permanecer.

Como pudemos observar nesta breve revisão literária, o conceito de Educação Integral é uma obra ainda inacabada. Há um consenso crescente de que é esta a perspectiva que deverá ser adotada na escola do século 21. Porém, é necessário integrar os próprios conceitos para dar um passo adiante. Estamos, portanto, diante de uma nova “visão”, ou até mesmo de um “novo paradigma”, que reconstrói praticamente tudo a partir de uma visão integradora que procura superar a fragmentação provocada pela modernidade. A Escola de Tempo Integral e a parceria da escola com a sociedade são indicações práticas desta nova visão.

Sobre a Escola de Tempo Integral, há os que criticam a proposta como populista, inviável e onerosa. Outros ainda afirmam que essa proposta provoca uma “totalização” da escola atribuindo a ela tarefas que, a rigor, não lhe pertencem⁶¹. Outros a elogiam citando a satisfação dos pais, a melhoria do horário para os professores e o fato de que iniciativas como os CIEPs reacenderam o debate sobre a escola pública. Parece que o tempo da emancipação

⁶⁰ Esta é a perspectiva apontada pelo artigo 34 da LDB.

⁶¹ L. V. MAURÍCIO, “O que se diz sobre a escola pública de horário integral”.

vai abrindo espaço para um novo tempo em que a capacidade de “tecer redes” ou construir vínculos entre pessoas, saberes e sociedades, finalmente estarão na ordem do dia.

3 Uma possível releitura de Dehon

Ao início deste capítulo fizemos um ensaio de síntese do ideário pedagógico de Léon Dehon. Em seguida, passamos em revista alguns filósofos da educação, que apontam para a noção de Educação Integral. É hora de perguntar de que modo esta perspectiva teria orientado as idéias de Léon Dehon. Há, neste autor, uma noção de Educação Integral? Como ela se manifesta em seus escritos? Quais os seus eventuais limites? De que modo ela poderia ser expressa hoje?

Há na pedagogia dehoniana um humanismo integral de fundo, no qual as diversas dimensões do ser humano são consideradas. Ele se preocupa em integrar a temporalidade com a eternidade, a localização com a referência geográfica ao todo, a mente com o coração, a alma com o corpo, o concreto com o abstrato, o real com o imaginário, o funcional com o gratuito, a ternura com o vigor, o individual com o social, o simples com o complexo, a militância com a festa, a disciplina com o lúdico. Reinterpretando as palavras com que Delloue definiu a pedagogia dehoniana, em 1927, poderíamos dizer que nele, de fato, “a idéia religiosa é levada todo momento à prática”⁶² Dehon ainda não tem a perspectiva atual do pluralismo religioso. É um filho da cristandade, que chegou a alimentar sonhos de restauração monárquica. Certamente, este é um limite de seu pensamento. Porém, passa deste sonho à defesa mais genérica de que não é possível educar sem levar em conta a dimensão religiosa do homem. Isto faz todo sentido se entendermos religião em uma de suas acepções semânticas, como “re-ligação” entre o humano e o divino. Neste caso, Dehon é muito atual e sua intuição é confirmada pelo pensamento de Maritain e Pieper.

Este ideal do humanismo integral encontra, em Dehon, uma diversidade de meios pedagógicos que poderíamos chamar de Educação Integral. Esta perspectiva está presente a todo momento. Sua proposta pedagógica de modo algum pode ser limitada aos muros do Colégio São João que, afinal, era uma escola de tempo integral. Ao modo de Pestalozzi, sua

⁶² A. DELLOUE, “Discours”, p. 21.

escola se assemelhava a um lar. Mas havia também o Patronato São José, instituição de educação popular, complexa e variada, que ensinava desde música até cidadania. Ali a parceria entre escola e comunidade era bastante clara e antecipou, em cento e trinta anos aquilo que a nossa LDB previu que acontecesse no Brasil até 2007.

Seguindo a cartilha de Rollin, Dehon procura iniciar seu método educacional conhecendo a pessoa do educando, seu nome, família, qualidades e limites. Sua pedagogia é centrada na pessoa do aluno. Ele acredita na pessoa e na liberdade quase ao modo de Rousseau e propunha que o ponto de partida de todo ensino seja o vínculo de empatia e amizade entre o professor e o aluno. Ele quer formar pessoas com coração. Sabe que o conhecimento só tem sentido se nasce e é cultivado no compromisso interpessoal e de transformação da realidade. Não podemos, porém, identificar o pensamento de Dehon com o de Rousseau, pois, ao contrário deste, Dehon acredita que a bondade natural do ser humano teria sido prejudicada pelo “pecado original”. Propõe que a educação esteja “presente” na vida do aluno para ajudá-lo a vencer uma tendência negativa que carrega por natureza. Por isso, ele critica duramente a atitude dos que abandonam seus alunos a si mesmos, como uma forma de ingenuidade pedagógica.

A Educação Integral de Dehon propõe integrar a pessoa consigo mesma, restaurando-a de eventuais marcas negativas que ela possa trazer consigo. Esta pedagogia da restauração pessoal faz da escola um lugar onde se cultivam pessoas novas, restauradas. Hoje essa perspectiva retoma a atualidade se pensarmos nas marcas profundas deixadas pela fome, pelo abandono familiar, pela droga e pela violência que assola nossas cidades. Sem totalizar a escola, ou atribuir-lhe uma carga excessiva de tarefas, na prática, é o lugar em que algumas de nossas crianças encontrarão o único espaço minimamente humanizado que possibilitará uma referência alternativa para não terem que reproduzir aquilo que aprenderam nas outras formas de convívio social.

Identificamos na literatura dehoniana um binômio aparentemente contraditório, que expressamos na forma de uma pedagogia da presença e uma pedagogia da ausência. Na verdade, é necessário integrar estes dois procedimentos a partir de um “princípio de subsidiariedade pedagógica”, onde o professor, com sua presença e saber, subsidia o que falta ao seu aluno, sempre atento ao momento de deixá-lo “andar com as próprias pernas”. Neste

sentido, a educação dehoniana pode ser vista como emancipadora. É uma educação libertadora, sem deixar de ser comprometedora. Dehon chega a acreditar que, neste vínculo estabelecido entre professor e aluno, há uma espécie de “mistério” no qual há algo que passa de “alma” para “alma”. Isto mereceria ser mais aprofundado a partir da contribuição de autores que estudam hoje o significado antropológico do outro na composição do “eu”. Somos uma teia de relações. Não nos bastamos. Todo encontro pedagógico construído nestes parâmetros deixa uma “marca indelével” na alma do aluno e, por que não dizer, do professor.

Com esta perspectiva integral e integradora, Dehon conseguiu reencantar a educação e manteve seu projeto mesmo durante a Guerra. Quando as paredes do Colégio São João foram derrubadas pelas bombas, as cartas do *Boletim de Guerra*, produzidas pelos ex-alunos, sustentavam os vínculos entre eles. O título daquele periódico é emblemático: *Le Trait-d'Union*. Esta capacidade de reencantar a educação certamente tinha, como uma de suas fontes a profunda fé que Dehon professava de que “dias melhores virão”. Era um otimista e contagiava os que dele se aproximavam. Sua pedagogia do amor não faria sentido sem a pedagogia do humor. O lúdico fazia parte do seu cotidiano.

A exemplo de Charles Rollin, Dehon queria educar o espírito, a inteligência e o coração. Mas não se esquecia de que era preciso também movimentar os pés e as mãos. A educação que propunha estimulava a militância como fonte de novos saberes. Ao modo de Dewey, fazia da “experiência” um espaço acadêmico privilegiado.

Se quiséssemos encontrar uma fórmula sintética para exprimir a perspectiva integral da visão educacional dehoniana, diríamos que ele propôs a “Pedagogia da Cordialidade”, da edificação da pessoa como um todo, a partir do vínculo empático, que tem o potencial de cultivar as mais diversas formas de saber. Isto se assemelha muito à “teoria do amor pedagógico” da maneira como aparece na obra de Pestalozzi⁶³. Porém, nem mesmo a beleza e amplitude desta proposta pedagógica privam o pensamento de Léon Dehon de alguns limites para os quais devemos estar atentos. Sua linguagem fortemente religiosa e discretamente jurídica pode cegar os olhos do leitor desatento, que tende a perceber em seus escritos apenas a apologia da proposta católica para a educação.

⁶³ D. INCONTRI, *Pestalozzi, Educação e Ética*, p. 97. Apesar desta semelhança, não encontramos referência a Pestalozzi na obra de Léon Dehon.

Há também uma tortuosa falta de sistematização em seus escritos educacionais. Seu pensamento possui uma coerência interna que a leitura global permite perceber. Poderíamos até dizer que é vitalmente sistemático. Porém, não estamos diante de um escritor de tratados pedagógicos. É apenas um educador apaixonado que reflete sobre seus procedimentos e sobre a sociedade de seu tempo.

Um terceiro limite é a tendência ingênua de assimilar rapidamente e, de modo a-crítico, as diversas formas de pensamento. Os escritos de Dehon passam da linguagem religiosa à botânica, da análise contábil dos bancos à pedagogia, da política internacional à espiritualidade, com uma rapidez que nos faz ver sua obra como um misto de leituras feitas e nem sempre totalmente assimiladas⁶⁴. Este seu interesse integral pela cultura, às vezes, faz dele um pensador eclético o que não é exatamente uma qualidade.

Estes limites deixam em aberto a questão do ensino religioso no ambiente escolar em um tempo no qual o pluralismo religioso é crescente e inevitável, seja na aldeia global ou local. Como pensar a dimensão religiosa escolar defendida por Dehon, e por tantos outros, sem cair no proselitismo confessional ou na instrumentalização da escola pública para a divulgação de dogmas particulares? A crítica da laicidade, feita por Dehon, pode ser apressadamente descartada se confundirmos religião com confissão ou tradição religiosa. A Educação Integral precisa enfrentar este debate de modo inteligente, para além das paixões apologéticas que caracterizaram o tempo de Léon Dehon.

Apesar destes limites, o pensamento pedagógico de Dehon recupera a atualidade de um modo surpreendente, porque a proposta positivista, que era vanguarda em seu tempo, hoje é o fundamento de uma educação tradicionalista que provocou a fragmentação da pessoa e dos saberes. Portanto, poderíamos afirmar, sem nenhum anacronismo, que hoje Dehon seria um adversário da educação tradicionalista. Rever seu ideário pedagógico, situado em seu contexto histórico, pode nos ajudar a superar a fragmentação positivista e avançar para uma educação verdadeiramente integral. A vanguarda do século 19 virou tradição e a fórmula educacional anterior, pode ser a vanguarda do século 21.

⁶⁴ Este aparece bem no seu diário da viagem à América do Sul, em 1906. Dehon, L., *Mille lieues dans l'Amérique du Sud: Brésil, Uruguay, Argentine*, Casternan, Tournai 1908. Outro exemplo é o livro *L'usure au temps présent*, publicado em 1895, e que analisa com detalhes contábeis o sistema financeiro da época. Isto é inusitado tratando-se de um teólogo-filósofo-advogado. OSC II, pp. 300-352.

ENSAIO CONCLUSIVO

Da visão educacional para a missão institucional

Nesta conclusão pretendemos fazer o *ensaio prático* de traduzir a “visão educacional de Léon Dehon” em “missão”. A legislação do ensino superior em nosso país exige que cada universidade expresse claramente sua Missão Institucional¹. Como seria isso para uma instituição educacional “dehoniana”? Dito de outra maneira: de que modo a Educação Integral pode definir a identidade de uma universidade? São questões que o recuo teórico de uma tese doutoral permite responder com algum fundamento e segurança. O que está em jogo é, exatamente, a aplicabilidade do conhecimento adquirido ao longo da pesquisa.

1 Marco legal

Segundo o “Instrumento de Avaliação Externa de Instituições da Educação Superior”², que serve como referência para colocar em prática o Sistema Nacional de Avaliação da Educação Superior (SINAES)³, o primeiro olhar avaliativo sobre uma IES deve verificar o modo como a “missão” está expressa no PDI e sua articulação com o Projeto Pedagógico Institucional (PPI). Esta articulação deve estar formulada em uma política de ensino, pesquisa e extensão, que é traduzida em “práticas consolidadas e institucionalizadas”. Deve haver

¹ O artigo 16 do Decreto nº 5.773, de 9 de maio de 2006 afirma: “O plano de desenvolvimento institucional deverá conter, pelo menos, os seguintes elementos: I - *missão*, objetivos e metas da instituição, em sua área de atuação, bem como seu histórico de implantação e desenvolvimento, se for o caso [...]”. *Grifo nosso*.

² MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, *Avaliação externa das Instituições de Educação Superior; Diretrizes e Instrumento*, MEC-INEP, Brasília 2006.

³ Instituído pela Lei nº 10.861, de 14 de abril de 2004.

algum indicativo de que existem ações assumidas pelos atores internos e visível pela comunidade externa de que, o que está enunciado no PDI e no PPI, está totalmente implantado. A “missão” expressa no PDI deve possuir plena aderência com a realidade institucional no que se refere ao ensino, pesquisa, extensão, avaliação institucional e gestão. É desejável que o PDI seja “utilizado como documento de referência para a elaboração de todos os programas e projetos visando dar cumprimento às políticas institucionais. Sua utilização decorre de processo intencional, direcionado por políticas institucionais definidas, divulgadas e de conhecimento da comunidade interna e externa, conferindo identidade à IES”. Por fim, o resultado da Avaliação Institucional deve ser um subsídio para a revisão permanente do PDI⁴.

A proposta inovadora do SINAES é agregar à função de regulação e controle da avaliação um elemento mais formativo e qualitativo, que auxilie as IES a melhorarem o padrão de sua oferta. Outra novidade, que consta dentre os princípios e critérios professados pelo SINAES, é que o ponto de partida da avaliação não é uma referência externa, mas o “respeito à identidade e diversidade institucionais em um sistema diversificado”⁵. Vemos, assim, que a clara formulação da “missão institucional”, como verbalização da própria identidade, terá um impacto crescente na gestão das IES. O novo sistema de avaliação entende que esta “missão”, claramente formulada, permite “o julgamento a respeito de como o sistema e as instituições de educação superior cumprem as suas funções públicas”⁶. Em outras palavras, poderíamos dizer que o PDI é um compromisso público e aprovado pelo Estado, da IES com a comunidade.

A identidade institucional [...] é uma construção que tem a ver com a história, as condições de produção, os valores e objetivos da comunidade, as demandas concretas, as relações interpessoais. Portanto, a avaliação deve estabelecer um elo de ligação entre o específico institucional e o sistema de Educação Superior. O respeito à identidade não significa isolamento institucional, e sim condição para a solidariedade interinstitucional⁷.

Não encontramos uma formulação precisa para *missão* nos documentos oficiais emanados pelo poder público. Os textos mais recentes associam missão à “vocação,

⁴ MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, *Avaliação externa das Instituições de Educação Superior*, pp. 101-106.

⁵ MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, *SINAES, Sistema Nacional de Avaliação da Educação Superior*, p. 91.

⁶ *Ibidem*, p. 90.

⁷ *Ibidem*, p. 93.

compromissos, finalidades, visão e objetivos”⁸. Afirma-se, ainda, que seriam as “marcas que melhor caracterizam a instituição, definem a sua identidade e indicam a sua responsabilidade social”⁹.

Apesar de toda esta linguagem ser um pouco vaga e imprecisa, considerada sua centralidade na construção do sistema de educação superior do país, já temos aqui alguns elementos para propor pressupostos e parâmetros que auxiliem na verbalização da “missão institucional”. Vejamos, antes, como duas instituições educacionais realizaram esta tarefa.

2 Duas formulações da missão institucional

Acreditamos que a “missão” tem sua raiz na “visão”. Portanto, qualquer instituição educacional que deseje formular sua missão com clareza necessita fazer um recuo teórico para verbalizar a visão que esteve na origem do ato fundacional. Esta tarefa nem sempre é fácil. Muitas instituições navegam no mar da educação com fórmulas copiadas que pouco significam para os atores do cenário escolar.

Outras instituições apresentam certa maturidade, fundamento e até complexidade na verbalização de sua “missão”. É o caso da Universidade do Sul de Santa Catarina, UNISUL, uma das maiores do país, que tem sua origem histórica no Colégio Dehon, em Tubarão, Santa Catarina. Hoje, mesmo mantendo o colégio com o nome de origem, a UNISUL não possui mais qualquer vínculo institucional com os Dehonianos. Esta entidade expressa a sua “missão” nos seguintes termos:

Educação e gestão inovadoras e criativas no processo do ensino, da pesquisa e da extensão, para *formar integralmente*, ao longo da vida, cidadãos capazes de contribuir na construção de uma sociedade humanizada, em permanente sintonia com os avanços da ciência e da tecnologia¹⁰.

A Educação Integral está claramente expressa nesta verbalização da missão¹¹. Na explicitação deste enunciado, a UNISUL assume o compromisso de fazer do aluno seu valor

⁸ *Ibidem*, p. 120.

⁹ *Ibidem*, p. 120.

¹⁰ <http://www.unisul.br/content/site/AUniversidade/InformacoesInstitucionais/index.cfm> <acesso em 08.01.2007>. *Grifo nosso*.

¹¹ Também a “Proposta Educativa Dehoniana”, formulada no Encontro de Educadores, em Salamanca, em 2001, diz que a educação dehoniana “deve contemplar toda a pessoa”. *Studia Dehoniana*, n. 45 (2002) p. 288.

essencial, com direito a participar de seu próprio processo educativo, e foco da dedicação de professores, funcionários e dirigentes. O professor, por sua vez é “o promotor, guia, orientador e facilitador por excelência desse processo”. Deve ser capaz de conduzir um processo educativo que prepare o aluno para o mercado e para a vida, considerando que estamos em uma “sociedade complexa, global e mutante”. Os relacionamentos acadêmicos devem primar pela humanização e transparência, com a participação, solidariedade, cooperação, integração, compartilhamento e responsabilidade. Afirma-se o “respeito à dignidade humana que se expressa pelo direito ao crescimento contínuo e integral das pessoas e da coletividade em suas múltiplas potencialidades, respeitando o pensamento holístico, a pluralidade de idéias e a diversidade cultural”. Percebemos que, mesmo sem uma referência explícita ao pensamento dehoniano, a UNISUL vive o ideal da Educação Integral, atualizando aquilo que Dehon viveu e ensinou. Alguns elementos típicos da obra de Léon Dehon, como a Pedagogia da Cordialidade, poderiam certamente explicitar ainda mais a identidade desta Instituição de Ensino Superior.

Uma segunda IES que pretendemos analisar é a Faculdade Dehoniana, com sede em Taubaté, São Paulo e que permanece sendo mantida pelos dehonianos. Seu PDI foi aprovado pelo Ministério da Educação, em 2002, e apresenta a “missão”, nos seguintes termos:

A Faculdade Dehoniana, inspirada nos ideais educacionais do seu patrono, Léon Dehon (1843-1925), buscará captar talentos e formar profissionais num ambiente propício ao desenvolvimento das atividades de ensino, pesquisa e extensão, visando satisfazer as principais demandas sociais¹².

Em seguida é apresentada a vida e a mística de Léon Dehon como referenciais para a compreensão e cumprimento de tal missão. A IES identificou, nesta mística três níveis epistemológicos que, num círculo hermenêutico, tornam possível perceber, interpretar e transformar a realidade.

No primeiro nível manifesta-se o Dehon sociólogo, advogado, administrador, um homem comprometido com a leitura diária dos jornais, que “conhece os males da sociedade”. O segundo nível revela o Dehon filósofo. É aquele que “estuda cuidadosamente as causas”. O terceiro nível é de natureza teológica. Léon Dehon encontra a “causa mais profunda da miséria humana na recusa ao amor de Cristo”. Portanto, quando dissemos, em nosso princípio inspirador, que buscaremos nossa fonte de identidade e missão na mística de Padre Dehon significa que queremos gerenciar uma

¹² FACULDADE DEHONIANA, *Plano de Desenvolvimento Institucional 2003-2007*, Taubaté, 2002.

instituição de ensino superior que integre a *solicitude social*, a *reflexão crítica* e o *saber teológico* interdisciplinarmente. Assim, retomamos as três esferas da experiência de Léon Dehon: sua sensibilidade social, sua reflexão contínua sobre a realidade, e a luz do Evangelho. A co-relação destas três esferas favoreceram, em Léon Dehon, uma fé inteligente: ao mesmo tempo lúcida, mística e operativa. Daí os três eixos epistemológicos que desejamos integrar na Faculdade Dehoniana: as Ciências Sociais, a Filosofia e a Teologia¹³.

Trata-se, portanto, de uma “missão” verbalizada a partir da espiritualidade, que contempla igualmente a Educação Integral em seu esforço de inter e transdisciplinaridade, mas que revela ainda não conhecer a reflexão pedagógica de seu patrono. Da mesma forma que a UNISUL, na Faculdade Dehoniana a verbalização da “missão” seria certamente enriquecida através do estudo aprofundado e cultivo dos escritos de Léon Dehon a respeito de educação.

3 Pressupostos e parâmetros para a verbalização da missão

O primeiro pressuposto para verbalizar a “visão educacional de Dehon” sob a forma de “missão institucional”, nos parâmetros exigidos pela legislação em vigor no Brasil, é que esta formulação deve expressar a identidade da instituição. Portanto, preferimos não falar de “elaboração”, mas de “verbalização”, visto que é disso que realmente se trata. Um segundo pressuposto é que esta identidade compõe-se de uma dimensão essencial da qual decorrem as ações educacionais características da IES, que respondem às demandas regionais. A missão deve exprimir claramente o “ser” e o “agir” da instituição. É necessário identificar o “núcleo essencial” da identidade institucional. A análise do momento fundacional, dos ideais de origem, da visão de um fundador, do desenvolvimento histórico da instituição, é um terceiro pressuposto. Sem este terceiro fator, corre-se o risco de reinventar uma identidade que não existe, ou de perder a coerência histórica e o significado social. Um quarto pressuposto é que a verbalização do “núcleo de identidade essencial” será tanto mais completo quanto maior for o número de perspectivas ou angulaturas pelos quais for apreendido. Isto significa que a verbalização precisa ser uma tarefa colegiada, na qual o máximo de atores do cenário educacional estejam envolvidos. Porém, é fato que não pode faltar uma análise científica ou

¹³ *Ibidem.*

acadêmica que faça o recuo teórico necessário para identificar as autênticas e mais profundas raízes desta identidade¹⁴.

Destes pressupostos decorrem alguns parâmetros de verbalização que procuramos expressar, de um modo didático, em doze “palavras geradoras de sentido”, para que possam ser utilizados também por outras instituições. A partir do nosso ponto de vista o enunciado da missão institucional deve ser:

- **Conciso:** trata-se de uma fórmula sintética. Os desdobramentos e explicações podem explicitar a identidade da instituição, seus objetivos, história, valores, métodos pedagógicos. Porém, é recomendável que a missão seja enunciada em apenas uma frase.
- **Claro:** tenha um estilo direto, sem a utilização de expressões, jargões, ou palavras técnicas que precisem de explicação.
- **Compreensível:** é uma decorrência da clareza. O enunciado de uma missão é tanto mais eficaz, quanto mais imediata é a sua compreensão pelos atores do cenário educacional e também pela comunidade externa.
- **Coerente:** expresse, de fato, o que caracteriza a identidade institucional a partir de sua origem e significado social. Não é apenas uma fórmula poética sem referência à realidade.
- **Correto:** que este enunciado responda àquilo que pede a legislação que regula a avaliação da educação superior.
- **Colegiado:** a verbalização da missão é uma tarefa que deve envolver alunos, professores, corpo técnico-administrativo, dirigentes, mantenedores. Esta reflexão participativa normalmente é respaldada pela pesquisa qualificada.
- **Completo:** todos os elementos relevantes do “núcleo essencial da identidade institucional” devem estar sinteticamente expressos.
- **Convergente:** trata-se de uma fórmula que tem o potencial de atrair os atores da educação e criar uma sinergia institucional.
- **Cativante:** é como uma “bandeira verbal” da instituição. Presta serviço à auto-estima institucional e tem a capacidade de encantar, motivar, identificar.
- **Conhecido:** é importante que o enunciado da “missão institucional” seja divulgado e conhecido.
- **Construtivo:** a partir deste enunciado deve ser possível desdobrar todas as dimensões de uma instituição de educação superior. O ensino, a pesquisa, a extensão, a avaliação e a gestão devem ter uma referência direta com a “missão institucional”. Uma universidade é construída a partir do desenvolvimento de sua identidade. Portanto, esta construção é coerente, conhecida pela sociedade e pode ser avaliada.
- **Colaborativo:** finalmente, o enunciado da “missão institucional” é um estímulo para as pessoas que “trabalham por uma mesma causa”, ou seja, é co-laborativo.

¹⁴ Aqui poder-se-ia tomar como teoria de apoio e instância crítica do processo, a dinâmica de “rotinização ou institucionalização do carisma”, da maneira como foi percebida por Max WEBER, *Economia e Sociedade: fundamentos da sociologia compreensiva*.

4 A missão institucional dehoniana

Considerando estes pressupostos e parâmetros, ensaiamos a elaboração de um enunciado que julgamos expressar a “visão educacional de Léon Dehon”. Este processo poderia servir de referência para a verbalização da “missão institucional” de alguma obra dehoniana, ou outras que queiram realizar a mesma tarefa. É claro que esta elaboração acadêmica, quando realizada no âmbito de uma instituição educacional real, deverá passar pelo crivo do olhar colegiado.

Este ensaio foi a forma que encontramos de unir os aspectos mais relevantes de nossa pesquisa numa linguagem conclusiva. Nossa proposta para o enunciado da missão é o seguinte:

Promover a Educação Integral, a partir de vínculos inter-pessoais inspirados na cordialidade do Cristo Mestre, em vista da construção de uma sociedade mais humanizada.

Procuramos verbalizar, de modo conciso, quatro aspectos que julgamos fundamentais para exprimir o núcleo essencial de uma instituição educacional inspirada na visão dehoniana:

- a) **Promover a Educação Integral:** conforme comprovamos ao longo desta pesquisa doutoral, esta é a perspectiva que orientou o ideário pedagógico de Léon Dehon, que pode ser explicitada nas diversas sínteses que ele buscou. Esta perspectiva holística está expressa em seu desejo de formar “pessoas com coração”, ou seja, a pessoa humana em sua realidade multidimensional, considerando, inclusive, a dimensão sobrenatural.
- b) **a partir de vínculos inter-pessoais:** o ponto de partida da visão dehoniana é a relacionalidade, o forte vínculo de empatia com o educando. A “idéia religiosa”, em sua acepção *lato sensu* como “re-ligação” é levada todo momento à prática. Verificamos que esta foi a prática de Léon Dehon, que resultou em um permanente “reencantamento da educação”.
- c) **inspirados na cordialidade do Cristo Mestre:** a visão dehoniana possui uma referência explícita e permanente ao Coração de Jesus como modelo de perfeição humana. Este é o princípio e o fim de suas idéias pedagógicas.

Insinuamos aqui a Pedagogia da Cordialidade, com a qual sintetizamos a proposta pedagógica de Dehon.

- d) **em vista da construção de uma sociedade mais humanizada:** se a visão dehoniana parte da pessoa, possui também significado social. Estas duas dimensões, pessoal e social, são uma síntese característica do pensamento de Léon Dehon, que pretendia fazer o Coração de Jesus presente nas pessoas e nas sociedades. Entendemos aqui a atualização da “obra de reparação ou restauração” que ele pretendia realizar através da educação. Se nosso enunciado começa afirmando o compromisso com a Educação Integral, termina anunciando a meta de promover um Humanismo Integral. Assim, procuramos ser fiéis à afirmação com que Dehon abre seu discurso programático de que “o rumo da educação depende da idéia que se tenha sobre o ser humano perfeito”¹⁵.

Com isso, acreditamos ter respondido às questões que nos propomos nesta tese doutoral, desvendando como a perspectiva de uma Educação Integral orientou as idéias pedagógicas de Léon Dehon e demonstrando, na prática e de modo fundamentado, como esta visão educacional pode ser expressa sob a forma de missão institucional.

¹⁵ OSC IV, p. 276.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1 Obras de Léon Dehon

1.1 *Escritos autobiográficos*

DEHON, L. *Notes sur l'Histoire de ma vie* [1843-1888]. 8 Volumes, Roma: Centro Generale Studi SCJ, 1975-1979. Publicação aos cuidados de G. MANZONI. É também conhecida como *Memórias*. Os manuscritos originais são quinze cadernos negros (formato 25 x 19). Cobre o período que vai do seu nascimento em 14.03.1843 ao dia 06.09.1888, quando Dehon foi recebido em audiência por Leão XIII, agradeceu o *Decreto de Louvor* concedido à sua Congregação e ouviu o pedido de pregar suas Encíclicas.

_____ *Diario del Concilio Vaticano I* [1869-1870]. Città del Vaticano: Tipografia Poliglota Vaticana, 1962. Publicados aos cuidados de V. CARBONE.

_____ *Notes Quotidiennes* [1867-1870 e 1886-1925]. 5 Volumes. Roma: Centro Generale Studi SCJ, 1985-1998. É uma obra conhecida também como *Diário*. Publicação aos cuidados de VASSENA, A. – MANZONI, G. (Vol. 1 e 2), MANZONI, G. (Vol. 3), TESSAROLO, E. – DRIEDONKX, E. (VOL. 4 E 5). Dividido em duas partes: a primeira retrata os anos anteriores à vida de seminarista. Começa em 13.12.1867 e termina em 20.02.1870. A segunda parte começa em 28.01.1886 e termina em julho de 1925. Os manuscritos originais são quarenta e cinco cadernos de cor marrom.

1.2 *Cartas*

_____ *Correspondance 1864-1871*. Roma: Edizioni Dehoniane, 1992. Edição aos cuidados de A. BOURGEOIS.

_____ *Lettere di Pe. Dehon a confratelli italiani*. Roma: Centro Generale Studi SCJ, 1998. Edição aos cuidados de A. TESSAROLO.

_____ “Correspondance entre Léon Dehon, Oliva Uhlrich, Marie-Ignace”. *Studia Dehoniana*, Roma, v. 46, n. 1-2 (2003). Publicação do Centro Generale Studi SCJ, aos cuidados de A. PERROUX.

_____ *Lettere circolari*. Bologna: Editrice Dehoniana, 1954. São cartas endereçadas à Congregação. Edição aos cuidados de A. TESSAROLO – G. ALBIERO. Em apêndice a esta edição estão as obras: *Testamento spirituale*. *Ricordi (Souvenirs)*. *Notizie storiche*. O texto original francês é acompanhado da tradução em italiano.

Existe ainda nos Arquivos Dehonianos uma grande quantidade de cartas, sermões, instruções, meditações, apontamentos de retiros espirituais, pensamentos, que passam por um lento e cuidadoso trabalho de decodificação e edição.

1.3 *Obras Sociais*

_____ *Œuvres Sociales*. 6 volumes. Roma: Edizioni Dehoniane, 1978-1993. Coletânea dos escritos sociais, aos cuidados do Centro Generale Studi SCJ.

- Volume I: *Les Articles* (1889-1922).
- Volume II: *Manuel social chrétien* (org.), (1894) pp. 79-296; *L'usure au temps présent* (1895) pp. 300-352; *Nos congrès* (1897) pp. 357-377; *Les directions pontificales politiques et sociales* (1897) pp. 381-474.
- Volume III: *Catéchisme social* (1898) pp. 1-158; *Richesse, médiocrité ou pauvreté* (1899) pp. 165-175; *La rénovation sociale chrétienne* (1897-1900) pp. 179-376; *Le pan de la Franc-Maçonnerie* (1908) pp. 381-432.
- Volume IV: *Thèse pour la licence* (1862) pp. 13-61, *Thèse pour le doctorat* (1864) pp. 64-170; *Assemblée des Œuvres Catholiques du diocèse de Soissons* (1875) pp. 173-211; *Congrès de Reims* (1876) pp. 213-226; *Œuvre de Saint-Joseph. Cercle et Patronage* (1876) pp. 227-239; *Assemblée des Œuvres Catholiques du diocèse de Soissons* (1876) pp. 241-248; *Utilité des Études Sociales* (1893) pp. 249-254; *Propagande des idées sociales chrétiennes* (1894) pp. 255-260; *L'Éducation et l'Enseignement selon l'idéal chrétien* (1877-1887) pp. 265-394; *Discours sur l'Histoire locale de Saint-Quentin* (1887) pp. 398-423; *Discours sur l'Éducation du caractère* (1891) pp. 427-457, *Discours, Conférences, rapports, Manuscrits inédits* (1877-1907) pp. 465-678.
- Volume V1: *Chroniques du "Règne"* (1889-1895): Crônicas sobre educação: *Hollande, une bonne loi scolaire*, p. 69; *L'enfant*, p. 99; *Nos Lycées*, p. 252; *L'école laïque et la criminalité*, pp. 268-269; *L'Enseignement en Allemagne* pp. 306-307; *L'École*, pp. 314-315; *Belgique: Les lois scolaires*, p. 505.
- Volume V2: *Chroniques du "Règne"* (1896-1903): Crônicas sobre educação: *Angleterre: La loi scolaire*, pp. 93-93; *Angleterre: La loi scolaire*, p. 131; *L'instruction religieuse dans l'enseignement secondaire*, pp. 151-154; *La lutte pour la liberté de l'enseignement secondaire*, pp. 266-267; *L'enseignement publique*, 287;

Belgique: L'État hors de l' école, 508-510; *L'hécatombe des écoles libres*, p. 677; *La liberté d'enseignement*, pp. 704-705.

- Volume VI: *Manuscrits sur la question sociale (1871-1893): L'enseignement et l' Eta. Notes a développer*, pp. 1-4; *L'éducation*, pp. 113-115; *Les écoles primaires de Paris*, pp. 430-431; *L'enseignement en France avant la révolution*, pp. 454-455.

____ L. *La rénovation sociale chrétienne (1897-1900)*. Roma: Centro Generale Studi SCJ, 2001. Reedição com anotações e introdução de A. PERROUX.

1.4 *Obras Espirituais*

____ *Œuvres Spirituelles*. 7 volumes. Roma: Edizioni Dehoniane, 1982-1985. Coletânea dos escritos espirituais aos cuidados de TANZELLA – PALERMO.

- Volume 1: *La dévotion au Sacré-Cœur de Jésus (1887)* pp. 11-26; *La Retraite du Sacré-Cœur (1896)* pp. 30-236; *Mois de Marie (1900)* pp. 341-411; *Mois du Sacré-Cœur de Jésus (1900)* pp. 417-601.
- Volume 2: *La vie d'Amour (1901)* pp. 7-172; *Couronnes d'amour, (1905)* pp. 175-516; *Le Cœur Sacerdotal de Jésus (1907)* pp. 519-628.
- Volume 3: *L'Année avec le Sacré-Cœur, janvier-jouin (1919)*.
- Volume 4: *L'Année avec le Sacré-Cœur, juillet-décembre (1919)*.
- Volume 5: *La vie intérieure – ses principes (1919)* 7-210; *La vie intérieure – exercices spirituels (1919)* 213-386; *Etudes sur le Sacré-Cœur de Jésus (1923)* 389-717.
- Volume 6: *Sœur Marie de Jésus (1914)* pp. 7-149; *Um prêta du Sacré-Cœur, Vie édifiante du R. Pe. Alphonse-Marie Rasset 1843-1905 (1920)* pp. 153-385; *Preface a la vie du Père André; Directoire Spirituel des Prêtes du Sacré-Cœur de Jésus (1919)* pp. 393-528.
- Volume 7: *Directoire spirituel (1936)* pp. 6-174; *Discours sur l'éducation du caractère (1891)* pp. 179-208; *Souvenirs (1912)* pp. 211-229 ; *Petit Directoire pour les recteurs (1919)* pp. 233-251; *Thesaurus Sacerdotum Oblatorum Cordis Iesu (1891)* pp. 255-394.

1.5 *Escritos para a Congregação*

Nestes escritos optamos por citar Léon Dehon como “editor” (ed.), pois ainda que a maior parte do trabalho tenha sido sua, o gênero literário destas obras supõe uma criação coletiva, com a participação ativa dos primeiros membros da Congregação e a aprovação oficial da Igreja.

_____ (ed.). *Thesaurus Sacerdotum Societas Cordis Jesu*. Saint-Quentin: Piquet-Barré typographus, 1886. Primeira edição do livro de orações oficial da Congregação.

_____ (ed.). *Thesaurus Sacerdotum Oblatorum Cordis Iesu*. Saint-Quentin: Imprimerie A. Terrillon, 1891. Segunda edição do livro de orações oficial da Congregação. Publicado em *OSP 7* (1891) pp. 255-394.

_____ (ed.). *Thesaurus Precum Sacerdotum a S.C.J.* (1902). Texto latino-francês. Traduzido em diversas línguas como holandês e luxemburguês.

_____ (ed.). *Constituições de 1881*. Os Arquivos Dehonianos preservam apenas o primeiro capítulo, em duas versões semelhantes (texto A e texto B). Está publicado, com facsimile do original manuscrito, em anexo a: FALLEUR, S. *Cahiers; Conférences et sermons du Père Dehon*, pp. 225-247.

_____ (ed.). *Constitutions de la Société des Prêtres du Sacré-Cœur de Jésus, établie à Saint-Quentin, diocèse de Soissons*. Constituições de 1885. Possuem a dupla aprovação de Dom Thibaudier de 02.08.1885 e de 15.09.1886. Estão publicadas em *Studia Dehoniana 2* (1972) pp. 1-101.

_____ (ed.). *Constitutiones Congregationis Presbyterorum a S.C.J.* Lovaina, 1906. Texto latino que recebeu a aprovação provisória da Santa Sé.

_____ (ed.). *Constitutiones Congregationis Presbyterorum a S.C.J.* Lovaina, 1924. Texto latino, revisto em relação ao precedente, que recebeu a aprovação definitiva da Santa Sé, em 1923.

Após a morte de Léon Dehon, as Constituições passaram por duas revisões importantes. A primeira aconteceu no Capítulo Geral de 1954. O texto foi aprovado pela Santa Sé, em 1956, e traz por título *Const. Congregationis Sacerdotum a S.C.J.*, Typis Pol. Vaticanos, 1956. Compreend, também, o *Statutum pro missionibus*. A última revisão foi aprovada em 1986, e adaptou as Constituições às diretrizes do Concílio Vaticano II: A edição típica, em francês, traz como título *Notre Règle de vie*, e inclui: *Constitutions et Directoire Général de la Congrégation des Prêtres du Sacré-Cœur de Jésus*.

- _____ (ed.). *Directoire spirituel à l'usage des Prêtres du S.-C. par le T.R.Pe. Dehon, Supérieur général des Prêtres du S.-C.* As primeiras duas edições, de 1905 e de 1908 praticamente são uma publicação à parte de *Excerpta* das Constituições de 1885, que estão no *Thesaurus* de 1886. A edição de 1919, porém, é especialmente cuidada por Pe. Dehon e, como ele mesmo diz na página inicial: “Estas páginas exprimem os espírito da nossa obra, da maneira como a concebemos no princípio”. *OSP* 6 (1919) pp. 393-528. Há uma edição revisada e ampliada, publicada em 1936: *OSP* 7 (1936) pp. 6-174.
- _____ (ed.). *Règlements divers des Prêtres du Sacré-Cœur.* Redigidas por ocasião do 7º Capítulo Geral e publicadas em dois opúsculos em 1908. O 8º Capítulo Geral, em 1919, aprovou uma 2ª edição revista e o 9º Capítulo Geral, em 1926 reviu o texto. No 10º Capítulo Geral se tornaria *Regulæ ac Præscriptiones, a variis Capitulis generalibus præsertim a decimo exaratae . Accedit Statutum pro missionibus.* Roma, 1934.
- _____ *Souvenirs 1843-1877-1912.* Memórias sobre sua vocação e sobre a Congregação. *OSP* 7 (1912) pp. 211-229.
- _____ *Avis et conseils.* Publicado originalmente em 1914, encontra-se como anexo ao Diretório Espiritual de 1936. *OSP* 7 (1914) pp. 142-169.
- _____ *Petit Directoire pour les recteurs.* Publicado originalmente em 1919. *OSP* 7 (1919) pp. 233-251.

1.6 Outros escritos

- _____ *La Sicile, l'Afrique du Nord e les Calabres.* Tournai, Casterman, 1897.
- _____ *Au-delà des Pyrénées.* Tournai: Casterman, 1900.
- _____ *Mille lieues dans l'Amérique du Sud: Brésil, Uruguay, Argentine.* Tournai: Casternan, 1908.
- _____ Colaboração nas revistas: *L'Association catholique* (Paris), *Démocratie chrétienne* (Lille), *Sociologie chrétienne* (Montpellier), *Chronique des Comités du Sud-Est* (Lyon), *Le XX siècle* (Marselha), *La Corporation* (Paris), *La France Libre* (Lyon).
- _____ “Les opportunités du Règne du Sacré-Cœur”. *Le Règne*, Saint-Quentin (fev. 1889) pp. 53-59. *OSC* I, p. 3.

1.7 *Alguns manuscritos inéditos*

_____ *Diário*. Registos da viagem ao Oriente (Terra Santa). 7 cadernos. Preservado em AD.B. 13/2a-g. Inclui alguns textos de L. PALUSTRE, que o acompanhou nesta viagem.

_____ *Excerpta*. Transcrição de algumas leituras feitas de 20.11.1865 a 1893. Preservado em AD. B 14.

_____ *Sur l'éducation, conférence à la Société Saint-François-Xavier*. Preservado em AD.B. 7/3.D, inv. 43.04, pp. 1-19.

_____ *Ceuvre de Sainte-Catherine; Etablie au Séminaire Français de Rome*. O regulamento desta associação, autógrafo de Léon Dehon, encontra-se preservado nos Arquivos Dehonianos: AD.B. 3/17, inventário 13.27.

1.8 *Escritos de Dehon registrados por secretários*

FALLEUR, S. *Cahiers. Conférences et sermons du Père Dehon aux novices*. Conhecidos como *Cahiers Falleur*. Roma: Centro Generali Studi SCJ, 1979. Registra as conferências de Dehon do dia 09.11.1879 a 21.10.1881. Obra de leitura dos manuscritos originais aos cuidados de M. DENIS. Introdução, notas e índice aos cuidados de G. MANZONI.

BULLETIN ANNUEL DE L'ASSOCIATION AMICALE DES ANCIENS ÉLÈVES DE L'INSTITUTION SAINT-JEAN: 1884: AD.B. 90/1, inv. 0112800. 1885: AD.B. 90/1, inv. 0112801. 1889: AD.B. 7/1, inv. 43.10. 1893: AD.B. 7/10, inv. 43.10. 1894: AD.B. 90/1, inv. 112821. 1895: AD.B. 90/1, inv. 0112802. Este discurso de Dehon foi publicado recentemente sob o título *Nous croyons à des jours meilleurs*. In *Dehoniana* 3 (2000) pp. 11-14. 1896: "La jeunesse catholique". AD.B. 107/1, inv. 01162 00. 1897: "La vie de Collège". A.D.B. 7/10, inv. 43 10. 1898: AD.B. 107/1, inv. 1162.02. 1899: "La Jeunesse Catholique Française". AD.B. 107/1, inv. 1162 10. 1900: "Catholiques et Français à la fois". AD.B. 107/1, inv. 1162 06. 1902: AD.B. 7/10 inv. 43.10. 1903: AD.B. 7/10, inv. 43.10. 1904: AD.B. 7/10, inv. 43.10. 1905: AD.B. 7/10, inv. 43.10. 1907: AD.B. 107/10, inv. 1162 07. 1. Este discurso está publicado sob o título: "Discours aux anciens élèves de Saint-Jean". In *Dehoniana* 1 (2002) pp. 27-35. 1913: AD.B. 7/10, inv. 43.10. 1922: AD.B. 7/10, inv. 43.10. 1924: AD.B. 40/6, inv. 679.01.

DEHON, L. "Saint-Jean avant la guerre, 1877-1917". In O. LEDUC. (ed.). *Le Trait-d'Union - Bulletin de Guerre 1915-1919*. Saint-Quentin, 1935, pp. 9-12. Texto póstumo cuja autoria não pudemos comprovar.

_____ "Nous croyons à des jours meilleurs". *Dehoniana*, Roma n. 3 (2000), pp. 11-14. Publicação recente do discurso de Dehon que consta nas atas da Assembléia dos Antigos Alunos, de 1895.

_____ “Discours aux anciens élèves de Saint-Jean, 1907”. *Dehoniana*, Roma, n. 1 (2002), pp. 27-35. Apresentação e notas de A. PERROUX: “Présentation du discours du 8 septembre 1907”, *Dehoniana*, n. 1 (2002) pp. 17-26.

INSTITUTION SAINT-JEAN, *Distribution Solennelle des Prix*. Sain-Quentin: Imprimerie A. Bray, 1989-1905.

2. Obras sobre Léon Dehon

ALBINO, L. “Leone Dehon, Sacerdote, Apostolo, Fondatore”. *Dehoniana*, Roma, n. 8 (1978) pp. 135-142.

ARRIGHINI, A. “As dimensões ‘sociais’ e ‘intelectuais’ do apostolado de Pe. Dehon”. *Dehoniana*, Roma, n. 34 (1977) pp. 9-31. Edição portuguesa.

BINET, H. “Allocution aux Funérailles du T. R. Pe. Dehon”. *La Semaine Religieuse*, Soissons, n. 35 (1925) pp. 553-557.

BORGEOIS, A. “Le Père Dehon et le Règne du Cœur de Jésus”. *Studia Dehoniana*, Roma, n. 25, v. 2 (1994) pp. 141-160.

_____ “Le Pe. Dehon a Saint-Quentin, 1871-1877”. *Studia Dehoniana*, Roma, n. 9 (1978) pp. 175-177

_____ “Le Père Dehon et le Règne du Cœur de Jésus, 1893-1903”. *Studia Dehoniana*, Roma, n. 25, v.2 (1994) pp. 141-160.

CAPORALE, E.B. *Leone Dehon scrittore*. Bologna: EDB, 1979.

CAVAGNA, A. “Vie d’amour” e “Voie d’amour”. *Dehoniana*, Roma, n. 5-6 (1973), pp. 112-113. Edição francesa.

CONGREGAÇÃO DOS SACERDOTES DO S. CORAÇÃO DE JESUS. “Encuentro de Educadores – Salamanca 2001”. *Studia Dehoniana*, Roma, n. 45 (2002).

_____ *Notre Règle de Vie. Réimpression de l'édition typique de 1986 avec les amendements apportés par les derniers Chapitres généraux*, Roma, 2001.

_____ “Proposta Educativa Dehoniana”. *Studia Dehoniana*, Roma, n. 45 (2002) pp. 288-296.

CONGREGATIO DE CAUSIS SANCTORUM. *Index ac status causarum*. Città del Vaticano, 1999.

_____ *Positio super fama sanctitatis et super virtutibus. Canonizationis Servi Dei Leonis Ioanis a S. Corde Iesu Dehon, Positio*. Roma, 1990. Vol. I, 476p. Vol. II, 496p.

- _____. *Relatio et vota congressus peculiaris super virtutibus. Beatificationis et Canonizationis Servi Dei Leonis Ioannis a S. Corde Iesu Dehon*. Roma, 1996.
- CRINON, G. “Allocution sur le Père Dehon”. *Dehoniana*, Roma, n. 3 (2004) pp. 13-16.
- DELLOUE, A. “Discours”. *L’Aigle de Saint-Jean*, Saint-Quentin, (dezembro 1927) pp. 8-22.
- DENIS, M. “A orientação de Pe. Dehon para o apostolado intelectual”. *Dehoniana*, Roma, n. 30 (1976) pp. 193-228. Edição portuguesa.
- _____. “Il progetto di Pe. Dehon”. *Studia Dehoniana*, Roma, 4 (1973). Edição italiana.
- _____. “La spiritualité victimale en France”. *Studia Dehoniana*, Roma, 11 (1981). Edição francesa.
- _____. “Os convites de Pe. Freyd e de M. Hautcœur”. *Dehoniana*, Roma, 31 (1976) pp. 274-296. Edição portuguesa.
- DÍEZ, A. *Un hombre de corazon abierto; León Dehon ante el Evangelio y el Pueblo*. Torrejón de Ardoz (Madrid): Gráficas Dehon, 1993.
- DORRESTEIJN, H. *De Spiritualitate Pe. Leonis Dehon*. Roma: Cúria Geral SCJ, 1947.
- _____. *Vita e personalità di Pe. Dehon*. Bologna: EDB, 1978.
- DRIEDONKX, E. “Nuestros colegios en tiempos del Pe. Dehon”. *Studia Dehoniana*, Roma, n. 45 (2002) pp. 34-57.
- _____. *El Oratorio Diocesano de Soissons*. Roma: Cúria Geral SCJ, 2004.
- DUCAMP, A. *Le Père Dehon et son œuvre*. Paris: Éditions Bias,– Bruxelas: Éditions Verbeke-Loys, 1936.
- FREDIANI, G. *Leone Dehon Precursore, Fondatore della Congregazione dei Sacerdoti del Sacro Cuore (1843-1925)*. Coletânea de artigos publicados em L’Osservatore Romano. Roma, 1977.
- _____. *Un apostolo dei tempi nuovi: Pe. Leone Giovanni Dehon*. Roma: Curia Geral SCJ, 1960.
- GARCIA MATEO, R. *S. Ignazio di Loyola. Persona, Mistica, Spiritualità*. 2ª Edição. Roma: PUG, 2002.
- GIRALDI, G. *Storia della Pedagogia*. Roma: Editore AA, 1973, 7ª edição ampliada e revista.
- LEDURE, Y. (ed.). *Rerum novarum en France. Le Père Dehon et l’engagement social de l’Église*. Paris: Éditions Universitaires, 1991.

- _____. (et alii). *Léon Dehon: dynamique d'une fondation religieuse*. Clairefontaine: Heimat und mission Verlag, 1996.
- _____. "Le Père Léon Dehon celui qui accueille le temps qui vient". *Dehoniana*, Roma, n. 2 (2002) pp. 107-115.
- _____. *Le Code du Royaume. Léon Dehon et la spiritualité du Cœur de Jésus*. Clairfontaine: Heimat un Mission Verlag, 2001.
- _____. *Le Père Léon Dehon 1843-1925; Entre mystique et catholicisme social*. Paris: Cerf, 2005. Tradução italiana: *Un prete con la penna in mano: Leone Dehon*. Bologna: EDB, 2005.
- _____. *Petite vie de Léon Dehon; Fondateur des Prêtres du Sacré-Cœur de Saint-Quentin*. Paris: Desclée de Brouwer, 1993.
- _____. *Prier 15 jours avec Léon Dehon*. Montrouge: Nouvelle Cité, 2003.
- _____. *Profilo spirituale di Leone Dehon*. Milano: Proposta Cristiana, 1998.
- MANZONI, G. *Leone Dehon e il suo messaggio*, Bologna: Edizioni Dehoniane, 1989.
- _____. *Leone Dehon: un uomo dal cuore grande*. Bologna: EDB, 1989.
- _____. "Cronologia critica della vita di Pe. Dehon e della sua Opera (1843-1925)". *Dehoniana*, Roma, n. 4 (1977) pp. 284-293. Edição italiana.
- _____. "O centenário do Colégio São João". *Dehoniana*, Roma, 37 (1977) pp. 197-209. Edição portuguesa.
- _____. "Pe. Dehon e o Colégio São João". *Dehoniana*, Roma, 37 (1977) pp. 210-232. Edição portuguesa.
- MONDRONE, D. "Un apostolo della 'Rerum novarum': Padre Leone Dehon". *Civiltà Cattolica* v. II (1961) pp. 254-268.
- MORA, L.M. "L'educazione cristiana nel pensiero di Pe. Dehon". *Dehoniana*, Roma, n. 85 (1994), pp. 97-109.
- PALERMO, G. *Leone Dehon: Apostolo sociale*. Roma: Edizioni Dehoniane, 1990.
- _____. *Leone Dehon: Costruttore sociale*. Napoli: Edizioni Dehoniane, 1970.
- PERROUX, A. "El Padre Dehon y la Doctrina Social de la Iglesia". In *El Padre Dehon y la Doctrina Social de la Iglesia*. Madrid: Esic Editorial, 2006, pp. 15-40.
- _____. "Le contexte: la société e l'Eglise à l'époque du Père Dehon". In L. DEHON, *La renovation sociale chrétienne*. Roma: Centro Generali Studi SCJ, pp. 51-53.

- _____. A. “Le Père Dehon et Mère Marie du Cœur de Jésus”. *Studia Dehoniana*, Roma, n. 46 (2003).
- _____. A. *Le Père Dehon et sa famille*. Roma: Curia Geral SCJ, 2004.
- _____. A. *Père Dehon, qui êtes-vous? Une vie consacrée à l’amour du Christ. Um message pour nous aujourd’hui*. Roma: Centro Generali Studi SCJ 2005.
- PRÉLOT, R. *L’œuvre sociale du Chanoine Dehon*. Paris: Editions Spes, 1936.
- ROSA, E. “Il Padre Dehon e la sua Opera (1843-1925)”. *La Civiltà Cattolica*, Roma, v. II (1938) pp. 164-170.
- TANZELLA, P. *Per lui vivo; I fioretti di Padre Dehon*. Napoli – Andria: Edizioni Dehoniane, 1978.
- TERTÜNTE, S. “León Dehon y la Democracia cristiana: un intento de renovación social en Francia a finales del siglo XIX”. In *El Padre Dehon y la Doctrina Social de la Iglesia*. Madrid: Esic Editorial, 2006, pp. 45-58.
- VASSENA, A. “Cronistoria del *Consummatum est*”. *Studia Dehoniana*, Roma, n. 21 (1989).
- _____. “I rapporti di Padre Dehon con i vescovi di Soissons”. *Studia Dehoniana*, Roma, n. 20 (1988).
- _____. *Synopse comparative des deux premiers cahiers du Journal de Pe. Dehon*. Roma: Centro Generale Studi SCJ, 1976.
- WILMER, H. “León Dehon como educador; sobre el significado político de la enseñanza superior y las cuestiones de principio en la educación”. *Studia Dehoniana*, Roma, n. 45 (2002) pp. 58-82.

3 Obras de apoio

- ACTA GREGORII PP. XVI. 4 volumes. Roma: Typographia Polyglotta S.C. de Propaganda Fide, 1901-1904.
- AGOSTINHO, SANTO. *Confissões*. Trad. J. Oliveira Santos e A. Ambrósio de Pina. Petrópolis: Vozes, 2002.
- ALBERTINI, P. *La France du XIXème siècle, 1815-1914*. Paris: Hachette, 1995.
- ARANTES, V.A. (org.). *Humor e Alegria na Educação*. São Paulo: Summus Editorial, 2006.
- ARCE, A. *A pedagogia na “era das revoluções: uma análise do pensamento de Pestalozzi e Froebel*. Campinas: Autores Associados, 2002.

- ARRUDA, A.C.– DIAS, S. (org.), *Tecendo Redes para Educação Integral. Prêmio Itaú-Unicef. Educação e Participação*. São Paulo: Cenpec, 2006.
- ASSMANN, H. *Reencantar a educação; rumo à sociedade aprendente*. 2ª edição. Petrópolis: Vozes, 1998.
- BARALDI, S. – GUARNIERI, R. (adapt.). *As mais belas fábulas de La Fontaine*. São Paulo: Paulinas, 2001.
- BARTHÉLEMY-MADAULE, M. *Marc Sangnier 1873-1950*. Paris: Seuil, 1973.
- BESSÈDE, R. *La crise de la conscience catholique dans la littérature et la pensée françaises à la fin du XIXème siècle*. Paris: Ed. Klincksieck, 1975.
- BIHLMAYER, K. – TUECHLE, H. *Storia della Chiesa; L'epoca moderna*. Volume IV. Brescia: Morcelliana, 1959.
- BOFF, L. *Saber cuidar: Ética do humano – compaixão pela terra*. Petrópolis: Vozes, 1999.
- BOUDON, J.-O. *L'épiscopat français à l'époque concordataire, 1802-1905*. Paris: Cerf, 1996.
- BROU, A. “Associations de Prêtres”. *Dictionnaire de Spiritualité*. Tome I. Paris: Beauchesne, 1960, pp. 1037-1045.
- CADOUX, R. *Bérulle et la question de l'homme*. Paris: Cerf, 2005.
- CAILLÉ, A. “Nem holismo nem individualismo metodológicos. Marcel Mauss e o paradigma da dádiva”. Trad. Beatriz P. Moisés. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, v. 13, n. 38, (out. 1998) pp. 5-38.
- CAIRE-JABINET, M.-P. *Histoire des religions en France, XVIème-XXème siècles*. Paris: Armand Colin, 2000.
- CAVALIERE, A.M.V. “Educação integral: uma nova identidade para a escola brasileira?” *Educação & Sociedade*, Campinas, v. 23, n. 81 (dez. 2002) p. 247-270.
- _____. *A escola de educação integral: em direção a uma educação escolar multidimensional*. Tese de doutorado. Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1996.
- CERISARA, A.B. *Rousseau: a educação na infância*, São Paulo: Scipione, 1990.
- CHANTIN, J-P. (ed.). *La Séparation de 1905; Les hommes et les lieux*. Paris: L'Atelier-Éditions Évrières, 2005.
- CHATEAUBRIAND, F-R. “Génie du Christianisme”. In *Oeuvres complètes de Chateaubriand*. Paris: Acamédia, 1997. Reprodução da edição de Paris: Garnier, 1861. Publicação original de 1802.

- CHAUVIN, CH. *Lamennais, 1782-1854*. Paris: Desclée de Brouwer, 1999.
- CHOCARNE, P. *Il Padre E. D. Lacordaire; Sua vita intima e religiosa*. Firenze: Cellini, 1894.
- CHOLVY, G. – HILAIRE, Y.-M. *Histoire religieuse de la France contemporaine, 1880-1930*. Volume 2. Toulouse: Privat, 1985.
- CHOLVY, G. (ed.). *L'enseignement catholique en France aux XIXème et XXème siècles*. Paris: Cerf, 1995.
- _____. *Christianisme et société en France au XIXème siècle, 1790-1914*. Paris: Éditions du Seuil, 2001.
- CLÉVENOT, M. *Un siècle cherche sa foi: le XIXème*. Paris: Retz, 1992.
- CONCÍLIO VATICANO II. *Gaudium et spes, Constituição pastoral sobre a Igreja no mundo contemporâneo*. In *EnchVat*, I, pp. 772-965.
- _____. *Lumen gentium, Constituição dogmática sobre a Igreja*. In *EnchVat*, I, pp. 118-257.
- CONGREGATIONIS SACERDOTUM A S. CORDE JESU. *Elenchus* 2005. Roma: Curiam Generalem, 2005.
- _____. *Informationum Nuntius*. Suplemento ao nº 2. Roma: Curiam Generalem, 2005
- CORREA, R.A. *Dicionário Escolar Francês-Português, Português-Francês*. 3ª edição. Rio de Janeiro: MEC, 1965.
- DANSETTE, A. *Histoire religieuse de la France contemporaine; L'Église catholique dans la mêlée politique et sociale*. Paris: Flammarion, 1965. Trad. Italiana: *Chiesa e società nella Francia contemporanea*. Firenze: Vallecchi, 1959.
- DAVID, T. *Méthode pour la direction des œuvres de jeunesse*. Paris: Publiroc 1930. Edição Original de 1859.
- DERAEDT, D. *Lettres du Pe. Emmanuel d'Alzon*. Roma: Maison Generalice des Augustins de l'Assomption, 1991-1996. Volumes III-XIII (1859-1880).
- DUPANLOUP, F. *Femmes savantes et femmes studieuses*. Paris: C. Douniol, 1867.
- ENCREVÉ, A. (et alii). "Il cristianesimo in Europa dal 1860 alla prima guerra mondiale: La Francia". In *Storia del Cristianesimo 1830-1914*. Volume 11. Roma: Borla-Città Nuova, 2003, pp. 449-486.
- FABRÈGUES, J. *Le Sillon de Marc Sangnier*. Paris: Librairie Académique Perrin, 1964.
- FERRY, J. *La lutte électorale en 1863*, Paris: E. Dentu Éditeur, 1863.
- _____. *Lettres de Jules Ferry 1846-1893*, Paris: Calmann-Lévy Éditeurs, 1914.

- FERTÉ, H. *Rollin, sa vie, ses œuvres et l'Université de son temps*. Paris: Hachette, 1902.
- FRANCA, L. *O método pedagógico dos jesuítas; a "Ratio Studiorum": Introdução e Tradução*. Rio de Janeiro: Agir, 1952.
- GADOTTI, M. (et alii). *Perspectivas atuais da educação*. Porto Alegre: Artmed, 2000.
- GARCIA VILLOSLADA, R. *Storia del Collegio Romano dal suo inizio (1551) alla soppressione della Compagnia di Gesù (1773)*. Roma: Analecta Gregoriana, 1954.
- GARRIGUES, J. *La France de 1848 à 1870*. Paris: Armand Colin, 1995.
- GASPARIN, J.L. *Comênio ou Da arte de ensinar tudo a todos*. Campinas: Papyrus, 1994.
- GENTILE, G. *Educazione e scuola laica*. 3ª edição revista. Firenze: Ed. Vallecchi, 1927.
- GIRARDET, R. *Le nationalisme français; Antologie, 1871-1914*. Paris: Éditions du Seuil, 1983.
- GODBOUT, J.T. *Introdução à dádiva*. Trad. Beatriz P. Moisés. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, v. 13, n. 38, (out. 1998) pp. 39-58.
- GOFFI, T. *La spiritualità dell'Ottocento*. Bologna: EDB, 1989.
- GONÇALVES, A.S. "Reflexões sobre educação integral e escola de tempo integral". *Cadernos Cenpec*, São Paulo, n. 2 (2006) pp. 129-135.
- GRÉVY, J. *Le clericalisme? Voilà l'ennemi! Un siècle de guerre de religion en France*. Paris: Armand Colin, 2005.
- GUARÁ, I.M.R. "É imprescindível educar integralmente". *Cadernos Cenpec*, São Paulo, n. 2 (2006) pp. 15-24.
- GUITTON, G. *La vie ardente et féconde de Léon Harmel*. Paris: Editions Spes, 1929.
- HIPPEAU, C. *L'instruction publique aux États-Unis: écoles publiques, collèges, universités, écoles spéciales*. Paris: Didier et Cie, 1872.
- INCONTRI, D., *A Crise do Saber e os Clássicos da Educação*, disponível em: <http://www.hottopos.com/rih6/dora2.htm>, <acesso em 10.12.2006>.
- _____ *A Educação da Nova Era*. Bragança Paulista: Editora Comenius, 2005.
- _____ *Pedagogia espírita: um projeto brasileiro e suas raízes histórico-filosóficas*. Bragança Paulista: Editora Comenius, 2004.
- _____ *Pestalozzi, Educação e ética*, Scipione, São Paulo 1996. Prefácio de Luiz Jean Lauand: "Ao encontro de Pestalozzi".

- KRUMENACKER, Y. *L'école française de spiritualité. Des mystiques, des fondateurs, des courants e leurs interprètes*. Paris: Cerf, 1998.
- LABOULAYE, E. *La liberté d'enseignement et les projets de M. Jules Ferry*. Paris: L. Larose, 1880.
- LALOUETTE, J. *La République anticléricale, XIXème-XXème siècles*. Paris: Ed. Seuil, 2002.
- LAUAND, J. “*De Mathematica*” de Isidoro de Sevilha e outros textos pedagógicos medievais; *Caminhos de uma pedagogia lúdica*. São Paulo: ESCD, 2006.
- _____. “*Deus ludens – O lúdico na pedagogia medieval e no pensamento de Tomás de Aquino*”, in ARANTES, V.A. (org.). *Humor e Alegria na Educação*. São Paulo: Summus Editorial, 2006, pp. 31-55.
- _____. *O que é uma Universidade?* São Paulo: Edusp-Editora Perspectiva, 1987.
- LECANUET, P. *La vie de L'Église sous Léon XIII*. Paris: Librairie Félix Alcan, 1930.
- LECOCQ, G. *Histoire de la Ville de Saint-Quentin*. Saint-Quentin: Imprimerie Ch. Poette, 1875.
- LEGRAIN, M. (dir.) *Le Petit Robert; Dictionnaires*. Paris: Le Robert, 1996.
- LEJEUNE, D. *La France des débuts de la IIIème République, 1870-1896*. Paris: Armand Colin, 1994.
- LEMIRE, J. *L'Abbé Dehaene et La Flandre*. Lille: Librairie F. Deman, 1891.
- LEVILLAIN, P. (org.). *150 ans au cœur de Rome; Le Séminaire français 1853-2003*. Paris: Karthala, 2003.
- MACHADO, N.J. “A universidade e a organização do conhecimento: a rede, o tácito e a dádiva”. *Estudos Avançados*, São Paulo: USP, v. 15, nº 42 (maio/agosto 2001) pp. 333-352.
- MANACORDA, M.A. *História da educação: da Antiguidade aos nossos dias*. 12ª edição. Trad. Gaetano Lo Monaco. São Paulo: Cortez, 2006. *aber cuidar: Ética do humano – compaixão pela terra*. Petrópolis: Vozes, 1999.
- MARITAIN, J. *Humanismo Integral*, São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1965. Primeira publicação em 1963: *Humanisme Intégral*.
- _____. *J. Rumos da Educação*. Rio de Janeiro: Agir, 1968.
- MAURÍCIO, L.V. “O que se diz sobre a escola pública de horário integral”. *Cadernos Cenpec*, São Paulo, n. 2 (2006) pp. 57-67.

- MAUSS, M. *Ensaio sobre a dádiva* [1922]. Trad. António F. Marques. Lisboa: Edições 70, 1988.
- MAXIME DE SARS, C. *Histoire héroïque de La Capelle*. Paris: Le Livre d'histoire, 2000.
- MAYER, F. *História do pensamento educacional*. Rio de Janeiro: Zahar, 1976.
- MAYEUR, J.-M. *La séparation des Églises et de l'État*. Paris: Éditions Ouvrières, 1991.
- MIALARET, G. – VIAL, J. (ed.). *Storia Mondiale dell'Educazione; dal 1815 al 1945*. Volume III, Roma: Città Nuova, 1987.
- MICZYŃSKI, J.K. *La cristologia esistenziale nell'esperienza e nella dottrina di Elisabetta della Trinità*. Roma: PUG, 2005.
- MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. *Avaliação externa das Instituições de Educação Superior; Diretrizes e Instrumento*. MEC-INEP, 2006.
- _____. *SINAES, Instrumento de Avaliação de Cursos de Graduação*. Brasília: MEC-INEP, 2006.
- _____. *SINAES, Sistema Nacional de Avaliação da Educação Superior; Da concepção à Regulamentação*. 3ª edição ampliada. Brasília: MEC-INEP, 2006.
- MODESTI, J. *Uma pedagogia perene*. São Paulo: Salesiana, 1984.
- MOLETTE, CH. *Albert de Mun, 1872-1890*. Paris: Beauchesne, 1970.
- MOLLAT, G. *La Question Romaine de Pie VI à Pie XI*, Paris: Librairie Lecoffre, 1932.
- MONDIN, B. *O Humanismo filosófico de Tomás de Aquino*. Bauru: Edusc, 1998.
- MONTALEMBERT, CH. *Catholicisme et Liberté; Correspondance inédite avec le Pe. Lacordaire, Mgr. de Mérode et A. de Falloux, 1852-1870*. Paris: Cerf, 1970.
- NÉANT, H. *La politique en France XIXème- XXème siècle*. Paris: Hachette, 2000.
- NOAM, G.G. "Aprendendo com entusiasmo: conectando o mundo da escola ao pós-escola por meio da aprendizagem por projetos. *Cadernos Cenpec*, São Paulo, n. 2 (2006) pp. 29-38.
- OLIVESI, A. – NOUSCHI, A. *La France de 1848 à 1914*. Paris: Nathan, 1981.
- OZOUF, M. *L'École, l'Église et la République, 1871-1914*. Paris: Éditions Cana, 1982.
- PACUCCI, M. *Dizionario dell'Educazione*. Bologna: EDB, 2005.
- PAIVA, V. (org.). *Catolicismo, Educação e Ciência*. Rio de Janeiro: Loyola, 1991.

- PERIER-MUZET, J-P. (ed.). *Le Père Emmanuel d'Alzon; Antologia Alzonienne*. Roma: Maison Generalice des Augustins de l'Assomption, 2003.
- _____ (ed.). *Lettres du Pe. Emmanuel d'Alzon*, Roma: Maison Generalice des Augustins de l'Assomption, 2003-2005. Volumes XIV-XVIII (1832-1880).
- PHILIPPE, L. *Lettere circolari*. Bologna: Edizioni Dehoniane, 1957.
- PIEPER, J. *Abertura para o todo – a chance da universidade*. São Paulo: Ed. Apel, 1989. Tradução e introdução de Gilda Naecia Macial de Barros e Luiz Jean Lauand.
- PIERRARD, P. *Juifs et catholiques français*. Paris: Cerf, 1997.
- _____ *L'Église de France face aux crises revolutionnaires, 1789-1871*. Lyon: Chalet, 1974.
- _____ *L'Église et la Révolution, 1789-1889*, Nouvelle Cité, Paris 1988.
- _____ *L'Église et les ouvriers en France, 1840-1940*. Paris: Hachette, 1984.
- _____ *Les Chrétiens et l'affaire Dreyfus*. Paris: L'Atelier, 1998.
- PINCHETTI-SANMARCHI, G.M. *Guida Diplomatica Ecclesiastica; Attuale posizione giuridica internazionale della Santa Sede; con un'appendice sulla Questione Romana*, Roma: Desclée, 1903.
- PLATÃO. "As Leis". Livro VII, 788. Apud: *OSC IV*, p. 277. Disponível na tradução francesa de E. Chambry: PLATON. *Œuvres complètes*. Tome septième. "Les Lois (Livres VII-XII)". Paris: Garnier Frères, 1946.
- _____ "Fedon". Apud: *OSC IV*, p. 277. Publicação brasileira: *Coleção "Os Pensadores"*. Volume III. Tradução de J.P. Paleikat e J.C. Costa. São Paulo: Abril, 63-132.
- PRELOT, R. *La jeunesse Catholique de l'Aisne*. Soissons: Argus Soissonnais, 1930.
- RAMBURE, L. *Notes de Pédagogie Catholique*. Amiens: Rousseau-Leroy, 1894.
- RÉMOND, R. (ed.) *Emmanuel d'Alzon dans la société et l'Église du XIXème siècle*. Paris: Le centurion, 1982.
- _____ *L'anticlericalisme en France de 1815 à nos jours*, Paris: Fayard, 1976.
- _____ *La vie politique en France*. Tome second 1848-1879. Paris: Armand Colin, 1986.
- _____ *Le XIXème siècle, 1815-1914*. Paris: Éditions du Seuil, 1974.
- _____ *Les deux Congrès ecclésiastiques de Reims et de Bourges 1896-1900*. Paris: Sirey, 1964.

- ROLLIN, C. *Traité des Études ou De la manière d'enseigner et d'étudier les belles-lettres*. Paris: Hachette, 1841. Há uma edição de 1863, disponível em <http://gallica.bnf.fr/> <acesso em 02.01.2007>.
- ROTH, F. *La Guerre de 1870*. Paris: Editions Fayard, 2005.
- ROUSSEAU, J-J. *Ensaio pedagógicos*. Trad. e apresentação Priscila G. Nacarato Paris: Fayard. Prefácio Dora Incontri. Bragança Paulista: Editora Comenius, 2004.
- SCHNEIDER, G. “*paideu, w*”. In SCHNEIDER, G. – BALZ, H., *Dizionario Esegético del Nuovo Testamento*. Brescia: Paideia, 2004, pp. 716-717.
- SECRETARIA DE EDUCAÇÃO DO ESTADO DE SÃO PAULO. *Diretrizes da Escola de Tempo Integral*. São Paulo: SEE, 2006. Documento do Congresso Internacional de Educação, realizado em São Paulo, em 27 e 28.03.2006. Mimeo.
- SOREL, CH. *La République contre les congrégations; Histoire d'une passion française 1899-1904*. Paris: Cerf, 2003.
- TALMY, R. *Albert de Mun*, Paris: Bloud&Gay, 1964.
- _____ *René de La Tour du Pin*. Paris Bloud & Gay, 1964.
- TOUVENERAUD, P. *Lettres du Pe. Emmanuel d'Alzon*. Roma: Maison Generalice des Augustins de l'Assomption, 1978. Volumes I-II (1851-1858).
- TULOUP, F. *Lamennais et son époque; sa vie son œuvre, son influence, son prophétisme*. Dinan: Imprimerie Commerciale, 1961.
- VAILHE, S. *Lettres du Pe. Emmanuel d'Alzon*, Paris: Maison de La Bonne Presse, 1923-1995-1926. Três volumes (1822-1850).
- VERUCCI, G. *Félicité Lamennais; Dal cattolicesimo autoritario al radicalismo democratico*. Napoles: Istituto Italiano per gli Studi Storici, 1963.
- VEUILOT, L. *Rome pendant le Concile*. 2 Volumes. Paris: Librairie de Victor Palmé, 1872.
- VIANA, H.M. *Avaliação educacional: teoria, planejamento, modelos*. São Paulo: Ibrasa, 2000.
- WEBER, M. *Economia e Sociedade: fundamentos da sociologia compreensiva*. Brasília: Editora UNB, 1998-1999.
- WEILL, G. *Storia dell'idea laica in Francia nel secolo XIX*. Bari: Gios. Laterza&Figli, 1937.
- YUS, R. *Educação Integral; uma educação holística para o século XXI*. Tradução: Daisy Vaz de Moraes. Porto Alegre Artmed, 2002.

ZIND, P. *L'enseignement religieux dans l'instruction primaire publique en France de 1850 a 1873*. Lyon: Centre D'Histoire du Catholicisme, 1971.

4 *Endereços na Internet* <último acesso: 15.01.2007>

<http://www.dehon.it> – Endereço oficial da Congregação dos Sacerdotes do Sagrado Coração de Jesus – Dehonianos

<http://www.st-jean02.org/html/cadre.htm> – Endereço do Colégio São João – França

<http://www.unisul.br/content/site/Cursos/colégiodehon> – Endereço do Colégio Dehon, pertencente à Unisul, em Tubarão, Santa Catarina

<http://www.cenpec.org.br> – Centro de Estudos e Pesquisas em Educação, Cultura e Ação Comunitária – Cenpec

<http://www.hottopos.com> – Editora Madruvã

<http://www.knowhowsphere.net> – inventário completo dos escritos e documentos dehonianos

<http://www.vatican.va> – Endereço oficial do Vaticano

<http://gallica.bnf.fr> – Bibliothèque Nationale de France

<http://www.unisul.br> – Endereço oficial da Unisul, Santa Catarina

<http://www.dehoniana.org.br> – Endereço oficial da Faculdade Dehoniana, Taubaté-SP

<http://www.mec.gov.br> – Ministério da Educação - MEC

<http://www.inep.gov.br> – Instituto Nacional de Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira – INEP

http://www.crmariocovas.sp.gov.br/etm_1.php?=&001 – Centro de Referência em Educação Mário Covas. Este portal do Governo do Estado de São Paulo possui ótima revisão de literatura sobre Escola de Tempo Integral.

<http://tempointegral.ednet.sp.gov.br/acoesEti/index.asp> – Projeto Escola de Tempo Integral – Informações oficiais da Secretaria de Estado da Educação do Governo do Estado de São Paulo.